

Pedro Elias

*Janelas* entre  
dois  
*Mundos*

*Os caminhos do Graal  
e a história oculta de Portugal*



Caminhos de *pax*



Pedro Elias

*Janelas* entre  
dois  
*Mundos*

*Os caminhos do Graal  
e a história oculta de Portugal*



Caminhos *de* *pax*



**Título:** Janelas entre dois Mundos

**Autor:** Pedro Elias

**Colecção:** Magdala

**Revisão:** Isabel Sousa e Paula Elias

**Capa e Paginação:** Caminhos de Pax

**Impressão:** Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda - Tel: 219 663 502

**1ª Edição:** Junho de 2010 - Caminhos de Pax

**2ª Edição:** Junho de 2014 - Caminhos de Pax

**ISBN:** 978-989-96780-0-2

**Depósito Legal:**

**Direitos reservados por:**

Caminhos de Pax, Lda.

Rua da Fonte, Água Formosa

6110-101 Vila de Rei

Tel.: 917078777

**E-mail:** [editora@caminhosdepax.pt](mailto:editora@caminhosdepax.pt)

**Website:** [www.caminhosdepax.pt](http://www.caminhosdepax.pt)

Nenhuma parte desta publicação, na presente forma,  
pode ser reproduzida sem autorização do editor.



Esta obra é a continuação do romance *Murmúrios de um Tempo Anunciado*, editado em 2006 pela Angelorum Novalis e reeditado em 2012 por Caminhos de Pax.

Embora este romance, *Janelas entre dois Mundos*, tenha sido escrito de forma a não ser necessária a leitura do anterior, o autor recomenda essa mesma leitura para uma melhor contextualização da presente obra.

Para mais informação sobre os livros de Pedro Elias deverão consultar o site da editora em: [www.caminhosdepax.pt/editora](http://www.caminhosdepax.pt/editora)

o Editor



## CAPÍTULO I

CAMINHAVA JUNTO AO RIO COM A MARIA. ELA IA AO MEU LADO vestida com um sobretudo verde, um gorro que lhe cobria as orelhas e um par de luvas de um só dedo que a protegiam do frio cortante que o vento soprava sobre nós. Apenas as pequenas botas se viam por baixo do sobretudo, revelando o seu andar atabalhoado. Tê-la ali, junto de mim, era o consumir de um desejo de muitos anos. Era como se ela nunca tivesse deixado de estar a meu lado, mesmo antes de nascer, implorando-me para que eu desse expressão a essa vontade. Tinha agora três anos de idade e a expressão calorosa do pai.

Todos os dias, pelo fim da tarde, fazíamos aquele percurso junto ao rio. Ali encontrávamos os mesmos casais de idosos que, sentados nos vários bancos que se estendiam num longo corredor de pedra calcetada, olhavam as gaivotas com uma expressão distante e saudosa; os mesmos namorados que se abraçavam empoleirados no muro que nos separava do rio; os jovens que circulavam sobre patins e outras coisas cujo nome desconhecia, saltando em acrobacias várias no desejo de emoções fortes e os pombos que depenicavam no milho que alguém religiosamente distribuía a horas certas. E lá estava a mesma senhora que passeava o cão e que nos cumprimentou como em tantas outras vezes. A Maria expressou um sorriso rasgado perante a presença do pequeno cão, agachando-se junto dele em afagos carinhosos. Correu, depois, ao som das

gargalhadas que ela entoava na alegria de ter consigo o amigo de todos os dias.

— Já ninguém compreende este tempo — disse a dona do cão — uns dias faz calor... outros frio...

— É verdade — Sorri-lhe. — É mais um dos reflexos da irresponsabilidade do homem.

— Acha mesmo que somos nós os culpados?

— E quem mais se não nós!? Antigamente ainda existiam estações do ano... agora... agora é o que vemos...

— Dizem que daqui a uns anos tudo isto vai estar coberto de água. É assustador! E depois são as notícias constantes de terremotos, inundações, tempestades que tudo destroem... Já nem sei se aqueles que anunciam o fim do mundo não terão razão!

— Se estiverem certos nem sequer poderemos reclamar a um qualquer deus pela injustiça de tais catástrofes. — Disse eu com os olhos na Maria que brincava com o pequeno cão. — É que nós somos os únicos responsáveis e, como tal, teremos que ser nós mesmos a mostrar maturidade suficiente para corrigir os problemas ou enfrentá-los sem lamentações.

Ela chamou o cão que correu para nós ofegante. Despediu-se depois até ao dia seguinte, partindo sob o olhar triste da Maria que observava o seu amigo na esperança de um novo encontro. E logo caminhamos até ao cais onde as pessoas corriam na pressa de chegar a casa. O som das sirenes, dos passos apressados da multidão, das cordas que roçavam os espigões que prendiam os barcos, preenchiam-me na saudade de um momento tão particular que não recordava, mas que parecia prometer-me uma viagem de volta a um outro tempo, a uma outra época, a uma outra realidade. O sol mergulhava no ondular tranquilo do horizonte, dando voz a uma história de encontros desencontrados. Ali podia recordar o momento em que pela primeira vez os meus olhos testemunharam a imagem contrária de mim mesma, reencontrando o passado que aquele mesmo sol alimentava no sabor salgado da brisa que

o rio transportava desde o mar. Antes de encontrar o João, via no sol a imagem de alguém que a saudade alimentava sem que eu reconhecesse tal alimento. No sol estava um rosto sem forma, um olhar sem expressão; estavam as palavras mudas que me chegavam na força de um sentimento que tudo me relatava, sem que nada fosse dito; um sussurro entoado na voz que o vento transportava pelos trilhos de um passado feito presente, do qual tudo ignorava. Quando o conheci, no entanto, todas as coisas se tornaram claras como as águas do lago que presenciara o encontro que aquele sol há muito parecia adivinhar. No reconhecimento de que, em nós, nada era plural, pude sentir o presente fluir nas promessas do passado, motivado pelo sonho de um amor que se materializava, como por magia, dando voz às memórias guardadas nos baús do tempo como peças de um tesouro finalmente reencontrado... Mas, um dia, daqueles que nunca julgamos possíveis, ele partiu, deixando-me só e perdida. Apenas ela, a filha sempre sonhada, conseguia preencher essa ausência, tomando para si, em meu coração, o lugar do pai que ela não conhecera.

Alguns barcos partiram sob o tapete dourado que o sol moribundo fazia convergir sobre o leito calmo do rio. Ali, sentada no cais, tudo parecia renascer na esperança de um novo encontro.

— Foi do barco *ca'gente* viu o pai — disse a Maria.

— O quê, filha? — Perguntei, despertando da minha dor.

— Quando a gente *tava* no barco, depois a gente viu o pai.

— O pai!? Mas tu nunca conheceste o pai, querida! — Sorri-lhe, passando a mão pelo seu rosto rosado.

— Mas, quando eu *tava* no barco contigo, eu vi o pai, e tu *tamém*. Ele olhou *prá* gente e *tava* a chorar. E a gente *tamém* chorou.

A sua imaginação intrigava-me, pois não era a primeira vez que ela falava de coisas que nunca tinham acontecido. Certa vez contara-me que eu e ela tínhamos largado uma pomba branca no alto de uma casa muito alta e que, depois, uns homens maus nos tinham levado para um quarto escuro e frio. Outras vezes insistia no facto de eu a ter deixado

sozinha, partindo com uma pomba que me levara; que ela tinha ficado muito triste mas que depois eu regressara e nunca mais nos separámos. Cheguei mesmo a contar estas histórias ao pediatra que disse para não me preocupar: «é uma criança com muita imaginação», replicava ele de olhar sorridente.

Depois do sol se esconder por detrás do horizonte, caminhámos para casa. Tinha alugado um pequeno apartamento num quarteirão junto ao rio, fazendo o percurso a pé. Aos poucos, no despertar da noite, as ruas foram-se esvaziando das pessoas que corriam para fora da cidade, silenciando-a do frenesim de todos os dias. E foi então que começou a chover intensamente. Peguei na Maria ao colo, caminhando junto dos edifícios para fugir da chuva. Enquanto contornava as esquinas num passo apressado e postura curvada, senti já ter vivido algo semelhante, embora nada daquilo fizesse sentido. Era tudo tão estranho, tão confuso e distante! A chuva lançava os seus braços de água pelas ruas empedradas da cidade, dificultando a minha caminhada. E quase adormeci ao som dos meus passos molhados, sintonizando um outro tempo, uma outra realidade... *«Depois de atravessar ruas e ruelas, todas elas inundadas pela água da tempestade, cheguei a casa com a criança nos meus braços, entrando completamente encharcada»*... O que se estaria a passar comigo? Que imagens eram aquelas?

Momentos depois chegámos a casa encharcadas. Enquanto colocava a chave na porta, tive a estranha sensação de ir encontrar alguém, embora morássemos sozinhas. Que queria significar tudo aquilo? O aquecimento central confortou-nos do frio, permitindo aliviar os nossos ombros do peso molhado dos sobretudos que colocámos num cabide. Deslocámo-nos depois até à casa de banho onde preparei um banho quente que iria ajudar a prevenir mais uma constipação e ali nos deixámos ficar por longos minutos.

O vapor subia da banheira, dispersando-se por todo o lado, enquanto a Maria brincava com o seu pato de borracha, apertando-o no desejo de ver a água a sair-lhe pelo bico. E, de olhos fechados, deixei-me levar pela doce dormência que a água me inspirava...

*...O vapor subia pelas paredes, saindo por uma chaminé que se elevava no telhado, enquanto a água quente brotava por um estreito orifício. Ela, intimidada com a sua nudez, permanecia com o olhar fixo nos mosaicos do chão. Era-lhe tudo tão estranho: a decoração, a casa, as roupas, a minha própria presença... Que poderia eu fazer para tranquilizar a sua mente assustada, para compensar a falta dos pais? Depois de a pegar pelos braços, coloquei-a no tanque. E sem que ela esboçasse a mínima resistência, dei-lhe banho. Enquanto lavava o seu corpo frágil e sofrido, senti crescer em mim o lado materno que desconhecia mas que esteve sempre presente no desejo de o concretizar, vendo na doce Maria a filha apenas sonhada. Era uma bênção de Deus para com alguém que tinha renunciado ao casamento. Se os meus pais me tinham adoptado aos dezassete anos de idade, porque não adoptar esta criança?...*

...Abri os olhos repentinamente. O que era tudo aquilo? Que imagens eram aquelas que me assaltavam? Estaria a ficar esquizofrénica? A Maria continuava a brincar com o seu pato de borracha e nela via a mesma criança que aquelas imagens me anunciavam.

Depois do banho vestimos roupões iguais. Com ela no colo, já na sala, sequei-lhe os cabelos castanhos com um secador de mão, rindo com as gargalhadas que ela entoava na alegria de uma criança feliz. Mesmo sem a presença do pai, mostrava uma tranquilidade e um equilíbrio raro de se encontrar numa criança com a sua idade. Aceitava a minha autoridade sem a questionar, recusando as birras que nunca teve. Era como se vivêssemos juntas desde sempre; uma sintonia que transcendia a própria relação de mãe e filha; um elo que nem o tempo poderia separar.

Deixei-a na sala com um jogo de mesa, indo preparar o jantar. A casa era pequena mas cómoda: um quarto, uma casa de banho e uma sala que também era cozinha. Ali vivíamos desde que ela nascera. Logo depois que o João partiu, estava eu grávida de sete meses, regresssei à cidade, lugar de onde fugira na esperança de nunca mais regressar, deixando a Casa da Serra que nos acolhera num amor como nenhum

outro. E já tinham passado quatro anos desde que nos encontrámos junto do lago...

*— Espero não vir incomodá-lo — disse eu, observando-o a lavar um tacho nas margens do lago.*

*— Claro que não incomoda — ele sorriu. — É sempre bom falarmos com alguém de vez em quando...*

...Agora, apenas restavam as memórias e a saudade que me apertava o peito, numa dor que apenas o pôr-do-sol conseguia aliviar.

Minutos depois chamei a Maria para a mesa. A comida fumejava na diversidade dos pratos que preparara, todos eles vegetarianos, aguçando o nosso apetite. Ela puxou uma cadeira, sentando-se com os olhos na comida. E mais uma vez não consegui conter a torrente de imagens que tomou conta de mim e que das quais nada compreendia...

*...A mesa estava repleta de comida, o que despertou a sua atenção. Apesar da fome, permaneceu sentada com os olhos fixos nas mãos que se entrelaçavam sobre o colo.*

*— Então querida, não tens fome? — Perguntou a minha mãe, que estava à mesa connosco. Ela assentiu, permanecendo de olhar caído. — Vá lá, não estejas envergonhada.*

*Passei a mão pelos seus cabelos ainda molhados.*

*- Podes comer tudo o que quiseres, Maria. Esta agora é a tua casa.*

*Coloquei alguma comida no prato, incitando-a. Ainda de expressão envergonhada, lá começou a comer. Como era reconfortante ver o seu rosto finalmente pacificado...*

...Desta vez não consegui conter as lágrimas perante a força daquilo que vi. A pequena também se chamava Maria e a jovem que cuidava dela... bem... era eu! O rosto era diferente mas o olhar era sem

dúvida o meu. Mas, como podia isso ser possível? Estaria a ficar louca, ou seriam aquelas imagens histórias do passado, de outras existências? Já não sabia mais se acreditava nessas coisas. Com a partida do João fechara-me para o lado espiritual, entrando no meu próprio deserto de onde me recusava sair. A dor fora tal que passei a negar tudo, incluindo o meu encontro com Madalena nas margens do lago. E, no entanto, apesar do meu cepticismo e da minha amargura, tudo aquilo parecia tão real. Éramos, sem dúvida, nós que ali estávamos como se tivéssemos encarnado os personagens de um filme que a minha mente insistia em sintonizar. Ela comia sem ter reparado nas lágrimas que escorriam pelo meu rosto que logo enxuguei, para não a preocupar.

Umhas horas depois deitei-a na cama de casal que ocupava grande parte do quarto, adormecendo a seu lado. E mais uma vez tive o mesmo sonho que se repetia desde que o João partiu...

*...A areia leve das dunas esvoaçava nos remoinhos traiçoeiros que o vento áspero soprava em uivos angustiados. O serpentear da sua textura expressiva estendia-se para além do horizonte numa pintura natural, realçando as sombras rasteiras que davam um tom melancólico àquele lugar sem vida. Atrás de mim, tinha deixado o rasto do meu andar nas marcas pouco profundas de uma caminhada repetida na cadência de quem procurava algo que desconhecia. Vi-me depois sentada no alto de uma duna, de olhos fechados, ouvindo o vento rebelde que ali se lançava em serpenteados de areia. Tentava forçar a minha mente na escuridão de uma ausência que o som sofredor daquele vento fazia soprar em mim, mas nada sabia daquilo que procurava...*



## CAPÍTULO II

CAMINHAVA JUNTO DO LAGO, DE MÃOS ATRÁS DAS COSTAS E OLHAR disperso na paisagem luxuriante que me cercava. O som dos pássaros e de outros animais envolviam-me nos murmúrios de um tempo anunciado, embora distante por não compreender o seu real significado. Em volta de mim, numa amizade partilhada, alguns antílopes de pequeno porte corriam em brincadeiras que se estendiam pela planície, passando a meu lado como se eu fosse um deles. Já ali estava há três anos, ignorando todo o passado que antecedia essa data. Tinha sido integrado numa família que diziam ser a minha e que me acolhera de uma forma fraterna e calorosa. Hoje era como se tivesse três anos; uma criança tão inocente e ignorante como qualquer criança nessa idade, embora as palavras fossem as de um adulto; confuso, é certo, mas pacificado.

Enquanto caminhava junto do lago não pude evitar, como em tantas outras vezes, sentir a ausência de alguém que não recordava mas que tudo parecia significar para mim; alguém que o tempo adormecera nas memórias que me deixaram, mas que estava presente num sentimento difícil de ignorar. A brisa confortava-me de tais lembranças, parecendo querer revelar-me os segredos de uma existência anterior ao momento em que ali chegara, vindo não sei muito bem de onde. Os meus familiares nada me diziam, reservando tais assuntos para quando estivesse pronto. E assim continuava ignorante de mim mesmo, esquecido de uma parte da minha existência que nada parecia ter de solitária.

Sentei-me junto do lago, observando os peixes na limpidez das suas águas. O vento brincava com os meus cabelos, transportando as folhas secas que largava junto de mim, para depois se lançar sobre as copas das árvores que dançavam ao ritmo de quem não tinha pressa nem vontade de parar. O som dos ramos mais altos, entoadado na sonolência forçada de uma natureza tranquila, dava voz a esse alguém que tudo significava na força de uma saudade difícil de suportar. Enquanto as memórias difusas desse passado me assolavam, a Emhi aproximou-se de mim. Vinha vestida com uma túnica branca muito suave, usando em volta da cabeça uma tiara de onde pendiam várias pedras preciosas. Desde que ali chegara que ela me acompanhava como um anjo da guarda, mostrando-me e ensinando-me alguns dos segredos daquele lugar.

— Novamente sozinho, Taihi? — Disse ela, sorrindo suavemente enquanto se sentava a meu lado.

— Sim, Emhi. Sinto necessidade de me encontrar, de compreender esta ausência que me preenche... não sei... é tudo tão confuso!

— Tens de deixar que o tempo dê testemunho das suas razões, Taihi. Apenas ele nos pode mostrar os segredos da nossa própria existência, já que nada nasce fora da sua época. Da mesma forma que os frutos têm o tempo certo para amadurecer, também a verdade necessita de tempo para se tornar madura dentro de nós.

— A tua sabedoria encanta-me, Emhi — disse eu, sorrindo.

— A minha sabedoria é a tua sabedoria. Nós somos membros de uma mesma família.

Fiquei em silêncio por alguns momentos, contemplando o seu rosto suave e docemente delineado na expressividade ténue dos seus contornos. As pedras esverdeadas que pendiam da tiara iluminavam-lhe o rosto de uma forma deificada, realçando o seu olhar sereno e tranquilo.

— Desde a primeira vez que te vi que sinto a tua presença familiar — sorri-lhe. — Encontrámo-nos nesse período que não recordo e que antecede a minha vinda para este lugar?

— Não, Taihi. Mas encontrámo-nos num período anterior a esse.

— Calculo que essa seja uma das tais verdades para as quais ainda não amadureci, estarei certo?

Ela sorriu.

— Sim. Tudo no seu tempo.

— Gostava muito de recuperar a memória — disse eu fixando o lago — de compreender um pouco desse passado...

— Recuperarás.

— E existe alguma razão concreta para ter perdido a memória?

— Já conversámos sobre isso, Taihi. Perdeste a memória para que as recordações do passado não te perturbassem. Para que não ficas-  
ses preso a elas de uma forma obsessiva, o que poderia ser prejudicial para ti.

— São assim tão penosas essas memórias?

— Não são penosas... é que as recordações desses momentos iriam prender-te ao passado, impossibilitando que pudesses viver o presente de uma forma equilibrada e construtiva.

— E não me irão prejudicar quando um dia tomar conhecimento delas?

— Não. Nessa altura já estarás suficientemente maduro para encarar esse passado de frente e depois esquecê-lo.

Fixei-a novamente, sorrindo no conforto da sua presença.

— Como é bom ter-te junto de mim, Emhi. É a tua alegria e a tua força que me ajudam a suportar esta ausência que sinto.

— Somos irmãos, Taihi. A minha alegria é a tua alegria e a tua é a minha.

— E os nossos outros irmãos, onde estão? — Perguntei. — Certa vez interpelei o nosso mestre e ele disse-me que cada família é composta por doze elementos. Mas aqui apenas vivemos nós os três. Onde está o resto da família?

— Todos eles têm missões a cumprir. É por isso que partiram, embora estejam sempre presentes, pois uma família é, na sua essência, um só núcleo consciente; uma só identidade — Ela levantou-se, estendendo-me a mão. — Vem, Taihi. O nosso mestre espera-nos.

Peguei na sua mão, levantando-me. Caminhámos depois junto do lago até à casa que tínhamos como morada e onde vivíamos juntos com Turhi, nosso mestre. Ele era o ser mais velho da família, uma espécie de avô que nos confortava com a sua sabedoria e experiência. A casa encontrava-se junto do lago, tendo a forma de uma esfera cortada pela metade. Algumas janelas, amplas e de um só vidro, espreitavam para o exterior, reflectindo toda a vegetação que nos cercava num abraço maternal. Vivíamos separados das comunidades que se estendiam em anéis concêntricos à volta da nossa casa. Para evitar o meu isolamento e estimular a minha sabedoria, o nosso mestre fizera questão que eu me integrasse numa dessas comunidades. Ali podia participar nas aulas de ciência, teologia, meditação e nos afazeres diários de um lugar onde tudo era partilhado.

Já dentro de casa, na sala principal, observámos o nosso mestre sentado no chão numa posição meditativa. Estava virado para uma das janelas que se debruçava sobre o lago, contemplando-o na serenidade e na paz que nele podíamos reconhecer.

— Taihi! Senta-te aqui a meu lado - disse ele sem desviar os olhos da paisagem.

Assim fiz, entrelaçando as pernas quando me sentei.

— Emhi, podes deixar-nos por alguns momentos?

— Sim, mestre.— Ela saiu.

Ele fez um breve silêncio que me tranquilizou profundamente.

— Sei que andas cada vez mais impaciente quanto ao teu passado.

— É verdade, mestre.

— Cresceste muito desde aqui chegaste, Taihi. Hoje o teu equilíbrio é quase perfeito. Em breve estarás pronto para compreender o teu passado e o significado deste lugar. Mas, como a Emhi te disse junto do lago, tudo tem o seu tempo.

— Eu sei, mestre. Tenho que deixar que essa verdade amadureça para poder compreendê-la.

— Ela já está madura, mas primeiro terás que eliminar essa ansiedade que tomou conta de ti. Nos próximos dias tenta não pensar em tais assuntos. Não é importante saber das coisas quando as desejamos, mas sim quando estivermos prontos para as compreender... Por isso, Taihi, nada desejes saber. Quando estiveres pronto, eu mesmo contar-te-ei sobre o teu passado e sobre muitos dos segredos deste lugar que ainda desconheces.

— Assim farei, mestre.

— Concentra-te apenas nos afazeres e nos estudos que partilhas com os novatos da comunidade. Isso, para já, é aquilo que é realmente importante para ti. Depois, o tempo se encarregará de dizer mais qualquer coisa. Agora, vai...

Deixei-o sentado diante da janela, deslocando-me até ao jardim que ficava no centro da casa. Uma enorme abertura no tecto abria caminho à luz que tudo preenchia em sombreados vários, cintilando na frescura de uma pequena cascata que marulhava sobre um tanque ornamentado com pedras coloridas. As plantas circundavam-no na abundância das suas cores e dos seus perfumes, preenchendo todo o espaço. Tinha que me libertar daquela ansiedade que se tornava crescente; tentar sintonizar a mente com a essência profunda daquele lugar para depois, sem nada mais desejar encontrar, poder finalmente compreender a razão por detrás da minha existência.



## CAPÍTULO III

NO DIA SEGUINTE ACORDEI AINDA O SOL MAL TINHA despertado. A Maria dormia profundamente a meu lado, de expressão serena e respirar tranquilo, mas, por mais que me custasse, tinha de acordar. Hoje era um dia muito importante, pois, pela primeira vez, iria expor os meus quadros. Foi algo que nunca me motivou particularmente, mas a insistência do João, que sempre me pressionara para que o fizesse, acabou por me convencer. Agora, quatro anos depois, a exposição concretizava-se finalmente. A Maria acabou por acordar sozinha, como que adivinhando aquele impasse entre deixá-la dormir um pouco mais e chegar a horas à exposição. Era uma criança que fazia tudo para não dificultar as minhas decisões, permanecendo fiel num compromisso maior que os laços que nos uniam. A familiaridade da sua expressão e olhar, transportavam-me de volta a outros momentos como aquele. Não conseguia ainda elaborar tais sensações, mas nelas reconhecia um sentimento que tudo transcendia na certeza de já termos vivido algo semelhante.

Peguei nela ao colo, indo até à casa de banho. Ali tomámos um duche rápido, embrulhando-nos nas toalhas que existiam em duplicado nos seus tamanhos respectivos. Deslocámo-nos depois até ao quarto e vestimos as melhores roupas para aquela ocasião tão especial... e nem era por mim mas pelo João... Sentei-a depois diante da mesa da cozi-

nha, que também era sala, preparando um sumo de laranja. Enquanto ela bebia, aproveitei para lhe secar o cabelo, olhando o único quadro que não fazia parte da exposição e que se encontrava na parede livre da sala. Ali estávamos nós os três: Eu, o João e a Maria que caminhava entre nós de mãos dadas, embora o tivesse pintado antes dela ter sido concebida. Tinha sido aquele quadro a dar-me a certeza de que o João era a pessoa que procurava, abrindo caminho para o amor que floresceu entre nós e que se materializou na filha sempre sonhada.

De sorriso no rosto, fixei de novo os cabelos da Maria, terminando de penteá-la. Tomei depois o pequeno-almoço à base de frutas, arrumando tudo. No corredor vesti o sobretudo, que já tinha secado do dia anterior, e saí de casa com ela pela mão. E logo apanhámos um táxi rumo à galeria.

Passsei toda a viagem com os olhos perdidos na cidade que deslizava diante de mim, na reconciliação de quem já não a tinha como inimiga. Há cinco anos atrás fugira de uma vida subornada pela indiferença, despedindo-me da cidade na certeza de nunca mais voltar. Nesses tempos, queria respirar com as árvores, voar com os pássaros; queria sentir a natureza na expressividade doce dos seus perfumes e das suas cores; mergulhar no silêncio melodioso das fragrâncias campestres e, ali, despertar para mim e para ele. Mas com a sua partida, aquele lugar deixou de fazer sentido. Forçar a minha existência na Casa da Serra seria viver indefinidamente um momento cristalizado no tempo. Regressar à cidade foi embarcar no presente, compreendendo que esta também era uma parte da sinfonia que a vida representava sobre cada um de nós. Tudo era importante; cada pessoa que caminhava de expressão cinzenta pelas ruas da cidade que eu observava no anonimato das suas vidas adormecidas. Talvez não tivessem consciência da sua importância, mas sem elas o mundo ficaria amputado de uma parte de si mesmo.

E foi então que, ao passar os olhos por um restaurante, vi um mendigo ser expulso violentamente. Uma vez mais, senti-me ser puxada pelo turbilhão de imagens que me atormentavam desde o dia anterior, forçando em mim uma realidade que desconhecia...

— Posso ajudá-lo?

— Ajudar!?! — A sua expressão delineava a ironia de quem tinha aquela palavra como vazia. — O que é isso, menina?

— Qual é o seu nome?

— Simeão.

— E porque chorais, Simeão?

— Que mais posso eu fazer se não lamentar esta vida de miséria! Entrei naquela casa e pedi comida. Sabe o que me deram? Pauladas!

— Não os julgue, pois eles caminham cegos.

— Como não? Não se nega comida a ninguém... nem a um cão quanto mais a uma pessoa.

— Pode um cego ser responsabilizado pelos estragos que faz num campo cultivado? — perguntei, amparando-o.

— Creio que não — disse ele enxugando as lágrimas.

— Aqueles que o expulsaram também caminham cegos, sabe? — Sorri-lhe. — Não temos o direito de os julgar, pois não sabem aquilo que fazem... mas venha. Sei de um lugar onde não se nega comida a ninguém.

Caminhámos até à igreja do meu bairro onde todos os dias era servida uma refeição aos pobres. Ele, ao ver que o lugar era cristão, retraiu-se.

— Mas eu não sou cristão! — Disse ele de expressão embaraçada.

— Achais que vos iria negar comida só porque não sois cristão? Antes de ser cristã sou um ser humano, e nisso somos iguais...

...Mandeí o motorista parar o táxi, o que ele fez bruscamente. Saí depois ao encontro do mendigo que chorava em frente do restaurante. A sua imagem estigmatizava-o em longas barbas por aparar, cabelo comprido e espigado e roupa retalhada pela idade de já ter passado por muitas mãos.

— Posso ajudá-lo? - Perguntei, agachando-me junto de si.

— Se me der de comer! — Ele enxugou as lágrimas com as mangas do casaco sujo e velho.

— Qual é o seu nome?

— Chamo-me José.

— Venha, José! — Disse eu, estendendo-lhe mão. — Sei de um lugar onde vai sobrar muita comida.

Entrámos no táxi. Ele ficou desconfiado, embora não dissesse uma palavra. Levá-lo-ia comigo até à galeria. A Maria, essa, não tirava os olhos daquele pobre homem, sorrindo-lhe sempre que este a fixava. Ele retribuía o sorriso, desviando depois o olhar. Mas algo me perturbava profundamente. Vê-lo ser expulso do restaurante fez despertar em mim a sensação de já ter vivido tudo aquilo, ressuscitando as imagens desse momento que ignorava. Que se estava a passar comigo? De onde vinham tais imagens? Seria mesmo possível estar a aceder a uma vida passada, ou seria a loucura a chegar por toda a dor que não consegui libertar de dentro do meu peito?

— *Pra* onde é *ca* gente vai? — Perguntou ele, finalmente.

— Nada tem a recear. Vamos a uma galeria de arte.

— Mas a senhora prometeu-me comida! — Disse ele de olhar fechado.

— Eu sei! — Sorri-lhe. — Esteja descansado.

Quando chegámos, entrei com ele pela porta dos fundos. Seria uma imposição da minha parte e uma falta de respeito para com a Joana, impor a presença de alguém que poderia não ser da sua vontade receber. Assim tudo ficaria entre nós. A Joana, a proprietária da galeria, veio ao nosso encontro. A sua expressão altiva era capaz de gelar qualquer pessoa, intimidando-nos com um olhar inquiridor e atento.

— Vera! Quase que não chegavas. Os convidados já aqui estão — disse ela, cumprimentando-me. Fixou depois o José. — Como é que você entrou aqui!? Não tenho nada para si, pode-se ir embora.

— Espera, Joana. Fui eu que o trouxe. É que o encontrei na rua e, como nestas festas se estraga sempre muita comida, resolvi trazê-lo.

Ela franziu a testa, olhando-o de alto a baixo. O pobre homem ficou paralisado perante o seu olhar frio e soberbo.

— Se me garantires que ele não entrará na galeria...

— Prometo-te que não.

— Então, está bem. Mas, se me der problemas, ponho-o na rua — disse ela de dedo estendido.

Ele sentou-se diante de uma mesa que se encontrava naquela mesma sala, ainda de expressão assustada pela arrogância da Joana, quando eu fui buscar um tabuleiro de salgados e doces que coloquei diante dele.

— Agradeço o que *tá* a fazer.

— Não tem que agradecer.

A Joana surgiu na porta. Senti todos os seus músculos retraírem-se no medo que a sua expressão lhe provocava.

— Vem, Vera. Já estão todos à tua espera.

— Vou já, Joana. — Ela saiu, levando a Maria. Olhei depois para ele e disse: - Não tem que ter medo. Enquanto eu estiver aqui ninguém lhe fará mal.

— Conheci muitas pessoas como aquela senhora, sabe? — Ele baixou os olhos para evitar as lágrimas. — Olham *pra* gente como animais.

— Não lhe queira mal. Foi educada a ser assim.

Deixei-o com os doces e salgados, caminhando até à sala principal da galeria, onde cumprimentei os convidados. Os quadros, sob o olhar atento de alguns e a indiferença disfarçada de outros, estendiam-se como janelas para um passado que, em mim, sempre esteve presente no desejo constante de encontrar alguém que agora não procurava mais. Ali estavam representadas todas as fases do meu trabalho: as pombas brancas, o sol gradeado por uma janela que não se via e o pôr-do-sol como presságio de um encontro que acabou por se concretizar. Mas era nos rostos, que deixava em branco, que reconhecia o desejo de um encontro que o tempo acabaria por confirmar.

As pessoas passeavam de copo na mão, contemplando os quadros. No meio delas, os empregados deambulavam de travessa estendida, distribuindo doces e salgados, enquanto a Joana cortejava as pessoas mais influentes. A Maria, por sua vez, recebia de todos a amabilidade de quem sabia cativá-las com um simples sorriso. E não havia ninguém que não se metesse com ela, provocando-a de uma forma brincalhona. E foi então que alguém, de olhar interessado, entrou na galeria. A sua presença despertou a minha atenção. Havia algo de familiar no brilho da sua expressão, na postura segura que prevalecia sobre todos os convidados. A Maria aproximou-se dele, sorrindo. O homem, retribuindo o sorriso, agachou-se diante dela, dizendo-lhe algo que não conseguia ouvir do lugar onde estava. Vi depois a Maria abraçá-lo como nunca antes tinha feito com um estranho. Resolvi aproximar-me.

— Espero que ela não esteja a incomodá-lo?

— De forma alguma! — Ele ergueu-se, passando a mão pelo seu rosto ainda sorridente. — É uma criança encantadora.

— A quem o diz! — Sorri.

— É sua filha?

— Sim. Chama-se Maria.

— Maria! — Ele sorriu de uma forma que me pacificou. — É curioso como o nome se mantém...

— Como!? — Perguntei.

— Deixe lá. Isso são outras histórias — ele olhou o catálogo, observando a minha fotografia. — Vejo que é a pintora, estarei certo?

— Sim, sou eu — sorri novamente.

— Gostaria muito que me ajudasse a compreender um pouco mais da sua pintura.

— Claro que sim. Terei todo o gosto nisso.

— Poderíamos começar pelo nome da exposição: «Janelas entre dois mundos». Existe algum significado especial por detrás deste nome?

— Existe, sim. É que para mim os quadros são como janelas para um mundo diferente. Aos nossos olhos nós somos o mundo real, observando o mundo imaginário que está do outro lado dessas janelas, mas eles, que para nós são como personagens, também são reais no olhar que fazem do nosso mundo que para eles é imaginário. Cada um dos mundos vive na ignorância da realidade do mundo que é observado, julgando o seu como o único que é verdadeiro, mas... deixe-me guiá-lo pelos quadros.

Há muito tempo que não me sentia tão bem na presença de alguém. Era como se o conhecesse, embora nunca o tivesse visto. Uma sensação que apenas tinha experimentado com o João e com a Maria e que agora se repetia com aquele homem estranho, mas familiar na sua postura forte e vincada.

Parámos diante dos primeiros quadros que pintara e cujo motivo eram as pombas brancas.

— Que significado atribui a estas pombas? — Perguntou ele.

— Nunca me esforcei verdadeiramente por compreender as razões de cada quadro que pinto... No entanto, quando olho para estes quadros, sinto uma liberdade imensa. É como se eu encarnasse as próprias pombas.

— Foram as pombas brancas que levaram a minha mãe e depois eu fiquei sozinha — disse a Maria que nos ouvia sorrateiramente.

— Não inventes essas histórias, querida! — Retorqui eu, debruçando-me sobre ela.

— Quem sabe se não são mais que simples histórias! — Disse ele, de uma forma tão segura que cheguei mesmo a pensar se não teria razão.

Mas logo continuámos o périplo pela galeria, mostrando-lhe os outros quadros, enquanto ele me interpelava sobre as motivações que me tinham levado a pintar cada um deles. Era como se, para ele, cada quadro contasse uma história. E embora eu lhe assegurasse que nos quadros não havia história alguma, ele persistia em procurá-la.

— Gostei muito da exposição — disse ele quando terminámos.  
— Talvez venha a comprar alguns dos quadros.

— Fico satisfeita — sorri-lhe.

— Gostaria que nos encontrássemos novamente. Talvez amanhã, quem sabe? — Ele retirou um convite da pasta, entregando-mo.  
— Tenho uma palestra agendada para essa Universidade. Se pudesse ir ficaria muito grato.

— Claro que sim. Irei com todo o gosto.

— Agradeço-lhe. — Agachou-se, depois, junto da Maria — Dás-me um abraço? - Ela assentiu, acedendo ao seu pedido. — Hum, que abraço bom!

— Já não tens feridas? — Perguntou ela.

— Não! — Respondeu ele como se compreendesse aquilo que ela dizia. — Já estou curado. — E logo a beijou na testa, despedindo-se.

Fiquei a observá-lo enquanto se afastava, apercebendo-me que algo de especial me ligava àquele homem, pois era raro sentir uma paz tão grande quanto aquela que tinha experimentado enquanto conversávamos. Mas o que mais me intrigava era o à-vontade entre ele e a Maria.

— Tu conheces este senhor, querida? — Perguntei, pegando nela ao colo.

— Sim.

— De onde?

— Foi quando ele *tava* doente, depois eu cuidei dele.

A sua imaginação intrigava-me, não compreendendo de onde vinham aquelas histórias. Mas agora parecia que ela dizia a verdade; que conhecia mesmo aquele homem, embora nada disso fizesse sentido.

## CAPÍTULO IV

ASSIM QUE A LUZ AUMENTOU DE INTENSIDADE, FAZENDO despertar o dia que nascia fresco e húmido, desloquei-me para a comunidade onde tinha sido integrado por vontade de Turhi, meu mestre. Esta ficava à distância do meu olhar, caminhando eu a pé por entre os arbustos rasteiros que ladeavam um carreiro coberto de erva. A comunidade era composta por doze famílias, cada uma com a sua casa, e um edifício central que servia todos os habitantes na partilha das actividades diárias. As casas, dispostas em volta de um centro, tinham a forma de uma cúpula arredondada, excepto o edifício central. À volta deste, um sumptuoso jardim de fontes bordadas a ouro e pedras preciosas, sobressaía na expressividade cintilante do orvalho matinal, sombreando os bancos que se encontravam dispostos por baixo das árvores de folhas grossas e estrutura volumosa. Cada uma das famílias que compunha a comunidade estava encarregada de produzir um tipo específico de cultura que depois era partilhada nas refeições que tinham em comum. A família que me acolhera era responsável pelo cultivo dos frutos, estando a casa envolta num arvoredo denso e colorido.

Assim que cheguei, o membro mais velho da família, Pydeh, dissera-me para ajudar Loeh que apanhava alguns frutos num dos extremos da casa. Procurei-o por entre as árvores, encontrando-o junto das laranjeiras. Ele estava vestido com uma túnica branca que era usada

pelos novatos como eu, compondo os frutos, acabados de colher, numa caixa rectangular.

— Bom dia, Loeh!

— Olá, Taihi! Ajudas-me?

— Claro que sim — disse eu, estendendo os braços na direcção dos frutos que mais pesavam nos ramos.

— A Emhi não veio contigo?

— Não. Ela partiu em missão.

Ele era o membro mais novo da sua família e, tal como eu, também não recordava o passado. Éramos nós, os novatos, que cuidávamos de todos os afazeres da comunidade, tomando para nós, de uma forma responsável, as actividades necessárias ao bom funcionamento desta. Os mais velhos tinham outros assuntos com que se ocupar, como as missões que realizavam fora da comunidade, por exemplo.

— Sabes que ainda não compreendi muito bem por que é que tu não moras numa comunidade como nós. Pelo que eu sei, todas as famílias fazem parte de uma comunidade com excepção da tua.

— Também não sei, Loeh. E depois não devemos ocupar a mente com essas dúvidas; é que tudo tem o seu tempo para ser revelado. Devemos, sim, concentrarmo-nos nos afazeres diários.

— Já visitaste outras comunidades? — Perguntou ele sem tirar os olhos da árvore.

— Não. Conheço apenas esta.

— Certa vez, ouvi um dos elementos mais velhos da minha família dizer que as comunidades se estendem em círculos concêntricos, à volta da casa onde moras. Esta está no centro, sendo as comunidades periféricas as menos desenvolvidas. Mas não sei muito bem que tipo de desenvolvimento é esse, já que, segundo ele, todas as comunidades são iguais.

— Já sabia que assim era, Loeh. Certa vez a Emhi contou-me, mas não aprofundou o tema. Quando lhe perguntei porque é que a

nossa casa ficava no centro, ela nada me disse. Argumentou que ainda não estava preparado para compreender tais assuntos.

Logo após termos enchido as várias caixas, colocámo-las sobre uma plataforma flutuante. Caminhámos depois até ao edifício central, puxando a plataforma que deslizou a uns poucos centímetros do chão. As ruas eram pavimentadas com pedras coloridas, contornando o edifício comunitário em artérias que se estendiam à volta das doze casas. Era por essas artérias que todos convergiam para o centro da vida comunitária. Reconhecia os mais velhos pelas togas adornadas com símbolos dourados, e os novatos, como nós, pelas túnicas simples de uma só peça.

No jardim que envolvia o edifício central, as crianças brincavam na alegria e na vivacidade da sua natureza tranquila e feliz. Não pertenciam a nenhuma das famílias residentes, que eram compostas apenas por adultos, tendo sido deixadas aos cuidados destes. O que sabíamos, e que para nós não passava de rumores, era que os seus pais viviam numa terra distante, não podendo, para já, cuidar delas.

O edifício comunitário, de maior porte e volume, era semelhante aos outros, embora oval. No piso térreo, ao centro, ficava a sala dos estudos. Tinha a forma de um anfiteatro que se estendia até a um palco circular. Do lado direito, ficava a sala de convívio onde todos se juntavam ao fim da tarde para confraternizar e, do lado esquerdo, a sala das refeições. O piso seguinte tinha a forma do primeiro, sendo reservado a assuntos espirituais. Ao centro ficava a sala onde se reuniam os conselheiros. Era formada por três filas de bancadas circulares, sob a luz que entrava pela enorme janela de vidro colocada no tecto. Do lado direito, ficava a sala do espelho que era interdita aos novatos e, do lado esquerdo, a sala de meditação e oração.

Dentro do edifício cruzámo-nos com os outros novatos que traziam os produtos cultivados pelas suas famílias. Todos os dias nos encontrávamos à mesma hora, levando para o refeitório os vegetais e os frutos que iriam ser servidos em duas refeições diárias. A cada um de nós eram depois atribuídas tarefas que desempenhávamos com alegria.

Coube-me naquele dia tratar das plantas de interior. Era o período dedicado aos afazeres comunitários: cuidar das plantas, dar atenção às crianças, limpar o edifício, ajudar os mais velhos na elaboração das aulas, preparar as duas refeições, prestar assistência às famílias, ajudando-as nos assuntos domésticos ou agrícolas, limpar as ruas das folhas secas vindas da floresta, cuidar do jardim... seguia-se depois o período da primeira refeição que era feita em conjunto. Da parte da tarde tínhamos o período dos estudos, ocupado com aulas de ciência, teologia ou meditação e que era apenas reservado aos novatos. Seguia-se o período de lazer onde descansávamos de uma manhã bastante ocupada e que precedia a segunda refeição. Vinha depois o período de retiro, onde os membros das várias famílias regressavam a casa, seguido pelo período do sono.

Quando chegou a hora da primeira refeição, uma melodia percorreu toda a comunidade, assinalando a mudança de período. Cada período tinha a sua própria melodia que trazia, em si mesmo, mais que um simples som. Era como se cada uma das melodias expressasse a essência de cada momento, pois assim que a ouvi fiquei logo com fome. A sala do refeitório era formada por mesas dispostas em círculos concêntricos, dando forma às diferentes hierarquias da comunidade. Estas eram divididas numa espécie de castas não fixas, sendo o círculo central destinado aos mestres, o seguinte aos professores, o terceiro aos missionários e o quarto, onde estava sentado, aos novatos.

Loeh entrou na sala, sentando-se a meu lado.

— Achas que a forma como as mesas estão dispostas em volta daquele centro está relacionada com a forma como as comunidades estão dispostas em volta da tua casa? — Perguntou ele num sussurro suave, pois ninguém podia falar durante as refeições. Sussurro esse que não passou despercebido a um dos mestres que entrava na sala.

— Jovens novatos! — Disse ele fixando-nos de expressão conciliadora. — Sabeis que não podeis falar durante as refeições!?

— Peço desculpa, mestre — disse Loeh, baixando os olhos.

— Não há mal algum em cometer um erro, jovem novato —

retorquiu ele num sorriso pacificador. — O mal está em persistirmos nesse erro.

E logo se afastou, sentando-se na mesa central. A refeição foi servida por um dos novatos que circundou as mesas com uma plataforma flutuante de várias prateleiras. E assim ficámos em silêncio, comendo aquele prato de frutos e vegetais. A comunidade era formada por cento e quarenta e quatro membros, mas apenas estavam presentes cinquenta e dois. Os outros desempenhavam missões fora da comunidade, assunto ainda desconhecido dos novatos, como eu. Em breve, pelas palavras do meu mestre, ser-me-iam revelados alguns dos segredos daquele lugar, assim como do meu passado. Mas não devia ocupar a minha mente com tais pensamentos, pois a ansiedade tornaria impossível tal conhecimento. Quando ali cheguei, há três anos atrás, senti-me como um estranho numa terra estranha, embora a presença daqueles que compunham a minha família não me fosse indiferente, já que os conhecia sem deles nada recordar. E foi a Emhi que me ajudou nos primeiros tempos, acompanhando-me todos os dias até à comunidade onde me encontrava e ali participando, a meu lado, nas tarefas várias que fui assumindo com o tempo. Hoje era um membro da comunidade e, embora não pertencesse a nenhuma das famílias, sentia-me plenamente integrado.

Depois de terminarmos a refeição, tivemos que aguardar que os mais velhos saíssem para que pudéssemos abandonar a sala. Assim, os primeiros a saírem foram os doze mestres, representantes individuais de cada família, e depois, numa sucessão hierárquica, os professores, os missionários e só depois os novatos, que logo caminharam para a sala de meditação e oração onde se sentaram. A sala era decorada com símbolos que representavam palavras cuja sonoridade podia evocar grandes forças, se pronunciadas de forma correcta.

— Que achaste da minha observação sobre as mesas? — Perguntou Loeh, voltando ao mesmo assunto.

— Se existir alguma relação nesse simbolismo, então significaria que a família a que pertença é a mais antiga de todas elas.

— Sim, foi o que eu pensei.

— Acho que não me devo ocupar muito com esses pensamentos, Loeh. Se assim for, saberei na altura em que estiver preparado para compreender tais assuntos.

Foi então que um dos professores, que pertencia ao círculo anterior ao dos mestres, entrou na sala, sentando-se diante de nós. Vinha vestido com uma toga menos elaborada que a dos mestres, embora igualmente expressiva nos seus adornos dourados. O seu olhar, sereno mas vincado, impunha um respeito quase instintivo, silenciando toda a sala.

— Hoje vamos dar continuidade ao exercício da aula anterior. Respirem fundo de uma forma pausada e fixem um dos símbolos que se encontram na parede sem nada pensarem. — E logo se levantou, aproximando-se de nós os dois. — Loeh e Taihi, venham comigo.

Levantámo-nos sem compreender a razão de tal pedido, seguindo-o até ao jardim que circundava o edifício comunitário. Chegados ali, mandou-nos sentar em posição meditativa junto a um dos lagos.

— Trouxe-vos até aqui porque vocês são os elementos mais velhos dos novatos. Chegou a altura de adquirirem a experiência que vos permitirá, no futuro, subir ao círculo dos missionários.

— Turhi disse-me que eu já estava maduro para compreender alguns dos segredos deste lugar e da minha vida passada.

— Sim, é verdade. Vocês os dois irão deixar de ser novatos muito em breve. Passarão então para o círculo seguinte onde não desempenharão mais tarefas inerentes aos afazeres comunitários.

— E que experiência é essa de que falou? — Perguntou Loeh.

— Quero que se concentrem e ponham em prática tudo aquilo que vos ensinei ao longo destes anos.

Assim fiz, começando a sentir uma dormência por todo o corpo. Era como se tivesse sido anestesiado. Senti depois um formigueiro no centro da testa e uma leve pressão na garganta, tendo a percepção de me deslocar, por mais absurdo que isso me parecesse. Foi só então que

abri os olhos... era impossível descrever aquilo que senti nesse momento mágico. Lá em baixo, sentado junto do lago, estava o meu corpo, enquanto eu permanecia muito instável a uns metros acima deste. O nosso professor tentava descontraí-me, embora nada dissesse. Era a sua presença que me tranquilizava, na força que irradiava junto de nós. Momentos depois já manobrava melhor aquele novo corpo, bastando pensar na direcção a tomar. Aproveitei aquela oportunidade única para voar sobre a comunidade. Nunca me tinha sentido tão liberto, tão feliz, tão eu próprio... aproximei-me de Loeh. O seu corpo era idêntico ao corpo físico, embora de um brilho e de um colorido como nunca antes tinha visto.

— Consegues ouvir-me? — Disse eu, pensando.

— Sim, Taihi.

— Que experiência incrível! — Retorqui eu num entusiasmo transbordante.

— É verdade.

O nosso professor surgiu diante de nós, sorrindo na satisfação de quem via os seus esforços recompensados.

— Fico feliz por ver que conseguiram a liberdade necessária para que possam, em breve, deixar de ser novatos. — E olhou para Loeh. — Gostaria que regressasses, Loeh.

— Posso ficar um pouco mais? — Perguntou ele de expressão encantada. — Gostaria de passear por aí.

— Não. A energia que nos alimenta tem que ser colocada ao serviço de Deus e não dos nossos interesses particulares. Deves usar esta nova faculdade que desenvolveste apenas para servir nas missões que em breve terás que desempenhar e não para passear.

Ele assentiu, despertando de sorriso no rosto. Afastou-se depois numa felicidade impossível de esconder.

— E porque é que eu fiquei? — Perguntei-lhe.

— Porque quero mostrar-te algo, Taihi. Vem!

Acompanhei-o ao longo de uma extensa planície, sobrevoando várias comunidades. Estavam todas dispostas em círculos de tamanho crescente, perdendo-se no horizonte distante daquele lugar que tinha como único. E foi então que aquelas imagens se desvaneceram sob as de um planalto, envolvido por escarpas como se de um recinto se tratasse. Ao aproximar-me, pude observar doze habitações que tinham sido talhadas directamente na rocha. Dentro de cada uma delas encontrava-se um Ser em profundo recolhimento, como se ali estivesse desde do princípio dos tempos. As doze ermidas contornavam aquele planalto num círculo perfeito e, no centro, uma décima terceira ermida sobressaía como um fogo que se elevava até ao infinito e cujo radiação envolvia as restantes numa aura de puro Silêncio.

— Porque me trouxe aqui?

— Porque, embora ainda não compreendas o verdadeiro significado deste lugar, era importante que o visses para que dentro de ti algo pudesse despertar.

— E porque é que Loeh não nos acompanhou?

— Porque o teu despertar é diferente do dele. Embora estejam prestes a subir de círculo, os teus caminhos não são os dele.

— Tem alguma coisa a ver com o facto de eu pertencer a uma família que não está integrada numa comunidade?

— Sim, Taihi. Tem tudo a ver com isso. O tempo encarregar-se-á de dar testemunho dessa realidade. Só tens que ser paciente e nada desejares na ansiedade de tudo querer saber.

— Eu sei. Meu mestre alertou-me para isso.

— É melhor regressarmos. Esta experiência ainda é um pouco cansativa para ti. Tens que te habituar aos poucos, com o tempo.

E nesse mesmo instante, sem que percorrêssemos o caminho de volta, despertei. Ele já não estava junto de mim, o que me deixou intrigado. Ouvi então a melodia que indicava o período de lazer, caminhando até à sala de convívio. Esta era formada por duas divisões. A primeira era reservada ao contacto directo entre os elementos da comunidade

que ali conversavam na alegria e no entusiasmo de quem tudo gostava de partilhar. A outra divisão era reservada aos livros, onde as mesas se dispunham em círculos como no refeitório. Os livros encontravam-se em prateleiras que correspondiam às respectivas hierarquias mas, embora estivessem ao alcance de todos, ninguém consultava aqueles que pertenciam a outros círculos. E foi na biblioteca que encontrei Loeh. Ele estava debruçado numa leitura atenta e concentrada, não dando pela minha entrada.

Sentei-me ao seu lado no círculo exterior.

— O que lê com tanta atenção? — Perguntei.

Ele levantou a cabeça, fixando-me.

— És tu Taihi? Nem dei pela tua chegada.

— Já tinha reparado — sorri-lhe. — O livro parece ser interessante.

— Sim, mas diz pouco sobre aquilo que procurava.

— E o que procuravas?

— Procurava algo que me ajudasse a compreender um pouco melhor a experiência que acabámos de ter... a propósito! — Ele fixou-me, mudando de assunto. — O que aconteceu depois de eu vos ter deixado?

— O professor levou-me até um lugar diferente, mostrando-me algo cujo significado ainda desconheço.

— Pois neste livro encontrei um capítulo que fala sobre as viagens para além do corpo. Diz aqui, a determinada altura, que essas viagens são o elo de ligação entre dois mundos irmãos, possibilitando que os membros das várias famílias se possam encontrar para que juntos preparem o regresso dos que estão ausentes num mundo diferente. Mais à frente, fala da importância das viagens para os missionários, dizendo também que é através dessas viagens que muitos dos nossos irmãos ausentes vêm até nós durante o período de sono. Mas não adianta muito sobre esse outro mundo, sobre a natureza das missões, sobre tanta coisa que gostava de compreender um pouco melhor.

— Tudo no seu tempo, Loeh. Em breve passaremos para o círculo dos missionários e então já poderemos ter acesso aos livros que falam desses e de outros assuntos.

— Sim, é verdade. Saber que eles estão ali ao alcance da minha mão, mas que ainda não os posso ler, cria uma ansiedade tremenda.

— Deves tentar eliminar essa ansiedade. Ela pode ser muito prejudicial.

— Vou tentar, Taihi. Prometo.

— Deixo-te com as tuas leituras. Vou aproveitar este período para dar uma volta pela comunidade. Preciso reflectir sobre tantas coisas.

— Até logo, Taihi. E obrigado pelas palavras que partilhaste comigo.

Deixei o edifício central, caminhando pelo jardim de mãos atrás das costas. Estava prestes a conhecer um pouco mais dos segredos daquele lugar, do passado que não recordava desde que ali cheguei. Embora me esforçasse por eliminar a ansiedade que por vezes condicionava a minha consciência, havia algo que não conseguia disfarçar nem ignorar... a tal ausência que o tempo alimentava na força de um sentimento puro mas tão distante; de uma saudade perdida nas memórias que me deixaram mas que tudo prometiam. Nessa ausência estava uma parte da minha existência passada, um pedaço de uma caminhada dispersa nas lembranças que não recordava.

Tentei afastar tais pensamentos para que estes não alimentassem a ansiedade que poderia atrasar o meu despertar. O importante era concentrar-me nas coisas daquele lugar. E assim deambulei pelo jardim, respirando na tranquilidade que aquele espaço inspirava em mim. As cores, iluminadas em auras que as plantas expressavam diante do meu olhar, pacificavam todos aqueles que sintonizavam a sua beleza interior. Os perfumes inebriavam-me na ternura de uma brisa suave que os transportava até mim, servindo de bálsamo para o espírito.

Momentos depois, a melodia anunciou o início do período da segunda refeição. E logo caminhei para o refeitório, sentando-me ao

lado de Loeh. A refeição foi servida pelo novato que ficara encarregue de tal tarefa. Como sempre acontecia, comemos em silêncio.

Quando a melodia anunciou o início do período de retiro, os mestres deixaram a sala, seguidos pelos professores, pelos missionários e finalmente por nós, os novatos. Caminhei com Loeh até à sua casa, despedindo-me da família. Esta era composta por um novato, Loeh, por três missionários que estavam ausentes, por uma professora, a de Teologia-Ciência e pelo mestre. Os restantes seis elementos que compunham a família estavam num lugar distante que ainda desconhecia.

Quando deixei a comunidade, fui para casa. Esta ficava a quinhentos metros das doze comunidades que compunham o primeiro anel. Ainda nada sabia das razões de pertencer a uma família que não se encontrava integrada nos grupos comunitários; do porquê desta estar no centro das comunidades como se fosse um mestre sentado na mesa central do refeitório. Existiria algum fundamento na comparação que Loeh fizera? E foi então que ouvi a voz de Turhi dentro da minha mente: «Não deixes que esses pensamentos obstruam a tua tranquilidade, Taihi. Não deixes que a ansiedade te obrigue a colher os frutos ainda verdes, pois nada poderás compreender do seu sabor. Deixa que estes amadureçam e só então estarás pronto para compreender as razões deste mundo onde vives».

Satisfeito com as suas palavras e com a sua sabedoria, caminhei para casa, de expressão pacificada.



## CAPÍTULO V

VIAJAVA NO BANCO DE TRÁS DO TÁXI COM A MARIA. NA MÃO direita tinha o prospecto que o tal homem misterioso me oferecera na galeria, convidando-me para assistir à sua conferência.

O táxi parou diante da Universidade, partindo de seguida com um estudante que lhe fizera sinal. Entrei com a Maria pela mão, perguntando ao acaso pelo Auditório Principal. E lá caminhámos, por escadas e corredores, até à referida sala, onde já se encontravam algumas pessoas. Era um pequeno anfiteatro, de cadeiras gastas e paredes amareladas pelo tempo. Num dos quadros, ainda se viam alguns rabiscos mal apagados de uma aula anterior, enquanto na parede do fundo se desdobravam vários mapas do cérebro humano; sempre era a Faculdade de Medicina e Psicologia. Segundo o que vinha referido no convite, o seminário era composto por uma série de pequenas conferências em que o tema principal era “Cumprir Portugal”. O David, esse era o seu nome, iria falar do ponto de vista espiritual; assunto que parecia ser do interesse de muitos, a avaliar pelas pessoas que encheram por completo o auditório.

Na curiosidade de saber um pouco mais do homem que me oferecera o convite, interpelei a jovem que estava sentada a meu lado.

— Desculpe incomodá-la.

— Não tem importância — ela sorriu.

— Conhece a pessoa que vai dar esta palestra?

— O David Assunção? Claro que sim. Li muitos dos seus livros.

— E de que tratam esses livros?

— De tanta coisa... - Disse ela de sobranceiras levantadas. — Mas, de todos os assuntos por ele abordados, prevalece uma ideia.

— Qual?

— Que Portugal tem uma tarefa a cumprir no mundo e que não se pode acomodar ao facto de ser visto como um país periférico dos centros de decisão mundial — ela sorriu uma vez mais, arrepiando-me por completo.

Nisto, ele entrou, tomando para si a atenção de todos. Os seus cabelos grisalhos denunciavam uma idade a rondar os cinquenta anos, embora a sua expressão fosse tão jovial quanto aquela que eu via no rosto dos estudantes presentes. A Maria, sentada no meu colo, fixava-o atentamente. Havia algo de diferente no seu olhar, algo que transcendia aquele momento na certeza de qualquer coisa que eu ainda não compreendia muito bem.

— Quero agradecer a presença de todos — disse ele, olhando a plateia de uma forma tranquila e serena. — Sei que muitos de vós já conhecem as minhas posições sobre os assuntos que tenho vindo a abordar em vários livros, e sei também que muitos outros ainda não estão familiarizados com esses assuntos. Hoje irei falar de Portugal como função, não como país, e daquilo que poderemos esperar nos próximos anos que seja manifestado através dessa função. Não são ideias fáceis para quem sempre estive habituado aos paradigmas instituídos, cujas fórmulas repetimos sem as questionar, como se estivéssemos numa espécie de hipnose que nos entorpece a visão, a reflexão e a sabedoria. Gostaria, desse modo, que esta minha pequena intervenção não fosse transformada num monólogo, mas sim num diálogo que podemos partilhar, embora tenha plena consciência que em meia hora não se possa aprofundar muito do tema que aqui me trouxe hoje. Gostaria, por isso mesmo, que todos aqueles que queiram contribuir com perguntas, levantem o braço, digam o nome e façam a pergunta.

Crentes ou não crentes, todos o ouviam respeitosamente. Havia algo de magnético nas suas palavras, na sua postura altiva mas nada arrogante. Era como se ouvíssemos as palavras de um Mestre, de um ser de grande sabedoria. Ele olhou a plateia em silêncio e o silêncio fez-se presente como há muito tempo não sentia. O meu coração pulsou num calor suave como se tivesse sido activado e todo o meu corpo ficou em paz.

— Uma Nova Terra, sem países, sem classes sociais, sem dinheiro, plenamente integrada com os ritmos naturais do planeta, onde todos são verdadeiramente iguais e livres, não é um sonho, não é uma utopia, não é sequer uma quimera — ilusão consciente — alimentada por uns quantos poetas do Espírito.

»— A Nova Terra, como expressão de uma humanidade mais consciente e desperta, é a realidade daqueles que não têm medo de ousar e de afirmar que é possível Ser e Fazer diferente, não num qualquer futuro por anunciar ou já anunciado, mas neste momento que se faz presente, neste espaço diante dos nossos olhos como terra virgem a ser arada pelas mãos da Alma que agirá através daqueles que, mais conscientes, se disponibilizarem a ser de acordo com um novo paradigma civilizacional, totalmente autónomo e independente do sistema vigente, para que, quando este entrar em colapso definitivo, essa alternativa se mantenha a funcionar, como exemplo daquilo que tem que ser feito e também como ajuda a todos os que necessitarem.

»— Partilho estas palavras convosco, não para impor um método, nem, sequer, como um diapasão pelo qual todos têm que se afinar. Estas palavras estão a ser partilhadas, sim, na certeza que cada ser traz em si uma nota de serviço ao planeta que tem que ser manifestada como doação neste período de grandes transformações. Nascem da necessidade de começar a materializar neste mundo em transição uma outra Terra, com novos valores, com uma consciência renovada, com uma outra forma de fazer as coisas.

»— Estamos num mundo em colapso civilizacional. As estruturas vigentes estão a ruir a cada dia que passa e não têm mais como se regenerar. É necessário, por isso mesmo, plasmar uma alternativa que

permaneça e que seja, esta sim, o tal diapasão que irá harmonizar todas as cordas deste imenso e complexo instrumento que é a Terra e toda a Vida planetária.

»— Esse novo paradigma, no entanto, não pode nascer de uma mente formatada pelos valores instituídos, pois seria dar continuidade aos velhos métodos, mas de uma mente liberta que esteja em plena sintonia com a Alma. Não se trata, por isso mesmo, de construir uma Nova Terra, mas sim de dar o espaço necessário dentro de nós para que esta se manifeste através da nossa acção consciente.

»— Portugal, como porta-estandarte desse império novo, o quinto, como sempre foi referenciado, esse império do Espírito santificado pela consciência do Filho que nos impulsiona para a acção em prol de um Novo Mundo, tem um papel único diante de todas as nações que é o de levar o exemplo de quem soube implementar em si essa mudança, mostrando a todos como fazer e o caminho a seguir.

»— Serão nestas terras, preparadas ao longo de séculos para a tarefa que se irá cumprir finalmente, que a Nova Terra começará a despontar como realidade objectiva, através da acção daqueles que têm a responsabilidade de permitir que esta se manifeste. Compete, por isso mesmo, aos políticos deste país a clarividência necessária para perceberem que o destino deste núcleo consciente não é o de ser um simples vagão no meio do comboio, indo a reboque dos poderes instituídos no mundo, mas de ser a locomotiva desse novo paradigma.

»— Um paradigma que irá fazer deste país o primeiro no mundo a conseguir a auto-suficiência energética com energias limpas. Que irá começar a implementar núcleos comunitários que se bastarão a si mesmo, sem necessidade de nada externo e onde o dinheiro não estará presente por não ser mais necessário, pois não só os recursos que a terra nos dá são, como sempre foram, gratuitos, como a mão-de-obra será vista como serviço que se presta à comunidade, não sendo remunerada, e assim todas as necessidades básicas poderão ser supridas e os recursos necessários poderão ser disponibilizados também de forma gratuita. Dessa forma, quando o sistema financeiro mundial entrar em colapso definitivo e o dinheiro deixar de ter valor, — e isso irá acontecer

logo ali ao virar da esquina — Portugal será o único país capaz de dar uma resposta adequada, mostrando a todos os países do mundo como proceder para efectuarem, sem grandes custos sociais, a transição de uma economia centrada no dinheiro para uma economia centrada no planeta, nas pessoas e no seu bem-estar. Poderemos então implementar um novo sistema, onde todos serão verdadeiramente iguais, sem classes sociais, pois tudo o que a terra dá é de todos e para todos, e o serviço que se presta como trabalho é realizado por todos, para o bem comum.

»— Um sistema verdadeiramente livre, de uma liberdade que democracia alguma conseguiu oferecer aos homens, pois escravos do dinheiro e da condição social, ninguém alguma vez pode experimentar a verdadeira liberdade, que nasce apenas quando o Ser é pleno em si mesmo, sem que nada de externo o possa condicionar.

»— E se essa clarividência se fizer presente nos novos políticos deste país, então sim, o Portugal descrito no poema de Fernando Pessoa poderá finalmente cumprir-se.

Por momentos, fez-se novamente silêncio. Ele olhou a plateia de um extremo ao outro e depois fixou uma das pessoas que estavam na primeira fila e para quem ele tinha olhado muitas vezes ao longo da sua intervenção, como se estivesse a falar para ela. E foi essa mesma pessoa que levantou o braço para o interpelar, fazendo convergir sobre si o olhar de todos.

— O meu nome é António.

— E qual é a pergunta, António?

— Existem dois aspectos da sua intervenção que tenho alguma dificuldade em aceitar, ou talvez, dizendo de outra forma, em compreender.

— E quais são? — Perguntou ele numa expressão conciliadora.

— Um destes tem a ver com a energia. Você refere que Portugal poderá vir a ser o primeiro país no mundo auto-suficiente energeticamente com energias limpas. Ora, é sabido hoje que, mesmo sendo Portugal líder nesse tipo de energia e tendo feito uma aposta nas mesmas, estas cobrem apenas uma percentagem muito pequena das necessidades

energéticas do país. Gostaria que nos explicasse como podemos conseguir essa auto-suficiência sem ter que encher cada metro quadrado das nossas serras com aerogeradores, o que não só ficaria feio, como arriscar-nos-íamos a levantar voo com tanta ventoinha a girar.

Todos riram com aquela observação humorada, incluindo o David.

— Na verdade, António, não é necessário colocar mais aerogeradores. A solução energética para o País é na verdade muito simples, mas requer da parte dos políticos a coragem de fazer dessa solução uma Lei que todos tenham que cumprir. E essa solução simples passa por colocar cada cidadão deste país a produzir a sua própria energia. Ou seja, em vez da companhia de electricidade alugar um contador a cada um dos seus clientes, passará a alugar um kit de energias renováveis, composto de painéis solares. E mesmo que esse kit não seja suficiente para suprir as necessidades de muitas casas, aquilo que cada cliente irá buscar à rede será diminuto e assim haverá um excedente de energia limpa no sistema que depois poderá ser vendida pela própria companhia ao estrangeiro. E falo em vender, porque isto é algo para ser implementado a médio prazo, já que lá mais para a frente isso não se colocará mais, pois deixará de existir sistema financeiro.

— Essa é exactamente a minha segunda pergunta. Como podemos nós viver num mundo sem dinheiro? Parece-me algo totalmente impossível de acontecer.

— Tu já reparaste António, que se neste exacto momento todo o dinheiro do mundo desaparecesse que não haveria nenhuma razão objectiva, e eu repito, nenhuma razão objectiva, para que o mundo deixasse de funcionar? Porque os recursos estão na terra e a terra não cobra nada por eles. A mão-de-obra está disponível. As fábricas e os serviços estão implementados. A tecnologia está criada. Tudo poderia continuar a funcionar sem dinheiro, porque objectivamente não depende deste para que assim seja. O problema é que vivemos numa sociedade que vive nesta hipnose de achar que o dinheiro é necessário para que o mundo funcione. Pois, não é! Ele serve apenas como instrumento de controlo dos países e das populações, mantendo-as presas a um sistema escravagista, porque se não tens dinheiro não tens a liberdade de Ser e de Fazer.

— Mas se eu vou à padaria eu tenho que pagar pelo pão porque este teve custos de produção. Já nem estou a pensar no lucro do padeiro, mas nos custos que este teve para produzir o pão.

— E se o pão fosse produzido a custo zero. Terias que pagar por este?

— Mas não é possível produzir o que quer que seja a custo zero!

— Imagina que um dia o agricultor ao olhar para as sementes de trigo nas suas mãos compreende que estas não têm nenhum valor monetário. E se esse agricultor não colocar valor algum na sua mão-de-obra e as lançar à terra, o que dali irá crescer continuará a não ter valor. E quando chegar a época da colheita se esse agricultor fizer do seu trabalho um acto de serviço à comunidade e valor algum colocar nesse mesmo trabalho, o que dali for colhido será colocado no seu armazém sem que nenhum valor seja associado a esse produto. E quando o moleiro lhe bater à porta para comprar o seu trigo, o agricultor, percebendo que este não teve custo algum, simplesmente disponibilizará esse produto sem cobrar o que quer que seja pelo mesmo. E se o moleiro perceber que se ele não colocar valor na sua mão-de-obra, fazendo desta um serviço que presta à comunidade, aquele trigo poderá ser transformado em farinha e esta continuará a não ter nenhum valor monetário. E assim, quando o padeiro for buscar a farinha para fazer o seu pão e esta não lhe custar nada, e se valor algum ele colocar no seu trabalho, o produto desse trabalho, o pão, poderá ser disponibilizado gratuitamente a todos. E assim, tanto o moleiro, como o agricultor poderão passar pela padaria e levar o pão sem ter que pagar pelo mesmo. — Ele fez uma breve pausa, sorrindo suavemente. — Este é o sistema que irá inevitavelmente ser implementado no mundo. Poderia ser de forma suave, mas devido aos poderes instituídos, em particular os mais ocultos que operam por detrás dos governos do mundo, não será uma transição suave e em muitos casos será mesmo caótica. Quando o sistema financeiro ruir por completo e o dinheiro deixar de ter valor, não haverá outra alternativa que passar de uma economia centrada no dinheiro para uma economia centrada nas pessoas e no seu bem-estar. Portugal irá ter um papel nuclear durante este período de transição, pois, na altura em que isto acontecer, será o único, assim se espera, que terá começado a fazer esta

transição antes do colapso definitivo do sistema e será visto por todos os países do mundo, como o exemplo a seguir.

Uma outra pessoa levantou o braço, interpelando o David.

— O meu nome é Susana e o que queria perguntar é se tudo isso que Portugal tem que manifestar está ligado com a Hierarquia Espiritual Portuguesa? Existe mesmo essa hierarquia de seres iluminados?

— Na verdade, Susana, não existe nada nos Planos Internos que tenha uma correspondência com esse nome. É uma designação criada por nós, revestida de uma certa carga nacionalista que, no seu extremo, pode levar a situações que não são muito diferentes de um nacional-socialismo nazi, com toda a exaltação do povo alemão e da raça Ariana. Já li textos onde se fala do povo Lusitano de uma forma que não é diferente da falada pelos nazis a respeito da sua visão de um povo eleito e de uma raça sobre-humana e especial. Há que ter muito cuidado com estes termos e com a carga psíquica e emocional com que os revestimos, porque senão, daqui a pouco, já estaremos a criar o panteão dos Deuses Portugueses, passe a ironia.

»— Nos Planos Internos não existe uma Hierarquia Espiritual Portuguesa, mas consciências que operam em função de uma programação planetária ligada com uma zona específica desse mesmo planeta. Consciências, essas, que não têm, como é evidente, nacionalidade alguma. E mesmo que tenham encarnado neste país, e tenham desempenhado funções nucleares na preparação de toda a programação que é necessário manifestar nesta zona do planeta, não faz delas Portugueses.

»— Aliás, **ninguém é Português**. — Ele reforçou aquela frase num tom de voz mais elevado. — Somos consciências espirituais operando numa dimensão dual, e buscando afinar a nossa nota interna com o diapasão daquilo que poderia ser chamado de Alma Portuguesa, que é universal, e que na verdade nada mais é que a matriz arquetípica dessa mesma programação com a qual temos que nos afinar.

»— Vamos de uma vez por todas despir todo esse vestuário mofado, de povo, raça, nação. Que nos libertemos de toda essa carga psíquica, velha, para que possamos nos abrir para a realidade de uma programação que é planetária e da qual somos operadores conscienciais.

»— Insisto: **ninguém é Português** ou de qualquer outra nacionalidade. Que isto possa penetrar no âmago das nossas células e libertar-nos de tantas coisas antigas.

»— Todos os grandes seres que encarnaram neste país são consciências ao serviço de um programa que é planetário, destacadas para operar dentro da função que essa Alma tem que manifestar nesta parte do planeta. Consciências ligadas a conselhos internos que estão muito para além das nacionalidades ou das raças e seus respectivos povos.

»— Se queremos verdadeiramente penetrar nessas realidades e alinharmo-nos com um propósito mais interno ligado a essa programação, temos, de uma vez por todas, que despir esses trajes de portugueses ou lusitanos, ou o que quer que seja, senão ficaremos no palco das vaidades e da ambição espiritual a representar uma peça de teatro fantástica, mas totalmente fora de tudo o que é real.

»— Que saibamos viver a humildade daqueles que não buscam nenhum tipo de protagonismo e, no silêncio interno de quem contacta estas realidade pelo fio da consciência desperta e despojada, possamos verdadeiramente nos coligar com a função interna que está para ser manifestada nesta zona do planeta.

»— A Alma portuguesa não está ao serviço de Portugal nem é parte integrante deste país. Os conselhos internos que operam através desta, não estão subordinados a esta nação nem ao seu povo, seja este qual for. Essas realidades operam em esferas extra-planetárias, embora presentes como manifestação operacional na substância deste planeta.

»— E volto a repetir a mesma frase: **ninguém é Português**.  
Ela sorriu, ficando em silêncio.

— Vejo que não há mais ninguém...— disse ele percorrendo a assistência com o seu olhar sereno. - ... Sim?

— Pode você provar todas essas coisas que fala? A existência de uma Alma, de um Espírito, da tarefa destinada a Portugal?

— Não. — Disse ele de forma segura e tranquila.

— Então qual é o valor dessas coisas se não há prova alguma que as legitime?

— Qual é o teu nome?

— Francisco.

— Pois bem, Francisco. Imagina que tu chegavas a um planeta onde as pessoas, todas elas, não tinham o sentido da visão. Não poderíamos chamá-las de cegas, já que a existência de olhos era algo que não estava codificado nos seus genes. Eram apenas diferentes. Perante o grupo que te recebeu, começarias por elogiar a beleza do planeta, falando sobre a luminosidade e sobre as cores vivas que caracterizavam a vegetação. Como achas que essas pessoas iriam reagir às tuas palavras?

— Com cepticismo, creio.

— Imagina, também, que alguém do grupo, um pouco mais tolerante, te perguntaria como podias tu saber dessas coisas a que chamavas luz e cor, se eles nada sabiam da sua existência. O que lhe responderias?

— Que as via.

— Falavas então sobre o sentido da visão. Eles, que apenas tinham quatro sentidos, como reagiriam à tua descrição?

— Com descrédito, naturalmente.

— Julgariam certamente que era tudo fruto da tua imaginação, algo justificado apenas à luz de superstições e crenças, não seria assim?

— Creio que sim.

— Imagina agora que do meio deles, alguém mais céptico, exigia que lhes provasses a existência de tais coisas. O que lhe responderias?

— Ele ficou em silêncio. — Não tinhas como lhes provar, pois não?

— Creio que não.

— E no entanto, em ti, não existia dúvida alguma sobre a existência da luz e das cores, não é verdade?

— Sim.

— Comprendes agora porque é que eu não posso provar a existência dessas realidades espirituais? — Ele assentiu. — Da mesma forma que para ti a existência da luz e das cores não era uma questão de crença, mesmo que as pessoas desse planeta assim o pensassem, mas

uma certeza, também para mim, e para tantas outras pessoas neste mundo, a existência dessa outra dimensão espiritual não é mais uma questão de crença, mas uma certeza tão concreta e definida quanto aquela que qualquer um de nós tem em relação à existência do próprio Sol. — O David sorriu. Olhou depois para o relógio. — Infelizmente vamos ter que terminar a palestra. Foi um prazer ter estado convosco.

Todos se levantaram, ouvindo-se um burburinho de fundo alimentado pelos comentários que alguns trocavam entre si. Saíram depois lentamente em filas que se foram formando. Ele, David Assunção, olhou para mim num sorriso que me contagiou. Caminhei na sua direcção, com a Maria diante de mim, parando junto da porta de saída.

— Como estás? — Perguntou ele, cumprimentando-me com um estender de mão.

— Bem. E o senhor?

— Por favor, Vera. Não me trates por senhor. Chamo-me David. Sorri-lhe.

— Gostei muito da palestra, sabe? Senti uma ligação profunda com tudo o que falou.

— Isso significa que essas palavras fazem parte de ti. — Ele agachou-se junto da Maria. — Onde está o meu abraço? — Perguntou ele, sorrindo.

Ela abraçou-o de uma forma que me comoveu. Existia uma sintonia muito especial entre ambos, embora desconhecesse as razões de tal afinidade.

— E se fossemos almoçar juntos? — Perguntou ele, levantando-se. — Conheço um lugar muito especial aqui na cidade.

— Aceito o convite. — Concordei, sorrindo uma vez mais.

Deixámos a Universidade por entre a multidão de estudantes. O tempo estava frio e seco, transformando a nossa respiração numa névoa que o vento elevava em serpenteados vários. Já dentro do carro, tombei o banco da frente, colocando a Maria na parte detrás com o cinto que lhe prendi. Sentei-me depois ao lado do David, fazendo o

mesmo gesto no clique quase inaudível do cinto a ser colocado. E lá partimos, no ritmo lento de quem não tinha pressa.

— Sei que é escritor! — Disse eu, quebrando o silêncio.

— Escritor? Não! — Ele sorriu. — Sou apenas alguém que escreve. Ser escritor implica ter a profissão de escritor e eu escrevo apenas quando tenho coisas para dizer.

Ficamos novamente em silêncio. Depois de atravessarmos parte da cidade, ele estacionou o carro junto de um jardim.

— Não conhecia este lugar. — Disse eu, saindo do carro.

— É um lugar que poucos conhecem, embora fique bem situado. Talvez a sua conotação com um certo misticismo assuste as pessoas.

O jardim estendia-se na diversidade do arvoredo denso, serpenteando em caminhos de pedra calcetada. Parecia que tínhamos entrado num outro mundo. Os vários lagos reflectiam a beleza circundante no ondular constante deixado pelos gansos que nadavam na serenidade de quem não conhecia outro lugar. Sobre a relva aparada, vários pavões exibiam as suas exuberantes caudas, cativando o olhar da Maria que caminhou para eles sem que estes se afastassem.

— Que lugar bonito, este! — Disse eu, olhando à volta.

— Sim, é verdade. É um lugar muito especial. Para aqui vêm todas as pessoas que procuram um pouco de paz de espírito. Não sei se já reparaste, mas este jardim é feito à imagem dos jardins orientais. É o lugar ideal para meditar.

— Tenho que vir aqui mais vezes.

A uns metros mais à frente, um grupo de pessoas expressava-se em movimentos suaves e sincronizados com os gestos daquele que as orientava, praticando aquela forma de ginástica mais dedicada à alma que ao corpo. As flores cativaram-me com as suas cores vivas e perfumes intensos, pacificando-me ainda mais. Era um breve vislumbre do paraíso que ali se podia respirar, fazendo-nos esquecer a confusão da cidade que cercava o jardim, como mar revoltado em torno de uma ilha perdida no meio do oceano. Depois de caminharmos por alguns minutos, chegámos ao restaurante. Este tinha sido construído numa ilha de

onde várias pontes, arqueadas em ornamentos que as decoravam com motivos orientais, faziam a ligação com as margens.

— Espero que gostes de comida vegetariana, Vera! — Disse ele, enquanto atravessávamos uma das pontes.

— Eu sou vegetariana.

— Ótimo! — Ele sorriu.

Assim que entrámos fui invadida pelo cheiro do caril que tanto gostava e pelo som de uma música de fundo que parecia sincronizada com as expressões tranquilas e pacificadas daqueles que ali comiam. Um dos empregados, também ele oriental, encaminhou-nos para uma mesa junto da janela que dava para o lago e de onde se podiam observar alguns cisnes que deslizavam na água como se escorregassem por uma superfície polida.

— Vem aqui muitas vezes?

— Sempre que posso, sim. É um lugar de muita paz.

— É verdade. É algo que se sente no ar. Só tenho pena de não ter conhecido este lugar há mais tempo.

O empregado aproximou-se com o menu, colocando-o diante de nós.

— O que é que aconselha? — Perguntei ao David.

— Tudo aqui é muito bom. Aquilo que escolheres será aquilo que eu aconselho. - Ele sorriu.

— Então vou escolher uma açorda de legumes — Olhei para a Maria. - E tu, filha, o que queres comer?

— Quero sopa.

— Não queres comer um pouco da açorda com a mãe?

— Não. Eu quero sopa.

— São duas açordas de legumes e uma sopa de... — Ele olhou para mim.

— Pode ser uma sopa de coentros — disse eu.

— E para beber? — Perguntou o empregado enquanto escrevia o pedido.

— Água — dissemos ao mesmo tempo, sorrindo.

O empregado afastou-se, deixando-nos no silêncio que aquele lugar inspirava. A decoração estava repleta de motivos orientais: alguns budas em nichos na parede, a roda de Dharma nos pilares de pedra que sustentavam toda a estrutura e os mais variados símbolos e divindades que pareciam zelar pela tranquilidade de todos nós. Alguns quadros compunham a decoração da sala. Num deles, uma montanha coberta de neve sobressaía em contornos brancos e escarpados e, num outro, um palácio quadrado com quatro portas fazia realçar as imagens de deusas que sobre ele dançavam. O palácio tinha nove andares, por cima dos quais flutuava uma bandeira com a roda de Dharma, ladeada por um casal de gamos. As telhas tinham a cor do ouro, pendendo dos seus rebordos ornamentos de pérolas. Estava simplesmente fascinada com aquela imagem. No centro do palácio encontrava-se um trono de ouro que tinha por base oito leões e, sentado nesse trono, um homem de expressão compassiva.

— É o mestre de Shamballa, Ma-gag-pa. — Disse ele, observando a minha curiosidade.

— Existe algo de... de mágico no quadro.

— Diz a tradição que o país de Shamballa é o centro espiritual do planeta, escondido pela neve e pelas montanhas do grande Himalaia. Mas isso tu conheces, não estou a contar-te nenhuma novidade.

— As lendas do Oriente sempre me fascinaram... Sim, não são novidades para mim. Embora nestes últimos anos de travessia de um deserto bastante árido tenha-me fechado para tudo isso.

— A travessia do deserto é algo essencial para todos aqueles que aspiram ao verdadeiro serviço, Vera. Sem essa travessia não há como fazer um contacto verdadeiro e permanente com a Alma. Assim foi com Jesus e assim é com todos nós.

O seu olhar parecia querer dizer-me mais que as palavras, embora ele tentasse disfarçar. O empregado chegou entretanto, colocando os dois tachos de barro sobre a mesa e o prato de sopa diante da Maria. Afastou-se depois, desejando-nos um bom almoço.

— Porque é que se sujeita ao cepticismo dos outros, como na palestra? — Perguntei, enquanto colocava a açorda no prato.

— Porque nas minhas palavras poderá estar a chave que lhes permita, um dia, abrir as portas do seu Templo Interno.

— Mas a maioria não acredita naquilo que o David acredita.

— Não tem importância. Talvez funcione como uma pequena semente plantada dentro de cada um, que poderá não germinar agora, mas que já terá valido esse esforço. O importante é que reflectam sobre os assuntos sem medos ou preconceitos, mesmo que neles ainda não acreditem. A mim compete-me revelar a verdade que me foi dada compreender, respeitando a deles que também é verdadeira — Ele serviu-se.

— Mas como podem ser as duas verdadeiras? — Perguntei.

— A verdade, Vera, sendo a expressão interior daquele que interpreta a vida em seus limites, é um reflexo de cada um de nós como um esboço dessa Verdade maior. Apenas é universal na dimensão interior de cada ser em particular. Não deverá, por isso mesmo, ser vista como algo absoluto que se impõe, mas unicamente como a expressão interior de quem, nos seus gestos, tentou desenhar essa Verdade maior sem nunca poder abarcá-la na sua totalidade, já que também esse todo é, em si mesmo, um limite a ser transposto pela evolução do próprio Universo. No entanto, apesar de não podermos abarcar o todo, também ele limitado, a compreensão pessoal que fizemos do mundo, e da vida em si, será sempre um reflexo dessa Verdade universal e, por isso mesmo, parte integrante desse todo, embora nunca possa ser vista como algo acabado, definitivo ou absoluto. Creio que aquilo a que chamamos de Verdade deva ser separado das ideias instituídas que sempre nos foram impostas, já que a Verdade tem por alicerces a sabedoria e não o conhecimento. Diante das palavras de um homem sábio, Vera, apenas ficamos com o conhecimento da sua sabedoria e não com a sabedoria em si mesmo. Esta, teremos que encontrá-la em nós próprios, num esforço interior que nos permita interpretar o mundo pelos nossos olhos, moldando essa tal verdade à imagem daquilo que somos e nunca à imagem daquilo que temos ou julgamos possuir. Desse modo, a verdade pessoal, esculpida a partir da nossa sabedoria interior, será sempre parte

dessa Verdade maior e, assim sendo, real e verdadeira, mesmo que se transforme com o tempo, assumindo novas cores, novas formas, olhares diferentes de alguém que desperta para uma existência eterna e infinita na sua expressão, fazendo dessa verdade parte integrante de tudo aquilo que É e que sempre Será, por mais diversos que sejam os caminhos de cada um de nós. Compreendido isto, deixa de existir espaço para a intolerância, para o ódio, para os conflitos vários que nos separam no medo da diferença, já que despidos de certezas absolutas, abrimos caminho para a verdadeira fraternidade entre os homens, compreendendo, finalmente, que todas essas diferenças são reais na dimensão interior daquele que as interpreta e, por isso mesmo, partes de um todo que se completa em cada um de nós.

— Quer dizer então que tudo aquilo em que eu acreditar será sempre verdadeiro?

— Sim. Deixará de o ser quando deixares de acreditar. Mas só tu podes mudar a tua verdade.

— E se eu nunca mudar? — Perguntei, parando de comer.

— Mudarás sempre. Não existem verdades absolutas. Todo o Universo é movimento.

Olhei novamente para a Maria que brincava com a colher, traçando trilhos na sopa.

— Não tens fome, querida?

— Não.

— Mas tu não comeste nada hoje de manhã! — Peguei na colher. — Vá lá, filha! Só mais uma, está bem?

Ela acedeu, embora levemente contrariada. Fixei depois o David, contemplando o seu rosto sereno. Havia algo de muito especial no seu olhar, algo que transpunha os limites do tempo na certeza de um outro encontro.

— Reparei que durante a sua palestra o David olhava constantemente para a pessoa que depois o interpelou, como se falasse para ela. Havia alguma intenção nisso?

— Sim, foi consciente. Houve ali um diálogo entre as nossas Almas. Era importante fazer chegar alguma informação, e mais que a informação, o estímulo necessário para que ele começasse a ver as coisas de outra forma.

— E porquê?

— Porque daqui a alguns anos ele será primeiro-ministro deste país e irá implementar medidas que irão revolucionar por completo a forma como se governa. Começará por ser presidente de um município e depois tornar-se-á primeiro-ministro, fazendo a revolução necessário rumo a um novo paradigma.

— Será preciso muita coragem para levar uma revolução dessas adiante.

— Sim, mas existem seres que nascem com a tarefa de promover essas revoluções, e assim será com o António no seu devido tempo. São seres que trazem uma insígnia de serviço à qual não podem fugir, sendo instrumentos directos dos Planos Superiores, embora geralmente sejam seres brancos, no sentido em que não professam nenhuma filosofia, doutrina ou religião.

— E o David, professa alguma religião? — Perguntei.

— Não, Vera. Se tivesse que ter uma religião essa seria a humanidade em geral e não uma doutrina em particular.

— É curioso! — Sorri-lhe. — Em tempos usei essas mesmas palavras com alguém muito especial.

— Eu sei, Vera. Usaste-as com o João.

— Como sabe do João!? — Perguntei perplexa.

— Sei tudo a vosso respeito. — Ele fixou-me de expressão séria. — Mas não vejas nisso nada de mau.

— Mas como sabe de nós os dois!? — Insisti eu.

— Porque os nossos destinos estão ligados, Vera.

— O David não me convidou para a palestra e para este almoço para falar dos meus quadros, pois não? — Perguntei eu, na tentativa de compreender tudo aquilo.

— Não.

— E qual é então a razão deste nosso encontro?

Ele assumiu uma postura vertical, preparando-se para falar de coisas muito sérias.

— A razão deste nosso encontro, Vera, é levar-te a assumir a tua tarefa, agora que estás a sair do deserto. Não há mais tempo a perder. Tens que curar o passado e alinhares-te com o presente.

— E que tarefa é essa? — Perguntei, num tom impaciente.

— Não serei eu a falar sobre isso. Tu sabes quem irá responder a essa pergunta, não sabes?

— Sim. — Disse eu de olhos húmidos. — Tenho um segundo encontro marcado com Madalena nas margens daquele Lago, isso se ela não desistiu de mim. — Disse eu, entre sorrisos e lágrimas.

— Madalena nunca desiste daqueles que são seus discípulos directos. Mas antes que esse encontro possa acontecer, terás que fazer as pazes com o passado. — Ele fixou-me de olhar contemplativo. — O que pensas sobre a regressão? — Perguntou ele.

— Nunca me debrucei muito sobre o assunto, mas acho que possa ser um instrumento útil para quem necessite curar coisas do passado.

— Acho que seria o instrumento certo para ti neste momento, para poderes compreender um pouco melhor da tua história passada. Sabias que tu e a Maria já viveram juntas numa outra vida? Foi lá que começou a ser escrito o epílogo da tua existência neste mundo.

— Já suspeitava disso! — Sorri, olhando depois para a Maria que comia muito lentamente a sopa.

— Sim. Já nesse tempo ela era tua filha, embora adoptada.

— Mas como sabe tudo isso? — Larguei o garfo, limpando a boca a um guardanapo de pano.

— Digamos que também andei por lá. — Ele sorriu de expressão aberta e pacificadora.

— Então tudo aquilo que eu tenho experimentado nos últimos dias... as imagens que não compreendo e que vejo nitidamente estão relacionadas com essa vida passada?

— Sim. Essas imagens são do passado.

— Tem a certeza? — Insisti eu.

— Tenho, Vera.

— É que até já pensei em esquizofrenia.

— Essa é a explicação dos médicos; um atalho usado muitas vezes por não compreenderem as verdadeiras razões de tal comportamento, o que não significa, no entanto, que alguns casos de esquizofrenia não possam ser o resultado de doenças mentais. O erro está quando fazemos disso uma generalização. O importante é que te libertes dessas imagens.

— E porquê? — Estava cada vez mais curiosa com tudo aquilo que ele me contava.

— Porque elas reflectem o teu apego a coisas que já deveriam estar ultrapassadas.

— Também tenho tido um sonho que se repete há cerca de três anos. Nesse sonho vejo-me a caminhar pelo deserto sem um rumo definido. Sinto que procuro alguma coisa, mas não sei o quê.

— Talvez o sonho seja a chave que está por detrás das imagens. Uma procura inconsciente daquilo de que sentes falta no presente.

— Gostava de compreender um pouco melhor esse passado.

Ele retirou do bolso um cartão que me entregou.

— Aconselho-te a teres uma consulta de hipnose regressiva com esse psicólogo. Ele ajudar-te-á a compreender as razões que ainda te prendem ao passado e a libertares-te dessas amarras para que possas viver plenamente o presente. Só então o teu reencontro com Madalena poderá acontecer.

Continuámos a refeição ao som harmonioso da música que se repetia numa suave melodia. Quando terminámos, ele pediu a conta ao empregado, pagando o almoço. Ainda insisti em pagar a minha parte,

mas ele recusou. Depois de sairmos do restaurante, caminhámos de volta pelo caminho que ali nos tinha levado. A certa altura a Maria correu na direcção dos pavões junto dos quais se agachou em carícias doces e suaves.

— Se quiseres eu levo-vos a casa!

— Agradeço, David. Mas acho que vou ficar um pouco mais por aqui... e, depois, ainda tenho que passar pela galeria.

— Infelizmente, não posso ficar.

— Não se prenda comigo. — Disse eu, sorrindo. — Já foi muito bom este nosso almoço.

— Dá um beijo à Maria da minha parte — ele olhou para ela, sorrindo sem esboçar esse gesto. Era como se o sorriso viesse dos olhos.

— Darei.

— Então até ao nosso próximo encontro, Vera.

— E como posso encontrá-lo? — Perguntei.

— Não te preocupes! — Disse ele pegando-me na mão. — Esse encontro já está escrito há muito tempo e não temos como falhar. É uma dívida que vem do passado.

E logo se afastou. Por breves momentos tive a sensação estranha de me encontrar na porta principal de uma igreja, observando-o enquanto ele partia. Não eram imagens como as outras, mas memórias por despertar.

Ele desapareceu numa das curvas do caminho de pedra calcetada. A Maria, que brincava junto dos pavões, aproximou-se de mim.

— Mãe!

— Sim, querida.

— Ele vai voltar?

— Sim.

— Fui eu que cuidei das feridas dele, sabias?

Passei a mão pelos seus cabelos, sorrindo. Um novo caminho se anunciava diante de nós como aquele que em tempos me levara até junto do João. E, quem sabe, se este não teria o mesmo desfecho!

## CAPÍTULO VI

LOGO APÓS TER DESPERTADO DE UM SONO TRANQUILO, levantei-me, vestindo a túnica branca que se encontrava dobrada a meu lado. Tinha sonhado com uma criança de rosto terno que caminhava de mãos dadas comigo e com alguém de quem não conseguia ver o rosto. Aquela era uma imagem familiar que despertava em mim memórias que não recordava; memórias presentes na distância de uma ausência que me inquietava pela força de um sentimento que nunca antes tinha experimentado. Assim que deixei o quarto, caminhei para a sala onde uma enorme porta-janela se debruçava sobre o lago. Junto da margem encontrei o nosso mestre, Turhi. Aproximei-me.

— Senta-te a meu lado, Taihi.

Assim fiz, contemplando o lago na serenidade que as águas calmas me inspiravam.

— Tive um sonho tão estranho, mestre.

— Eu sei, Taihi. Sonhaste com as pessoas que deixaste nesse passado que não recordas — disse ele sem tirar os olhos do lago.

— Eram meus familiares? — Perguntei, olhando para ele.

— Não só eram, como continuam a ser teus familiares. É que a criança, assim como a jovem, fazem parte desta nossa família. A criança chama-se Yurhi e a jovem de quem não conseguiste ver o rosto chama-se Zaihi.

— São elas missionárias?

— Não no sentido que dás à palavra. A criança está encarnada como guia espiritual daquela que é sua mãe.

— E a mãe? — Insisti eu, no desejo contido de conhecer um pouco mais desse alguém que tanto parecia significar para mim.

— Ela cumpre uma missão diferente, embora igualmente importante. — Ele fez uma breve pausa. — Hoje é o teu último dia como novato. Quando te tornares missionário a amnésia desaparecerá e tudo se tornará claro para ti.

— Sinto que estou pronto para tal mudança, mestre! — Disse eu, olhando para o lago.

— Eu sei que estás — ele olhou para mim pela primeira vez, sorrindo suavemente —, mas agora vai, Taihi. Eles esperam-te na comunidade. Ainda és um novato, não te esqueças, e como tal tens tarefas a cumprir.

— Eu sei, Mestre — disse eu, levantando-me.

E logo parti pelo carreiro de erva-fina que me levou até à comunidade aonde tinha sido integrado como se fizesse parte de uma das famílias. Todos me aceitaram sem questionar tal intromissão, vendo-me como um dos seus. E eu sentia-me entre irmãos. Assim que cheguei, desloquei-me na direcção da casa da família que me adoptara, encontrando Loeh no meio das árvores de fruto.

— Olá, Loeh.

— Hoje atrasaste-te um pouco, Taihi — disse ele sorrindo — já tenho os cestos cheios.

— Desculpa, Loeh, mas estive a conversar com o meu Mestre. Espero não te ter dado trabalho a mais pela minha ausência.

— Não tem importância — ele sorriu uma vez mais.

Colocámos os cestos na plataforma flutuante, caminhando com estes até à sala do refeitório. As crianças brincavam, como sempre, no jardim que circundava o edifício central, correndo na alegria que nos

contagiava com a força que delas irradiava. Pelo caminho cruzámo-nos com os outros novatos que transportavam os alimentos produzidos pelas suas famílias, que depois seriam deixados aos cuidados daqueles que iriam ser os responsáveis pelas refeições naquele dia. Assim que deixámos a comida no refeitório, foram-nos dadas as tarefas. A mim coube-me acompanhar as crianças. E logo descí até ao jardim, chamando-as para junto de mim. Elas correram de olhar sorridente e cintilante, cumprimentando-me como das outras vezes.

— O que gostariam de fazer hoje? — Perguntei, de sorriso no rosto.

— Queremos passear — disse uma menina de longos cabelos castanhos.

Esse era, aliás, o principal pedido que faziam a todos os novatos que cuidavam delas, pois apenas com a presença de alguém mais velho podiam deixar os limites daquele lugar. E assim partimos até um pequeno ribeiro que serpenteava junto de uma das extremidades da comunidade, indo depois desaguar no lago perto da minha casa. As doze crianças, sete masculinas e cinco femininas, caminhavam de mãos dadas, formando um cordão e cantando na vivacidade da sua alegria que tudo preenchia de cor, iluminando cada recanto daquele lugar repleto de vida. Os pássaros esvoaçavam sobre nós, acompanhando a melodia por elas entoada no chilrear tranquilo de quem não temia a nossa presença. Alguns antílopes de pequeno porte corriam à nossa volta, em saltos graciosos e ritmados com a alegria trasbordante que aquelas crianças irradiavam em sorrisos repletos de luz. Parecia que toda a natureza nos acompanhava. Quando chegámos junto do ribeiro, sentámo-nos nas margens cobertas de areia, contemplando a água que corria sobre as pedras redondas.

— Como é bonito este lugar, não concordam? — Perguntei eu, olhando para cada uma delas.

— Sim — disse uma linda menina de sorriso rasgado. — É bonito porque Deus está dentro de todas as coisas, mas não é como se estivesse lá dentro fechado... é como se o dentro e o fora fossem iguais.

— E o que pensam sobre Deus?

— Deus é como um pai, mas Ele não tem um corpo como a gente — respondeu um rapaz de ar compenetrado. — Ele é como o vento que a gente não vê mas sabe que existe.

— Mas Ele também é o vento, — replicou outra criança — as árvores, os pássaros e as pessoas também.

— Acham então que Deus criou todas as coisas?

— Deus não criou as coisas — disse uma outra criança — quando ele nasceu é que tudo foi criado.

— E quem criou as coisas? — Perguntei de uma forma provocadora.

— Foi o pai de Deus é que criou o nosso Deus. E o nosso Deus são todas as coisas que existem.

— E quem criou o pai do nosso Deus? — Insisti eu.

— Foi o avô do nosso Deus.

Aquela ideia de Deus, ou o nosso Deus como elas diziam, não ter criado, mas ser o próprio Universo, levantava em mim várias questões ainda não totalmente resolvidas. Sempre concebera Deus como o criador, e agora, na inocência daquelas palavras que as crianças partilhavam comigo, tinha sido confrontado com a ideia de um Deus que não era o criador do nosso Universo mas o Universo em sim mesmo. Um Universo consciente-de-si na Vida e na Inteligência que lhe dava expressão.

— E porque é que vocês acham que Deus existe?

— Deus existe porque o pai dele quis ter um filho. — Disse uma delas que até então tinha ficado em silêncio. — E quando Deus nasceu apareceram todas as coisas, e nós também somos filhos do pai de Deus, porque nós também somos Deus, mas não como se fossemos Ele, só que também somos Ele.

— Sim, é verdade — disse uma outra criança — é como se Deus fosse uma árvore e nós fossemos os frutos, mas os frutos também são a árvore porque dentro deles estão as sementes e as sementes têm

uma árvore lá dentro. E o pai de Deus é o homem que plantou a árvore, mas ele também é filho de outro pai.

— E como é que Deus fala connosco? — Perguntei eu, deliciado com a sua sabedoria.

— Ele fala quando a gente está a dormir. Ele diz para a gente ficar com a lembrança d’Ele e Ele fica com o nosso sorriso. E depois a gente lembra-se d’Ele e Ele fica contente.

— Ele também fala através das fadas! — Disse uma outra criança.

— Das fadas!? - Interroguei-me surpreso.

— Sim, elas também são uma parte de Deus. Quando a gente fala com elas, elas dizem que Deus está em todas as coisas e que se a gente quiser falar com Ele só temos que olhar para os pássaros, para as árvores, e Ele fala com a gente através do vento, dos perfumes das flores e das cores...

Estava encantado com a sabedoria que demonstravam, com a certeza que colocavam em cada palavra, em cada gesto, como se tudo aquilo que diziam fosse em si mesmo a própria verdade, pois era como se Deus falasse através da sua inocência. E eu que deveria estar ali para lhes ensinar um pouco do mundo e eram elas que me ensinavam a ver Deus de uma forma completamente diferente. Quem seriam aquelas crianças? Porque é que não pertenciam a nenhuma das famílias como todos nós? Porque não estavam elas junto dos seus pais? Sabia que não deveria deixar que a curiosidade moldasse o meu pensamento, mas o olhar que delas irradiava, inquietava-me profundamente. Era como se estivesse diante do meu mestre.

Momentos depois, quando a melodia vinda da comunidade anunciou o período da primeira refeição, caminhei com elas até à casa onde tinha sido integrado. Como não podiam comer no refeitório, a refeição era servida na casa do novato que cuidava delas e que as acompanharia até ao início do período dos estudos. Loeh, que tinha ficado encarregue das refeições, trouxe os pratos, devidamente confeccionados, que colocou sobre uma mesa circular. E ali comemos em silêncio.

Quando chegou a hora dos estudos, anunciado pela respectiva melodia, deixei as crianças no jardim. Eram seres profundamente responsáveis, respeitando as leis daquele lugar sem as questionar, e assim ficaram sozinhas sem ninguém por perto para cuidar delas. Caminhei depois para a sala central do andar de baixo, entrando com os outros novatos. Loeh juntou-se a mim, sentando-se a meu lado e ali aguardámos em silêncio pelo início da aula. A sala tinha a forma de um anfiteatro, convergindo sobre um palco circular onde nada existia. Momentos depois entrou a professora de Ciência-Teologia. Vinha vestida com uma túnica azul celeste, tendo em volta da cabeça uma tiara que cintilava no baloiçar das pedras. Antes que iniciasse a aula, levantei o braço.

— Sim, Taihi.

— Antes que a aula tenha início, gostaria de perguntar algo.

— Claro que sim. Se me for permitido responder, fá-lo-ei com todo o gosto.

— Esta manhã fui o responsável por cuidar das crianças como em tantas outras vezes, no entanto, sem que tivesse procurado esse assunto, acabámos por falar de Deus. Fiquei profundamente surpreendido com a sabedoria que demonstraram.

— É verdade. São seres de grande sabedoria e de uma espiritualidade bastante elevada.

— Sente-se isso no brilho dos seus olhos. Mas a minha dúvida é sobre a natureza de Deus. É que para elas o nosso Deus, como elas lhe chamam, não é aquele que criou o Universo, mas o Universo em si mesmo. Será assim?

Ela sorriu.

— As crianças têm razão no que dizem, Taihi. Se Deus tivesse criado o Universo, Ele seria uma entidade exterior ao próprio Universo. — Na sua frente materializou-se uma esfera que permaneceu suspensa no ar. — Imagina que esta esfera é o Universo e que foi criada por mim. Eu estou aqui e a esfera está ali, nós somos coisas diferentes. Eu estou na presença dessa esfera, mas não sou omnipresente em relação à esfera.

Nada sei dos átomos que a constituem, da vida no seu interior. Para que eu pudesse ser onnipresente e onnisciente em relação a esta esfera, eu teria que ser a própria esfera e não aquele que a criou. A consciência do nosso Universo, que podemos chamar de Deus, não criou o Universo em si mesmo, já que essa é uma criação de uma consciência ainda maior. Ele É o Universo, pois só assim se compreenderia a sua onnipresença e onnisciência.

— Fico satisfeito por saber que a sabedoria daquelas crianças é maior que a minha.

— Não, Taihi, não é maior. Apenas estás adormecido da tua verdadeira identidade e da sabedoria da tua consciência espiritual. Ela fez uma pausa e prosseguiu: — Vamos então à aula de hoje que até está relacionada com tudo aquilo que acabou de ser dito. Vamos falar do tempo. Muitos de vós certamente que já se interrogaram sobre os mecanismos do tempo, como funciona, qual é a sua verdadeira natureza. Assim, para começar, gostaria de expor três formas distintas de ver o tempo. Na primeira, ele é uma estrada em linha recta onde o passado, presente e futuro são coisas distintas. Assim, apenas existe o lugar onde nos encontramos, sendo o passado o que ficou para trás e o futuro aquilo que está à nossa frente. Mas imaginem que o tempo não é uma estrada em linha recta, mas uma estrada em forma de anel. Aqui, deixa de existir passado, presente e futuro, para passar a existir presente, o lugar do anel onde nos encontramos, e passado-futuro o resto do anel. Podemos ainda considerar um terceiro exemplo, onde o tempo é como um tapete rolante. Deixa de existir passado, presente e futuro, assim como presente e passado-futuro, para passar a existir apenas passado-presente-futuro, aquele lugar único onde caminhamos; um único momento espaço-temporal. Qual das três formas estará correcta? Bom, eu diria que todas estão correctas. Mas como pode isso ser? Vou tentar explicar-vos com um pequeno modelo do Universo. — Na nossa frente surgiu novamente a imagem tridimensional da esfera. — Imaginem, então, que o Universo é esta esfera que vos apresento, sendo a latitude o tempo e a longitude o espaço. Assim, ao nos posicionarmos num deter-

minado ponto geográfico desta esfera, estamos a seleccionar um ponto espaço-temporal do Universo. Imaginem agora que se encontram na órbita da esfera e que escolhem um ponto onde aterrar. Se escolherem as coordenadas 20N 10E, por exemplo, isso poderá significar que estão a entrar no nosso Universo no ponto temporal actual e espacial este lugar. Se aterrarem nas coordenadas 21N 10E, então poderão estar a entrar no nosso Universo no ponto temporal algures no passado e espacial este lugar e, por último, se aterrarem nas coordenadas 21N 11E então o ponto temporal continuará a ser o mesmo mas o espacial já será outro lugar qualquer. Da órbita da esfera podem escolher qualquer ponto espaço-temporal onde aterrar. Só que nós, que vivemos na superfície dessa esfera, não podemos pousar onde queremos. Para que isso aconteça temos que nos libertar da nossa dimensão física e só então poderemos viajar até à órbita dessa esfera. Neste modelo, podemos reparar que o Polo Norte é o princípio do Universo onde não há longitude já que todo o espaço está confinado a um único ponto. À medida que vamos descendo em latitude, o tempo avança e o Universo expande-se, atingindo o seu ponto de expansão máxima no equador, convergindo depois sobre si mesmo até ao Polo Sul onde todo o espaço se tornará um único ponto. Temos assim a coordenada  $Y=Latitude=Tempo$  e a coordenada  $X=Longitude=Espaço$ . — As linhas foram delineadas sobre a esfera.— Nós, que vivemos na superfície da esfera, só nos podemos deslocar no eixo X, mas, quando nos libertamos dos nossos corpos físicos, ficamos aptos a fazê-lo igualmente no eixo Y, pois, estando nós libertos das leis deste mundo, facilmente nos colocamos na órbita dessa esfera de onde podemos escolher qualquer ponto espaço-temporal, X e Y, onde aterrar. Mas vamos complicar um pouco mais este modelo e colocar uma coordenada Z que poderemos chamar de Universo Paralelo. Acrescentemos, então, esta nova coordenada ao modelo — no centro do modelo tridimensional que estava diante de nós iluminou-se um ponto vermelho de onde saiu uma recta em direcção à superfície da esfera. — A nova coordenada será, assim, aquela que se estende desde a superfície da esfera até ao centro. Recapitulando, temos assim:  $Y=latitude=tempo$ ,  $X=longitude=espaço$  e  $Z=profundidade=universo paralelo$ .

Desse modo, se aterrarmos na coordenada  $20Y\ 10X\ 0Z$  estaremos a entrar no tempo de agora, no espaço presente e no nosso Universo. Se, no entanto, aterrarmos na coordenada  $20Y\ 10X\ 10Z$  então estaremos a entrar no tempo de agora, no espaço presente mas num outro universo qualquer que não o nosso. Como já devem ter compreendido, esta nova coordenada vem revolucionar por completo o modelo anterior, já que agora nos podemos deslocar a qualquer ponto da esfera sem necessitarmos das coordenadas  $X$  e  $Y$ . Se nos posicionarmos, por exemplo, no Polo Norte que é o “início” do Universo e nos deslocarmos pelo eixo  $Z$  até ao Polo Sul que é o “fim” do Universo, passando, naturalmente, pelo centro da esfera, constataremos que o fizemos sem recorrermos ao espaço e ao tempo ( $X,Y$ ), mas, apenas a ( $Z$ ) que representa os Universos paralelos ao nosso. E se, por outro lado, nos posicionarmos no centro da esfera constataremos que ali todo o espaço-tempo é um único momento. Podemos, assim, deslocarmo-nos sem nos movimentarmos no espaço e no tempo, pois movimentamo-nos apenas através de ( $Z$ ) e não mais através de ( $X$  e  $Y$ ). Isto que vos apresento é viajar pelo Universo à velocidade do pensamento, pois não há espaço nem tempo a condicionar os nossos movimentos. Agora já podemos compreender um pouco melhor os três exemplos iniciais. Assim, o tempo em forma de recta é aquele que existe para um ser que vive na superfície da esfera. O tempo em forma de anel é aquele que existe para um ser que se encontra na órbita da esfera e, finalmente, o tempo em forma de tapete rolante é aquele que existe para um ser que se encontra no centro da esfera onde tudo é um único momento. Ali, somos onnipresentes em relação à esfera, já que nos deslocamos em todas as direcções e em simultâneo por todo o Universo. Poderia mesmo dizer que esse ponto no centro da esfera é o “lugar” onde reside a consciência do próprio Universo; Deus, se quisermos simplificar.

Gieth levantou o braço.

— Sim, Gieth. Gostarias de perguntar algo?

— Sim. É que se a esfera já existe como um todo então o Universo não tem princípio nem fim.

— É verdade. O Polo Norte, por exemplo, é apenas o princípio do Universo em termos teóricos, já que na realidade esse princípio não existe. Se nos posicionarmos no Polo Norte e nos deslocarmos até ao Polo Sul, que é um fim teórico, constataremos que ao chegarmos ao Polo Sul o Universo não termina, já que continuamos a viagem, pelo meridiano contrário, de volta ao Polo Norte. Assim, cada um dos pólos é em simultâneo o princípio e o fim do Universo, anulando-se mutuamente.

Quando a aula terminou ao som da melodia que anunciava o início do período de lazer, desloquei-me sozinho até ao jardim onde fixei de olhar contemplativo nas crianças que brincavam tranquilamente à volta de uma das fontes. A sua sabedoria tinha-me encantado. Sempre me julgara mais sábio, impondo os meus conhecimentos na ilusão de lhes estar a ensinar algo. Afinal, para minha surpresa, eram elas que tinham algo a ensinar. Uma sabedoria despida de preconceitos, de ideias criadas à imagem das opiniões que são sempre vazias; límpida quanto a inocência que delas brotava na simplicidade de quem sabia as coisas pelo acto único de saber. Aproximei-me, sentando-me no muro da fonte. Elas sentaram-se em torno de mim no chão empedrado, fixando-me na tranquilidade dos seus rostos que tudo reflectiam da harmonia circundante.

— Vocês sabem porque é que estão aqui?

— Sim — disse uma linda menina de olhos cintilantes. — As nossas mães estão longe e não podem cuidar de nós. Mas, depois, quando elas vierem a gente vai viver num novo mundo.

— E que mundo é esse?

— É um mundo muito bonito onde existem muitas fadas — concluiu ela.

— E vocês vão ficar juntos nesse mundo? — Perguntei, num tom sereno e pacificado pelos olhares que me observavam.

— Sim. Nós somos irmãos — respondeu um dos meninos. — Deus está dentro de nós e nós somos uma parte de Deus. Somos iguais, mas também somos diferentes, só que somos mais iguais que diferentes.

— E se ficarem separados?

— Se ficarmos separados continuaremos juntos — respondeu uma outra criança. — Não podem separar os nossos pensamentos. É como se fossemos um único menino, mas eu sei que somos muitos. — Ele sorriu.

— E vocês conseguem ler os pensamentos uns dos outros? — Perguntei com alguma curiosidade.

— Conseguimos. Os pensamentos são um só. Eles vêm de Deus e Deus está em todo o lado.

— E existem mais meninos como vocês?

— Sim. Cada vez há mais meninos como a gente. Na terra onde vamos morar só existirão meninos iguais a nós.

— E quem mais irá morar nessa terra?

— As nossas mães e todas as pessoas que acreditarem que essa terra existe. Elas vão ficar um pouco assustadas, mas depois Deus irá sorrir e elas também ficarão contentes. Nós vamos ajudá-las porque nessa terra elas serão como crianças. Precisam de muita ajuda. — Concluiu ela num sorriso que irradiava paz.

Quando chegou o período da segunda refeição, caminhamos todos para casa, onde Loeh distribuiu os pratos com a comida. Comemos em silêncio como sempre fazíamos. Eram crianças que respeitavam as regras sem as questionar. Desrespeitar as leis era desrespeitar a própria Vida e como consequência disso mesmo, desrespeitarem-se a si mesmos. Todos éramos um só, segundo elas, e sendo assim, qualquer ferida, por mais pequena que fosse, era a ferida do todo e não apenas de umas das partes. Sentia aquela verdade como uma parte de mim mesmo, embora esta ainda estivesse adormecida nas memórias que não recordava e que apenas a subida ao círculo dos missionários poderia tornar presente. Saber que tal despertar estava para breve, tranquilizava-me profundamente, eliminando a ansiedade que foi desaparecendo como quem aguarda pelo tempo certo de um fruto ainda verde.

No fim da refeição, após a melodia anunciar o período de retiro, onze das crianças partiram para suas casas, ficando apenas aquela que estava aos cuidados daquela família. E também eu parti, deixando a comunidade. Era o meu último dia como novato. Quantas não foram as vezes que idealizara tal momento?! Mas agora, vivendo cada momento dessa realidade, ela despia-se de todo esse significado. A ansiedade abandonara-me, deixando com a sua ausência uma paz como nunca antes tinha experimentado. Estava pronto para o grande dia e, no entanto, tinha a certeza de o ter repetido muitas vezes, embora nada recordasse. Ali, enquanto caminhava sobre a presença de tais pensamentos, tudo se me apresentava como sempre tinha sido.

## CAPÍTULO VII

ESTAVA NA SALA DE ESPERA DO CONSULTÓRIO QUE O DAVID ME recomendara. Iria ser sujeita ao tratamento de hipnose regressiva e assim penetrar nesses domínios nebulosos de um passado que ignorava mas que tanto parecia querer revelar-me. A Maria, sentada a meu lado, desfolhava uma revista de moda, enquanto na minha frente uma jovem de vinte e poucos anos observava as suas mãos que se entrelaçavam sobre o colo.

— Também vem à procura do passado? — Perguntei.

Ela olhou para mim, ficando em silêncio. Era como se acordasse das suas divagações interiores.

— Desculpe... eu não...

— Tinha-lhe perguntado se também vem à procura do passado?

Ela sorriu.

— Sim. Desde criança que vivo nesse passado. Os médicos sempre me consideraram esquizofrénica, rotulando a sua própria ignorância. Mas aqui não sou vista como louca... sou apenas alguém com um problema, sabe?

— E porque é que a consideravam louca?

— Porque vivia constantemente no passado. Hoje sei que na minha vida anterior estive num campo de concentração nazi. Era por

isso que acordava todas as noites aos gritos, vendo imagens dos campos onde as pessoas eram torturadas... Os médicos seguiram pelo caminho mais fácil, considerando-me louca. Não tenho que os julgar, sabe, mas por causa dos seus diagnósticos o meu sofrimento foi ainda maior. Disseram-me que era louca e eu acreditei. Passei assim a viver fechada entre quatro paredes até que um dia um familiar descobriu o tratamento deste psicólogo. Hoje estou a aprender a viver com esse passado. — Ela sorriu. — E você? Também está à procura do passado?

— Sim — retribuí o sorriso — tenho sido assolada por imagens como essas, embora não sejam imagens de sofrimento...

Uma assistente entrou na sala, olhando para nós.

— Senhora Vera?

— Sou eu.

— Faça favor.

Despedi-me da jovem, seguindo a assistente ao longo de um corredor estreito e repleto de portas. A Maria caminhava a meu lado com a revista na mão; revista que entreguei à assistente assim que entrámos no consultório. Sentámo-nos no lugar que nos era reservado, aguardando em silêncio pelo médico. Ele entrou logo depois.

— Boa tarde! — Disse, sentando-se.

Era alto, de pouco cabelo, barba aparada e esbranquiçada pela idade. Tinha uma postura simpática que de imediato cativou o meu sorriso.

— Boa tarde! — Apertei a mão que ele me estendeu.

— E esta menina tão bonita, é sua filha?

— Sim. — Disse eu, passando a mão pelos seus cabelos lisos.

Ele olhou para ela de expressão carinhosa.

— Como te chamas?

— Chamo-me outra vez Maria.

— Chamas-te outra vez Maria! — Ele sorriu. — Porquê “outra vez”?

— Porque *dantes* eu *tamém* era Maria.

Ele olhou para mim, intrigado com a sua resposta.

— Vejo que a paciente é a pequena Maria.

— Não, não... — Sorri. — Sou mesmo eu.

Ele olhou para a ficha que tinha diante de si.

— Senhora Vera, certo?

— Sim.

— Eu fiz essa pergunta, sabe, porque a resposta que a sua filha me deu pode ser um sintoma claro de uma qualquer recordação passada — ele fixou-a uma vez mais. — Tu lembras-te de quando eras a outra Maria?

— Sim.

— E onde moravas? — Perguntou ele no mesmo tom carinhoso.

— Morava dentro *dum* castelo e às vezes ia com a minha mãe até à parede do castelo onde a gente via o sol.

— E quem era a tua mãe?

— Era a minha mãe d'agora. Mas não tinha a mesma cara.

Ele olhou para mim.

— Você já sabia disto?

— Sim. A pessoa que me aconselhou o seu consultório contou-me que numa vida anterior ela também foi minha filha, embora adoptada.

— É por isso que veio consultar-me? Para saber um pouco mais desse passado?

— Não por curiosidade, mas porque tenho sido assolada por imagens desse passado e gostava de me libertar dessas imagens e compreender as razões que estão por detrás destas.

— Não tem que recear essas imagens. Garanto-lhe que, aqui, ninguém chamá-la-á de louca.

— Eu sei. — Sorri.

— E, para além das imagens, tem tido algum sonho ou pesadelo que se repita constantemente?

— Tenho, sim. Não é bem um pesadelo, embora no sonho sinta uma certa angustia... não sei explicar muito bem.

— E como é esse sonho?

— É sempre o mesmo. Caminho por um deserto na procura de qualquer coisa, mas nunca chego a lado algum.

— Hum! — Ele recostou-se na poltrona, colocando os dedos da mão direita sobre os lábios. — Esse sonho pode ser a chave para solucionar o problema. Sinto que você procura no passado qualquer coisa que perdeu no presente. Tem consciência do que possa ser?

— Só pode ser o pai da Maria, o João.

— E onde está ele?

— Morreu. — Baixei os olhos.

— Talvez seja isso. Vocês devem ter-se encontrado nessa outra vida e o seu inconsciente tenta procurá-lo no passado. Mas melhor que especular é procurar as verdadeiras razões desse sonho. — Ele levantou-se. — Venha. Vamos passar para a sala do lado.

A sala era estreita e confortável. Não existiam janelas nem focos de luz natural, apenas algumas lâmpadas direccionadas para o tecto. A mobília resumia-se a três cadeiras e uma cama confortável onde me deitei.

— Vais dormir? — Perguntou a Maria.

— Sim pequenina, — disse o médico — a tua mamã vai dormir um pouco, por isso vais ter de ficar sentada muito caladinha para não a acordares. Está bem?

Ela assentiu, sentando-se numa das cadeiras. Ele premiu depois um botão na parede da sala que activou uma música suave.

— Quero que respire fundo de forma pausada... Isso, liberte todas as tensões do corpo... não pense em nada... concentre-se apenas na música e na respiração. Imagine agora um ponto de luz entre os seus

olhos. É uma luz suave de tons azulados que vai subindo lentamente... não a perca de vista. Tente acompanhá-la... ela é agora um ponto no céu, a mais brilhante das estrelas... A partir deste momento, vai responder apenas à minha voz... Está agora num corredor. Um longo corredor por onde caminha lentamente. Ao fundo vê uma porta que ocupa todo o espaço entre as paredes... está cada vez mais próxima... faltam três passos, dois, um... Está agora diante da porta. Vê uma maçaneta... quero que pegue na maçaneta... isso mesmo, Vera. Abra a porta lentamente... sem reçar, entre por essa porta... O que vê?

— Vejo uma jovem a caminhar à chuva...

*Eu caminhava de capuz na cabeça e postura vergada, tentando passar despercebida aos soldados que patrulhavam as ruas na procura daqueles que não possuíssem o libellus<sup>1</sup>. Ao longe, para lá da espessa neblina que parecia proteger-me, o som dos cascos dos cavalos romanos fazia-se ouvir num eco molhado. Como cristã, convicta das certezas de uma religião que tinha como única, não poderia nunca satisfazer os desejos do imperador, já que prestar tal sacrifício seria negar a minha fé; a salvação em Cristo. Preferia a prisão, a tortura, a própria morte, a ter que negar aquele que se sacrificara por todos nós.*

*E foi então que vi uma criança sentada no alpendre de uma casa. Ela chorava abraçada aos joelhos, de olhar fechado e distante. Estava coberta no que restava de um vestido feito de retalhos encharcados, mergulhada na dor das suas lágrimas que me fizeram retroceder no tempo. Tinha contado a meu pai, judeu devoto, que me convertera ao cristianismo, sendo expulsa de casa pela heresia de tal atitude. Com dezassete anos de idade, parti pelas ruas da cidade, tendo em Cristo a única fonte de sustento. Depois de muito caminhar, sentei-me no alpendre de uma casa como aquela. A chuva caía com a mesma intensidade de agora, chorando por quem não conseguia chorar num nó que me apertava a garganta. E foi um casal cristão que, ao passar por mim e vendo a dor que delineava o meu rosto em lágrimas que não fui capaz de libertar, me recolheu, adoptando-me como filha. Estava*

(1) Certificado comprovativo de que se obedecera às ordens do imperador

*agora diante de uma criança que revelava, nos contornos sofridos da sua expressão ausente, a imagem do passado que se repetia uma vez mais. Ela fixou-me com os seus olhos vivos e bonitos, sorrindo no cintilar das lágrimas que escorriam pela face rosada. No seu vestido de retalhos estava bordado um peixe, compreendendo eu que também ela era cristã.*

— Onde estão os teus pais? — Perguntei, agachando-me junto dela.

— Os homens... levaram... — respondeu ela no soluçar das suas lágrimas.

— Que homens, pequenina?

*Ela limpou as lágrimas.*

— Os homens... maus.

— Os soldados?

— Sim. — Respondeu ela de expressão mais tranquila.

— Como te chamas?

— Maria.

*Apertei-a nos braços, levantando-me com ela...*

— Sabes quem é hoje essa criança?

— Sim. É a minha filha Maria — disse eu, de lágrimas nos olhos.

— Quero que avances um pouco mais no tempo. O que vês?

— Vejo-me a mim e aos meus pais, caminhando pelas ruas com outros cristãos, enquanto os soldados nos escoltam até ao templo da cidade...

*...A população pagã perseguia-nos enquanto caminhávamos. Pude testemunhar nos seus olhos a cegueira de um povo manipulado por uma natureza feita de ilusões, pelo paganismo de doutrinas esculpidas no vazio e no esplendor da pedra lapidada. Pude ouvir as gargalhadas entoadas ao som da embriaguez mais profunda, os gritos de raiva atormentados por uma cultura perdida de si mesma. A Maria ia no meu colo, chorando.*

*As suas lágrimas feriam-me profundamente, pois estava prestes a quebrar a promessa que lhe tinha feito ao dizer-lhe que nunca nos separaríamos. Mas não podia negar Cristo. Era nele que reconhecia a minha existência, trilhando um caminho que a todos estava predestinado. Negar a minha fé era arruinar o futuro da humanidade, pois tinha a responsabilidade de ajudar na edificação da Nova Igreja, não apenas pela minha salvação, mas pela salvação de todos os homens.*

*Fui a primeira a ser chamada. Os meus olhos fixaram-se nos de minha mãe que chorava. Ela sabia que nunca iria negar a minha fé em Cristo e, no entanto, embora estivesse pronta para cumprir essa vontade que não era só minha, algo me fazia vacilar. Como poderia esquecer a promessa que tinha feito à Maria? Ela também chorava, pressentindo a minha partida.*

*Aproximei-me da minha mãe, entregando-a aos seus cuidados.*

*— Prometa-me que irá cuidar dela como cuidou de mim.*

*— Claro, filha. Já é como uma neta.*

*Sorri-lhe, agachando-me junto da Maria.*

*— Desculpa, querida! — disse eu, de olhos humedecidos. Prometo-te que um dia ficaremos juntas para sempre.*

*Beijei-a na testa, levantando-me. Ela virou-se, afundando a cabeça no regaço de minha mãe. Os seus soluços feriram-me profundamente, rasgando o meu ser em finos retalhos que tudo cobriram na saudade que já sentia. Lentamente, de costas viradas para o sacerdote e olhar fixo na Maria, aproximei-me deste com a pomba nas mãos.*

*— Vejam! — Disse eu, virando-me para a assistência pagã. — Este é o meu sacrifício.*

*E larguei a pomba que voou liberta...*

*— Que idade tens?*

*— Tenho vinte e cinco anos.*

*— E qual é o teu nome?*

*— Chamo-me Sara.*

Fiquei inquieta.

— O que se passa?

— Os soldados agarraram-me... Não, larguem-me! — Gritei

— Calma. Eles não podem fazer-te mal... quero que respires fundo... isso, não tenhas medo. Tu és apenas uma espectadora, nada mais... Diz-me para onde é que eles te levaram.

— Colocaram-me numa cela escura.

— Está mais alguém na cela?

— Sim.

— Quem?

— São pessoas como eu. Eles também se recusaram a prestar sacrifício aos deuses pagãos.

— Quero que avances lentamente no tempo... o que vês?

— Estou a ser levada para uma sala...

*...Eles conduziram-me para a sala em anexo, amarrando-me a um tronco de madeira. E sem hesitarem, num resto de piedade que os pudesse conter, chicotearam-me de uma forma ritmada. A carne do meu corpo foi rasgada na indiferença daqueles jovens soldados, ferindo-me numa dor que aos poucos se tornava insuportável. Mas nem por um só instante lamentei a minha sorte, segurando a dor no ranger dos dentes. Acabei por desmaiar vergada sob o peso do chicote, pois embora o meu espírito estivesse determinado em sofrer por Cristo, o corpo nada podia fazer para ignorar o peso de tamanha tortura.*

*O carcereiro entrou, entretanto.*

— Já acabaram? — Perguntou ele, num tom rígido e seco.

— É que ela desmaiou...

— Tragam-na.

*Esbofetearam-me então para que recuperasse os sentidos, levando-me até junto do carcereiro.*

— *Quero saber se ainda te recusas a prestar sacrifício aos deuses do Império?*  
— *Sim, recuso-me. Prefiro a morte! - Sussurrei.*  
— *Levem-na! - Disse ele num grito sem eco. - Amanhã continuaremos...*

— Quero que regresse às imagens da cela.  
— Estou na cela... mas esta é diferente.  
— Está mais alguém na cela?  
— Não, mas ouço uma voz.  
— E de onde vem essa voz?  
— Não sei. Parece abafada. Talvez venha de outra cela.  
— Quero que vás à outra cela... o que vês?  
— Vejo um homem.  
— Quem é esse homem?  
— Não o conheço.  
— Aproxima-te um pouco mais... e agora?  
— Sim. O seu olhar é-me familiar, mas não conheço o seu rosto.  
— Como é que ele se chama?  
— Não sei.  
— Tu és a Sara, não te esqueças... como é que ele se chama?  
— Chama-se Dionísio... não, chama-se João. — Estava confusa.  
— Será o Dionísio e o João a mesma pessoa?  
— Sim. O Dionísio é o João... ele está aqui!... o João está aqui!  
— Quero que vivas numa mesma sequência os melhores momentos que passaste junto do João...

*...Lá fora o vento soprava na nostalgia de quem sempre passa. Os seus longos braços, gelados pela proximidade do deserto, preenchiam a cela com o desconforto que tentava afastar. Apenas a presença dele, do outro*

*lado, conseguia abafar o frio que a noite fizera cair sobre nós. Conhecia-o há tão pouco tempo e, no entanto, sabia que o amava de uma forma que não julgava possível. Era como se tivesse despertado para uma dimensão onde esse amor se tornava mais amplo e abrangente. Uma dimensão semelhante à de Cristo, embora materializada na expressão contrária de alguém que também era eu(...) Ficámos em silêncio. Um silêncio murmurado na voz unificada de nós os dois; na presença contrária de alguém que também era eu. Um silêncio que despertava em mim os contornos de um sentimento tão antigo quanto o próprio tempo, revelando uma verdade que nos transcendia na continuidade de um gesto alimentado pelas memórias de uma existência que conhecia sem desta nada recordar. E entre nós os dois era como se nenhuma parede nos separasse(...) Ouvi então o tilintar da chave na porta da cela. Por momentos sustive a respiração, aguardando na expectativa de ser levada para mais uma sessão de chicotadas ou, pior ainda, de volta às catacumbas. Preferia que o meu corpo fosse rasgado pelo chicote, a ter que deixá-lo. Ele era agora a razão que me alimentava na esperança de um dia sermos um só. Partir era morrer pela metade. Quando a porta se abriu, um enorme suspiro aliviou as tensões acumuladas. Era apenas um soldado com a comida. Enquanto comíamos, tentei compreender aquela força e aquela alegria que me preenchiam desde a primeira vez que ouvi a sua voz. Era como se já tivesse vivido aqueles momentos... mais estranho ainda, era ter a certeza de o conhecer, embora nunca antes nos tivéssemos encontrado (...). Sabia agora que do outro lado da parede estava um pedaço da minha própria consciência. Poder senti-lo no entoar da sua voz, era a prova certa que um Deus de amor nos inspirava com a sua presença. Como ele mesmo dizia: «todos somos um só». Sim, uma unidade partilhada na infinidade dos seus pequenos pedaços, todos unificados na força de uma consciência elevada pelo Espírito de Deus.*

— Quero que deixes a cela e que avances até ao dia em que saíste da prisão...

*...Enquanto percorria os estreitos corredores, o meu coração saltava na emoção daquele momento tão especial. Ele tinha saído horas antes, prometendo esperar por mim. Como seria o seu rosto? Não é que fosse importante saber dos contornos deste, pois um rosto nada mais é que uma máscara viva, no entanto, a curiosidade mantinha-me inquieta e ansiosa. Quando deixei o edifício, coloquei a mão sobre os olhos, protegendo-os da luz intensa. E apenas vi aqueles que tinham saído comigo e que logo se dispersaram pelas ruas da cidade, mais ninguém!!! Onde estaria ele? A pequena praça encontrava-se deserta, gelando o meu corpo na incerteza daquele momento angustiante. Eu sabia que ele estaria à minha espera, quanto a isso não tinha dúvida alguma... mas onde é que ele estava? No centro da praça, perturbando o silêncio angustiante que me envolvia, uma fonte de água, centrada por uma estátua romana, sobressaía. Sentei-me sobre o beirado que segurava a água, olhando em volta... Ninguém!... Era como se tudo aquilo que vivera na prisão não tivesse passado de um sonho que aos poucos se diluía na realidade de um despertar doloroso. Sem a presença dele era como se estivesse de novo presa. As lágrimas inundaram-me os olhos numa dor profunda, ferindo-me como nunca antes acontecera. Saber que do outro lado da parede nunca mais o iria encontrar, era morrer pela metade. E ali fiquei até ao entardecer, compreendendo que nunca mais o iria ver. A luz do sol, que lentamente adormecia por detrás das casas, era como uma metáfora ao nosso amor, um estigma que nos perseguia desde o dia em que nos conhecemos e que me confortava na ternura dos seus raios, dizendo-me que ele estaria sempre presente nas palavras que partilhámos e nos gestos que imaginámos ao ritmo das conversas; presente no silêncio que delas se fazia ausente e distante, embora contínuo na eternidade de um amor que tudo suportaria...*

— O que fizeste depois?

— Fui para casa de meus pais...

*...A Maria apareceu numa das portas da sala, quando eu estava sentada à mesa com minha mãe, fixando-me de olhar fechado.*

— *Maria!* — *Estendi-lhe a mão.* — *Vem, querida!*

*Ela baixou os olhos, fugindo pelo corredor. Ainda fui até à porta mas já não a encontrei.*

— *Tens que ser paciente, filha. Apenas o tempo apagará essa mágoa.*

— *Custa-me muito saber que ela sofreu com a minha ausência — voltei a sentar-me, suspirando. — Mas não havia nada que eu pudesse fazer...*

— *Avança até ao momento em que te reconciliaste com a tua filha.*

— *Foi nessa mesma noite...*

*...Depois de uma farta refeição e de um longo serão a conversar sobre os acontecimentos ocorridos na minha ausência, fui até ao quarto da Maria. Ela dormia serenamente, pacificando-me com a expressão inocente que lhe delineeii. O luar iluminava cada recanto do quarto, estendendo pelas paredes as sombras da mobília e dos adornos.*

— *Oh, filha!* — *Disse eu sussurrando.* — *Se soubesses o quando me custou deixar-te. Não houve um único dia que não pensasse em ti, sabias? Estiveste sempre junto de mim e isso ajudou-me muito - os meus olhos humedeceram-se com um sorriso suave. — Só espero que um dia me possas perdoar.*

*Passei a mão pelos seus cabelos, beijando-a na testa. Dos meus olhos as lágrimas escorreram em trilhos molhados, na esperança de um perdão que tudo significaria para mim.*

*Enquanto caminhava para a porta, ouvi a sua voz.*

— *Mãe?* — *Disse ela, de olhos ensonados.*

— *Sim, querida. Sou eu. Desculpa ter-te acordado.*

*Ela saiu da cama, correndo para mim de braços abertos.*

— *Gosto muito de ti!* — *Disse ela num abraço caloroso, chorando no meu colo.*

— *Eu também gosto muito de ti.*

— *Vais ficar para sempre?*

— *Sim, querida. Desta vez é mesmo para sempre...*

— Quero que deixes essas imagens e regresses ao corredor... fecha a porta por onde entraste... isso mesmo... quero agora que caminhes pelo corredor até encontrares uma nova porta... estás a vê-la?

— Sim.

— Lentamente, abre essa porta e entra...

*...Já tinham passado vinte e um anos desde que fora libertada. Vinte e um anos de uma saudade insuportável que tentava preencher em cada pôr-do-sol que nunca deixei de assistir. Sentia por ele algo de tão grande que nem a distância conseguira abafar; um sentimento que continuava presente como no primeiro dia em que ouvi a sua voz.*

*Regressava a Antioquia numa carroça puxada por um burro, depois de ter visitado com a Maria a comunidade de leprosos. Ela conduzia a carroça de expressão serena e ar pacificado. Tinha agora vinte e cinco anos. Era uma mulher bonita e saudável, abdicando, tal como eu fizera com a sua idade, de uma vida dedicada a um marido. Era a Cristo que ela desejava servir. Servir na fé que sempre demonstrara, seguindo os passos que outros traçaram em caminhos de muitos sacrifícios. Era o caso de meus pais que tinham morrido anos antes e que eu recordava na bondade de quem me acolhera quando de tudo necessitava, partilhando comigo um amor deixado nos gestos do nosso Mestre.*

*No caminho, de regresso à cidade, pudemos testemunhar a violência da batalha que ali fora travada no dia anterior. O imperador Aureliano, eleito pelos soldados após a morte de Cláudio II, enfrentara a rainha Zenóbia que se rebelara contra o império, reclamando para si todas as terras da Síria e do Egipto. Era uma guerra perdida que apenas o orgulho da rainha de Palmira poderia justificar. Todos aguardavam com impaciência o desfecho daquele confronto, já que muitos dependiam dos seus favores. Era o caso do bispo de Antioquia, Paulo de Samosata, que para alimentar os seus desejos e a sua opulência se tornara ministro da rainha, corrompendo toda a sua fé em Cristo.*

*Parámos junto de um pequeno ribeiro, refrescando-nos do calor que se tornava insuportável. Alguns despojos da batalha bloqueavam a água que subia sobre estes, caindo em cascata, enquanto outros flutuavam na corrente, serpenteando pelo leito arenoso.*

*Foi então que ouvimos gemidos vindos de um arbusto. Pouco certas daquilo que iríamos encontrar, aproximamo-nos, afastando a folhagem seca. Era um soldado que ali estava. O seu corpo sangrava sob as roupas agora manchadas, prolongando o gemido na dor que facilmente lhe adivinhámos. Com algum cuidado, virámos o corpo, revelando o rosto que se encontrava parcialmente afundado na lama.*

— *O que fazemos, minha mãe?*

— *Temos que o levar. Aqui morrerá.*

*Aquele rosto não me era estranho, compreendendo momentos depois que se tratava do carcereiro que me mandara chicotear quando fui levada para uma das prisões do império. Não disse nada à Maria para não provocar a sua indignação, pois sabia o quanto lhe custava ter de ajudar um soldado. Assim que o colocámos na carroça, partimos para a cidade. O vento elevava as areias finas que ladeavam o caminho, transportando na sua força os destroços da batalha. Era como um presságio arrepiado que nos intimidava com as suas angústias e tormentos, revelando a decadência de uma civilização construída sobre a cegueira de imperadores tornados Deuses no medo e na superstição de todo um povo. A cidade repousava na sonolência forçada das suas muralhas envelhecidas pelo tempo, pela dor constante de uma ausência perdida no desmoronar dos sonhos que fizeram dela escrava de um império que sempre lhe foi estranho...*

— *Para onde levaram o soldado?*

— *Para a igreja, apesar da oposição do bispo. Foi a Maria quem cuidou dele...*

— *A mãe sabe que me custa muito cuidar dele, não sabe?*

— *Eu sei, filha. Mas esse é um sentimento que tens de combater.*

*Este homem não tem culpa de ter nascido romano, de ter sido educado como tal. Julgá-lo pelo seu comportamento, é como julgar um leão por devorar as suas presas. Como ensinar um leão a não o fazer, se essa é a sua natureza? Cabe-nos a nós, Maria, aceitar as diferenças como partes distintas de um todo que se completa na diversidade de muitos caminhos. — Sorri-lhe. — Será que me consegues compreender se eu disser que tu também és este homem?*

*— Sim, mãe. Eu compreendo. Mas mesmo assim é difícil.*

*— Não deves negar esse sentimento, mas sim educá-lo. Educá-lo na fé que tens por Cristo, pois é através desta que todos nós amadurecemos para a verdadeira consciência de Deus que reside dentro de nós.*

*Ela sorriu, colocando um pano húmido sobre a testa daquele homem que, aos poucos, deixava de ser um soldado romano para se tornar um irmão...*

Fiquei agitada. Percebia agora a ligação da Maria com o David. Ele fora o Carcereiro e depois o Soldado que ficara aos cuidados da Maria.

— Calma! Quero que regreses ao corredor... isso mesmo... procura agora uma nova porta e entra...

*...E o tempo passou na fluidez da sua própria natureza, tendo eu agora setenta e nove anos. Hoje era o membro principal da comunidade, depois do bispo. Todos me viam como uma santa, embora fosse igual a eles. Igual nos pecados que surgiam ao sabor de uma natureza também ela humana, igual nas memórias e nos desejos que partilhávamos na vontade de alcançar a felicidade. E nessas memórias estava ele. Apesar da idade, que nele reconhecia em rugas iguais às minhas, o nosso amor não se tinha diluído na aridez que o tempo esboçou sobre nós. Ele continuava tão vivo como na primeira vez que o ouvi do outro lado da parede; tão perto como um estender de mão, pois tinha-o comigo na essência unificada de nós os dois...*

— Avança um pouco mais? O que aconteceu?

— Fomos presos e levados para as catacumbas...

*As imagens repetiam-se nas lembranças de há cinquenta anos atrás: os cristãos vaiados e espancados na praça pública pela multidão enfurecida e ignorante da sua racionalidade. Junto ao templo, entregaram-nos os animais para o sacrifício. E por uma daquelas doces ironias do destino, foi-nos dada uma pomba branca que segurámos junto do peito. Subimos então as escadas do templo sob a força dos gritos vindos da assistência, parando diante do sacerdote que lavava as mãos do sacrifício anterior. Estávamos prontas para cumprir um destino que desta vez não nos iria separar.*

— *Estás preparada, filha?* — *Sorri-lhe.*

— *Sim, mãe.* — *O seu olhar cintilava numa felicidade difícil de conter.* — *E nem sabe a alegria que sinto por poder acompanhá-la.*

*As pombas saíram das nossas mãos, voando libertas sobre a praça. Os mais jovens, que assistiam pela primeira vez àquele gesto quase mitificado nas memórias de há cinquenta anos, não conseguiram conter as lágrimas que jorraram na emoção profunda daquele momento. E nenhum deles prestou o sacrifício. Levaram-nos depois para as catacumbas que nada tinham mudado desde a última vez. As escadas estendiam-se ao longo de corredores abertos na pedra dura onde o musgo crescia por entre a água que gotejava em fios escorridos pelas paredes. Na cela, os cristãos que tinham chegado antes de nós refugiavam-se nos cantos mais secos, fugindo do olhar dos soldados e da presença dos ratos que por ali existiam em abundância. E assim passámos os dias, aguardando que nos viessem buscar para sermos executados...*

— Foram executados?

— Não. A pena de morte acabou por ser transformada em trabalhos forçados nas pedreiras do Egipto para onde fomos levados.

— Avança então até às pedreiras.

— Ainda não.

— Queres ficar um pouco mais nas catacumbas.

— Sim. Foi aqui que aconteceu algo de muito especial...

*... Quando a noite chegou, adivinhada pelo peso das pálpebras sobre os meus olhos cansados, deitei-me a um canto da cela. E foi então que senti o Dionísio junto de mim, por mais estranho que isso parecesse. Quase que por instinto levantei a cabeça.*

— *Dionísio!?! És tu?*

*Fixei os nossos irmãos que dormitavam nos seus cantos; mas ele não estava ali. Tinha sido uma doce ilusão fabricada pela minha mente sedenta de tal encontro. Voltei a deitar a cabeça nos trapos que serviam de almofada, fechando os olhos. Mas continuava a sentir a sua presença. Era como se ele estivesse ali a olhar para mim, tocando ao de leve o meu rosto em carícias ternas e suaves...*

— Achas que era ele?

— Sim. Ele esteve junto de mim naquela cela.

— Quero que deixes a cela e que avances até às pedreiras do Egipto.

— *Irmã! — Disse um soldado, aproximando-se. — Podeis vir comigo? É que um dos vossos irmãos chamou por vós. Parece que está a morrer.*

— *Conduzi-me até ele, irmão. — Peguei no seu braço, caminhando amparada pelo jovem soldado.*

— *Porque me chamais irmão? — Perguntou ele.*

— *Porque sois meu irmão, jovem. Já alguma vez haveis pensado que na diversidade dos povos que habitam este mundo, todos temos dois braços e duas pernas, um rosto e dois olhos. Já reparastes que todos amamos aqueles que nos estão próximos e que choramos aqueles que julgamos perder. Será mesmo possível que não sejais capaz de nos ver como filhos de um mesmo Pai, e se não tiverdes religião alguma, será mesmo possível que não sejais capaz de nos ver como filhos de uma mesma mãe?*

— *E de que mãe falais?*

— *De tudo aquilo que nos cerca, claro! Não somos nós filhos desta terra que nos rodeia, deste sol que nos alimenta?*

— *Acho que sim, irmã.*

— *Então não deveis estranhar o facto de vos tratar por irmão.*

*Chegámos finalmente junto do homem que morria. Ele estava deitado debaixo de uma árvore, sofrendo com a doença que o atingira. Deveria ter a minha idade, embora a doença o envelhecesse ainda mais. Aproximei-me.*

— *Irmão! - Ele abriu os olhos, sorrindo.*

— *Sois vós, irmã Sara?*

— *Sim, sou eu.*

*Diante de mim estava aquele que fora carcereiro, depois soldado e agora era cristão.*

— *Como vedes, irmã, também eu me deixei seduzir pelas palavras do nosso Mestre - disse ele num tom de voz quase inaudível.*

— *Eu sei. Lembrai-vos do sonho que haveis tido quando deixastes a nossa igreja?*

— *Sim, irmã. Agora... — A tosse impedia-o de falar... — compreendo o seu significado.*

— *E estais pronto para partir de volta ao nosso Pai.*

— *Sim... é tudo aquilo que... desejo... Se um dia regressar... a este mundo... prometo que... virei para vos servir... e para...*

*Partiu nos meus braços sem terminar a frase. Aquela que em tempos me mandara chicotear por ser cristã, era agora tão cristão quanto eu e essa era a força de uma doutrina que tudo transpunha, tornando irmão aquele que em tempos nos odiava. Depois de o terem enterrado, meditei durante algum tempo sobre o destino daquele homem, sobre os caminhos distintos de duas pessoas que se cruzaram num determinado momento da vida e cujo encontro permitira modificar uma delas...*

— Quero que regreses uma vez mais ao corredor... lentamente fecha a porta... procura agora a porta que te levará ao momento em que caminhas pelo deserto como no sonho que tens tido.

— Não consigo encontrá-la.

— Caminha um pouco mais... consegues vê-la?

— Não. Não existe porta alguma.

— Muito bem. Não a procures mais. Procura antes a porta que te levará até junto do Dionísio.

— Está muito longe.

— Continua a caminhar... já a encontraste?

— Sim.

— Abre então a porta e diz-me o que vês...

*No dia seguinte, quando o Sol se preparava para nos deixar, chegámos ao porto de Bizâncio, entrando no barco que nos levaria de volta a casa. Foi então que, ao passar os olhos pelo cais que se afastava, vi neste um homem que reconheci logo como sendo ele. Nada sabia do seu rosto e, no entanto, não tive dúvida alguma sobre quem ele era...*

— Que idade tens?

— Tenho cem anos.

— Está alguém ao teu lado?

— Sim. — Sorri. — Está a Maria... mas já não é uma criança.

— Consegues ver o Dionísio?

— Consigo. Ele está no cais a olhar para mim... é um momento muito especial.

— Porquê?

— Porque é a primeira vez que vejo o seu rosto.

Comecei a chorar.

— Calma... quero que regreses ao corredor... fecha a porta lentamente e caminha de volta à luz azulada da tua estrela... começa a descer aos poucos... a estrela está agora entre os teus olhos... quero que recordes tudo aquilo que experimentaste depois de acordares... pronto! Podes acordar.

Abri os olhos ainda humedecidos, fixando-o.

— Meu, Deus! — Estava emocionada. — Isto é incrível! Eu e o João já nos encontrámos no passado... e a Maria... nós estivemos juntas... ela foi mesmo minha filha. E o David também esteve lá... agora compreendo a ligação dele com a Maria... o David foi a pessoa que me deu o seu contacto.

— Vamos passar para outra sala — disse ele, tapando a caneta que tinha usado para rabiscar algumas notas num pequeno caderno.

Levantei-me com a Maria ao colo, sentando-me depois na cadeira do consultório.

— Que conclusões tira desta sessão? — Perguntei, enquanto limpava as lágrimas a um lenço por desdobrar.

— Ainda não sei. O sonho do deserto confunde-me um pouco, já que nunca estive lá.

— Sim, eu lembro-me. Não havia porta por onde entrar.

— É verdade.

— E o que pode isso significar?

— Ainda não estou certo, mas pode significar algo de bastante arrojado em termos para-científicos.

— O quê?

Ele ficou de expressão reflexiva.

— Você e o João nunca se encontraram durante essa vida. Dele apenas ficaram as palavras trocadas enquanto estavam presos em celas separadas e a imagem de quando o viu pela primeira vez no cais. Aquilo que eu acredito é que no sonho do deserto você procura o João ou Dionísio, embora não possa saber onde verdadeiramente ele esteve, já que nunca se encontraram.

— E então? — Estava curiosa.

— A possibilidade que se me apresenta não é consensual para com aqueles que defendem a Reencarnação. O que eu posso concluir é que se vocês os dois forem núcleos complementares, então aquilo que ele viveu também lhe pertence, já que ambos são um só. Isso poderia justificar o facto de você o procurar no deserto, mesmo não tendo estado lá.

— E como podemos ter essa certeza?

— Posso tentar algo que nunca experimentei.

— O quê?

— Fazer uma sessão de hipnose regressiva polarizada nessa sua outra dimensão.

— Como assim? — Estava confusa.

— Pedir-lhe para regressar à vida anterior do João.

— Como se tivesse sido eu a vivê-la?

— Sim. Se vocês forem mesmo núcleos complementares, expressões polares de uma mesma identidade, então ambas as vidas são uma só.

— Podemos fazer essa sessão agora, se quiser.

— Não. Hoje não. Seria muito cansativo para si. Amanhã espero-a à mesma hora.

Levantámo-nos, caminhando até à porta.

— Então até amanhã.

Ele cumprimentou-me, olhando depois para a Maria.

— Até amanhã outra vez Maria - disse o terapeuta, passando a mão pelos seus cabelos.

Ela sorriu, saindo sem dizer uma palavra. Depois de pagar a consulta, deixámos o edifício apanhando um táxi que nos levou até casa. A chuva caía intensamente batendo no vidro. Lá fora as pessoas corriam curvadas debaixo dos guarda-chuvas que se dobravam sobre a

força do vento, procurando refúgio nos toldos das lojas e nas bocas de entrada do metro. As estradas, essas, estavam transformadas em rios, dificultando ainda mais o trânsito já por si caótico. Era um autêntico dilúvio que se tinha abatido sobre a cidade. Durante o percurso até casa, não pude deixar de pensar em tudo aquilo que tinha experimentado. Saber que eu e o João já nos tínhamos conhecido numa outra vida, tornava ainda mais difícil a separação que a sua morte tinha imposto sobre nós. Agora tinha a certeza, embora nunca tivesse duvidado, que ele era a pessoa que sempre procurara; que nós éramos os prolongamentos de uma única consciência, de uma consciência que se dividira nos pólos contrários de um sentimento tornado matéria pela força duma vontade forjada no amor que em nós sempre esteve adormecido. E um dia esse amor despertou. Despertou na voz que pela primeira vez ouvi do outro lado da parede; na sua presença humedecida num olhar que o cais suportava na distância de um barco que partia. Despertou nas lágrimas que a luz de um sol em queda sobre o mar reflectia na promessa de um novo reencontro. E desse reencontro nasceu a Maria. Ela era o elo que nos ligava na certeza de tudo já termos concretizado neste mundo. Acompanhara-me como filha adoptiva, testemunhando um amor que nem o tempo de muitas gerações poderia apagar. Hoje era o resultado desse mesmo amor, a chave que uniria para sempre as duas metades não mais esquecidas de si mesmo. Juntos, dávamos expressão a uma trindade, igualmente sagrada, aguardando o desfecho final de uma existência de muitos séculos. Essa era a razão do meu encontro com o David, ele que pela força do Amor Maior, deixara de ser carcereiro e soldado para se tornar Cristão, partindo para Deus nos meus braços. Como eram belos os enredos que a Vida tecia!

Quando finalmente chegámos, a chuva abrandou, facilitando a nossa saída. Depois de pagar, corri com a Maria ao colo até ao hall de entrada, subindo as escadas do prédio. Já no apartamento, fomos até ao quarto onde vestimos os pijamas que comprara em peças iguais. A casa estava quente. Tinha alugado com aquecimento central para evitar o desconforto de ter que usar aquecedores. De pés descalços, caminhámos as duas para a sala que também era cozinha. O chão estava revestido por

uma carpete cinzenta que nos massajava os pés no conforto da sua textura macia. Na parte da cozinha tinha colocado um tapete para evitar os mosaicos frios do chão e para não ter de calçar os sapatos. Gostava de andar na liberdade de nada ter nos pés, algo que a Maria partilhava comigo. Do frigorífico retirei a sopa que fazia em excesso para durar vários dias, colocando algumas conchas num tacho. Enquanto mexia a sopa para que esta não se pegasse, a Maria colocava os pratos sobre a mesa como sempre fazia. Ia depois buscar os talheres, os guardanapos de rolo e os copos, sentando-se no seu lugar. Quando a sopa já borbullava, apaguei o lume, caminhando com o tacho até à mesa. Sem o pousar, enchi os dois pratos, colocando depois o tacho no lava-loiça. Antes de me sentar, fui ainda buscar a garrafa de água mineral.

— Pronto, querida. Come tudo, sim?

Ela assentiu, pegando na colher. E assim ficámos em silêncio...

*... Sentámo-nos em volta da enorme mesa que se estendia no vazio de uma sala despida dos adornos de outrora. Após a morte dos meus pais vendi tudo aquilo que era supérfluo, usando o dinheiro nas obras sociais da Igreja.*

— *Está tudo tão silencioso!* — Disse eu, olhando para a sala.

— *Está como sempre estive desde que o avô e a avó morreram, minha mãe.*

— *É verdade, filha. Mas há dias em que damos mais atenção às coisas. Acho que tenho saudades dos tempos em que esta casa estava cheia de vida, repleta de pessoas.*

— *Foi a mãe quem dispensou os servos.*

— *Eu sei, filha. Não suportava a ideia de ser senhora de alguém. Todos somos iguais diante de Deus.*

— *Deixe lá, mãe. Ainda temos a Igreja que é a nossa verdadeira família.*

— *Fico feliz que penses assim — fixei-a de olhar sorridente. — Ainda há tão pouco tempo eras uma criança e agora já tens trinta e cinco anos... como o tempo passa, filha!*

— *Ainda bem que passa, minha mãe. Não desejaria viver eternamente um mesmo momento.*

— *Sim. Esse seria o verdadeiro inferno. Assim como viver nesta casa... sinto-me deslocada aqui, não sei... é grande demais para nós as duas.*

— *Há tanto tempo que a oiço dizer isso, minha mãe — ela sorriu. — E até agora ainda não conseguiu desfazer-se dela.*

— *É verdade, filha. Por um lado sinto-me mal numa casa tão grande... mas as memórias falam sempre mais alto. Foi nesta casa que fui acolhida depois de ter sido expulsa pelos meus pais de sangue, sabes?*

— *O mesmo posso eu dizer — ela sorriu uma vez mais.*

— *Sim. Quando te vi a chorar no alpendre daquela casa abandonada, não pude deixar de me ver a mim mesma quando os teus avós me acolheram. Era a oportunidade de retribuir a bênção que d'Ele recebi.*

*E ficámos em silêncio o resto da refeição...*

...As imagens surgiam diante de mim como se estivesse num cinema, mas já não me perturbavam. Sabia que eram sussurros que o passado fazia chegar no desejo de me levar de volta. Tinha que aprender a lidar com esse passado e nele levantar a âncora para partir rumo a um futuro que ainda não compreendia muito bem. Agora sabia que a Maria era a promessa de um encontro que apenas o tempo tornaria possível, materializando o amor de duas partes de uma só.

Depois de terminarmos, recolhi os pratos e os copos que coloquei no lava-loiça. Enquanto a Maria se sentava no sofá a ver o seu livro favorito, lavei a loiça. Quando terminei, liguei para a Joana. Sempre queria saber como tinha corrido o dia na galeria.

— *Está, Joana?... Olá... Ainda bem porquê?... A sério! Vendeste três quadros?... Fico contente... Ah, não! Tu sabes que eu não consigo*

pintar na cidade. Desde que deixei a casa da serra que não pinto um quadro... Não, Joana. Mesmo que quisesse nem tinha espaço para isso... Voltar ao campo? Não sei. Desde que o João morreu que regressar tornou-se algo muito penoso... Sim, já fez três anos... Concordo, Joana. Eu sei que tenho que expurgar esses fantasmas, mas não é fácil... A Maria está bem — olhei para ela, sorrindo. — Está aqui sentada ao meu lado a ver um livro... Ok. Amanhã de manhã eu passo pela galeria... Vai ser difícil conseguires-me convencer a pintar, mas quem sabe!... Adeus... Até amanhã.

Desliguei o telefone, olhando uma vez mais para a Maria. Ela estava de olhos esbugalhados sobre as páginas abertas daquele livro de história, observando as ruínas de uma cidade antiga. Por baixo estava um mapa da região.

— Tu sabes onde morava a outra Maria? — Perguntei na curiosidade de quem interpelava alguém que sabia mais que eu.

— Sim. A outra Maria morava aqui.

Ela apontou no mapa a cidade de Antioquia.

— Foi nessa cidade que morámos?

— Foi.

— E lembras-te de outras coisas?

— Lembro quando a gente largou uma pomba no alto *duma* casa muito grande.

— Mas foi a mãe quem largou a pomba, querida — disse eu lembrando-me das imagens que vi durante a sessão de hipnose.

— Pois, foi. Mas isso foi quando eu era pequenina e fiquei sozinha c'avó, mas depois quando eu era grande eu *tamém* larguei uma pomba.

Sorri-lhe, lembrando-me das imagens. Havia tanto para aprender, ou para esquecer, ainda não sabia ao certo.

Depois de algum tempo a ver televisão, olhei para a Maria que dormia no sofá. Com algum cuidado, para não a acordar, peguei-a nos

braços e levei-a até ao quarto. Puxei depois os lençóis, deitando-a; e logo a tapei. A lua iluminava o quarto em tonalidades azuis, preenchendo-me de uma paz rara de sentir. Da janela do quarto contemplei as estrelas que a tempestade tinha posto a descoberto. Estava tudo tão calmo! Nem um ruído se fazia ouvir vindo da cidade que se estendia diante de mim, apenas um silêncio murmurado que tudo parecia querer anunciar-me. E, ao sabor da melodia silenciosa que as estrelas faziam chegar até mim, deitei-me a seu lado, adormecendo.

## CAPÍTULO VIII

QUANDO ACORDEI NO DIA SEGUINTE E ME DEBRUCEI SOBRE a roupa que se encontrava dobrada a meu lado, reparei que a túnica tinha sido substituída. Embora branca como aquela que sempre usara, esta caracterizava-se pelos adornos dourados. Era a túnica que identificava os missionários e eu estava prestes a tornar-me um deles. Depois de a vestir pude sentir o conforto de um tecido mais delicado, tranquilizando-me profundamente.

Tinha chegado o grande dia, o dia da minha passagem para o círculo dos missionários. Desde há muito que tentava adivinhar como seria esse dia, o que sentiria perante aquele momento sonhado por todos os novatos, mas agora, prestes a tornar-me um missionário, nada sentia de especial. Deveria estar nervoso, ansioso, mas não... uma paz imensa tinha tomado conta de mim.

Quando deixei o quarto, encontrei a Emhi que me aguardava na sala.

— Olá, Emhi! Como é bom voltar a ver-te!

— Também para mim, Taihi. — Ela sorriu. — Como te sentes?

— Calmo. Deveria estar ansioso, mas apenas sinto uma tranquilidade que não consigo explicar.

— Se estivesses ansioso então isso seria um sinal claro que ainda não estarias preparado para este momento.

— E o nosso mestre, onde está?

— Ele está ausente. Encarregou-me de te acompanhar neste dia tão especial e de te ajudar a compreender um pouco melhor as realidades que ainda desconheces.

— Fico feliz por te ter junto de mim, Emhi! Será como nos primeiros tempos em que aqui cheguei — peguei-lhe em ambas as mãos. — Um dia ainda me contarás sobre esta familiaridade que sinto por ti.

Ela sorriu.

— Somos membros de uma mesma família, Taihi. É natural que sintas essa familiaridade.

— Não. É algo mais que isso. É como se já nos tivéssemos encontrado antes.

— Talvez, sim — ela sorriu uma vez mais. — Mas agora vamos. Que não façamos esperar o Conselho Comunitário.

E logo partimos pelo carreiro de erva rasteira que nos conduziu até à comunidade. Enquanto caminhávamos, não pude deixar de observar cada pormenor daquele lugar que eu conhecia muito bem, mas que agora, liberto num despertar que aos poucos tomava conta da minha consciência, assumia novas cores, novas formas. Era como se olhasse tudo pela primeira vez, como se aquele mundo renascesse diante dos meus olhos não mais toldados pelos limites de uma mente novata. Ainda nada recordava desse passado, mas lentamente, como um murmúrio deixado pelo vento, tudo parecia querer renascer. A Emhi acompanhava-me como no primeiro dia em que ali cheguei; e era como se chegasse novamente, como se estivesse para ser apresentado à família que me acolhera, à comunidade de quem fui feito cidadão. A sua presença dava-me força, tranquilizando-me ainda mais na serenidade que já sentia. Quando chegámos, nada de anormal anunciava a particularidade daquele dia. Vi os novatos a transportarem os frutos e os legumes para o edifício central, vi as crianças a brincar no jardim, correndo em

gargalhadas expressivas e sorrisos contagiantes. Pelo caminho encontrei Loeh que também vinha vestido com uma túnica igual à minha. Tínhamos chegado juntos àquele lugar e juntos iríamos mudar de círculo. Ao seu lado vinha Jioeh, uma das missionárias da sua família e que iria acompanhá-lo em todo o processo. Já dentro do edifício subimos até ao primeiro andar, entrando na sala do Conselho. Uma doce melodia preenchia todo o espaço, confortando-nos na alegria que aos poucos tomava conta do nosso espírito. Nas bancadas circulares de três filas, encontravam-se todos os membros da comunidade com exceção dos novatos. Eram divididas em doze secções, cada uma delas ocupada por uma das famílias. Na fila de cima ficavam os missionários, na central os professores e na primeira fila, o mestre de cada família. No centro da sala apenas estávamos nós os quatro: eu, Loeh, e as testemunhas do parto que estava para se realizar, Emhi e Jioeh. Pus-me então a observar aqueles que se encontravam nas bancadas, a alegria que expressavam pela subida de mais alguns dos seus irmãos ao círculo dos missionários. E foi então que nós os dois fomos envolvidos por uma luz violeta que libertou as amarras da nossa memória. Os conselheiros, doze ao todo, materializaram-se em volta de nós, cada um deles posicionado em frente da família que representavam. Eram a consciência de cada família, os seres que estavam acima dos mestres e que decidiam sobre os assuntos inerentes à comunidade. Os seus rostos expressavam amor e sabedoria, autoridade e equanimidade, impondo sobre cada um de nós um respeito silencioso e venerativo, embora não fossem motivo de qualquer tipo de culto. Compreendi então que algo de diferente tinha acontecido comigo, já que os assuntos referentes aos conselheiros eram interditos aos novatos. Mas eu fui capaz de os compreender, sabia do que se tratava. Não porque alguém me tivesse ensinado ou mostrado, mas porque tomara consciência de uma memória até então adormecida. Já tinha vivido tudo aquilo em tantas outras vezes; nada me era estranho. Não era a primeira vez que subia ao círculo dos missionários. As memórias concretas não as recordava ainda, mas as sensações estavam lá como sempre estiveram, embora encarceradas na ausência de uma memória que despertava. E, assim, fomos baptizados na aura violeta que

os conselheiros expressaram em nós, transformando-nos sem que uma palavra fosse dita. Eram as consciências que falavam, a unicidade de um princípio cuja essência era a própria divindade e que ritualizava aquele momento sem que nada mais fosse necessário fazer. Ali, dentro da sala do conselho, todos éramos um só; uma mesma consciência, uma só identidade, uma unidade perfeita na continuidade infinita da própria existência.

Quando a sessão terminou senti que tinha nascido de novo. Havia uma sabedoria que desconhecia e que agora moldava a minha consciência sem que nada tivesse aprendido. Tudo estava onde sempre estivera — em mim. Era ali que se encontrava o verdadeiro conhecimento que agora tomava forma na presença de uma voz em tempos adormecida.

— Sinto-me tão bem, Emhi! — disse eu após termos deixado a sala do conselho. — Uma paz... não sei, é difícil de explicar.

— Não necessitas explicar, Taihi. Lembra-te que também eu passei pelo mesmo e sei aquilo que sentes.

Loeh saiu logo depois, aproximando-se de nós.

— Como te sentes, Taihi? — Perguntou ele de sorriso no rosto.

— Sinto-me como novo. Como se tivesse renascido.

— Sim. Foi uma experiência única, esta. Nunca senti tamanha paz e tranquilidade. Agora compreendo todo o fascínio que este momento provoca nos novatos.

Quando a música anunciou o início do período da primeira refeição, deslocámo-nos para o refeitório e ali nos sentámos nas mesas reservadas aos missionários. Estávamos agora desvinculados dos afazeres comunitários, das aulas de ciência, teologia e meditação. Novas tarefas nos seriam atribuídas na responsabilidade de quem pertencia agora a um novo círculo. Mas, isso estava reservado para mais tarde. Primeiro, teria que me familiarizar com aquele lugar e com o passado que ainda não recordava, e só depois, com a ajuda da Emhi e do nosso mestre, passaria a desempenhar plenamente as tarefas reservadas aos missionários.

Era exactamente esse passado que me inquietava. Havia algo de muito forte que ganhava expressão, preenchendo aquela ausência que sempre senti.

Quando o período da primeira refeição terminou, e depois dos mestres e dos professores terem deixado o refeitório, caminhei com a Emhi para o primeiro andar, contornando o corredor que circundava a sala do conselho.

— Como eu gostaria de saber um pouco mais do meu passado... daquilo que aconteceu antes de ter chegado a este lugar...

— Vamos já tratar disso, Taihi — disse ela sorrindo. — Chegou o momento de seres confrontado com essa realidade.

— Vais-me contar?

— Não, Taihi. Vou-te mostrar.

Parámos em frente da Sala do Espelho.

— Vamos entrar nesta sala? — Disse eu surpreso.

— Sim, — ela sorriu uma vez mais — agora és um missionário. Já podes ter acesso à Sala do Espelho.

A porta deslizou para o lado, revelando uma sala circular. Aquele era um lugar mitificado pela imaginação dos novatos que, não podendo lá entrar, imaginavam-no à sombra das fantasias alimentadas pela curiosidade. Mas nada havia de extraordinário naquela sala; apenas doze cadeiras dispostas em volta de um centro. Sentei-me numa das cadeiras acompanhado pela Emhi, que se sentou a meu lado.

— Qual é o significado deste lugar?

— A Sala do Espelho é o lugar onde podemos sintonizar a consciência do próprio Universo. — Ela proferiu uma palavra enigmática e todas as luzes se apagaram. No centro, um cilindro azul celeste ergueu-se do chão até ao tecto, revelando, na sua transparência, o outro lado da sala. — Este cilindro energético é a expressão dessa mesma consciência. Através dele podemos ver o tempo passado e futuro, podemos comunicar com qualquer ponto deste e de outros Universos e visionar

cada recanto que o constitui. Tem o nome de Sala do Espelho, porque através deste cilindro todo o Universo é reflectido em nós e, cada um de nós, no próprio Universo.

— Posso então ver o meu passado?

— Sim, Taihi. É para isso que aqui estamos.

Do interior daquele cilindro, surgiram imagens em pequenos ecrãs que circularam à volta deste até pararem na imagem de um parto.

— Este é o momento do teu nascimento, Taihi. Podes agora controlar as imagens como desejares. Se as fizeres circular para a esquerda, avançarás no tempo e para direita, recuarás. Podes também fundir-te com as imagens.

— Fundir-me!? Como assim?

— As imagens que ali vês não são meras projecções do passado. Elas são o passado em si mesmo. Podes, por isso mesmo, reviver cada um desses momentos tanto na primeira como na terceira pessoa.

— Como se estivesse lá?

— Sim.

— Quero experimentar — disse eu entusiasmado.

— Concentra-te então nas imagens. Para as poderes controlar só tens que pensar naquilo que pretendes delas.

Assim fiz, fazendo com que estas circulassem para a minha esquerda. E o tempo foi avançando sem que nada de particular despertasse a minha atenção. As imagens, emolduradas como fotografias, deslizavam lentamente revelando os momentos mais significativos do passado que não recordava. E foi então que ordenei que parassem. Diante dos meus olhos estava alguém que agora recordava.

— Sou eu e a Vera! — Disse emocionado.

— Lembras-te dela? — Perguntou a Emhi de sorriso no rosto.

— Sim. Está tudo tão claro... lembro-me tão bem deste momento!

— Não te queres fundir com a imagem?

— Sim. Posso fazê-lo na primeira pessoa?

— Claro que sim, Taihi.

E foi então que me vi ser puxado para dentro da imagem, enquanto a sala se distorcia numa espiral que lentamente se desvaneceu na realidade de um momento tão especial...

*...Depois de a ter deixado, regresssei à tenda de cabeça baixa e expressão fechada. Pelo caminho libertei as lágrimas que consegui conter diante dela, sentindo que algo escapava de mim como areia por entre os dedos, mas que não conseguia inverter pelo medo que sentia de estar a cultivar uma ilusão. Nela reconheci muitos dos meus traços; afinidades que nos arrepiavam pela coincidência de sentimentos e sensações, mas que mesmo assim não nos davam a certeza dessa procura pela metade que nos faltava e que amávamos na distância e na saudade.*

*Foi então que ela surgiu junto de mim como uma visão anunciada.*

*— João! — disse ela de olhos humedecidos.*

*Virei-me na rapidez que a sua voz me inspirava.*

*— Sim, Vera! — Os meus olhos fixaram-se nos seus. — Porque vieste?*

*— Queria que visses o quadro.*

*Ela entregou-me o quadro que observei.*

*— Mas... mas este é o meu rosto! — Encarei-a num olhar que se tornava húmido.*

*— É verdade! — As lágrimas escorriam na emoção profunda que o seu rosto corado e sorridente revelava. — Tu és a pessoa que eu procurava.*

*— Somos mesmo nós?*

*— Somos, João. Tínhamos pedido um sinal e ele veio como bênção divina. Nem sabes a alegria que senti quando o rosto foi surgindo ao ritmo das pinceladas que não vinham de mim, pois era como se alguém tivesse tomado a minha mão por empréstimo.*

*As nossas expressões tremiam sob um sorriso constante, lavadas pelas lágrimas que escorriam em fios contínuos.*

— *Como eu te amo, Vera!*

— *Eu também te amo, João.*

*E abraçámo-nos na presença daquela luz que nos unia na certeza de um encontro que aquele mesmo sol sabia estar predestinado. Predestinado nas promessas de um passado que ainda ignorávamos mas que de tão forte tudo deixava na esperança de uma união maior que o tempo e o espaço. ·Estávamos finalmente juntos...*

...Deixei aquelas imagens num turbilhão que me trouxe de volta à Sala do Espelho. As memórias regressaram com a mesma intensidade com que as tinha vivido, revelando-me cada momento que tinha passado na serra; cada palavra partilhada no amor que por ela sempre senti; pela familiaridade do seu olhar, do seu sorriso, de cada gesto que nela reconhecia como parte de mim mesmo. Como era bom estar de volta!

— Porque é que nos separámos? - Perguntei.

— Nas imagens obterás todas as respostas, Taihi. Só tens que avançar um pouco mais.

E assim fiz, fazendo com que estas deslizassem para a esquerda. O que teria acontecido para que não estivéssemos juntos? E foi então que fixei a última imagem daquela curta sequência.

— Já terminou?

— Pelos vistos sim, Taihi.

— Não compreendo. — Estava confuso. — Como pode ser a última imagem se continuo aqui. Deveria ver todos os momentos que passei neste lugar.

— São vidas diferentes, Taihi.

— Como assim!?

— Aquela última imagem tem a resposta para essa pergunta.

Fixei a imagem, e logo me fundi com aquele momento cristalizado diante dos meus olhos, observando-o na terceira pessoa. Estava deitado sobre uma cama, chamando-a para junto de mim...

— *Vera! Ajuda-me a levantar.*

— *Mas tu não podes sair da cama, João.*

— *Tu sabes que não tenho muito mais tempo. As dores são difíceis de suportar... ajuda-me a caminhar até ao alpendre. Quero ver o pôr-do-sol uma última vez.*

Ela chorava na emoção profunda daquele momento. Acabou por ajudá-lo a levantar-se, caminhando com ele até ao alpendre de madeira que se debruçava sobre a falésia. Sentaram-se depois nas cadeiras que ali se encontravam, aguardando o pôr-do-sol. Ela estava grávida de vários meses, facto que parecia sustê-la da tristeza que o seu rosto revelava.

— *Dá-me a tua mão, Vera — disse ele com extrema dificuldade - deixa-me sentir-te uma última vez.*

Ela estendeu a mão, chorando em lágrimas contínuas. Ele pegou na mão e colocou-a sobre o ventre dela, pousando a sua sobre esta enquanto sorria na esperança desse alguém que iria dar-lhe continuidade. E com as mãos sobre o ventre, olharam o sol que se punha em reflexos que as suas lágrimas expressaram na tristeza de uma separação que nenhum deles desejava. E foi quando o Sol se pôs, por detrás dos montes, que ele deixou aquele corpo doente, partindo liberto com a brisa. Lá em baixo, a Vera chorava de uma forma convulsiva, abraçando-o numa dor que me trespassou a Alma em lágrimas que não consegui conter...

Quando deixei aquelas imagens, estava profundamente emocionado.

— Quer dizer que morri! — Disse eu limpando as lágrimas.

— Sentes-te morto? — Perguntou ela de expressão tranquila.

— Não, mas... mas para ela eu morri.

— Sim. Para ela morreste, pelo menos para já.

— Não compreendo... se morri deveria estar num lugar espiritual... mas este lugar é tão físico quanto aquele que deixei. O que está errado em tudo isto?

— Nada está errado, Taihi. Ela pronunciou uma palavra idêntica àquela que tinha iniciado todo o processo, desligando o cilindro de energia. E logo as luzes da sala se acenderam. — Vem! Nosso mestre deseja falar contigo.

E assim deixámos a comunidade rumo a casa.

## CAPÍTULO IX

ESTAVA DEITADA NA SALA ANEXA AO CONSULTÓRIO, AGUARDANDO o médico. Tinha passado parte da manhã na galeria onde os quadros estavam a ter um sucesso inesperado. A Joana ainda tentou convencer-me a pintar de novo, mas isso era algo impossível de acontecer. Desde a morte do João que a pintura se tornara vazia. Pintar seria forçar algo que apenas faria sentido se surgisse na espontaneidade de um gesto intuitivo e não racional. A Maria estava sentada na minha frente, olhando-me de expressão serena.

— Vais dormir outra vez, mãe?

— Sim, querida. A mãe vai dormir para poder visitar a cidade da outra Maria. — Ela sorriu.

— *Tamém* era a cidade da minha outra mãe. Só *ca* minha outra mãe és tu.

— Eu sei, querida — retribuí o sorriso.

O médico entrou, sentando-se na cadeira junto de mim.

— Desculpe a demora.

— Não tem importância.

Ele cruzou as pernas, pousando um bloco de notas sobre o joelho onde rabiscou qualquer coisa.

— Vamos então começar. Desta vez vou experimentar algo de arrojado e, por isso, não estou muito certo se irá resultar.

— Não faz mal. Sempre é melhor que ficar na dúvida.

Ele premiu o botão na parede da sala, activando a música que tudo preencheu na tranquilidade dos seus sons suaves e relaxantes.

— Quero que respire fundo de uma forma pausada... Isso, liberte todas as tensões do corpo... não pense em nada... concentre-se apenas na música e na respiração... imagine agora um ponto de luz entre os seus olhos. É uma luz suave de tons azulados que vai subindo lentamente... não a perca de vista. Tente acompanhá-la... ela é agora um ponto no céu. A mais brilhante das estrelas... a partir deste momento, vai passar a ser o João e irá responder apenas à minha voz... está agora num corredor. Um longo corredor por onde caminha lentamente... lembre-se que você é o João. É o seu passado que procuramos... Ao fundo vê uma porta que ocupa todo o espaço entre as paredes... está cada vez mais próxima... faltam três passos, dois, um... Está agora diante da porta. Vê uma maçaneta... quero que pegue nesta... isso mesmo. Abra a porta lentamente... sem recear, entre por essa porta... o que vê?

— Vejo uma cidade no meio do deserto...

*Assim que transpusemos os portões da cidade, apercebemo-nos logo que algo de estranho se passava. Os gritos, espancamentos e a movimentação dos soldados em patrulhas denunciavam mudanças que desconhecíamos.*

*Dois soldados aproximaram-se de nós.*

— *Quem comanda esta caravana? - perguntou um deles.*

— *Sou eu - respondi serenamente.*

— *Mostrai-me o libellus.*

— *De que libellus falais? - perguntei, confuso.*

— *Não sabeis das últimas ordens do Imperador?*

— *Acabámos de chegar do deserto.*

*Ele desenrolou então um pergaminho, lendo em voz alta.*

*-“Todos os cidadãos são obrigados pela letra deste édito a prestar sacrifício aos deuses do império. Quem se recusar será preso e torturado”. O libellus é o certificado comprovativo de que haveis cumprido as ordens do imperador — concluiu ele, enrolando o pergaminho.*

*Estava chocado. Como se atrevia o imperador a determinar as crenças de cada um. O meu Deus era um Deus desconhecido, liberto de religiões ou rituais. Não podia prestar sacrifício a esses deuses de pedra, feitos à imagem do homem. Mas, se recusasse seria preso.*

— Nada sei dessas ordens.

— Pois agora já estais informado.

— E o que esperais de nós?

— Que presteis o sacrifício ordenado pelo imperador, claro!

— É melhor aceitarmos, senhor! — Disse um dos meus empregados. — Não vale a pena arriscarmos a prisão por tão pouco.

*Não sabia o que pensar e, no entanto, via na possibilidade contrária a fuga àquela vida que tanto detestava... Não! Não teria coragem de abandonar tudo pelos ideais que sempre desejei cultivar. E depois tinha uma família que dependia do esforço que colocasse naquele negócio que herdara de meu pai. Resolvi acatar as ordens do imperador, silenciando a voz que dentro de mim gritava “liberdade”. Quando chegámos, conduzidos pelos soldados, fomos confrontados com uma multidão que se concentrava na praça, gritando para uns quantos que se deslocavam sobre a protecção dos guardas.*

— Quem são esses para quem gritam? — Perguntei ao acaso depois de ter dado o meu nome a um escriba que se encontrava na entrada da praça.

— São cristãos! — respondeu-me um homem de postura forte.

— E porque lhes gritais?

— Porque são hereges! — Ele encarou-me de expressão enrugada.

— Como pode o Imperador deixar esta gente prestar sacrifício aos nossos deuses? É uma ofensa imperdoável! — E logo se virou para o centro da praça. - Matem esses cristãos!

*Coitados desses a quem chamavam cristãos! Se recusassem seriam presos, se o fizessem, chincados. E muitos recusaram, revelando uma coragem que eu próprio desejava possuir. Não conseguia ver os seus rostos lá no alto do templo, mas já admirava a fé que demonstravam.*

*E foi então que ouvi uma voz suave que deslizou pela praça como se fosse uma brisa doce e perfumada. E disse ela lá do alto:*

— *Vejam! Este é o meu sacrificio.*

*Uma pomba branca saiu das suas mãos, voando liberta. Aquele gesto, aquelas palavras, fizeram crescer em mim a vontade extrema de lhe seguir o exemplo; de libertar essa mesma pomba e, com ela, a minha consciência há muito aprisionada. Ainda tentei delinear a sua expressão, mas a distância e a pequena multidão que cercava o altar esconderam-na do meu olhar curioso e encantado.*

*A coragem demonstrada por esses tais cristãos e, acima de tudo, o gesto deixado pela jovem no alto do templo, conseguiu despertar em mim o ser encarcerado no medo que atrofiava a voz da alma como expressão dessa essência interior que reclamava pela liberdade. Mas agora iria ser diferente.*

*Quando fui chamado à presença do sacerdote não hesitei um único instante, recusando o sacrificio. Ele, sabendo que eu não era cristão, ainda insistiu. Mas estava determinado.*

— *Recuso-me!* — *Disse de sorriso rasgado.*

*E nunca me tinha sentido tão bem como naquela tarde...*

— Quero que avances um pouco no tempo... onde estás agora?

— Estou numa cela.

— Está mais alguém contigo?

— Não, mas a jovem que largou a pomba está do outro lado da parede.

— Como sabes?

— Porque ela está a falar comigo.

— Vai até à sua cela... Conhece-la?

— Sim. — Os meus olhos tornaram-se húmidos.

— Quem é ela?

— Sou eu.

— Não... tu agora és o João... quem é ela?

— É a Sara...

*...Nela podia reconhecer tantas coisas diferentes, sentir algo que nos transcendia na continuidade de uma existência maior que nós os dois. A sua voz era testemunho de um outro momento que partilhámos num qualquer lugar esquecido na ausência que dela sempre senti, preenchendo-me numa alegria como nunca antes experimentara... mas nada sabia de si. Ignorava os contornos do seu rosto, os trilhos da sua vida.*

— *Haveis reparado que é durante o pôr-do-sol que a luz entra nestas celas? - Disse eu arrepiado com a emoção daquele momento.*

— *Sim, vejo agora.*

— *É a primeira vez que acontece. Nos outros dias o céu deveria estar nublado.*

— *É a forma do sol abençoar esta nossa amizade! — Disse ela num tom carinhoso.*

— *Quem sabe se não é mais do que isso?*

*Aos poucos começava a delinear um sentimento mais apurado e diferente, pois apenas algo profundo e verdadeiro poderia justificar tudo aquilo que senti quando ouvi pela primeira vez a sua voz no alto do templo. E os momentos sucederam-se com conversas que partilhámos na emoção de estarmos juntos; horas que ajudaram a solidificar um sentimento cuja origem transcendia o tempo, o espaço, a própria existência. Nela pude reconhecer o reflexo de uma imagem que espelhava o meu próprio ser; a unidade perfeita de um Eu que se fazia Nós, tornando-se depois um Eu ainda maior...*

— *Quero que avances até ao momento em que foste libertado...*

*...Quando a porta da cela foi fechada atrás de mim, senti um arrepio que parecia pressagiar algo doloroso. Ela ficou para trás, acentuando aquela voz insinuada que me insultava sem que nada fosse dito. Tinha de afastar esses pensamentos que queriam derrotar-me das certezas que construíra ao longo do último ano.*

*Uma pequena multidão aguardava-nos à saída. Nas suas expressões, distanciadas pelos soldados que os mantinham longe, vi a irracionalidade de um povo instrumentalizado pela decadência crescente de todo um império. Vi a cegueira de uma vontade que não lhes pertencia, pois neles estávamos todos nós. Era como se eles, bons na sua essência, tivessem sido possuídos pelas memórias de uma razão nada esclarecida, forçados numa encenação pouco cuidada onde as faltas e as omissões se sobrepunham à necessidade de representar com coerência uma existência que os transcendia. Eram, no entanto, partes iguais de uma mesma identidade, membros de um só corpo, como ela dizia citando o seu apóstolo preferido. E foi então que o cordão de soldados se rompeu, precipitando sobre nós a multidão. Na minha frente os cristãos, fragilizados por um ano de cativeiro, atropelavam-se uns aos outros no cambalear das pernas há muito esquecidas de andar. Alguns deles foram engolidos pela multidão que os espancou, enquanto outros, de natureza mais forte, correram pelas ruas da cidade, fugindo de uma morte que se anunciava injusta. E ao lado deles também eu fugi. De nada serviria tentar justificar-me perante a cegueira daquele povo. Não era cristão, mas isso pouco importava. E com eles corri de coração aos saltos, tentando despistar quem me perseguia de paus na mão e sangue no olhar. E foi numa dessas ruas, perdidas num dos bairros da cidade, que me vi cercado. Eles aproximaram-se deliciados com a caçada. Apesar de tudo, consegui conter a vontade de lhes dizer que não era cristão. Se tinha corrido juntamente com eles, com eles iria morrer. Era uma forma bonita de expressar o meu amor para com a Sara, morrendo pela sua religião. Acabei por ser espancado, tombando no chão. Ali pontapearam-me repetidas vezes, procurando a morte de alguém que lhes era estranho. Estranho na ignorância que os alimentava no desejo único de destruir e negar tudo aquilo que não compreendiam... Apesar das feridas e da dor, mantinha-me consciente na distorção de um olhar pouco firme. Estava caído sobre uma mancha de sangue. Tinha que me levantar! O que iria pensar a Sara se não me encontrasse junto da saída? Mas não conseguia deslocar-me. Ainda tentei mexer-me, mas nada!!! Acabei por desmaiar, cedendo à voz dilacerada das feridas que me atormentavam na dor que se tornava insuportável. Momentos depois, os sentidos voltaram na força contrária que me alimentava. Talvez fosse ela que me chamasse... Tinha mesmo que me levantar!!! Motivado por essa força, arrastei o corpo até uma rua de maior movimento, apesar das feridas*

*e das fracturas. Atrás de mim, um rasto de sangue media o tamanho do meu esforço, reforçando a vontade de continuar. Só que a dor era difícil de suportar, sobrepondo-se ao chamado que ouvia dentro de mim. Já na rua principal, voltei a desmaiar. Quando despertei, senti um ligeiro trepidar pelo corpo. Era como se a terra tremesse de uma forma constante, embora nada daquilo fizesse sentido. Ainda tentei abrir os olhos para testemunhar a natureza daquele estranho fenómeno, mas a luz intensa de um sol forte fez com que os fechasse. Momentos depois, num despertar contínuo, ouvi o som dos cascos de um cavalo. Sabia estar caído numa das ruas, no entanto, algo de estranho se passava. O som permanecia de sonoridade constante. Era como se o cavalo andasse sem sair do mesmo lugar. O que se estava a passar!? À medida que os sentidos regressavam, fui-me apercebendo de outros sons, como o som dos rodados de uma carroça que se sobrepunha aos demais. Este acompanhava o som dos cascos do cavalo de uma forma sincronizada. Tentei, então, abrir os olhos, forçando o olhar sobre a intensidade da luz. Uma jovem, de expressão terna, tratava das minhas feridas.*

— *Como se sente?* — perguntou ela, sorrindo.

— *Quem sois vós? Onde estou?* — perguntei eu de olhos semicerrados.

— *O meu nome é Sofia, e vós estais numa carroça.*

— *E o que faço eu numa carroça?*

— *Encontrámo-lo caído no chão, desmaiado.*

— *E para onde vamos?*

— *Para Cesareia.*

— *Cesareia!? Não, não posso ir... ela está à minha espera. Tenho que voltar!*

*Tentei levantar-me, mas a dor sufocou o meu esforço.*

— *Tenha calma. Quando estiver melhor regressará.*

— *Você não compreende!* — *Estava desesperado.* — *Se eu não a encontrar agora, nunca mais a encontrarei.*

— *Tenha fé no destino!* — *Disse ela, sorrindo.* — *Quem está predestinado a encontrar-se, encontrar-se-á.*

— *Tenho medo do destino, sabe?* — *Disse eu, repleto de dores.* — *Se ele me pregou esta partida é porque não quer que nos encontremos.*

*Voltei a perder os sentidos, mergulhando na sonolência forçada que as feridas provocavam sobre mim. Quando recuperei a consciência apenas senti o trepidar da carroça e depois, o som dos cascos do cavalo e dos rodados da carroça. Abri os olhos.*

— *Como se sente, agora? - Perguntou a mesma jovem.*

— *Cheio de dores.*

— *É natural.*

— *Está a escurecer ou sou eu que ainda não despertei por completo?*

— *Sim, está a escurecer.*

— *Deixe-me ver o pôr-do-sol.*

— *Você não se pode mexer!*

— *Por favor! Ajude-me a erguer a cabeça. É muito importante que eu veja o pôr-do-sol.*

*Ela ficou relutante em aceitar, mas acabou por ceder perante a minha insistência. A luz do sol revelava um rosto que não conhecia, mostrando-me a natureza contrária da minha própria existência. Sabia que ela olhava o sol, sentindo a minha presença nos espargidos de luz como se estes fossem uma extensão do meu amor por ela; um afago ternurento que lhe chegava como se este tivesse saído das minhas próprias mãos num gesto que lhe tocava o rosto em carícias delicadas. Ali, diante dos meus olhos humedecidos, estava o olhar de alguém que também era eu. As lágrimas acabaram por jorrar dos meus olhos, revelando, na salinidade da sua natureza molhada, a saudade que nos separava na ausência de uma voz que tudo significava para mim.*

— *Porque chorais? - Perguntou-me ela, de expressão quase comovida.*

— *Porque fui amputado da parte que mais amo de mim mesmo...*

— *Quero que avances um pouco no tempo. O que vê?*

— *Estou no alto de um monte perto da casa da Sofia...*

*... Todos os dias, ao entardecer, a Sofia ajudava-me na caminhada que fazia até junto de um pequeno monte. Ali, de expressão distante e sau-*

*dosa, tudo se tornava presente nas palavras que dela recordava. Em cada raio de sol podia sentir os gestos que sempre lhe imaginara, as expressões delicadas que recordava sem delas ter memória. Sabia que em nós nada era passado e que o futuro chegava nas recordações presentes de um sentimento maior que o tempo e o espaço. Naquele sol que nos unificava num abraço difícil de separar, era como se continuássemos juntos; divididos pela parede que não fora capaz de calar o nosso amor.*

*E os dias foram passando ao ritmo de uma vida campestre, tornando visível a minha recuperação. Num desses dias, deslocámo-nos a Cesareia. Fomos na carroça do seu pai, viajando ao ritmo de um asno sem pressa. A viagem foi demorada, embora a conversa que nos seduziu todo o caminho tivesse tornado escasso o tempo que por nós passou sem nos tocar.*

*O som arenoso de uma brisa salgada, anunciava o mar que rugia no temperamento endiabrado da sua natureza rebelde. Ao longe, junto do porto da cidade, algumas embarcações ondulavam ao ritmo hipnótico das águas que lhes davam sentido, aguardando o soltar das amarras para cumprirem um destino sempre incerto. Lentamente, o burburinho da cidade invadiu-nos na melodia dissonante de pregões e arruaças, dando-nos testemunho de um lugar repleto de vida. A Sofia conduziu-nos até à escola de Orígenes onde diariamente se realizavam palestras. Ali pude ver homens e mulheres, todos motivados por uma mesma fé. Uma fé que tinha aprendido a respeitar desde que vi a Sara largar a pomba no alto do templo. Uma visão única e inesquecível que me deu a força necessária para segui-la nesse gesto poético e tão bonito. Como estava grato ao voo dessa ave e às mãos sinceras que lhe deram a liberdade!...*

— Avança alguns anos e procura o momento em que tiveste que deixar a Sofia...

*...Já tinham passado três anos desde que a Sofia me encontrara caído numa rua de Antioquia. Três anos que me ajudaram a solidificar aquele sentimento único que nutria pela Sara. Durante esse período acabei por aceitar como filho pelos pais da Sofia, vendo nesta, apesar de tudo aquilo que sentira, apenas uma irmã. Passava as manhãs no mercado com o seu pai e as tardes na comunidade cristã. Embora o conhecimento formal do*

*cristianismo tivesse sido a Sara a ensinar-me, ali tive a oportunidade de pôr em prática muitos dos seus preceitos. Não era cristão e talvez nunca o viesse a ser, mas sentia-me pacificado dentro da comunidade.*

*Estava no alto do pequeno monte a observar o sol, quando a Sofia se aproximou, sentando-se a meu lado.*

— *Os teus irmãos de Jerusalém já partiram? — Perguntei.*

— *Sim, Dionísio. Partiram hoje de manhã.*

— *Espero que tenham conseguido recolher o dinheiro suficiente.*

— *Não foi muito, mas vai ajudá-los. — Fizemos um breve silêncio. — Sabes que me custa muito ver-te sofrer todos os dias diante desse sol?! Porque não vais procurá-la?*

— *Nem sei onde ela mora. Parecia algo tão pouco importante quando estávamos presos que nem sequer nos preocupámos em perguntar da morada de cada um.*

— *Sabes pelo menos que mora em Antioquia.*

— *Sim, mas a cidade é enorme. Como vou eu encontrá-la?*

— *É tão fácil encontrar um cristão em tempo de paz. Tenho a certeza que qualquer pessoa da comunidade a conhece.*

— *Mas já se passaram três anos. Será que ela...*

— *...te esqueceu?*

— *Sim- disse eu, baixando os olhos.*

— *Tu sabes que não, Dionísio — Ficámos em silêncio. — Deixa-me contar-te algo que tenho vontade de contar há muito tempo - disse ela, finalmente. - Quando te vi, pela primeira vez caído na rua, senti logo por ti algo de muito especial. Ao cuidar das tuas feridas, não pude deixar de pensar como seria bom se um dia pudéssemos partilhar uma mesma vida. Só que, entretanto, despertaste e as tuas palavras fizeram-me compreender que não podia existir outra pessoa para além dela. Acabei por me resignar, respeitando o vosso amor. Com o passar do tempo compreendi que amar alguém é querer o melhor para essa pessoa, mesmo que seja longe de nós. É que, se assim não for, então não existe amor mas apenas paixão. E eu amo-te. É por isso que sei que o melhor para ti é partires em busca da Sara.*

— *Vou-me aconselhar com Orígenes. Ele tem sempre a palavra certa para nos fazer compreender os nossos próprios caminhos.*

— *Não vale a pena. — A sua expressão fechou-se.*

— *Porque dizes isso?*

— *Os soldados levaram-no ontem à noite.*

— *Levaram-no preso!? Mas porquê?*

— *E eles lá precisam de uma justificação para prenderem um cristão!*

— *Será tudo isto um presságio? - Perguntei, fixando o horizonte.*

— *Não sei. Mas, pelo menos, é mais uma razão para partires.*

— *Começo a achar que tens razão. Ele foi a pessoa que levou a Sara a converter-se ao cristianismo. E tu, Sofia, a pessoa que a viu olhos nos olhos.*

— *Deixaste de ter razões para viver a Sara através de outras pessoas. Chegou a altura de a procurares...*

— *Avança um pouco mais... conseguiste encontrar a Sara?*

— *Não. Fui até Antioquia, até à sua comunidade, mas ela tinha partido para Jerusalém.*

— *E o que vais fazer?*

— *Vou atrás dela. Tenho que a encontrar!*

— *Avança um pouco mais... Encontraste-a?*

— *Não! - Disse eu, de olhos humedecidos. — Ninguém diz-me nada a seu respeito e eu não sei onde ela está. Vou desistir...*

*... Talvez a resposta para o nosso encontro, adiado constantemente pela força de um destino que nos mantinha à distância, estivesse na minha conversão. Só assim poderia compreender os caminhos que ela trilhava e a estes me unificar. Mas não era cristão e talvez nunca o viesse a ser. Era filósofo, isso sim, consciência livre de todo o tipo de amarras. Tornar-me cristão era como prestar sacrifício aos deuses pagãos, já que seria negar a divindade que sempre tive como única e que transcendia todas as religiões. Contudo, sentia uma necessidade extrema de saber tudo dessa religião. Uma*

*religião que conhecia profundamente, não apenas nas palavras que a Sara partilhara comigo num ano de cativo, mas também na sabedoria, para muitos herética, de Orígenes, que me ajudara a construir uma ponte entre o cristianismo e a filosofia. Mas por mais que isso me custasse, não era cristão e essa talvez fosse a razão que nos mantinha separados.*

*Resolvi então partir em peregrinação pelos caminhos que Cristo tinha percorrido, procurando uma resposta que pudesse orientar-me. Com a ajuda de outros peregrinos, fui conduzido a Belém, Nazaré e Cafarnaum. Convergi depois para o rio Jordão, entrando no deserto. Ali, num terreno repleto de pedras que lembravam pequenos pães, Cristo jejuara durante quarenta dias e quarenta noites. Mas foi quando cheguei ao monte das Bem-Aventuranças que uma paz imensa me preencheu na tranquilidade de uma voz interior que lentamente se pronunciava na consciência de uma verdade sempre presente. E logo o discurso da montanha se materializou ao sabor das palavras que a Sara me dedicara. A sua voz tornou-se presente na memória desses tempos, tornando verdadeira a imagem que aqueles sons tão bem sabiam expressar.*

*«Bem aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino dos céus. Bem aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos...» — Mas aquelas eram palavras que não me pertenciam. Por mais que as desejasse como parte integrante de mim mesmo, nada podia fazer para forçar uma natureza diferente da minha. — «...Mas a vós, que ouvís, digo: Amai os vossos inimigos, fizeti bem aos que vos aborrecem; bendizeis os que vos maldizem e orai pelos que vos caluniam...» — Eram palavras repletas de sabedoria, mas não as tinha como minhas. — «...E, como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fizeti vós, também.»*

*— Não desespereis! — Disse um homem que se aproximava.*

*— Como não?! — Fixei-o. — Nada sei dos caminhos da minha existência... é tudo tão confuso.*

*— Talvez a resposta esteja na meditação e na contemplação.*

*— É difícil meditar num mundo repleto de sofrimento. E depois ela está sempre presente... como esquecê-la?*

*— Porque não vindes comigo? Parto para Alexandria e depois para os desertos do Egipto onde se encontra uma comunidade próspera de monges ascetas que medita e reza pelo mundo.*

— *Partir para o deserto!? — Fiquei pensativo diante da sua proposta.*

— *Deixai a vossa consciência decidir sobre isto que vos proponho, pois este poderá ser o caminho que vos foi predestinado.*

— *Aquilo que me prende a este lugar, a esta civilização, sei que me foi negado.*

— *Então porque não vindes comigo?*

— *Vou, sim! — disse num tom determinado.*

*E assim parti com aquele homem rumo aos desertos do Egito. Talvez encontrasse no ascetismo e na sabedoria daqueles monges o caminho que me levasse de volta a ela, a mim, a nós os dois como partes de uma só e, quem sabe, numa fé que poderia despertar, a Cristo...*

— *Quero que regresse ao corredor... isso, fecha a porta lentamente... procura agora a porta que te levará ao deserto... Abre-a sem pressa e entra... o que vê?*

— *Vejo o deserto.*

— *E o que fazes?*

— *Estou sentado no alto de uma duna a olhar o sol...*

*...Estava há três dias sem comer nem beber em meditação no deserto. Era ali que conseguia aprofundar o conhecimento de mim mesmo, ouvindo, nos murmúrios areados do vento, a voz contrária de alguém que sempre esteve presente no amor que nunca deixei de sentir. Procurava uma resposta nas entidades que me olhavam de cima, tentando compreender as razões de uma vida ainda incompleta.*

*Já ali estava há dezoito anos, levado pela mão fraterna do homem que conhecera no monte das Bem-Aventuranças e que era mestre naquele lugar. E assim tornei-me membro de uma comunidade asceta de monges cristãos que procuravam, no silêncio dos desertos, o caminho principal de uma existência a todos destinada. Embora fosse considerado como um irmão, ainda não era cristão. Faltava-me o elo principal de uma corrente que só o tempo poderia juntar; o elo de um sentimento que apenas na união de nós os dois se faria pleno e completo. Do cristianismo sabia tudo: cada*

*palavra, cada gesto, cada entoação expressada na vontade de uma fé que me encantava. Mas não era cristão e isso doía-me bem fundo. Como eu desejava que uma voz celestial despertasse em mim as razões de uma existência separada em duas partes de uma só!... Que um anjo se materializasse diante de mim pela vontade de Deus e me desse testemunho de um destino que não compreendia. O sol, esse, desaparecia lentamente por detrás das dunas, revelando o seu rosto.*

— *Quantas saudades, Sara!*

*As lágrimas não chegaram a escorrer, secando nos limites dos meus olhos humedecidos. Recordar tais momentos, feria-me numa dor maior que a saudade. Mas tinha que aceitar as razões de um destino que tudo fizera para que assim fosse. Não me cabia a mim questioná-lo, mas conformar-me com uma vontade maior à qual me resignava, embora nada soubesse das razões que a motivavam...*

— *Quero que avances trinta anos... onde estás?*

— *Estou no alto da duna, como todos os dias. A única diferença é que agora sou eu o mestre da comunidade...*

*...Todas as manhãs meditava pelo mundo. Era naqueles momentos de silêncio que a eternidade se fazia ouvir como murmúrio infinito de um espaço sem tempo e de um tempo sem lugar. Era como uma voz ecoada na profundidade de um sentimento cujos limites se estendiam pela consciência infinita de um olhar feito Universo, tornando presente cada momento de uma só vontade.*

*Quando me sentei sobre a areia quente, vi uma pomba branca voar na minha direcção. Desta vez não se tratava de um sonho, pois senti as unhas quando pousou no meu braço estendido. Compreendi então que aquela pomba era um sinal claro, vindo da Sara. Ela estava de novo presa. Presa num mundo que não era capaz de compreender as suas razões; que não conseguia vislumbrar o infinito no horizonte, nem a luz por detrás da nebulosidade densa de paixões e vícios inebriantes. Acabei por não conseguir conter as lágrimas que trilharam o meu rosto, pingando na essência de uma existência maior que a minha. Amava-a de uma forma que não*

*julgava possível. Era como se algo dentro de mim tivesse despertado para um amor mais vasto e abrangente que todos os conceitos alguma vez inventados. Como eu queria estar preso junto com ela, partilhar do seu sofrimento em afagos carinhosos! Queria ter a cabeça dela no meu regaço, o sorriso dela no meu olhar. Queria amá-la num momento sem tempo nem lugar, deixando o mundo desfalecer num renascer uníssono de eternidade. Queria sentir no seu coração, respirar nos seus pulmões. Queria fundir-me no arquétipo de uma existência não mais repartida e lá, mergulhar em infinitos despertares. Queria sorrir na suavidade colorida de um olhar silencioso, renascer nas pétalas delicadas de uma flor docemente materna e cujo berço fizesse germinar em nós a melodia de uma voz entoada pela ternura de um gesto deixado por Deus... e a pomba partiu, revelando-me um caminho que se abeirava do fim. Ter a certeza da sua prisão, feriu-me como um punhal no peito. Era o regresso desses tempos já vividos, embora incompletos pela minha ausência.*

*E nessa noite, com o desejo vivo de querer estar junto dela, vi-me encerrado num sonho tão estranho quanto o nosso próprio destino. Logo que adormeci, senti o corpo crescer numa dormência que o envolveu por completo. Quando dei por mim estava a pairar sobre a cela, observando o meu corpo que dormia. Com alguma facilidade saí para o exterior, voando sobre a rocha onde habitávamos. Nunca me tinha sentido tão liberto, tão eu próprio... Vi-me então ser arrastado como um barco numa tempestade, voando sobre o deserto. Quando dei por mim estava sobre uma cidade que logo reconheci como sendo Antioquia e, num instante mais curto que um abrir e fechar de olhos, dentro das catacumbas. E foi ali que a minha expressão se abriu sobre a luz incandescente que dela irradiava, pois diante dos meus olhos esbugalhados estava a Sara.*

— Sara! Como eu te amo!

*Ela ergueu a cabeça, olhando em volta. Era como se tivesse ouvido as minhas palavras.*

— Dionísio!? És tu?

*Ao aperceber-se que eu não estava na cela, voltou a deitar a cabeça sobre a rodilha de trapos. Mas eu estava ali, junto de si e ela tinha sentido a minha presença. Aquela afinidade comprovava o amor que em nós existia, dando-me testemunho dessa realidade futura onde nos tornaremos um só. Aproximei-me lentamente da sua aura colorida, tocando ao de leve o seu rosto.*

— *Descansa em paz, Sara. — Ela parecia sentir o toque da minha mão. — Um dia estaremos juntos para sempre...*

— *Avança vinte anos... continuas no mesmo lugar?*

— *Continuo... Estou mais velho, mas estou no mesmo lugar.*

— *E o que procuras diante desse sol?*

— *A Sara. Todos os dias sento-me no alto da duna a olhar o sol... é ali que ela está...*

*...O vento soprava em vagas rebeldes na rocha dura de uma enseada aberta pela persistência do tempo. Ali, sentado no alto de uma duna sobre a areia quente do deserto, podia ouvir os murmúrios que o futuro pronunciava como memória viva de uma realidade já interiorizada. Era como se tivesse encarnado o tempo, personificando-o na imagem de um momento entoadado na saudade invertida de uma corrente ascendente que tudo transportava nos seus braços feitos de esperança. Sabia que o nosso encontro estava adiado para uma dimensão que nos transcendia e na qual existíamos unificados numa mesma identidade, numa mesma consciência; unidos num sussurro elevado pela alegria uníssona de uma melodia que nos dava expressão. Nas suas palavras, que sempre recordei, adivinhava um sorriso suspirado nas lembranças de um futuro que aos poucos se tornava presente pela força de um amor que tudo podia concretizar.*

*Foi então que um homem surgiu diante de mim, sorrindo-me.*

— *Quem sois vós? — Perguntei de expressão enrugada.*

— *Sou aquele com quem sempre desejastes contactar.*

*A sua imagem irradiava uma aura que se alongava em espargidos de luz, tranquilizando-me.*

— *Sois um anjo de Deus?*

— *Sim, Dionísio. Um anjo de Deus.*

— *E porque viestes? Já não tenho perguntas para fazer, nem dúvidas a esclarecer.*

— *É por isso mesmo que vim. Temos que ser pacientes nos caminhos que nos são propostos. Só então estaremos prontos a caminhar pelos trilhos do nosso verdadeiro destino.*

— *E o que quereis de mim?*

— *Vim dizer-vos que deveis partir.*

— *Partir!? Para onde?*

— *Para Niceia.*

— *Niceia!? — Estava confuso. — Porquê Niceia?*

— *É lá que o vosso destino se cumprirá.*

— *Irei encontrá-la?*

— *Encontrar-se-ão sem se encontrarem...*

— Quero que regresse ao corredor... procura agora a porta que te levará ao momento em que viste a Sara pela primeira vez... Encontraste-a?

— Sim.

— Quero que abras a porta e entres... onde estás?

— Estou num cais.

— Que idade tens?

— Tenho cem anos.

— E o que vês do cais?

— Vejo um barco que se afasta.

— Está alguém nesse barco?

Sorri de olhos molhados.

— Sim. Está a Sara... é um momento muito especial.

— Porquê?

— Porque pela primeira vez vejo o seu rosto.

— Quero que vivas esse momento polarizado nos dois. Vocês são um só, não te esqueças. Tu és a Sara e o Dionísio...

*...Quando o sol se preparava para nos deixar, chegámos ao porto de Bizâncio, entrando no barco que nos levaria de volta a casa. E foi então que, ao passar os olhos pelo cais que se distanciava, vi um homem que reconheci logo como sendo ele. Nada sabia do seu rosto e, no entanto, não tive dúvida alguma sobre quem ele era.*

*— Sabes quem é, filha?*

*— Sim, mãe. É o pai.*

*— É verdade! — disse eu num chorar trémulo e sorridente. — É o teu pai que ali está.*

*Já não esperava uma bênção como aquela. Ter tido o privilégio de ver o seu rosto, de testemunhar o seu olhar, legitimava o sacrifício de uma vida que também lhe fora dedicada, tal como a dedicara a Cristo. De olhos fixos nos seus, em lágrimas que me inundaram o rosto, um novo rumo despertava dentro de mim, confortando-me na certeza de um encontro que apenas o silêncio de muitas partidas poderia completar na expressão de um amor sem tempo nem lugar...*

*...Do cais observava o barco que se afastava lentamente, levando-a em direcção ao sol. Era como se este estivesse ali para nos transportar de volta a nós próprios, recompensando-me dos anos em que apenas no Sol a podia observar. Compreendi finalmente que a nossa separação tinha sido um teste para que pudéssemos expressar o verdadeiro amor e herdar os caminhos que o futuro nos reservara. Ela era agora o sorriso que o Sol deificara sobre o meu rosto molhado, dando expressão a uma vontade que nem o espaço nem o tempo poderiam calar...*

*...O cais afastava-o na ilusão da distância que nos separava em dois seres, quando na realidade sempre fomos um só. E era perante essa certeza que podia finalmente partir em paz, regressando ao lugar que tínhamos como único desde os tempos em que nos separámos num parto de duas almas. Éramos as notas de uma melodia cuja expressão transcendia todos os gestos que o tempo delinearara sobre nós; a vontade de muitas coisas numa só.*

*— Até breve, Dionísio...*

*...O barco trilhava o rasto dourado deixado pelo sol, dando voz aos murmúrios de um tempo por anunciar. No meu rosto cansado, um sorriso*

*sobrepôs-se às lágrimas que escorriam na emoção profunda daquele momento tão especial. Tinha testemunhado o que sempre desejara testemunhar, completando parte de um destino que nos levaria rumo à eternidade. Era finalmente cristão.*

— Até breve, Sara...

— Quero que regresse ao corredor... isso mesmo... fecha a porta lentamente e caminha de volta à luz azulada da tua estrela... começa a descer aos poucos... a estrela está agora entre os teus olhos... tu és a Vera e não mais o João... quero que esqueças tudo aquilo que viste... pronto! Podes acordar.

Abri os olhos, fixando-o.

— Já terminámos?

— Sim.

— É estranho! — Disse confusa. — Não me lembro de nada.

— Eu achei melhor que não se lembrasse.

— Porquê?

— Porque não era natural para si recordar aquilo que o João viveu na sua vida anterior, mesmo sendo ambos um só. Acho que é mais saudável ficar apenas com as recordações da Sara.

— E conseguiu desvendar o mistério do sonho?

— Sim. — Ele sorriu, levantando-se. — Mas vamos passar para a outra sala.

Caminhei com a Maria até à sala do consultório, sentando-me diante dele.

— Isto que aqui foi feito, sabe, nunca antes tinha sido experimentado por mim. As pessoas que defendem a reencarnação alegam que a alma não é feminina nem masculina. Sempre contestei essas posições, pois um homem não é diferente de uma mulher apenas pelo seu corpo, mas por algo mais que vem da sua natureza espiritual, da sua alma. E se existe uma diferença que vem da alma, então terá que existir uma alma feminina e uma masculina. Talvez tenham confundido a

alma com o espírito, pois este é que nem é feminino nem masculino, mas o resultado da fusão dessas duas energias. Esta sessão veio confirmar isso mesmo. Você viajou ao passado do João que também é o seu, pois juntos são uma mesma consciência.

— E o resultado da sessão, qual foi? — Perguntei.

— O resultado veio confirmar aquilo que eu já suspeitava. É que o Dionísio viveu grande parte da sua vida no deserto.

— Então é por isso que eu sonho com o deserto?

— Sim. O seu inconsciente tenta procurá-lo no passado. Por vezes, diante da perda de alguém muito querido, refugiamos nas memórias que partilhámos em conjunto e que nunca vão para além do tempo desta vida, mas no seu caso, e esse é o refúgio da maior parte daqueles que rotulamos de loucos, você viajou até uma outra vida. As imagens que tem tido e que para muitos é um sintoma de esquizofrenia, reflectem esse desejo de viver num tempo que não pode mais existir.

— E o que posso eu fazer?

— Partir! Não pode continuar presa a esse passado.

— Necessitarei de mais sessões?

— Não. Necessita apenas de enfrentar esses fantasmas; de virar a página dessa história cujo epílogo está a ser escrito agora e não no passado. Como lhe disse, tem que se desapegar do passado para poder partir rumo ao futuro e, acima de tudo, e talvez isto seja o mais importante, aceitar a morte como algo de natural na existência de cada um de nós. Você está numa situação privilegiada, pois sabe que a reencarnação é uma realidade; que aquilo a que chamamos morte nada mais é que um momento transitório para uma etapa seguinte. Quando aceitar a morte do João, as imagens desaparecerão.

— A sua morte foi muito penosa para mim... — As lágrimas trilhavam o meu rosto. — Ele era a pessoa sempre sonhada, a alma gémea que eu fantasiava em sonhos que guardava desde criança. Naqueles tempos nada sabia desse nosso encontro no passado, mas reconheci-o na primeira vez que o vi junto do lago. Havia algo de tão meu no seu olhar! — Sorri.

— Um dia irão estar novamente juntos, tenha isso bem presente.

— Espero que sim — disse eu, limpando os olhos com uma das mãos. — Talvez seja essa esperança a única força capaz de levantar a tal âncora.

Depois de pagar a consulta, deixei o edifício. Sentia-me mais leve; segura na certeza de não estar louca. Aquelas duas sessões tinham-me ajudado muito, mas ainda não sabia como expulsar esse passado. Mandei então parar um táxi, dando-lhe as indicações do lugar junto ao rio onde costumava passear quase todas as tardes. Minutos depois, após termos atravessado parte da cidade, o táxi parou no local acordado. Estava uma tarde limpa de nuvens, embora o frio nos congelasse na rigidez áspera de quem se tinha instalado para ficar. Ali repetimos a caminhada de tantos outros dias, encontrando os mesmos casais de idosos que, sentados nos vários bancos, observavam as gaivotas; os namorados que se abraçavam empoleirados no muro que nos separava do rio e que tudo presenciava no reflexo invejoso de quem apenas podia observar. Vimos os mesmos jovens que circulavam sobre patins, saltando em acrobacias várias; os pombos que depenicavam no milho que alguém religiosamente distribuía a horas certas. E lá estava a mesma senhora que passeava o seu cão e que nos cumprimentou como em tantas outras vezes. A Maria, como sempre, abriu um sorriso doce perante a presença do pequeno cão, agachando-se junto dele em festas carinhosas. Este correu depois atrás dela ao som das gargalhadas que ela expressava na alegria do amigo de quase todos os dias.

— Parece que o Inverno está para ficar - disse ela.

— Sim, é verdade. Mas prefiro os dias assim, frios a chuvosos.

— Também eu. Sempre podemos dar estes passeios. — Ela sorriu.

— Embora também não goste muito do frio.

— Ah, eu gosto! — Disse ela de expressão sonhadora. — Desde criança que tenho um fascínio particular pela neve.

— Comigo passa-se exactamente o contrário, sabe? A neve sempre foi algo muito estranho para mim.

— Para mim, não! É como se tivesse vivido num país nórdico numa vida anterior.

— Se calhar até viveu — disse eu, sorrindo.

— Ah, não! Estava a brincar. Não acredito nessas coisas.

Ela chamou o cão que correu para nós juntamente com a Maria. Estavam ambos ofegantes. Despediu-se depois até ao dia seguinte, isso, claro está, se o tempo deixasse. Caminhámos então até ao cais onde as pessoas corriam na pressa de chegar a casa. O som das sirenes, dos passos apressados da multidão, das cordas que roçavam nos espigões que prendiam os barcos, preenchi-me na saudade de um momento particular que agora já podia recordar. Fora num cais como aquele que vi pela primeira vez o Dionísio que também era o João; que os nossos olhos se cruzaram nas lágrimas molhadas de um amor impossível de calar. E ali estava eu diante daquele sol que reflectia em mim um gesto cuja cadência tudo tornava presente. Ali podia respirar sobre as memórias do passado, sobre as imagens que tudo pareciam prometer na esperança de um novo encontro. Foi no sol que soube suportar a ausência de toda uma vida; que alimentei a saudade de quem apenas tinha a voz como recordação física da sua presença: a sua voz. E agora tudo se repetia numa promessa ainda mais difícil de cumprir.

Alguns barcos partiram sobre o tapete de reflexos dourados que o sol moribundo fazia convergir sobre o leito calmo do rio, avivando as imagens daquele momento em que eu deixara o cais rumo a uma outra vida. Era como se dali pudesse iniciar uma nova caminhada. Mas havia algo que me prendia; uma âncora perdida no passado que me impedia de embarcar rumo ao sol, ao João e a mim mesma. Saber da sua existência era o primeiro passo rumo a um futuro que aquele mesmo sol me prometia na certeza de muito já ter sido cumprido; de, nos seus espargidos de luz, se encontrar a voz que a eternidade pronunciava no silêncio de um tempo sem espaço, mas no qual podia sentir a presença infinita de um amor cujo lugar não tinha morada. Nós éramos um só; sim, um só...

## CAPÍTULO X

TÍNHAMOS ACABADO DE CHEGAR A CASA VINDOS DA Comunidade. Era agora um Missionário. Depois da experiência intensa na sala do Espelho, fiquei um pouco curioso em compreender melhor aquele lugar, a morte do João, e a sua conseqüente partida para um sítio tão físico quanto aquele que deixara para trás. A Emhi tinha-me mostrado essas imagens onde recordei todo esse passado que agora estava tão vivo e tão presente. A ausência que sempre me inquietara, na certeza de alguém especial, era agora plena e repleta de um sentimento que reconhecia, preenchendo esse espaço, outrora vazio, com a imagem da Vera que tudo significava nos laços que partilhámos, tornando unas duas metades de uma só. Quando entrámos em casa avistei o nosso Mestre através da enorme porta-janela que dava para o lago. Ele estava sentado junto à margem.

— Vai, Taihi. — Disse a Emhi colocando a mão no meu ombro. — O nosso mestre espera-te.

Caminhei sozinho até junto dele, sentando-me ao seu lado. A água do lago parecia acompanhar a sua meditação, reflectindo, na cristalinidade do seu manto, toda a natureza que nos cercava. Ele abriu os olhos, olhando o lago que ondulava ao ritmo da brisa suave em sopros tépidos e perfumados.

— Temos muito para conversar, Taihi.

— Sim, Mestre. Há tantas coisas que gostaria de compreender... sei que morri na terra, mas... como posso eu estar num lugar que é tão físico quanto aquele que deixei? Não deveria estar num lugar espiritual? Se é que esse lugar existe!

— Existe sim, Taihi. O mundo espiritual é a morada de todos os seres, embora ainda não estejamos a falar propriamente do plano espiritual, onde reside o nosso Espírito, mas do plano mental superior onde se encontra a consciência do ser desencarnado, o chamado corpo causal. É ali que ele repousa de muitas vidas. Este é um plano igualmente sólido, embora de uma solidez plástica. Estamos no plano mental, o lugar onde os pensamentos têm solidez e, por isso, esse plano é feito à imagem do mundo físico ou, dito de uma forma mais correcta, o mundo físico é feito à imagem desse mundo mental. Quando nos projectámos pela primeira vez no verdadeiro mundo espiritual, a nossa energia foi dividida em duas almas, uma feminina e outra masculina, tendo cada uma delas descido até ao plano intuitivo, aquele que fica sobre o plano mental. Foram então projectados dois corpos causais que se instalaram no plano mental superior para que o ser pudesse mergulhar na ilusão, já que a alma não consegue colocar máscaras no rosto. Ali, cada corpo causal, a consciência do ser desencarnado, foi integrado em diferentes grupos de aprendizagem. Durante essa aprendizagem alguns destacaram-se mais do que outros e assim foram colocados noutros grupos mais avançados onde continuaram a crescer na sua espiritualidade, tropeçando e aprendendo nas várias vidas que tiveram pela frente. Um dia, depois de terem atingido um determinado patamar espiritual, passaram a ser integrados em novos núcleos onde deixaram de ser alunos para passarem a ajudar e a acompanhar os outros que vinham atrás de si. Tornaram-se Guias, Professores e Mestres. Continuaram a encarnar em mundos físicos, não apenas para aperfeiçoar a sua própria espiritualidade, mas também para acompanhar os seus alunos, ajudando-os a superar determinadas etapas. Deixaram então de fazer parte dos núcleos iniciais onde estavam integrados como alunos, para passarem para nú-

cleos mais avançados onde se juntaram a todos aqueles que dão expressão a cada uma das famílias. Essas famílias são formadas por seres que fazem parte de um mesmo núcleo; espíritos que nasceram juntos e que são irmãos gémeos na essência que têm em comum. Um dia, esses núcleos tornar-se-ão uma só consciência, já que na realidade são um único ser.

— E as famílias deste lugar também são compostas por seres de uma mesma família espiritual?

— Tu sabes que sim, Taihi. Cada família é a expressão embrionária de uma consciência Avatárica. Esta, na realidade, é a verdadeira consciência do ser. É que na verdade nós somos sete espíritos, a oitava consciência que sempre foi referida em muitos tratados esotéricos. Quando este lugar foi formado, as famílias que viviam no mundo mental superior mudaram-se para aqui. Cada família é formada por doze elementos que são os prolongamentos de seis consciências espirituais. A sétima consciência, que completa cada família, encontra-se polarizada na sua dimensão espiritual, não projectando a energia em duas almas contrárias. É ela quem representa a família no conselho da comunidade; os conselheiros que tu viste durante a tua subida de círculo. Juntos formam uma única consciência: um Avatar. A partir de então a identidade do indivíduo dilui-se em consciências cada vez maiores, sendo a Comunidade como um todo a forma embrionária de uma consciência Logoica.

— Uma consciência formada a partir de doze consciências Avatáricas?

— Sim, Taihi. Formada a partir das doze famílias que a constituem. É por isso mesmo que neste espaço onde vivemos deixou de ser importante a evolução da cada ser individualmente. Aquilo que é importante é a família e a comunidade no seu todo. Quanto estamos no plano mental superior integrados nos vários grupos de alunos, temos como único objectivo desenvolver a nossa espiritualidade. Ali somos tudo aquilo que fomos acumulando nas experiências que tivemos no mundo físico. Se deixámos de ser novatos e passámos para um círculo

seguinte, quando regressamos do mundo físico continuamos a pertencer a esse mesmo círculo. Mas quando somos integrados nos núcleos familiares, deixa de ser importante a nossa evolução pessoal, mas sim a evolução da família, que é um único ser, e da comunidade que é a consciência unificada das doze famílias que a constituem. É por essa razão que as castas que existem nas comunidades não são fixas. Um mestre apenas é mestre até ao dia em que decida encarnar de novo. A partir de então, e depois de regressar, fá-lo-á como novato. Desse modo, a evolução espiritual de um ser que esteja integrado na sua família espiritual não se mede pela sua posição nos círculos comunitários, mas pela posição da comunidade face aos círculos que dão forma a este lugar.

— Quer isso dizer que as comunidades mais afastadas do centro são as menos evoluídas?

— Sim, embora elas sejam, em si mesmo, comunidades de grande evolução comparadas com grande parte dos núcleos que existem no plano mental superior. São formadas por seres que já transcenderam muitas etapas.

— E a nossa família? É ela a mais evoluída?

— Sim, mas para já não é importante saberes das razões dessa evolução.

— E sobre este lugar?

— Para te contar sobre este lugar, Taihi, terei que recuar até aos tempos da Atlântida. Quando o ciclo Atlante chegou ao fim, muitos foram os seres que se graduaram nas lições deste mundo. Encontravam-se prontos para partir em busca de novas experiências, para encarnarem em planetas de maior harmonia e equilíbrio. Mas muitos foram aqueles que decidiram ficar. A futura humanidade que estava para despertar iria passar por grandes provações, necessitando de guias que aliviassem essa caminhada. Essa humanidade é a humanidade actual e esses seres são aqueles que a acompanham como tutores, encarnando sobre a capa de homens sábios ou pessoas capazes de iluminar a vida daqueles com quem interagem. São os auto-convocados do ciclo anterior, seres que renunciaram à sua evolução pessoal para ajudarem os seus irmãos de

agora. E assim foi criado este lugar pelas consciências superiores que nos acompanham: a morada daqueles que decidiram ficar junto da humanidade para servir.

— E onde fica este lugar?

— No planeta Terra, claro!

— Mas onde? Nunca ninguém o descobriu.

— Nunca ninguém o descobriu porque não é suposto ser descoberto. Fica algures neste planeta, num lugar distante do olhar e da curiosidade do homem encarnado.

— Vejo que ainda não estou pronto para compreender essa realidade.

Ele sorriu de uma forma ténue.

— Em breve tudo será esclarecido, Taihi, mas cada coisa no seu tempo.

— E a Vera? — Perguntei visualizando a sua imagem diante de mim. — Quem é ela exactamente?

— Fazes uma pergunta para a qual já sabes a resposta. Vocês os dois são núcleos complementares, e nós, os membros desta família, expressões diferentes de uma mesma consciência. Somos todos essências espirituais de uma só entidade, a oitava consciência ou consciência de um Avatar, se nos quisermos reportar apenas aos Espíritos que desceram à matéria, ou então, se quisermos ser mais precisos, a décima terceira consciência se incluirmos os cinco Espíritos que não desceram à matéria e que, por isso mesmo, não participaram do drama humano em múltiplas encarnações, permanecendo em planos imateriais.

Fizemos uma breve pausa, sentindo o silêncio da brisa que soprava sobre nós como quem afaga o rosto de uma criança.

— Que missões devo assumir agora que sou um missionário?

— Para já deves viajar por este lugar; conhecer as outras comunidades e conversar com os mestres e com os professores que encontrares. Quando estiveres preparado, as missões ser-te-ão atribuídas com naturalidade.

— Poderá a Emhi acompanhar-me?

— Não. Tens que viajar sozinho. Faz parte da tua aprendizagem como missionário trabalhar sozinho pelos outros. É uma actividade solitária, Taihi, e por isso é bom que te vás habituando. Muitas serão as missões que terás pela frente nestes tempos difíceis para a humanidade... agora, vai. Chegou o momento de partires.

Ele fechou os olhos concentrando-se nos seus pensamentos. E logo me levantei, entrando em casa reconfortado com a sabedoria do meu Mestre e com os segredos desvelados daquele lugar. Tinha agora uma longa viagem pela frente.

A Emhi estava à minha espera.

— Tenho que partir, Emhi.

— Eu sei. Faz parte daquilo que é ser missionário. Partir!

— Mas logo regressarei. Existem ainda tantas coisas para saber, para compreender e interiorizar.

— Tudo isso conseguirás na viagem que tens pela frente.

— Sinto que esta viagem é uma espécie de Iniciação!

— É verdade. Todos os missionários são sujeitos a essa viagem. No regresso, estarás plenamente consciente da tua verdadeira identidade e dos segredos ainda não revelados.

Depois de me despedir com um sorriso partilhado, caminhei pelos trilhos daquele lugar, na esperança de despertar para uma verdade que se repetia na certeza de já ter passado por tudo aquilo; de quem já tinha sido missionário, professor e mestre, mas que agora iniciava, uma vez mais, essa caminhada de volta a si mesmo.

## CAPÍTULO XI

PASSEAVA COM A MARIA PELO JARDIM QUE O DAVID ME DERA a conhecer, desejando encontrar no arvoredo luxuriante daquele lugar uma resposta para as dúvidas que me atormentavam. Não sabia como evitar aquelas imagens, como levantar a tal âncora que ainda me prendia ao passado. Nas imagens e no sonho, que se repetia desde a morte do João, estava o desejo incontido de ressuscitar momentos que o tempo enterrara na saudade e na ausência que deles sempre senti. Com a sua morte, passei a procurar esses momentos onde sabia encontrá-los, tentando reviver tudo aquilo que experimentámos na casa da serra. A Maria caminhava a meu lado com um casaco comprido e um gorro que lhe tapava as orelhas. Era a prova real de tudo aquilo que tinha experimentado no passado; nascida do amor que o Sol me inspirara de todas as vezes que o observei. Um dia, num qualquer lugar deste Universo sem fim e sem idade, encontrar-nos-íamos de novo, como sempre nos encontrámos em tantas outras vezes, concluindo uma história que o tempo prolongou como desafio a um amor que tudo soube suportar.

Aquele era o lugar ideal para meditar sobre os caminhos que deveria tomar. Ali podia respirar em liberdade e sintonizar-me com a sinfonia que a natureza tocava no desejo único de existir. Era um doce murmúrio entoadado ao ritmo dos pássaros que esvoaçavam em brincadeiras várias, da água dos riachos que serpenteava ao longo das estreitas

margens empedradas no musgo que lhes dava cor, refrescando-nos com o som borbulhante que o leito de seixos impunha nos seus contornos despidos de arestas. Ali, tudo era perfeito; um lugar mágico que inspirava cada um na procura de um estado de espírito que o resgatasse do mundo violento que cercava aquela ilha como abutre em campo destróado. Pude observar várias pessoas que se encontravam nos recantos mais reservados, praticando meditação, e outras, em maior número, movimentando-se na suavidade lenta de gestos sincronizados com a beleza verdejante e única daquele jardim. Talvez aquela beleza viesse da paz que cada pessoa colocava nos gestos e nos pensamentos; como se a natureza daquele jardim pudesse ver, ouvir e sentir através de cada uma delas, respondendo com o brilho, com as cores e os perfumes que tudo impregnavam de uma forma tão particular.

E foi então que senti a necessidade de caminhar por um trilho de terra batida, irrompendo pelos arbustos e pelas árvores que torneavam o caminho em curvas fechadas. Era como se uma voz me chamasse sem que alguma palavra fosse dita, aliciando-me na curiosidade que não fui capaz de conter. Enquanto caminhava com a Maria na minha frente, escorregando na terra solta e nos troncos caídos das árvores, não pude deixar de sentir que estava a ser observada. Era como se tivesse entrado num lugar mágico de fadas e gnomos. Um lugar cuja beleza transcendia todo o jardim, embora este por si só já fosse bonito como nenhum outro. Bonito na paz interiorizada em cada passo que dava, em cada som que ouvia, em cada perfume que saboreava na frescura terna de uma brisa quase constante. E foi então que ouvi o som de uma cascata como se este fosse as batidas de um coração. Senti que entrava numa das partes menos conhecidas do jardim, acentuando ainda mais o tom mágico que me envolvia numa aura de mistérios e segredos. A natureza, essa, parecia curvar-se como anfitriã desejosa de receber bem, falando na voz do vento que lhe dava vida, em carícias que eu mesma sentia. E não conseguia afastar a sensação estranha de estar a ser observada. Momentos depois ouvi uma voz doce e melodiosa, que se sobrepôs ao som da cascata, tal como uma canção que emala uma criança. Quando finalmente cheguei, observei uma velha senhora que

cantava sentada nas margens do ribeiro. O seu olhar era doce e sereno, cativando-me pela sua simplicidade. Enquanto me aproximava, não pude deixar de observar a beleza daquele recanto. Uma cascata repleta de musgo alimentava um pequeno riacho que serpenteava por entre arbustos e árvores. Algumas borboletas esvoaçavam junto deste, dançando ao ritmo melodioso da canção que aquela velha senhora entoava na expressividade jovial do seu olhar pacificado.

— Bom dia! — Disse eu para a senhora.

Ela parou de cantar, olhando-me num sorriso iluminado.

— Olá! Sejam bem-vindas a este lugar. — E logo olhou para a Maria. — É sua filha?

— Sim! — Sorri. — Chama-se Maria.

— É uma criança muito bonita. E não falo apenas do seu rosto, mas do brilho intenso e colorido dos seus olhos.

— Vem aqui muitas vezes? — Perguntei.

— Sim. Venho aqui todos os dias contemplar o trabalho magnífico das fadas.

— Das fadas!? — Perguntei espantada.

— Claro que sim! — Ela assentiu. — Era para elas que cantava.

Que coincidência engraçada, pensei eu! Tinha-me lembrado das fadas quando tomei aquele caminho, tentando justificar, por brincadeira, a beleza única daquele lugar. E agora alguém me falava de fadas...

— E elas existem mesmo? — Perguntei na curiosidade de quem há anos andava pelo Deserto e já não sabia em que acreditar.

— Claro que existem. Elas estão por todo o lado desde que haja amor suficiente para as motivar nas suas obras. Esta natureza exuberante, que nos cerca, é obra sua.

— Já não sei se acredito em fadas, sabe? Mas seria tudo tão mais simples se existissem... — Disse eu enquanto me sentava a seu lado.

— É verdade! — Ela olhou para o riacho. — Muito mais simples. — E logo se fixou em mim. — Se as pessoas pudessem entender

que vivemos num mundo repleto de fadas, de anjos e de toda uma espécie de outros seres, certamente que este planeta seria um lugar muito mais bonito. Nós mesmos nos tornaríamos mais alegres, pois não é possível entrar em contacto com esse mundo sem adoptar o mesmo espírito que o motiva.

— Eu gosto muito das fadas! — Disse a Maria que nos ouvia em silêncio. — Elas *tão* sempre a rir e são muito bonitas.

— A sério, querida! Tu consegues ver as fadas? — Perguntei um pouco mais condescendente perante tal possibilidade... se ela o dizia é porque poderia ser verdade. Não queria cometer o mesmo erro que cometera em relação às suas histórias do passado.

— Consigo. Elas *tão* a olhar *prá* gente. Mas não fazem mal.

A velha senhora sorriu de uma forma ternurenta.

— Não se espante com as palavras da sua filha. As fadas gostam muito das crianças, principalmente das mais pequenas, pois estas são, na ordem humana, os seres que mais lhes estão próximos.

— E não se interessam elas, também, por pessoas adultas?

— Claro que sim. Principalmente pelas pessoas que demonstram uma sincera admiração pelas plantas — disse ela, descrevendo um arco com a mão. — É como se a sua vaidade fosse lisonjeada. Existem muitas em volta de si — Ela sorriu. — O seu deslumbre pela beleza deste lugar atraiu muitas fadas.

Estava simplesmente deliciada com aquela história de fadas e tanto assim era que deixara de ser importante, por momentos, procurar razões que pudessem justificar tudo aquilo à luz do meu cepticismo. Queria sonhar um pouco, deliciando-me com a presença, mesmo imaginária, dessas entidades repletas de magia.

— Como são as fadas? — Perguntei numa curiosidade crescente.

— Existem tantas espécies que seria difícil padronizá-las. Há as fadas que habitam o mar, outras que habitam a terra e existem ainda as fadas do ar. São todas muito bonitas de um brilho colorido impossível de ser descrito por palavras. Têm o poder de alterar o seu tamanho e

a forma consoante as sensações que experimentam. Nos jardins, em qualquer faixa de terra onde cresçam plantas e no mar, elas podem ser observadas. A alegria e a beleza que demonstram estão em qualquer lugar onde a natureza desabroche. Mas isso é algo que já compreende, pois foi invadida pela beleza deste lugar ao entrar no jardim.

— Isso é verdade — sorri. — O mais curioso é que pensei em fadas quando tomei o trilho que me conduziu até aqui.

— Esse é um sinal claro de que elas se aproximaram de si, inspirando-a com tais pensamentos.

— E elas vêem o mundo como nós? — Perguntei eu, insistindo na minha curiosidade.

— Não como nós. Quando olhamos para uma rosa, por exemplo, vemos apenas a forma da haste, das folhas e da flor. A fada vê isso de uma forma diferente. Para ela, a rosa é um objecto brilhante, maior que a rosa física que nós observamos.

— E qual é a sua função na natureza?

— As fadas têm o papel de gerir o intercâmbio das energias do Sol e da Terra, podendo retardar, acelerar ou até mesmo acrescentar alguma vitalidade extra nos pontos que desejarem. É como se se colocassem em harmonia com a planta, fazendo desta parte de si mesma.

— E cresceriam as plantas sem essa ajuda?

— Sim. A intervenção das fadas apenas estabelece a diferença entre um crescimento irregular e um crescimento regular. É como a importância do arado no cultivo dos cereais.

— E os anjos, são do mesmo reino das fadas? - Estava cada vez mais deliciada com aquelas histórias.

— Não. Os anjos fazem parte do reino dévico, ao contrário das fadas que pertencem ao reino dos elementais. Enquanto as fadas constroem o mundo natural que nos cerca, como se fossem os operários de uma obra, os anjos são os empreiteiros dessa obra, aqueles que coordenam a construção de toda a Natureza.

— Como eu gostava de poder falar com um anjo! — Disse eu, baixando o olhar.

— Quem sabe se isso já não aconteceu!? Quantas não foram as pessoas que falaram com anjos sem o saberem — ela sorriu, continuando: — E porque gostaria de falar com um anjo?

— Porque não sei que rumo dar à minha vida... o que fazer para resolver uma série de problemas.

— Mas a vida só tem um rumo.

— Qual? — Fixei os seus olhos cintilantes.

— Vê a água que cai da cascata? — Ela estendeu o braço. — O seu rumo é chegar ao riacho, que chegará ao ribeiro, que por sua vez se tornará o rio e finalmente o oceano. Esse é o destino da água que cai da cascata. Ela poderá sonhar com outros lugares, poderá idealizar outras existências, mas o seu rumo é um só. Por mais que ela se esforce em permanecer onde não pode estar, a corrente levá-la-á até ao oceano.

— Que devo então fazer? Como posso eu levantar a âncora que está presa ao passado e que me impede de chegar a esse oceano?

— Quando uma gota atravessa um lago e se debruça na corrente do rio, é natural que ela insista em viver nas memórias da tranquilidade do lago, tentando contrariar a corrente que a afasta cada vez mais desse lugar de paz. Só que a natureza das coisas não pode ser contrariada. A gota terá que se esforçar por aprender a sonhar com o oceano e não com a nascente.

— É o que devo fazer? Sonhar com o oceano?

— Sim. Se quereis mesmo levantar essa tal âncora, é com o oceano que deveis sonhar.

Ficámos em silêncio a contemplar o borbulhar deixado pela água que caía da cascata. Parecia um sonho, tudo aquilo. Procurava uma resposta e aquela senhora, mesmo sem me conhecer, tinha-ma dado. Sonhar com o Oceano era viver nas memórias que o futuro pronunciava em cada pôr-do-sol a que eu assistia. Era compreender que a corrente iria levar-me até junto do João, por mais que o procurasse

no lago que ficara para trás. Foi então que me levantei, aproximando-me da Maria que estava junto de um arbusto a contemplar algumas borboletas que ali esvoaçavam na expressividade dos seus tons coloridos. A velha senhora, de ar jovial, começou então a cantar; a cantar para as suas fadas. Aquele era, afinal, o oceano onde mergulhara. Quis despedir-me quando me preparava para deixar aquele lugar, mas resolvi não interromper a melodia que ela entoava de forma tão harmoniosa.

Quando me preparava para tomar o caminho de volta, dei um leve encontrão num jovem que vinha em sentido contrário.

— Peço desculpa — disse eu, compondo-me.

— Não tem importância — ele sorriu. — Vejo que também descobriu este pequeno recanto.

— Costuma vir aqui?

— Sim. Todos os dias.

— Então deve conhecer aquela senhora. Ela também vem aqui todos os dias.

— Que senhora? — Perguntou ele de expressão enrugada.

— Aquela... — disse eu, virando-me. — Estranho... mesmo agora estava ali uma senhora. Eu estive a conversar com ela.

Ele olhou-me de soslaio.

— Acho muito pouco provável. Esta é a única saída. A não ser que essa senhora tenha seguido a corrente do riacho.

— Devo ter feito confusão, peço desculpa! — Disse eu embaraçada.

E logo segui pelo caminho que ali me tinha levado, tropeçando em algumas das raízes que as árvores elevavam sobre aquele trilho de terra vermelha. Que teria acontecido? Algumas das suas palavras não me deixaram durante toda a caminhada: «Quantas não foram as pessoas que falaram com anjos sem o saberem.» Seria mesmo possível? Estava completamente arrepiada com tudo aquilo, não sabendo o que pensar. Quando regressi ao caminho principal do jardim, agachei-me junto da Maria, encarando-a.

— Tu sabes quem era aquela senhora que conversou com a mãe?

— Sei.

— E quem era, querida? — Perguntei eu impaciente.

— Era a mãe das fadas.

— A mãe das fadas!?

— Sim. Uma fada disse-me *quela* é que cuidava delas. *Qu'era* como tu, que cuidas de mim.

Levantei-me, respirando fundo. Que história aquela! Tinha falado com um anjo sem o reconhecer. Se pelo menos soubesse, ter-lhe-ia perguntado tantas coisas.

Ao caminhar pelo jardim com a Maria pela mão, pude contemplar as cores e as formas que agora ganhavam uma outra dimensão. Havia uma paz difícil de explicar que tomara conta de mim e um sorriso suave que insistia em permanecer no meu rosto.

De mãos dadas com a Maria, atravessei uma das pontes que ligava o jardim à pequena ilha onde estava o restaurante. Ainda parei no meio da ponte, olhando os cisnes e os patos, mas logo entrei. Os meus olhos percorreram as mesas em busca do David, mas não o encontrei. Como eu desejava conversar com ele, falar-lhe daquela minha experiência. Mas ele não estava ali. Depois de me sentar numa das mesas e de pedir uma refeição ligeira para mim e para a Maria, pus-me a observar um quadro que não tinha visto na última vez que ali tinha estado. Nele estava retratada uma casa de madeira no alto de uma montanha coberta de neve, e dentro desta, sentado na posição do lótus, um monge que meditava serenamente. Talvez fosse essa a resposta que procurava, pensei. Regressar à casa da serra para levantar a âncora que ainda me prendia à imagem idílica do lago que tinha atravessado e, assim, poder partir liberta com a corrente do rio. E as palavras do anjo surgiram uma vez mais na minha mente: «A gota tem que aprender a sonhar com o oceano e não com a nascente.»

Estava decidida. Iria voltar ao lugar onde tudo tinha começado e ali, encarando-me olhos nos olhos, expurgar o passado de todos os seus fantasmas e assim levantar a âncora rumo ao oceano onde juntos nos tornaríamos um só.

## CAPÍTULO XII

ESTAVA SENTADO NO ALTO DE UM MONTE, OLHANDO AS comunidades que lá em baixo envolviam, em círculos concêntricos de tamanho crescente, a casa onde morava. Tinha caminhado durante dias por aquele lugar que ainda me era estranho, embora familiar de tantas outras vezes, encontrando-me agora na periferia. Pelo caminho pude testemunhar a diversidade da flora e fauna que ali existia: as plantas luxuosamente ornamentadas na frescura das cores e na suavidade dos perfumes, vivificando aquele lugar nas formas esculpidas pelas mãos delicadas das fadas e outros seres que agora, desperto de uma existência de novato, podia sentir e compreender, comprovando o testemunho deixado pelas crianças. Em volta dos vários anéis, o arvoredo denso erguia-se majestoso na robustez dos seus troncos, formando florestas densas como esconderijo de unicórnios e tantos outros seres de que se ouvia falar, mas que tão raras vezes eram observados. Os animais, esses, proliferavam na abundância de um lugar rico e acolhedor, desde antílopes de tamanhos variados até aos pássaros que ali voavam na liberdade tranquila de quem não tinha predadores.

Fechei então os olhos, meditando profundamente. Momentos depois estava liberto do corpo que ficou sentado no alto do monte. Era a segunda vez que experimentava aquela sensação única de liberdade. Mas agora era um missionário, podia controlar melhor aquele estado

que tão importante iria ser na execução de muitas das missões que teria pela frente. Voei sobre o monte e depois sobre as comunidades, deliciando-me com aquela faculdade única; a verdadeira liberdade. E foi então que, ao voar um pouco mais alto, tudo desapareceu à minha volta. Resolvi descer, confuso que estava, e tudo reapareceu diante de mim. Era como se tivesse transposto uma barreira... mas, acima de mim, encontrava-se o céu. Estava confuso. Desci ainda mais, contemplando esse mesmo céu que ali era de tons castanhos. Pela primeira vez tentei compará-lo com o céu que recordava dos tempos em que vivi do outro lado. Nunca ali tinha visto o Sol e a Lua, sendo a luminosidade projectada de todos os lados e de nenhum lado em particular. Também nunca tinha observado estrelas durante a noite e nuvens durante o dia. Que lugar era aquele? Se pertencia ao Planeta, como o meu mestre me dissera, porque é que o céu era castanho e não azul? Resolvi regressar, despertando.

Desci a montanha pelo mesmo carreiro que ali me tinha levado e que serpenteava nos perfumes selvagens dos arbustos que o ladeavam. O vale espreguiçava-se lá em baixo num imenso tapete verdejante, realçando os tons coloridos das flores que dele brotavam. Depois de ter chegado ao vale, caminhei na direcção da floresta. As árvores erguiam-se majestosas, tapando a luz que penetrava em finos raios, criando uma atmosfera de lendas e mitos, realidades esquecidas e outras por revelar. Uma névoa pouco espessa cobria parte do chão da floresta, subindo pelos troncos delicados como tentáculos harmoniosos de um feitiço branco. E foi então que vi dois unicórnios rasgarem o véu que cobria o chão da floresta, realçando com a sua graciosidade a imagem de um conto de fadas que ali despertava diante dos meus olhos encantados.

Momentos depois, após ter caminhado sobre o manto de folhas secas, contornando as raízes salientes e os troncos tombados, desemboquei numa pequena clareira onde se encontrava uma das comunidades do anel exterior. Esta tinha o rosto de todas as outras comunidades, sendo composta por doze casas e um edifício central. Assim que transpus os limites da comunidade, ouvi a melodia que anunciava o período da primeira refeição, entrando no refeitório juntamente com

os cidadãos daquele lugar. Sentei-me no círculo reservado aos missionários, comendo em silêncio. Ninguém me tomara por estranho ou estrangeiro, aceitando-me na normalidade de quem nem sequer questionava tal presença. Eram seres que, embora pertencessem a uma das comunidades periféricas, já tinham transcendido muitas etapas e obstáculos. Sacrificaram, como todos os outros, a sua evolução pessoal para servirem junto da humanidade: um dos muitos reflexos da sua elevada espiritualidade. Quando a melodia anunciou o período dos estudos, fui até ao jardim que circundava o edifício central onde uma mestre se encontrava sentada de olhos fechados e posição meditativa. Reconheci-a como mestre pelas roupas que usava e pela expressão pacificada na sabedoria de quem não encarnava há muito tempo.

— Bom dia, Mestre.

Ela fixou-me na serenidade e na ternura de um olhar feminino.

— Olá, Taihi.

— Sabe o meu nome? — Perguntei surpreso.

— Claro que sim. Esperava a tua chegada.

— E como sabia que iria chegar?

— Porque é nesta comunidade que irás cumprir a tua primeira missão.

— E que missão é essa? — Insisti eu.

— Terás que receber alguém que pertence a esta comunidade e que está para chegar ao plano mental superior do Planeta. Alguém que conheceste enquanto estiveste encarnado na Terra e que em breve deixará esse mundo.

— E quem é essa pessoa?

— Saberás quando se encontrarem.

Ficámos em silêncio por alguns momentos.

— Como é esse plano mental? — Perguntei finalmente na curiosidade de compreender um pouco mais desse lugar mitificado pela ignorância de quem só agora deixava de ser um novato.

— O plano mental superior da Terra, é um lugar de grande paz, a primeira morada do ser durante o seu ciclo reencarnatório, embora este plano não seja a sua verdadeira casa. Quando somos projectados de Deus, ou da Fonte Primeva, cuja referência é mais acertada, num parto de sete consciências espirituais, levam-nos para lugares distintos. Dá-se então a separação em duas almas de cada uma dessas consciências, sendo elas integradas em grupos diferentes. No princípio, na inocência de quem acabou de nascer, julgamos que a vida é toda ela um paraíso; que aprender é ficar naquele lugar onde nada nos falta, pois tudo é criado à nossa própria imagem. Mas um dia alguém nos diz que temos que deixar aquele mundo de paz e encarnar num outro mundo mais difícil onde teremos que aprender muitas das lições da vida — ela sorriu. — Ainda me lembro quando encarnei pela primeira vez. Para mim era como se fosse um jogo, uma brincadeira; quão inocente era nessa altura. A minha primeira encarnação foi no terceiro ciclo da Humanidade, o ciclo Lemuriano. Foi uma vida difícil, repleta de sofrimento, onde pratiquei todo o tipo de barbaridades em nome da minha própria ignorância. Quando regresssei ao plano mental terrestre, fi-lo de cabeça baixa tão envergonhada que estava da vida que tinha levado. Pensei que me fossem receber de dedo estendido e olhar inquiridor, pois muitos foram os erros que tinha cometido, mas não... todos me receberam de braços abertos, de sorriso no rosto por terem de volta aquela que era como uma irmã. Ainda lhes perguntei se iria ser julgada, ao que eles responderam que sim mas não por eles. Pensei logo na imagem de um juiz prepotente e da pena pesada que certamente iria impor sobre os pecados cometidos. Mas logo esqueci tudo isso, integrando-me nos afazeres da comunidade. Um dia, um dos vigilantes que nos acompanhava e que era um ser muito mais evoluído que nós, disse-me que tinha chegado o momento de regressar. Para mim foi um choque. Agora que conhecia a violência do mundo físico, não queria voltar. Disse-lhe que não; que nunca mais regressaria a esse mundo, que preferia viver ali onde tudo era perfeito. Ele, de expressão serena e compassiva, explicou-me que não era obrigada a partir; que essa era uma escolha minha. E assim continuei naquele lugar, satisfeita por saber que se a escolha era minha

nunca mais iria regressar a esse mundo violento. Mas com o passar do tempo, e de todas as vezes que visionava as imagens da vida que levava no mundo físico, comecei a apontar os erros e os defeitos. Dizia para mim mesma que se um dia regressasse iria tentar corrigir aquela falha, tentar superar aquele obstáculo. E só então compreendi que o juiz não era nenhum ser prepotente, mas eu própria. Esse era o verdadeiro julgamento: aquele que impunha sobre mim mesma. Procurei de imediato o vigilante do nosso grupo, dizendo-lhe que estava disposta a regressar para corrigir os erros do passado. E logo preparámos a minha nova experiência no mundo físico, escolhendo eu a família onde iria encarnar... mas esta, tal como a anterior, também foi uma vida difícil, repleta de obstáculos que não fui capaz de ultrapassar. Tornei-me comerciante de escravos nesse mundo de conflitos. Quando regressei ao plano Mental Superior, trazia nos ombros um peso tão grande que impossibilitou a minha integração plena no grupo. Eles tentavam animar-me, dizendo-me que era natural cometer erros no mundo físico, mas eu preferia a solidão, meditando sobre uma vida onde nada tinha aprendido. Não conseguia suportar aquele peso que tornava difícil a minha integração no grupo. Quando o vigilante, que era o nosso guia espiritual, me propôs uma nova existência no plano físico, não hesitei um único momento em aceitar a sua proposta. Queria encarnar como escrava e assim libertar-me daquele peso que tornava insuportável viver num lugar onde tudo era perfeito. E assim, por vontade própria, sem que ninguém me impusesse tal escolha, encarnei como escrava. Foi uma vida difícil, mas libertadora. Quando regressei vinha leve como uma pena. Tudo à minha volta assumiu novas cores e assim pude integrar-me plenamente no grupo, pondo em marcha o meu verdadeiro destino. Depois sucederam-se muitas outras vidas numa sucessão de milénios, tendo eu a oportunidade de crescer. Quando me adiantava em relação aos restantes membros do grupo, era integrada em outros grupos mais evoluídos até ao dia em que também eu me tornei vigilante de um grupo acabado de se formar. No fim do ciclo Atlante, estava finalmente pronta para deixar a vida na Terra, mas não parti. Juntamente com os membros da minha família espiritual, que até então tinham estudado em grupos diferentes,

decidimos continuar a encarnar neste mundo para ajudar e servir. Hoje fazemos parte deste lugar, servindo todos aqueles que ainda caminham pelos trilhos da ignorância para que um dia também eles possam chegar ao lugar onde agora nos encontramos.

— E porque é que eu pertença a uma família que não está integrada em nenhuma comunidade e que se encontra no centro deste lugar?

— Isso é algo que nem mesmo nós conhecemos, embora saibamos que essa família é a mais antiga de todas as famílias que se encontram no planeta Terra. — Ela levantou-se. — Chegou o momento de assumires a tua primeira missão, Taihi. Vamos? Esperam-nos na Sala do Conselho.

Subimos até ao primeiro andar, entrando na sala onde as famílias já estavam reunidas. Tal como no dia da minha subida de círculo, cada família ocupava uma secção das bancadas que circundavam o centro. Na bancada exterior estavam os missionários, na central os professores e na primeira bancada o mestre de cada família. Sentei-me então numa das duas cadeiras que estavam no centro da sala, enquanto o mestre que me acompanhava se afastou, sentando-se no lugar que lhe era destinado. Todos me observavam de expressões compenetradas... era como se meditassem ou orassem. E foi então que os doze conselheiros, que representavam cada família, se materializaram em volta de mim. Um halo luminoso de cor violeta cintilava na sabedoria que todos eles expressavam, tranquilizando-me da ansiedade que pudesse sentir na expectativa do momento que se seguiria. Fechei então os olhos, seguindo as instruções que recebia por vias intuitivas e que não eram feitas de palavras nem sons. Momentos depois já estava fora do meu corpo, subindo para além da sala e depois para além daquele lugar. Quando dei por mim estava na órbita do planeta Terra, contemplando-o na serenidade que sentia ao observar os seus contornos luminosos: a unidade de um corpo não mais dividido em países, em regiões e cidades, não mais alimentado pelas paixões individuais de cada um. Como seria bom se cada pessoa pudesse observar o planeta do lugar onde me encontrava! Senti

então uma força maior que me puxou para um vórtice de uma luminosidade intensa onde mergulhei como se de um túnel se tratasse. A luz que vi ao fundo, mais intensa que tudo o resto, expandia-se diante dos meus olhos, crescendo à medida que me aproximava. Quando transpuser a sua aura fui envolvido por um brilho baço; um brilho entrecortado por uma neblina constante que me inundou numa paz impossível de ser descrita. Estava no plano mental terrestre. À minha volta sentia pensamentos de amor, de empatia, de ternura... era tudo tão familiar. E assim continuei a flutuar sobre aquela neblina como nenhuma outra, penetrando no interior do mundo da consciência desencarnada. Pude então observar camadas distintas de luz, umas mais intensas que outras, ouvindo sons que lentamente se tornavam mais nítidos e perceptíveis. Sons de ternas melodias, de uma doce brisa soprada na suavidade de um afago que me tranquilizava. Mas era tudo tão diferente. Ali a música tinha cor, podendo ser sentida pelo tacto como se fosse um objecto nas minhas mãos. A própria luz e cores, pronunciavam melodias, paladares, perfumes e formas geométricas... como era estranho tudo aquilo! Parecia que os sentidos estavam todos misturados; como se fossem um só. E foi então que alguém veio ao meu encontro. A sua aura cintilava em tons azul-celestes.

— Bem-vindo, Taihi. Esta é a tua primeira missão. Irás acompanhar alguém que está para chegar, conduzindo-a até à sua morada que não é mental mas física. A mesma morada de onde vieste.

— E onde está essa pessoa?

— Atrás de ti, Taihi. Ela acabou de chegar ao plano mental superior do planeta Terra.

Virei-me na expectativa daquele momento, observando a pessoa cuja forma era a mesma do corpo que deixara na Terra. E não consegui conter a alegria quando me apercebi que se tratava da minha mãe. Sorri-lhe.

— Olá, mãe!

Ela retribuiu o sorriso.

— Filho! Quantas saudades... mas o que fazes neste lugar? Também morreste?

— Ninguém morre, mãe.

— Eu sei. — A sua alegria era imensa. — Como é bom estar de volta. A vida na Terra é tão difícil. Fico satisfeita por me teres vindo esperar.

Aquele que nos observava falou.

— É uma prática comum fazer com que aqueles que deixam a Terra encontrem os seus familiares desencarnados. É uma forma de os tranquilizar e de lhes dizer que estão em casa — e logo nos deixou.

— Fiquei tão preocupada quando decidiste fazer aquela viagem. Todos nós ficámos tristes por teres partido... nunca mais deste notícias.

— Não dei notícias porque sabia que iria deixar o mundo físico num prazo curto de tempo. Mas deixemos o passado. Ele não nos pertence mais. Foi uma peça que representámos mas que agora acabou. Venha! Temos que regressar a casa.

— Não é este lugar a nossa casa?

— Para já não, mãe. Há alguns milhares de anos atrás decidimos deixar momentaneamente o plano mental para ajudarmos a humanidade do planeta Terra. A nossa morada agora é outra. Venha.

O conhecimento daquele lugar chegava-me por vias intuitivas, vindo certamente dos conselheiros que me orientavam. E logo deslizámos até um espaço onde ela foi banhada por uma luz intensa. Era uma espécie de duche relaxante após uma vida de trabalho na Terra, permitindo-lhe libertar-se dos laços terrenos e das sensações acumuladas ao longo de toda uma vida. Era assim restabelecida a harmonia necessária para que se sentisse de novo unificada com a sua dimensão espiritual. Logo depois desse banho de luz deslocámo-nos, juntamente com tantos outros seres acabados de chegar, por lugares imensos que se curvavam sempre que a velocidade aumentava. Era como se viajássemos dentro de uma taça virada ao contrário sem observar os contornos desta que

se perdiam na infinidade daquele lugar imenso. Não podíamos fazer valer a nossa vontade, tomando a direcção que quiséssemos; era como se deslizássemos pela corrente de um rio. E assim fomos levados para lugares de maior densidade de seres que faziam aquela mesma viagem. A sensação era de termos brotado de um pequeno riacho e mergulhado nas águas de um rio onde todos os riachos iam desaguar. Juntos, e eram muitos aqueles que deslizavam connosco, fomos levados para um centro que se assemelhava a um redemoinho para onde tudo convergia e dali conduzidos para canais que direccionavam cada ser na viagem de volta ao núcleo onde estavam integrados. Mas nós não estávamos nesses núcleos. Tínhamos como morada um mundo físico onde ela iria nascer de novo, não pelo parto como na Terra, mas pela materialização. À nossa frente encontrava-se agora o túnel que fazia a ligação entre os dois mundos, através do qual regressámos. Momentos depois já estávamos dentro da sala do conselho onde todos meditavam.

— Pronto, mãe. Agora vai nascer uma vez mais.

— Iremos ficar juntos neste lugar?

— Não. Embora tenhamos pertencido a uma mesma família na Terra, aqui pertencemos a famílias e a comunidades diferentes. Irá ser integrada na sua família e na comunidade onde sempre viveu desde que aqui chegou.

E foi então que se deu o parto. Da aura violeta dos doze conselheiros saíram raios luminosos que se concentraram na cadeira vazia. E um novo corpo foi criado sobre a força desses Mestres. Quando ela abriu os olhos não me reconheceu. Era agora uma novata e, como novata, nada recordava do seu passado.

Passei o resto do dia na comunidade, satisfeito pela primeira missão cumprida. E enquanto caminhava pelos jardins que circundavam o edifício central, não pude deixar de pensar naquele ser que tinha tido como mãe e que era, também ela, um auto-convocado. Recordar esse passado ajudava-me a compreender a grandeza da sua alma. Enquanto criança nunca me bateu nem ralhou. Resolvia tudo com uma conversa onde explicava as razões de não concordar com determinada

atitude da minha parte. E eu obedecia, tal o respeito que lhe tinha, não pela força de um chinelo no rabo, mas pela presença de um olhar que aprendi a respeitar, por ser respeitado. Na minha adolescência, nunca me proibiu coisa alguma, aceitando a minha liberdade como algo a ser cultivado nas experiências que necessitasse de ter. Aconselhava-me as melhores soluções, mas nada impunha, dizendo-me que deveria aprender com os erros que cometesse, e assim, tornar-me responsável pela liberdade que tinha. Participava, de igual forma, em projectos sociais e espirituais, cativando a atenção de todos, não só pelos gestos, mas pelas palavras sábias que partilhava sem nada querer em troca, fosse dinheiro ou reconhecimento. Era sem dúvida uma grande alma.

## CAPÍTULO XIII

O COMBOIO TREPIDAVA PELAS LINHAS QUE SE ESTENDIAM NA força de um destino ao qual não podia fugir. Eu ia com a cabeça encostada no vidro e o olhar perdido no horizonte que a névoa escondia na palidez de uma paisagem despida de gente. A Maria dormia com a cabeça no meu colo e os pés estendidos no banco, descansando de uma longa viagem; uma viagem que anos antes me levara até junto do João. Não fugia da cidade como nesses outros tempos, pois esta era uma parte igualmente importante na construção de um mundo tão diverso, embora distorcido pela violência feita à imagem da pedra e do betão, do consumismo e da indiferença. Uma vida que em tempos tentara subornar-me, forçando o meu exílio na casa para onde agora retornava. Ainda recordava o momento em que decidira partir, como se estivesse a revivê-lo. Tinha acabado o curso de Belas Artes, deixando a cidade na certeza de nunca mais regressar. Nessa altura, atrofiada numa vida cinzenta, parti na busca de um novo respirar que me libertasse de um cárcere de muitos anos, de uma existência adormecida na indiferença, na solidão estéril de uma cidade onde milhões de pessoas caminhavam esquecidas umas das outras. O que eu procurava era o sentir da natureza na expressividade dos seus perfumes e cores; o silêncio profundo e melodioso das fragrâncias campestres, qual nota uníssona na voz de uma diva, despertasse em mim a minha verdadeira identidade. E ele

ressurgiu a meus olhos tal como poema nas palavras certas de quem o sabe recitar, tornando real uma promessa que o tempo nunca apagara.

Íamos a caminho da casa da serra, daquele passado que me prendia às memórias que ali tínhamos partilhado. Não podia mais viver nas recordações que as imagens e o tempo transportavam sobre a forma de sonhos. Sonhos que se repetiam na obsessão doentia de viver algo que não podia mais ser vivido. E lá estavam as palavras do anjo como a luz de um farol penetrando na densidade do nevoeiro: «A gota tem que aprender a sonhar com o oceano e não com a nascente. »

Eram onze da manhã quando o comboio parou numa pequena estação no sopé de um monte. O dia tinha clareado sobre a névoa que lentamente se dissipou, revelando o sol que me confortou num afago caloroso. O homem que servia na estação empilhou as malas num carro de empurrar. E não se via mais ninguém. Era um daqueles lugares de onde as pessoas partiam em vez de chegarem.

Minutos depois o comboio partiu, desaparecendo no dobrar escarpado das montanhas. Do lado de fora da estação, aguardei que o senhor Joaquim, para quem tinha telefonado dias antes, chegasse com a sua carroça para nos transportar até à aldeia. E ele lá chegou à hora marcada. Trazia vestida uma samarra que lhe envolvia o rosto, parando diante de mim com um sorriso que o tempo alimentara na ausência de três anos.

— Bom dia, menina Vera! — Disse ele descendo da carroça. — Há quanto tempo!

— É verdade, senhor Joaquim — sorri. — Há mais de três anos.

— E esta pequenina, é a sua filha? — Perguntou ele de olhar risonho.

— Sim. Chama-se Maria.

— Olá, pequenina.

— Dá um beijo ao senhor Joaquim, querida — disse eu, colocando a mão na sua cabeça.

Ele agachou-se recebendo o beijo de olhos humedecidos.

— A minha esposa vai ficar muito feliz de conhecer a sua filha, sabe? — Disse ele, levantando-se enquanto enxugava as lágrimas a um lenço por desdobrar. — Durante estes anos que passaram nunca deixou de se lembrar de si. Chora sempre, quando recorda a morte do seu marido e a sua partida.

— Foram tempos muito difíceis... mas deixemos o passado — sorri uma vez mais.— Foi para isso que vim; para enterrar definitivamente esse passado.

— Espero que consiga, menina... é que aquilo que aconteceu também foi custoso para nós. — Ele colocou as malas na carroça. — Ver tanta felicidade quanto a vossa, trouxe muita alegria à nossa aldeia. A morte do seu marido e a sua partida fez com que todos nós morrêssemos um pouco mais.

Os seus olhos estavam de novo húmidos.

— Não diga isso, senhor Joaquim.

— Digo sim, menina. A vossa felicidade era a nossa... então quando soubemos que esperava um filho... é que foi alegria naquela aldeia! Seria a primeira criança em muitos anos.

Aquela devoção das pessoas da aldeia comovia-me profundamente. Era mais um testemunho da natureza do amor que eu e o João partilhámos e que, por ter sido tão grande, transbordava aos olhos de todos, tocando cada um de uma forma tão particular. E lá partimos serra acima ao ritmo lento de um burro sem pressa, contornando os caminhos que se pronunciavam sobre as arribas escarpadas. Lá em baixo, um pequeno ribeiro galgava as falésias em cascatas várias, torneando as rochas nos serpenteados cor de prata que lhe davam vida. O cheiro dos arbustos e da terra molhada impregnavam-me de uma paz igual àquela que recordava dos tempos em que nós os dois, eu e o João, andávamos por aqueles montes de mãos dadas, partilhando emoções e sentimentos como se fôssemos um só. E éramos! A Maria olhava tudo de olhos esbugalhados como se reconhecesse cada recanto; como se cada um dos momentos que eu ali tinha interiorizado tivessem sido vivenciados por ela durante a gestação.

— Tem nevado na aldeia? — Perguntei.

— A semana passada nevou um pouco. Mas depois chegou a chuva e levou a neve... tem feito é muito frio! Já não tenho memória de um Inverno como este.

— Na cidade também se sente o rigor deste Inverno.

No topo do caminho que serpenteava pela serra, ficava a aldeia como promontório à verdadeira civilização. Ali o tempo era escravo e não senhor, submetendo-se à vontade de quem dele necessitasse. No centro da aldeia existia um pequeno adro com um pelourinho em ruínas onde os mais idosos confraternizavam nos dias de Verão.

Momentos depois, parámos em frente da casa do senhor Joaquim. A dona Ana saiu ao nosso encontro, abraçando-me assim que descí da carroça.

— Que saudades, menina! Pensei que nunca mais voltasse!

— Como tem passado, dona Ana?

— Como Deus quer, menina — ela olhou para a Maria. — É a sua filha?

— Sim. Chama-se Maria.

A sua expressão abriu-se de uma forma radiosa, cintilando no olhar que se tornava húmido. E, sem hesitar um único momento, agachou-se junto dela, abraçando-a.

— Como é bom conhecer a sua menina — disse ela num chorar que se tornava convulsivo. — É como se ela também fosse um pouco filha de todos nós, sabe?

— Eu compreendo, dona Ana. — Retorqui eu, também como-vida. — Vocês acompanharam cada passo da gravidez.

Ela afastou o abraço, fixando-a de rosto molhado.

— É tão bonita — Passou a mão pela sua face rosada. — Tem os olhos do pai, mas o sorriso é o seu.

— Sim, os olhos são do João — assenti eu, concordando.

— Mas venham! — Disse ela, pegando a Maria ao colo.

— Tenha cuidado, dona Ana. Ela pesa um pouco.

— Não se preocupe — replicou ela, enquanto entrava em casa.  
— Conhecer esta criança fez de mim uma mulher jovem.

Entrámos. Lá dentro, a panela da sopa fumegava numa chaminé rente ao chão, impregnando a casa com o cheiro doce daquela comida caseira que eu tanto gostava. A decoração, essa, estava como sempre esteve: parca de adornos, realçando as paredes de granito que tudo escureciam na timidez da luz que vinha de fora. Esta, gradeada nos contornos das pequenas vidraças das janelas, realçava a cor dos pratos pintados com motivos serranos que se equilibravam sobre o parapeito da chaminé, sombreando os outros que se encontravam sobre a mesa colocada no centro da cozinha e em volta da qual nos sentámos. O cheiro da sopa trouxe a fome, acolhendo-me no conforto de quem regressava a casa. E eu estava em casa!

Em cada recanto via o João. Era como se o seu fantasma vagueasse nas memórias que a comida ressuscitava sobre a expressão familiar daquela casa que um dia também foi um pouco nossa...

*...Ele sentou-se à mesa enquanto eu fui ajudar a dona Ana com a sopa que já fumegava na chaminé. Petiscou nos queijos acompanhado pelo senhor Joaquim, conversando sobre o dia-a-dia da aldeia. Todos o tinham aceite muito bem, tratando-o como meu marido, o que era verdade, pois no amor que expressávamos diante de todos os aldeões, existia um laço maior que todos os compromissos formais. Não éramos apenas marido e mulher, mas seres conscientes de uma natureza que nos unificava na certeza de sermos um só. Sim, um só!*

*E a terrina da sopa foi colocada sobre a mesa, deliciando-nos com o cheiro que nos provocava no sabor que nela adivinhávamos. Com uma concha de cabo de madeira, servi-os a todos, sentando-me em frente do João.*

— Nunca me irei faltar desta sopa — disse ele, olhando para a dona Ana. — É a melhor sopa que alguma vez comi.

— Já ensinei a menina Vera a fazê-la.

— *A sério!?* — *Ele olhou para mim.* — *Era por acaso aquela sopa que comemos no outro dia?*

— *Sim, João!* — *Sorri-lhe.*

— *Não estava má, mas a sopa feita pela dona Ana é única.*

— *Deixe lá. Também a sopa da minha mãe era melhor que a minha quando tinha a idade da menina Vera. Com os anos, o tempero melhora, vai ver.*

— *É mesmo assim, senhor Joaquim?* — *Perguntou ele com um sorriso brincalhão.*

— *Ela diz que sim... mas eu cá não noto diferenças.*

*Continuámos a refeição ao sabor de uma conversa despreocupada de quem pouco tinha para contar. E era tão bom não ter nada para contar, de nos deixarmos levar pela espontaneidade das palavras que surgiam na liberdade de nada terem que dizer, partilhando connosco um espaço, um momento, uma refeição onde eram servidas como tempero e não como conduto...*

— *Vai ficar quanto tempo, menina?* — *Perguntou o senhor Joaquim, despertando-me daquelas memórias.*

— *Ainda não sei.*

— *E o que a fez voltar?*

— *Preciso enterrar o passado; libertar-me desta angústia, deste desejo de querer viver tudo de novo, mesmo sabendo que não é possível.*

— *Foi um momento muito triste* — *disse a dona Ana, enquanto mexia a sopa.* — *Vocês eram um casal tão bonito!*

*Os seus olhos tornavam-se húmidos.*

— *É disso que me quero libertar... e deveriam fazer o mesmo, pois não podemos viver no passado.*

— *Oh, menina!* — *O senhor Joaquim olhou-me de expressão nostálgica.* — *Se não fossem as memórias, quem podia viver num lugar como este!? São elas que nos dão sustento, um pouco de alegria e de tristeza. Sem elas mais valia que estivéssemos mortos.*

— Não diga isso, senhor Joaquim. Há sempre coisas novas para viver, mesmo num lugar como este, onde quase nada acontece.

— Espero que a pequena Maria goste de sopa — Replicou a dona Ana, colocando-a numa terrina.

— Sim, não se preocupe. Ela tem os mesmos gostos que eu.

— É tão querida... — Disse ela de olhar sorridente. - Faz lembrar muito o pai! — E logo colocou a terrina sobre a mesa, sentando-se connosco.

— Gostaria de lhe pedir se não se importaria de ir connosco até à casa da serra - disse eu, olhando para o senhor Joaquim. — É que gostava de levar alguma lenha e alguma comida.

— Claro que sim, menina. Irei com todo o gosto.

— Mas antes de partirmos quero visitar a campa do João.

— É uma das mais bem cuidadas do cemitério, sabe? — Disse a dona Ana com um orgulho particular. — Todos aqui na aldeia gostavam muito dele.

— Fico contente por saber disso! — Sorri.

— Depois do almoço, eu mesmo irei consigo.

— Não precisa incomodar-se. Deve ser difícil para si caminhar com o seu reumático.

— Faço questão, menina.

— Obrigada, então!

— Depois passamos pelo quintal da senhora Joaquina. Ela tem umas flores muito bonitas.

— Não é necessário, dona Ana. Tenho a certeza que o João preferiria flores silvestres. Apanhamo-las pelo caminho.

E continuámos o resto da refeição em silêncio. A Maria comia a sopa tranquilamente sem dizer uma palavra. Não tinha estranhado aquele lugar, facto que não me impressionou. Vivera tudo através de mim; cada recanto, cada cheiro, cada som. No ventre experimentara tudo aquilo que eu tinha experimentado; era por isso natural que se

sentisse em casa. Mas as imagens do João desviaram de imediato a minha atenção. Não conseguia deixar de o ver junto de nós, sorrindo e gargalhando ao ritmo das histórias que o senhor Joaquim contava dos tempos em que era jovem...

— *Era uma alegria viver nesta aldeia, sabe? Todos os fins-de-semana havia arraial. O que nós não dançámos nessas festas! Foi lá que vi pela primeira vez a minha mulher, tinha eu dezassete anos.*

— *E nunca se encontraram antes, pela aldeia?* — Perguntou o João.

— *Eu não morava na aldeia. Morava na casa da serra. Só vinha cá pelas festas ou então quando o meu pai vinha tratar de algum negócio.*

— *E eu não era dada muito a saídas* — Disse a dona Ana. — *O meu pai era muito severo e só me deixou ir a uma festa quando tinha quinze anos. Foi lá que nos encontramos pela primeira vez.*

— *E foi então que se apaixonaram, certo?* — Perguntou o João de uma forma provocadora.

— *Nós? Não!* — *Ele sacudiu a mão.* — *Eu não gostei nada dela. Era feia e desajeitada* — disse ele, com algum carinho. — *Mas o destino quis que um dia nos casássemos e assim foi...*

— Menina Vera... menina Vera, sente-se bem? — Insistiu a dona Ana.

— Sim, desculpe. Estava tão distante.

— Podemos ir já, se quiser.

— Sim, podemos! — Disse eu, ajudando a levantar a mesa.

E logo partimos rumo ao cemitério, atravessando as ruas forradas de granito. As pessoas da aldeia, de expressão simpática e feliz, chegavam-se a nós de sorriso rasgado, beijando-me na saudade de três longos anos. E logo se viravam para a Maria que lhes sorria, curvando-se em gestos carinhosos. Era a filha de toda a aldeia, sonhada enquanto ainda estava no meu ventre, mas logo perdida com a morte do João e a minha consequente partida.

— Ela é tão querida — disse a dona Josefa, pegando nela ao colo. — Tem os olhos do pai.

— Parece que sim! — disse eu, sorrindo.

— Mas o sorriso é o seu! — E logo colocou a Maria no chão.

— Já lhe tinha dito isso! — Retorquiu a dona Ana.

— Que saudades que nós temos de vocês! — Insistiu a dona Josefa, de olhar humedecido. — Eram um casal tão bonito! — Ela abraçou-me. — Às vezes a vida é tão injusta, menina. Existem para aí tantos casais que nunca deveriam estar juntos, e vocês que foram feitos um para o outro... — Ela afastou o abraço, limpando as lágrimas.

— Deixe lá, dona Josefa. Se assim foi, é porque assim tinha que ser.

Fiz um esforço enorme para conter as lágrimas. Talvez não tivesse sido oportuno regressar à aldeia, pois se queria esquecer o passado não era ali que o iria conseguir. As memórias estavam vivas como nunca, alimentadas pela devoção sincera daquele povo que tinha visto em nós um modelo para a sua própria felicidade.

Mais à frente, encontrámos o senhor António com o seu rebanho de cabras. Vinha vestido, como sempre, com uma samarra cuja gola era feita de pele de coelho, tendo numa das mãos o cajado que nunca largava.

— Senhor António, como tem passado? — Disse eu, furando por entre as cabras que caminhavam ordenadamente para o curral.

— Menina Vera! — Os seus olhos abriram-se de alegria. — Como é bom voltar a vê-la!

Cumprimentei-o, apresentando-lhe a Maria.

— Esta é a minha filha.

— A sua filha!? — Ele abaixou-se junto dela. — Afinal sempre teve uma menina!

— É verdade! — sorri.

— Olá, pequenina. Dás-me um abracinho? — Ela correspondeu ao seu pedido, abraçando-o. — Sabes que já te conhecia? Só que nessa altura ainda estavas na barriga da mãe.

E enquanto os observava, não consegui conter as imagens do passado que me assaltaram, transpondo os limites de uma sanidade quase perdida...

*...Caminhava com o João por entre as cabras do senhor António, parando junto dele.*

*— Como está, senhor António? — Dissemos em uníssono.*

*— Como Deus quer... cá vamos andando.*

*— O senhor faz queijos? — Perguntou o João.*

*— A minha mulher faz. Todos os dias de manhã, prepara o leite para fazer os seus queijos de cabra. E modéstia à parte, são muito bons.*

*— Gostaria de comprar alguns.*

*— Claro que sim, menino João. Apareça quando quiser. Estou certo que os queijos irão fazer muito bem a esse rapaz que está para nascer — disse ele, sorrindo.*

*— Mas pode ser uma rapariga, senhor António — repliquei eu, na crista do mesmo sorriso.*

*— Pois eu tenho fé que seja um rapaz forte e saudável.*

*E logo partiu com as últimas cabras, caminhando sobre o suporte do seu cajado...*

— E o senhor António que queria um rapaz! — Disse eu, sintonizando o momento presente.

— É que tive três filhas... foi um grande desgosto para mim. Quando soube que estava grávida, desejei que fosse um rapaz. Seria muito bom ver um menino a correr por estas ruas... mas a desgraça tocou-nos à porta. O seu marido morreu, a menina partiu e nós cá ficámos com as memórias do que foi e as outras do que podia ter sido.

Os meus olhos estavam húmidos. Era impossível esquecer o passado. Todos o recordavam de uma forma muito sentida, ressuscitando cada imagem, cada som, cada experiência que ali vivenciara.

— Foi muito bom voltar a vê-la — disse ele de mão estendida.  
 — Espero que fique por cá muito tempo — e logo olhou para a Maria.  
 — Adeus! Gostei muito de te conhecer.

— Até à próxima, senhor António. Talvez passe ainda hoje pela sua casa para visitar a dona Mariana e comprar alguns queijos.

— Ela vai ficar muito contente por vê-la... e depois sempre disse que seria uma menina. Vai ter uma grande surpresa. — E lá partiu atrás das cabras que se adiantaram rumo ao curral.

Continuámos a nossa caminhada até ao cemitério, parando sempre que alguém nos interpelava. E todas as pessoas tinham uma palavra amiga e um gesto afável. Era tão bom ser acarinhada daquela forma, mas cada uma ressuscitava um pouco mais desse passado, tornando difícil a tarefa a que me tinha proposto. Não iria conseguir levantar a âncora por mais força que fizesse.

Já no caminho rumo ao cemitério, avistámos ao longe o senhor Zé que lavrava a terra com a ajuda de uma junta de bois...

*— Senhor, Zé! — Dissemos nós, chamando-o. Ele virou-se, parando a carroça repleta de feno. — Dá-nos uma boleia até à aldeia?*

*— Claro que sim! Subam.*

*O João pegou-me ao colo, colocando-me com cuidado na carroça.*

*— Esta viagem até à aldeia é um pouco cansativa para ela, sabe?*

*— A menina não deveria era sair de casa! — Disse ele, pondo os bois em marcha. — No seu estado pode ser perigoso. Vocês sabem muito bem como são os caminhos da serra.*

*— Não se preocupe, senhor Zé — retorqui eu. — Estou apenas grávida...*

*— Mesmo assim não se devia aventurar por esses caminhos. As arribas são muito altas e traiçoeiras...*

...Aqueles imagens transportavam, ainda, um pouco da felicidade que vivemos nesses tempos, espelhada no sorriso e no brilho

dos meus olhos humedecidos. Desde que tivera as sessões de hipnose regressiva que nunca mais sintonizara as imagens da outra vida, mas aquelas eram impossíveis de evitar. Estávamos em todos os recantos daquela natureza selvagem, no gesto que o vento soprava sobre as árvores e sobre nós, que os pássaros entoavam na liberdade melodiosa do seu voo aberto em duas asas que tudo abraçavam. Estávamos na corrente rebelde do riacho que era agora alimentado pela neve dos picos mais altos, no orvalho gelado que cobria grande parte das encostas... E estávamos em cada pessoa, em cada lembrança ressuscitada na saudade de um momento que era nosso e deles; de uma felicidade partilhada em cada sorriso trocado na sinceridade de quem nada queria. Nunca o João tinha estado tão vivo, tão presente como nas memórias daquele povo que tanto o respeitava. Se queria esquecer o passado, levantar a âncora que me prendia no tempo, certamente que não seria ali que o iria conseguir.

Antes de chegarmos ao cemitério, colhi algumas flores que juntei num ramo simples. E logo percorremos o último troço daquele caminho de pedra. O cemitério tinha sido construído num pequeno planalto da serra, sendo todo ele de granito. A entrada principal, aberta por duas portas ferrugentas, fazia-se anunciar na expressividade parca de um arco vazio de adornos. Apenas as campas denunciavam aquele lugar, todas elas ordenadas em estreitas filas de pedra que o tempo ia desgastando. Num dos cantos, coberta de flores queimadas pelo frio, estava a campa do João. Nunca a tinha visto com a sua armação de granito, pois partira para a cidade logo após o funeral. Sobre o tampo, os dizeres simples que a aldeia deixou como memória a alguém que todos adoptaram, sobressaíam em letras gravadas na dor sincera de uma gente que nunca o esqueceu: «À memória do nosso amigo João que um dia se tornou um de nós».

Coloquei as flores sobre a campa e logo fui assolada pelas imagens do funeral...

... Toda a aldeia, sem exceção, viera ao funeral. Até a senhora Isabel, com os seus noventa e dois anos, se encontrava presente, amparada pela filha. Aquela devoção carinhosa que as pessoas colocavam em nós, comovia-me profundamente. Mas ele não estava mais presente, ferindo-me numa dor ensurdecida pela ausência daquele que eu sabia ser eu própria. Como aceitar, depois de tanto ter desejado encontrá-lo, vir a perdê-lo de uma forma tão dolorosa! Ninguém se conformava com a sua morte. As lágrimas que escorriam pelos seus rostos, que molhavam a minha face no trepidar constante do queixo, eram o reflexo vivo da dor que nos tocava a todos, mas que em mim tudo rasgava como se a vida desaparecesse nos pequenos pedaços que a sua morte deixara a meus pés. O padre cumpria o ritual sob o chorar constante de toda a aldeia. Enquanto o ouvia, a dona Ana amparava-me no meu sofrimento, limpando as suas lágrimas a um lenço bordado a preto. E nada conseguia ver senão a distorção provocada pelos meus olhos feitos em água. Quando o padre terminou, larguei uma flor sobre o seu caixão, sendo seguida por toda a aldeia que não deixou de prestar uma última homenagem àquele que se tornara um dos seus.

— Coragem, minha filha — disse a dona Ana, enquanto deixávamos o cemitério. — Tem que ser forte.

— Eu sei. Mas é tão difícil. — E as lágrimas pareciam não querer secar nos meus olhos.

— Não se esqueça que em breve terá um filho.

— Sim. Ele é a única coisa que ainda me consegue segurar.

— Então tem que ser forte por ele.

— Vou ser — disse eu limpando os olhos. — Prometo!

O senhor Joaquim aproximou-se de nós junto à saída.

— Sempre vai partir para a cidade?

— Sim, senhor Joaquim. Não suportaria continuar a morar na casa onde fomos tão felizes. Parto amanhã bem cedo.

— Se quiser ficar esta noite em nossa casa...

— Quero sim, dona Ana. Não conseguirei voltar à casa da serra.

— *Então não se preocupe. Eu passo hoje por lá e pego as suas coisas*  
— *disse o senhor Joaquim, afastando-se.*

— *Vamos ter muitas saudades suas, menina.*

— *E eu também, dona Ana. Vocês são a minha família.*

— *Espero que um dia nos venha visitar para conhecermos o seu filho.*

— *Se eu conseguir superar esta dor que me aperta o peito, pode estar certa que virei...*

...E não consegui conter-me, caindo de joelhos diante da campa. As lágrimas jorraram no trepidar convulsivo de um chorar molhado pelas memórias desse tempo, trazendo de volta todo o sofrimento que senti após a sua morte.

— Então, menina. O que se passa? — Perguntou a dona Ana, curvando-se sobre mim.

— Não consigo esquecer... estar aqui... é tão difícil aceitar a sua morte.

— Tem que ser forte, menina.

— Não consigo...

A Maria aproximou-se de mim, abraçando-me.

— Não chores, mãe. O pai não tá debaixo da terra com os bichos. Ele tá com as fadas e com os anjos.

Sorri-lhe de expressão molhada.

— A mãe sabe, querida.

Apertei-a num abraço suspirado, levantando-me com ela ao colo. Só mesmo a minha pequenina para me trazer de volta daquela dor.

## CAPÍTULO XIV

ESTAVA SENTADO JUNTO DE UM LAGO, CONTEMPLANDO A serenidade da água e a frescura das plantas aquáticas que se abriam em flores expressivas. À minha volta, uma floresta, densa de árvores robustas e ao mesmo tempo delicadas, cercava-me em cânticos que os pássaros deliciosamente entoavam na liberdade uníssona do seu voar. Tinha aprendido a reconhecer as várias essências daquela natureza luxuriante. Sentia cada som, cada cheiro, cada toque, cada imagem, como reflexos íntimos da minha própria existência e isso fortalecia-me. Dias antes, tinha deixado a comunidade onde cumprira a minha primeira missão, partindo pelos caminhos daquele lugar.

Dois unicórnios de energias opostas saciavam a sede na margem onde me encontrava, distorcendo o reflexo esbelto dos seus corpos esculpados de branco. Partiram depois num galope suave, deslizando tal e qual brisa fresca numa madrugada sem fim. Fechei então os olhos, mergulhando em mim e aí, contornando as emoções pela periferia de uma margem, despertei para a realidade de uma mente liberta das amarras físicas que faziam dela escrava. Estava agora a uns dez metros sobre o lago, deixando-me levar pelo cintilar das cores que ali eram feitas de melodia e de sabor e pelo cheiro doce de uma beleza impossível de tornar presente na extensão de uma palavra. E logo abri os braços em asas que imaginei, voando ao lado dos pássaros que se juntaram a mim

como se fosse um deles, percorrendo comigo os trilhos suaves do vento que nos transportou na crista delicada das suas vagas doces e ternas. Que liberdade, aquela! As comunidades deslizavam por baixo de mim como se fossem elas a movimentarem-se, todas ordenadas em volta da casa onde pertencia. E foi então que me lembrei da primeira experiência que tivera fora do corpo. Quando regressámos do lugar que o professor me mostrara, fizemo-lo sem percorrermos o caminho de volta. Queria isso dizer que poderia viajar sem me deslocar? De olhos fechados, tentei concentrar-me na imagem da casa onde morava e que se encontrava distante. Mas nada aconteceu. Nada senti que me desse a certeza de me ter deslocado. Mas foi então que, para minha surpresa e após abrir os olhos, dei comigo sobre a casa que também me pertencia. Tinha agora a certeza que podia viajar sem me deslocar, bastando pensar no lugar para que este se tornasse presente. E foi então que vi o meu Mestre sentado no lugar de sempre, aproximando-me.

— Mestre? Consegue ouvir-me?

— Claro que sim, Taihi — disse ele telepaticamente. — Como podia não te ouvir?

— Sabe que já desempenhei a minha primeira missão?

— Sim. Eu sei tudo sobre cada elemento da nossa família. Sei também que já estás pronto para desempenhar a tua segunda missão.

— E que missão é essa?

— Tens que regressar ao lugar onde estiveste, enquanto ser encarnado. Lá encontrarás a Vera que está confusa nas incertezas de uma escolha que ela ainda não consegue compreender. Tens que a ajudar a libertar-se desse passado que a prende ao cais de onde já deveria ter partido. Ela não pode continuar a viver das recordações de alguém que não morreu e que ela julga ter perdido. É que a natureza do mundo onde ela vive, condiciona-a nas suas escolhas, mesmo sendo alguém que faz parte desta família. Se o vosso encontro se tivesse dado no passado, as coisas teriam sido muito mais fáceis, não passando ela pela dor que tomou conta de si e que é parte integrante da dor de todo um planeta.

— E como faço eu para a ajudar?

— Intuitivamente saberás o que fazer na altura oportuna. Agora vai! Vai até junto dela que tanto necessita da tua ajuda.

— Como?

— Da mesma forma que vieste até aqui, Taihi.

Retive então no meu pensamento a imagem da casa que tinha visto na Sala do Espelho e, momentos depois, sem que me tivesse deslocado, estava sobre uma serra escarpada em falésias várias onde alguns ribeiros saltavam em pequenas cascatas desaguando num imenso lago. No alto de uma dessas falésias, uma casa sobressaía como sentinela daquele lugar. Foi ali que vivemos cada momento de um amor intenso que nos unificou na certeza de sermos um só. Ali pudemos reencontrar o caminho de volta a nós próprios; a expressão máxima de um sonho que soubemos concretizar na voz de um sentimento tão grande, quão grande pode ser a natureza de uma consciência que também é divina na sua essência.

Ao aproximar-me da varanda que se debruçava sobre a falésia, pude ver os contornos do seu rosto que crescia na luminosidade de um olhar tão familiar. A brisa brincava com os seus cabelos enquanto os seus olhos se perdiam no horizonte ondulado pelas montanhas. Senti uma nostalgia imensa na sua expressão sofrida. Se ao menos pudesse dizer-lhe que estava ali, que nada tinha que lamentar na ilusão de uma ausência que não era verdadeira! Mas ela não conseguia ouvir-me tal era a dor que sentia nas imagens que lhe assaltavam a mente, como tortura por ela mesmo imposta. Na varanda, junto do gradeamento de madeira, vi uma criança. Lembrava-me de a ter deixado grávida quando parti daquele mundo, compreendendo que a criança só podia ser a minha filha. Ela olhava o lago que lá em baixo espelhava, de forma perfeita e sem distorção, o céu limpo. Era o pilar que sustentava a dor e o sofrimento que a minha ausência deixara nela; a fonte de onde alguma esperança ainda brotava como promessa de um encontro que a Vera tanto desejava ver concretizado.

— Mãe! — Disse ela.

— Sim, querida. O que é?

— Quando eu era a outra Maria, depois eu dormia e sonhava com esta casa.

Chamava-se Maria.

— A sério, querida? — Ela agachou-se junto da pequena Maria.

— Sim. Eu *tava* sentada e depois o pai chegava e perguntava por ti. E depois eu dizia *c'uma* pomba branca tinha levado a minha mãe. Mas depois tu vieste outra vez. — Ela sorriu.

— Oh, querida! — A Vera abraçou-a de uma forma que me tocou bem fundo. — Como é bom ter-te novamente como filha. Sabes que a outra Maria também era minha filha?

— Sei. Mas não era como eu.

— Pois, não! — Ela sorriu. — Era adoptada.

— Mas agora já sou filha a sério, não sou?

— És sim, querida, embora a outra Maria também fosse filha a sério.

Ela beijou-a na testa, levantando-se. Que outra Maria seria essa? Desconhecia por completo aquilo de que falavam, justificando tais palavras no conhecimento de uma outra vida que eu ignorava. A Vera, depois de fixar novamente o horizonte, deixou-se levar uma vez mais pelas imagens do passado. O quanto ela sofria com aquelas memórias... Era como se as suas lágrimas escorressem pelo meu rosto, como se a sua dor fosse sentida bem fundo dentro de mim... Afinal, sempre éramos um só.

Quando o Sol anunciou o meio-dia, a Vera foi preparar o almoço. E apenas eu e a Maria ficámos na varanda. Aproximei-me um pouco mais no desejo de conversar com ela, mas duvidei que ela me pudesse ouvir. Foi então que, para minha surpresa, num sorriso que me encantou, ela fixou os seus olhos nos meus.

— Tu és o meu pai, não és? — Disse ela de sorriso rasgado.

— Sim, Maria. — Respondi eu, maravilhado com a tranquilidade da sua expressão doce e carinhosa.

— Quando eu vou à cidade das fadas, depois eu procuro por ti. Mas os outros meninos dizem que tu não podias falar comigo porque ainda não me conhecias.

— É verdade, Maria. O pai esteve a dormir durante algum tempo. Mas agora já estou acordado e já sei quem tu és.

— Quando eu for à cidade das fadas depois eu posso brincar contigo?

Sorri-lhe.

— Sim, filha. Quando fores à cidade das fadas o pai estará lá para te acompanhar.

— E podemos passear os dois?

— Claro que podemos. Podemos ir aonde quiseres.

— Eu gostava *ca* mãe fosse *ca* gente. Mas quando ela dorme depois ela fica muito pesada e não consegue voar até à cidade das fadas.

— A mãe não consegue ir porque está triste, Maria. Tens que a ajudar a ficar alegre; mais leve, para que possa voar contigo. Mas não digas nada à mãe que foi o pai que disse, está bem?

— Sim. — Ela sorriu.

Momentos depois a Vera chamou-a e, antes que a mãe lho dissesse, foi lavar as mãos, sentando-se depois à mesa. Encheu de seguida a colher de sopa sobre a qual soprou e levou à boca. Enquanto comiam, as imagens do passado, que tanto sofrimento lhe trazia, tomaram conta da Vera. E as lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Quando o Sol mergulhou nos montes distantes, alongando as sombras como presságio de uma razão que lhe escapava, pude ver o erro por mim mesmo cometido quando a fiz prometer que não deixasse de olhar cada pôr-do-sol depois da minha partida. E ali estava ela de olhar húmido perante o Sol que se punha, vendo na sua aura luminosa um rosto que nada mais era que uma máscara alimentada pela saudade, pelo passado recriado nas imagens que ela impunha sobre si mesma num sofrimento que nunca a deixara.

— Estou aqui, João! — Murmurou ela de olhos no Sol. — Sempre estive aqui.

Quando o Sol se pôs, chamou a Maria que brincava à volta da casa. O tempo tinha arrefecido na geada que tudo cobria e que eu apenas podia sentir na postura curvada delas as duas. Dentro de casa, vi-a retirar alguma lenha que se encontrava empilhada junto da lareira, acendendo esta com as folhas de papel que embrulharam algumas das mercearias que ela comprara à dona Mariana. Momentos depois, já as chamas se elevavam sobre a lenha, aquecendo lentamente a casa. A luz, cintilando no fogo que ganhava vida, pintava as paredes com sombreados deixados pelos objectos, alongando-os no crepitar das chamas nada constantes e no despertar das brasas que, aos poucos, transformavam aqueles troncos colhidos na serra. E ali ficou sentada, de olhar no fogo e pensamento no passado.

Depois do jantar, vestiu a Maria com um pijama estampado com uma pomba branca, deitando-a. Sentou-se depois a seu lado, confortando-a num afago carinhoso enquanto esquecia, por alguns momentos, as imagens desse passado que tanto pesava. O seu rosto era lindo e a sua expressão calorosa. Quão encantado tinha ficado quando a vi pela primeira vez junto do lago, quando pude compreender, mesmo que de uma forma inconsciente no princípio, que ela era a pessoa que procurava! Os momentos que passámos na Casa da Serra foram únicos, dando-nos testemunho de uma longa história de séculos, de milénios, de pequenas eternidades dispersas na continuidade infinita da nossa existência. E agora estávamos de novo juntos mesmo não tendo ela consciência disso.

Logo depois, deitou-se ao lado da Maria, adormecendo. Era a altura certa para chegar junto dela, para mergulharmos juntos nesse passado que tanto lhe pesava e assim resgatá-la para o futuro que nos aguardava. Entrei no seu sonho, um sonho por ela repetido na cadência de uma procura nunca concretizada; o mesmo sonho que a perseguia desde que a deixara há três anos atrás. Eu encontrava-me no alto de uma duna de olhar atento ao vulto que se aproximava e que crescia perante o meu olhar sereno. E foi então que ela se apercebeu da minha presença, correndo num abraço molhado pelas lágrimas que não conseguiu conter...

## CAPÍTULO XV

CAMINHAVA LENTAMENTE PELA VARANDA DA CASA DA SERRA, arrastando a mão pelo corrimão, enquanto olhava o Lago que, lá em baixo, contornava os montes. O orvalho matinal cintilava na frescura de uma manhã limpa de nuvens, despertando com o sol e com a brisa que tudo perfumava na cor e no cheiro de uma terra que eu tinha herdado de mim. Ali podia respirar a verdadeira liberdade, sentir o pulsar da natureza na partilha da sua existência que nada pôde fazer para segurar o João a meu lado. Pela voz de um anjo regressara àquela casa para esquecer o passado, para levantar a âncora que me libertasse de um longo cárcere de ilusões, tal como se tivesse mergulhado num pântano de areias movediças onde me afundava em cada recordação. Sem ele sentia-me perdida, lançada ao sabor dos anos sem que um leme me governasse, sem que um farol, lançado pelo mar como promessa de um porto de chegada, me guiasse pela tempestade de uma existência perdida de si mesma, no vazio de um sentimento tão grande quanto grande pode ser o verdadeiro amor. E nós tínhamos sido esse amor.

Da varanda olhei o lago lá em baixo. Foi ali, junto das suas margens, que vi o João pela primeira vez...

*... E ali estava eu diante do Sol que se punha! Um momento único que cultivava desde criança e cujo mistério nunca fora capaz de entender. Uma brisa gelada tinha-se levantado sobre escarpas agrestes daqueles montes, soprando palavras que não conseguia ouvir mas que tudo anunciavam da presença de alguém que eu tanto desejava encontrar. Ali, de olhar num rosto sem imagem, sentia-me como uma árvore, vergando-se sob a força do vento que lhe dava expressão. O meu cabelo dançava com as suas carícias, dando voz a um futuro ainda por revelar, como se este fosse a extensão de um sentimento tão velho quanto o próprio tempo e maior que todo o espaço, fazendo convergir sobre mim a voz uníssona de uma vontade impossível de calar. Quando desviei os olhos do Sol, reparei que o homem, que tinha montado a tenda nas margens do lago, também o observava. Mas certamente que seria por outras razões que não as minhas, embora nada soubesse das suas...*

...Depois de o ter visto pela primeira vez à distância, resolvi conhecê-lo pessoalmente, descendo o monte até junto dele. Quando os nossos olhos se cruzaram, algo de mágico aconteceu... Como ele era lindo! E não era pelos contornos do rosto, pela disposição dos olhos e do nariz sobre uma boca de linhas suaves... Não! Era mais do que tudo isso. Era uma beleza que me trespassou pela profundidade do seu olhar, pela força que nele reconheci e que me arrepiou por completo. Mas agora tudo isso terminara. Ele partiu e eu fiquei com as memórias que se materializavam; perdida na dor de uma ausência que se tornava cada vez mais forte. E enquanto a brisa brincava com os meus cabelos soltos e os olhos se perdiam no horizonte ondulado pelas montanhas, as imagens desse passado invadiram-me uma vez mais...

*...Acompanhei com o olhar a sua subida desde o sopé do monte onde ele tinha desarmado a tenda. Caminhava com uma pesada mochila nas costas, escorregando várias vezes ao longo do estreito e sinuoso caminho, facto que não deixei de assinalar em algumas gargalhadas que ele ouviu à distância. Quando chegou junto de mim estava suado e ofegante, retirando a mochila que deitou por terra.*

— *Ufa! Estava a ver que nunca mais chegava!* — disse ele beijando-me.

— *Estive mesmo para te ir buscar!* — Repliquei, brincando. — *Parecias uma criança a escorregar por aqueles caminhos*

*Ele sorriu, mas logo ficou de expressão séria.*

— *Tens a certeza que queres que eu venha morar contigo? Não será cedo demais? É que eu não me importo de ficar na tenda.*

— *Preferes ficar na tenda a ficar comigo?* — Disse eu, sorrindo.

— *Claro que não, Vera! Não quero é que te sintas na obrigação...*

*Coloquei o dedo sobre os seus lábios.*

— *Chuuuu! Não digas mais nada. Tu és a pessoa que eu procuro há muito tempo. Não há que ter dúvidas sobre o sentimento que partilhamos. Eu amo-te, João. Quero que mores comigo.*

*Ele sorriu de olhar cintilante.*

— *Se não estivesse suado, dava-te um abraço do tamanho do mundo.*

— *Eu diria antes o seguinte: se não me deres esse abraço irás suar muito mais... — E logo nos abraçámos, num beijo que a natureza testemunhou nas lágrimas que um dia iriam alimentar tais memórias...*

...A Maria estava junto do gradeamento de madeira, olhando o lago. Ela era o caminho do futuro, a única esperança de poder fugir daquele passado e através dela partir rumo ao oceano que o anjo me tentara inspirar com as suas palavras. Ela era o cordão umbilical que me unia ao João, a terceira parte de uma só.

— Mãe!

— Sim, querida. O que é?

— Quando eu era a outra Maria, depois eu dormia e sonhava com esta casa.

— A sério, querida?! — Disse eu, agachando-me junto dela.

— Sim. Eu *tava* sentada e depois o pai chegava e perguntava por ti. E depois eu dizia *c'uma* pomba branca tinha levado a minha mãe. Mas depois tu vieste outra vez — Ela sorriu.

— Oh, querida! — Abracei-a. — Como é bom ter-te novamente como filha. Sabes que a outra Maria também era minha filha?

— Sei. Mas não era como eu.

— Pois, não! - Sorri-lhe. — Era adoptada.

— Mas agora já sou filha a sério, não sou?

— És sim, querida, embora a outra Maria também fosse filha a sério.

Beijei-a na testa, levantando-me. Tinha a filha que sempre sonhara ter; uma criança doce e encantadora, reflexo de uma vivência que partilhámos numa outra vida; que construímos sobre a fé sincera de uma devoção que nunca nos deixou, fortalecendo aqueles laços que hoje faziam dela mais que uma filha: ela era a companheira de viagem de tantas outras existências.

E as imagens do passado invadiram-me uma vez mais...

*...Estava a terminar o quadro quando o João se aproximou vindo detrás, abraçando-me.*

— Somos nós? — Perguntou ele, beijando-me no pescoço.

— Claro que sim. Tu sabes que esse é o motivo principal dos meus quadros.

— E essa criança que aí está é esta que está para nascer? — Perguntou ele, colocando a mão sobre o meu ventre.

— Sim... Vai ser uma linda menina!

— E como sabes que será uma menina?

— Porque sinto assim. É como se ela já cá estivesse. Uma linda e doce menina, vais ver.

— Quem irá ficar contente por saber que estás grávida são as pessoas da aldeia. Estão sempre a perguntar para quando um filho.

— É natural. — Disse eu retocando o quadro. — Há muito tempo que não nasce uma criança nesta aldeia... Pronto! Já está.

— Terminaste?

— *Sim. O que achas?*

— *Acho muito bonito. Tu sabes que admiro muito a tua pintura... mas porque é que nos pintaste dentro de uma gota?*

— *Não é uma gota.*

— *Não!?*

— *Não. É uma lágrima.*

— *E porquê uma lágrima? — O seu tom de voz tinha mudado.*

— *Não sei. — Virei-me para ele. — Saiu-me assim.*

*Sorri-lhe num beijo que não foi correspondido. Ele parecia intrigado com aquela lágrima.*

— *Que se passa, João? Porquê esse olhar estranho? É apenas um quadro...*

— *Não sei, Vera. Às vezes as coisas são mais que apenas qualquer coisa... mas, esquece... — E logo retribuiu o meu beijo...*

...A sua expressão triste justificava-se pelo facto de já nessa altura ele saber da sua doença, embora nunca o tivesse dito. Só mais tarde, por insistência da minha parte, é que me contou tudo, pondo fim à felicidade que até então nos tinha tomado por filhos.

A Maria continuava de olhos no lago. Para ela, era como se estivesse em casa, como se tivesse regressado ao meu ventre e ali permanecido no conforto de um lugar que era só seu.

— *Gostas da casa da serra? — Perguntei-lhe.*

— *Gosto! — Disse ela, sem tirar os olhos do horizonte.*

— *Foi aqui que a mãe conheceu o pai!*

— *Eu sei. O pai tava lá em baixo e depois tu chegaste ao pé dele.*

— *Como sabes, querida? — Perguntei curiosa, embora dela nada mais me espantasse.*

— *Porque, quando eu era a outra Maria, eu vi-te a ti e ao pai ao pé do lago e depois deram um abraço quando o Sol tava a esconder-se.*

— É verdade! — Sorri-lhe.

— E depois eu *tava* no colo da outra mãe e saí e entrei na barriga da minha mãe *d'agora* que és tu. Mas a outra mãe *tamém* eras tu. — Concluiu ela num sorriso doce e iluminado pelo brilho dos seus olhos negros e redondos. Eram sem dúvida os olhos do João.

Quando o Sol anunciou o meio-dia, entrei em casa, preparando a sopa com os legumes que tinha comprado à dona Mariana. Em tempos cultivava-os na horta, agora tomada pela erva selvagem. Era, geralmente, o João quem cuidava desta...

*...Estava a preparar a sopa quando ele entrou.*

*— Trago aqui algumas couves que acabei de apanhar.*

*— Para agora não preciso, mas podes guardá-las.*

*— A horta está cada vez mais bonita! — Disse ele enquanto guardava as couves num dos compartimentos do frigorífico.*

*Olhei para ele, sorrindo.*

*— Fico contente com o teu entusiasmo.*

*— Se alguém me dissesse, há um ano atrás, que iria viver numa serra e que a minha actividade principal seria cuidar duma horta, certamente que daria uma boa gargalhada.*

*Aproximei-me dele, abraçando-o num beijo suave.*

*— Mas agora estás aqui. E isso é tudo o que importa.*

*— E a nossa filhota? — Perguntou ele colocando a mão no meu ventre. — Já a consegues sentir?*

*— Sinto-a todos os dias, embora não da forma como estás a pensar. Sinto-a como alguém que já é consciente-de-si, embora ainda adormecida. — Coloquei a minha mão sobre a dele. — Aqui dentro está um ser que já sente, que vive connosco cada um dos nossos momentos. É como se estivesse aqui ao nosso lado, sentada nesta mesa a olhar para nós.*

*— Só espero vir a conhecê-la! — Disse ele desviando o olhar.*

— *Essa agora! Porque não haverias de a conhecer.*

— *É apenas uma força de expressão... — Concluiu ele de uma forma muito pouco convincente...*

...Já nessa altura desconfiava que algo de estranho se passava, pois não eram raras as vezes que o encontrava de olhos humedecidos e expressão distante. Disfarçava sempre com uma desculpa qualquer, distraíndo-me com um beijo ou um gesto carinhoso. Mas o seu olhar tornava-se vazio a cada dia que passava, ausente na certeza de uma partida que o levaria para longe de mim e da filha que estava para nascer; e isso doía-lhe profundamente. Esforçava-se para que nada transparecesse aos meus olhos, só que as dores, cada vez mais intensas, e a sua expressão cada vez mais distante, traíam-no no esforço sincero de quem não queria perturbar uma felicidade que ele sabia estar adiada.

Chamei a Maria para a mesa, colocando duas conchas de sopa no seu prato. Depois de ir lavar as mãos, sentou-se, pegando na colher que encheu e sobre a qual soprou suavemente...

— *Que tal a sopa? - Perguntei-lhe.*

— *Está muito boa! Mas...*

— *... a da dona Ana é melhor! — sorri-lhe.*

— *Com o tempo conseguirás o tempero certo, vais ver!*

— *Eu sei! — Coloquei a minha mão sobre a dele. — E tempo é tudo aquilo que não nos falta. — Ele ficou em silêncio, continuando a comer sopa. — Não é verdade? — Insisti.*

— *O quê? — Ele olhou para mim pouco à-vontade.*

— *O tempo!*

— *O que tem o tempo? — Voltou a baixar os olhos.*

— *O que se passa, João? Há algum tempo que estou desconfiada de qualquer coisa, mas não sei muito bem o que é... O que me estás a esconder?*

— *Não estou a esconder nada, Vera. — Disse ele sem tirar os olhos da sopa.*

— *Estás, sim! Eu vejo, eu sinto... quantas vezes não te encontro a chorar... porque não partilhas comigo as razões dessa tristeza? Nós somos um só, João. As tuas tristezas são as minhas...*

— *Não é nada de... — as lágrimas escorriam pelo seu rosto num chorar trémulo.*

— *Vês! Essas lágrimas não são normais. — Levantei-me, agachando-me junto dele, num abraço que ele correspondeu. — Porque não me contas o que se passa?*

— *Porque... porque não quero que... sofras. — O seu chorar tornou-se convulsivo, contagiando-me em lágrimas que partilhei com ele.*

— *Do que estás a falar, João? — Encarei-o, de rosto molhado. — O que me escondes?*

— *É que eu... — Ele levantou-se bruscamente, caminhando até à porta-janela que dava para a varanda. Fui atrás dele, abraçando-o por detrás.*

— *Estás doente, é isso? — Perguntei na esperança que ele me dissesse que não.*

— *Sim...*

*Afastei o abraço, contornando o corpo e fixando os seus olhos.*

— *A sério! Estás mesmo doente? — A minha expressão cristalizou-se diante dos seus olhos molhados.*

— *Estou... tenho um tumor... no cérebro e os médicos deram-me apenas... seis meses de vida.*

— *Não, João! — O mundo tinha desabado a meus pés. — Diz que não é verdade... tu não podes morrer. — Abracei-o novamente num chorar que se tornava, também, convulsivo. — Não... Se tu morreres... eu... eu morrerei contigo.*

— *Compreendes agora porque é que... nunca te disse nada? Assim sempre pudemos ter... alguns meses de felicidade.*

— *Não aceito a tua morte... — As lágrimas escorriam agora na força de uma dor quase insuportável. — Tu não podes morrer. Não... não me podes deixar. Eu amo-te. — Abracei-o ainda com mais força.*

— *Tens que ser forte, Vera!* — *Ele afastou o meu abraço, encarando-me de expressão compenetrada.* — *Lembra-te que vamos ter uma filha. Tens que ser forte por ela.*

— *Não quero viver sem ti...* — *A minha voz atingia raiais de histerismo.* — *Não quero!*

— *Mas tens que continuar! Quem é que vai cuidar da nossa filha?*

— *Não, João.* — *Afastei-me, deitando-me sobre a cama completamente destroçada com aquela notícia.*

*Ele sentou-se a meu lado, passando a mão pelos meus cabelos.*

— *Ouve-me, Vera.*

— *Não. Não quero ouvir.* — *Tapei os ouvidos.*

— *Tens que ser forte.*

— *Não quero ser forte* — *levantei a cabeça.* — *Eu quero-te junto de mim.*

— *Ah, Vera!* — *Ele percorreu o meu rosto com os dedos da sua mão, limpando-o das lágrimas que o tinham inundado.* — *Nem sabes o quanto me custa dizer-te tudo isto. Mas um dia tinha que ser.*

*Sentei-me a seu lado de queixo trémulo e garganta apertada.*

— *Mas pode haver uma cura... tem que haver uma cura!*

— *Não, Vera. Não há cura alguma.*

— *Mas tem que haver!* — *Disse eu novamente com os olhos cheios de lágrimas.* — *Não podemos desistir assim...*

— *Não servirá de nada.* — *Ele abraçou-me.*

— *Não me conformo!* — *O meu chorar era de novo convulsivo.* — *Não podes partir assim... o que vai ser de mim, João?*

*E apenas as nossas lágrimas ficaram sobre o silêncio que se instalou naquela casa...*

...Enquanto comia, as lágrimas escorreram pelo meu rosto. Tinha sido o momento mais difícil de toda a minha vida.

— Porque é que *tás* a chorar, mãe? — Perguntou a Maria de olhos nos meus.

— Oh, querida! A mãe estava a recordar a doença do pai. — Repliquei eu, limpando as lágrimas.

— Mas o pai não *tá* doente. — Disse ela, inclinando a cabeça para o lado. — Ele *tá* na cidade onde moram os anjos e as fadas.

— A mãe sabe, querida. Mas antes dele ter partido para essa cidade bonita, ele esteve muito doente. Foi a mãe quem cuidou dele, sabes?

— Eu sei. Eu *tamém* chorei mas *tava* dentro da tua barriga. Só que *tamém tava* cá fora, só que não era como agora.

— E como era, querida?

— Era como quando *tou* a dormir, mas não era um sonho.

Sorri-lhe na certeza de que ela me contava a verdade.

— E conheces a cidade onde está o pai?

— Conheço. Quando eu *tou* a dormir, depois vem uma fada e leva-me, mas eu não tenho medo. Elas gostam muito de mim e eu *tamém* gosto delas.

— E sabes onde fica essa cidade?

— Fica ao *pé* das outras, mas ninguém sabe *ondé*.

— Fica no céu, não é?

— Não é no céu.

— Não?

— Não. Lá não há nuvens.

Sorri uma vez mais, levantando a mesa.

E as horas passaram ao ritmo sonolento que as imagens impunham como que tentando hipnotizar-me. Estava cada vez mais distante do oceano, presa nas memórias da nascente à qual não podia retornar. Tinha regressado à Casa da Serra para expurgar esse passado, para exorcizá-lo como quem se liberta de um fardo demasiado pesado, mas tudo tinha falhado. Estava cada vez mais distante do horizonte que o

pôr-do-sol prometia na certeza de um novo amanhecer. Ali, no mesmo lugar onde partilhara com ele uma história bonita e verdadeira, o tempo tinha-se cristalizado como estátua, preso na voz gasta das memórias e da saudade.

Quando o Sol mergulhou nos montes distantes, alongando as sombras como presságio de uma razão que me escapava, pude testemunhar a única verdade que prevaleceu sobre o desejo de a reinventar. Diante daquele Sol que se punha e que me acompanhava todos os dias, estava o João. Não o João do passado, das recordações gastas pelo medo de continuar, mas o João de hoje, que sempre esteve presente em cada suspiro daquela natureza que me cercava, em cada sorriso que a Maria partilhava na frescura doce e tão nossa de uma esperança que nunca deveria ter morrido...

*...O Sol descia lentamente sobre o horizonte, pintando o céu de laranja. Ele estava ao meu lado de mão dada e olhar perdido na luz tosca daquele disco dourado. As dores tornavam-se cada vez mais insuportáveis, pronunciando a sua partida que estava para breve. Ali, diante do Sol, que muito tinha para contar, parecia que tudo ganhava um novo significado. Era como se a sua luz tivesse testemunhado a ausência que dele iria sentir, como se cada um daqueles espargidos nos murmurasse histórias de um outro tempo, de uma outra realidade também ela separada nas duas partes da nossa consciência. Mas nada sabia dessas histórias. Apenas as podia sentir na presença de alguém que, em breve, não mais estaria junto de mim.*

— Quando eu partir, Vera, gostava que olhasses este sol todos os dias. Será uma forma de estarmos juntos, apesar da distância.

— Prometo, João. — Disse eu de olhos humedecidos. — O sol será o elo que nos ligará enquanto estivermos separados.

*Ele olhou para mim, limpando o trilho deixado no meu rosto por uma lágrima que pingou no peso da minha dor.*

— Então, Vera! Tinhas prometido que irias ser forte.

— Vai ser muito difícil! — Abracei-o.

— *Mas, tens que ser forte. Lembra-te que em breve nascerá a nossa filha que tudo espera de ti.*

— *Eu sei. — Afastei o abraço, colocando a mão sobre o ventre. — É a força que vem dela que ainda me consegue segurar. Se não fosse por ela, morreria contigo.*

— *Não digas isso! — Retorquiu ele, enrolando os meus cabelos com a ponta dos dedos. — Ainda tens muitas coisas a fazer neste mundo...*

— *Também tu... mas vais partir.*

— *Não, Vera. Não tenho mais nada a fazer neste mundo. Pode parecer pouco, mas já vivi tudo aquilo que tinha de viver. Resta-me aceitar as coisas como elas me são apresentadas. De nada serve a revolta.*

— *Gostava de ter a tua força! — Abracei-o uma vez mais.*

— *Não é força alguma... é que estou numa posição muito mais fácil que a tua. Quem fica é que sofre e isso é o que mais me custa — Ele separou o abraço, olhando para o Sol. — E, depois, existe sempre a esperança de um dia nos reencontrarmos de novo. Quero que tenhas cada pôr-do-sol como uma metáfora dessa esperança. Que ele seja, também, um foco dessa força que deves procurar cultivar em ti.*

*E ali ficámos de olhos no Sol que se punha e que parecia sorrir-nos na certeza de outros desencontros reencontrados...*

...Estava de novo com o rosto molhado em gotas que tudo reflectiam na saudade que me alimentara durante três anos. O Sol punha-se lentamente, sussurrando-me palavras de esperança que chegavam até mim como murmúrios de um tempo anunciado. Ele estava no brilho daquele Sol; era ali que o podia sentir, que o podia ter num abraço que a luz aflagava sobre o meu rosto molhado.

— *Estou aqui, João! — Murmurei de olhos no Sol. — Sempre estive aqui...*

Quando o Sol se pôs, chamei a Maria que brincava em volta da casa. O tempo tinha arrefecido. Retirei alguma lenha que se encontrava

empilhada junto da lareira, acendendo-a. Momentos depois já as chamas se elevavam sobre a lenha. E ali fiquei, sentada, de olhar no fogo e pensamento no passado...

*...Ele estava deitado a olhar a lareira que ardia na intensidade do calor que não nos deixava aproximar. Já estava de cama há vários dias, não só pelas dores de cabeça que se tornavam insuportáveis, como também pela fraqueza de quem nada tinha comido na última semana. A sua morte estava para breve. Era algo que ambos pressentíamos, embora tentássemos disfarçar. Mas tudo estava diferente. Iria ficar amputada da parte que mais amava de mim mesma, e isso feria-me profundamente. Apenas a nossa filha que estava para nascer conseguia atenuar tamanha dor, pois ela iria ser o testemunho vivo do amor que partilhávamos.*

— *Estás melhor? — Perguntei enquanto lhe pegava na mão.*

— *Sim. As dores passaram um pouco.*

— *Queres comer qualquer coisa? Há uma semana que não comes nada!*

— *Não consigo comer... sinto-me enjoado... não sei.*

— *Eu podia fazer a sopa da dona Ana que tu tanto gostas! — Passei a mão pelos seus cabelos.*

*Ele sorriu.*

— *Como eu gostava de poder comer um pouco dessa sopa, mas não consigo...*

*Olhei-o de expressão distante e olhar sofrido.*

— *O que vai ser de mim sem ti!? — Disse eu, de olhos humedecidos.*

— *Vá lá, Vera! Tens que ser forte.*

— *E vou ser, prometo... mas vai ser tão difícil.*

— *Quero que saibas que estes meses que passámos juntos foram os melhores meses da minha vida. Não os trocava por nada deste mundo.*

— *Nem pela vida?*

— *Não, Vera. Se me fosse dado a escolher entre não ter a doença e nunca te encontrar e entre ter a doença e encontrar-te, eu não hesitaria*

*um único momento em escolher a segunda opção. Tudo aquilo que vivemos juntos é mais precioso que uma vida inteira sem nada ter vivido... sou um privilegiado, sabes? Não tenho de lamentar coisa alguma. — Concluiu ele, num sorriso luminoso.*

*Passsei a mão pelo seu rosto, retribuindo o sorriso.*

*— Como é que soubeste que estavas doente? — Perguntei eu, mudando de assunto.*

*— Foi quando senti uma forte dor de cabeça e consultei o médico. Dias depois tive a notícia.*

*— Deve ter sido um grande choque.*

*— Por mais estranho que pareça, não foi um choque. Lembro-me tão bem desse dia! O médico estava levemente embaraçado com a situação, pois não sabia como me dar a notícia. Tive que ser eu a perguntar-lhe se era uma doença grave e se tinha cura. Quando ele disse que não tinha cura, senti um certo alívio... eu sei que é estranho, mas foi isso que senti...*

*— E ele não te propôs nenhum tipo de tratamento?*

*— Sim, mas eu recusei.*

*— Porquê?*

*— Porque ele disse-me que os tratamentos apenas iriam prolongar a vida por mais uns meses mas que não trariam a cura.*

*— E não aceitaste?*

*— Para quê, Vera? Que me interessava a mim viver mais uns meses se estes fossem passados a caminho de um hospital para fazer tratamentos... não! Eu queria era viver esses últimos meses e não ficar fechado entre quatro paredes.*

*— E a tua família, como reagiu?*

*— Não reagiu.*

*— Como assim!?*

*— É que nunca lhes contei. Não suportava a ideia de os ver sofrer. Disse-lhes apenas que iria partir em viagem pelo mundo e que talvez nunca mais regressasse. Foi difícil para eles, mas assim, pelo menos, terão sempre*

*a esperança de um dia eu poder voltar. É verdade que serei visto como o filho ingrato que os abandonou, mas, prefiro isso à dor que iriam sentir se soubessem da minha doença.*

— *Não concordo, João. Devias ter-lhes dito. Assim vais prolongar essa outra dor por muito mais tempo. É verdade que a dor da tua morte seria mais intensa, mas logo passaria. Agora assim...*

— *Talvez tenhas razão. — Ele virou a cara. — Mas não suportava a ideia de eles me enterrarem... seja como for agora é tarde de mais, prefiro que continue assim. — Ele olhou para mim. — Vais ter que me prometer, Vera, que serei enterrado aqui na aldeia e que nunca procurarás a minha família.*

— *Mas, João... eles têm o direito de saber.*

— *Não. Não quero que sofram.*

— *Mas assim irão sofrer uma vida inteira.*

— *Não é verdade. — Disse ele a chorar. — Acabarão por esquecer.*

— *E qual é a mãe e o pai que esquece um filho?*

— *Esquecerão.*

*E chorei com ele, em lágrimas que a luz cintilante da lareira fazia realçar nos nossos rostos molhados...*

...Depois do jantar, vesti a Maria com o pijama estampado com uma pomba branca que ela tanto gostava, deitando-a. Sentei-me depois a seu lado, confortando-a num afago carinhoso.

— Mãe?

— Sim, querida. O que é?

— Quando a gente for *prá* cidade dos anjos eu posso brincar com os outros meninos?

— Claro que sim, querida. Tenho a certeza que eles gostarão muito de ti.

— Quando eu durmo depois eu vou até lá, só que não posso brincar com eles. As fadas dizem *co* meu corpo *tá* a dormir e que não pode sair da cama.

— E consegues ver os meninos?

— Consigo, e eles *tamém* me vêem. Só que não posso tocar neles porque *tou* a dormir.

Sorri-lhe. Nada sabia daquilo que ela me contava, mas acreditava nas suas palavras. Depois de ter conhecido um anjo, já nada me era estranho.

Momentos depois deitei-me a seu lado, adormecendo logo de seguida. E foi então que me vi envolta no mesmo sonho que me perseguia há mais de três anos. Caminhava pelo deserto na procura do João que agora sabia ter vivido parte de uma vida anterior num lugar como aquele. A areia das dunas esvoaçava nos remoinhos traiçoeiros que o vento áspero soprava em uivos angustiados. O serpentear da sua textura estendia-se para além do horizonte numa pintura natural, realçando as sombras rasteiras que davam um tom melancólico àquele lugar sem vida. Mas desta vez foi diferente. No alto da duna avistei um vulto que crescia perante os meus olhos cintilantes. E foi só nesse momento que compreendi que aquele vulto era ele. Era o João que ali estava.

Corri para ele num abraço molhado.

— João! Como é bom encontrar-te! — Disse eu, na emoção de um par de lágrimas que escorreram pelo meu rosto.

— Olá, Vera! Quantas saudades!

Separei o abraço, olhando-o de sorriso no rosto.

— Há três anos que sonho com este lugar... e agora estás aqui.

— Sim, foram três anos de uma longa ausência... Quando recuperei a memória, e pude testemunhar tudo aquilo que vivemos na Casa da Serra, foi... foi uma grande alegria.

— Esqueceste-me? — Perguntei de testa enrugada.

— Não por minha vontade, mas assim me foi imposto.

— E porquê?

— Porque tinha que me afastar desse passado; esquecê-lo para que ele não atrapalhasse o meu crescimento.

— Nunca consegui fazê-lo... — Sentei-me a seu lado. — Prometi-te que iria ser forte, mas não fui capaz.

— Foste sim, Vera. Educaste muito bem a nossa filha.

— Conheces-la?

— Sim. Acompanhei-vos hoje durante todo o dia.

— Como é bom saber que estás junto de nós!

— Mas nem sempre foi assim. Durante os três primeiros anos nada soube da minha vida aqui. Sempre senti a falta de qualquer coisa, mas nunca fui capaz de elaborar muito bem essas sensações. Só, recentemente, me foi dado a conhecer um pouco do meu passado e do lugar onde me encontro.

— Também te lembras da vida que tivemos num passado ainda mais longínquo?

— Não. Que passado foi esse?

— Eu chamava-me Sara e tu Dionísio. Vivemos na Palestina.

— Agora que me falas disso, surgiu-me a imagem de um cais e de um barco... foi nesse cais que nos encontrámos, não foi?

— Sim. Eu parti num barco enquanto tu ficaste no cais. Foi a primeira vez que vi o teu rosto. — disse eu, sorrindo.

— Agora está tudo tão presente na minha mente! Sim, lembro-me desse momento. Era a Maria que estava a teu lado, não era?

— Já nesses tempos ela era minha filha, embora adoptada. Hoje é filha de sangue, filha do nosso amor.

— É uma criança encantadora.

— Ela fala muitas vezes do lugar de onde vens; da cidade dos anjos e das fadas. — Sorri uma vez mais.

— Conversei com ela, hoje.

— A sério!?! — Disse eu, encantada. — Ela consegue ver-te?

— Sim. Nela não existem barreiras que possam obstruir essa ligação. É uma criança muito especial.

— Nunca me disse que falava contigo.

— Eu fi-la prometer que não te contava.

— Porquê, João?

— Porque ainda não tinha chegado o momento certo. É que ainda te resta uma última prova para que consigas vencer o sofrimento do passado. É para isso que aqui estás.

— Acho que foi um erro regressar... — baixei os olhos. — Ainda está tudo muito vivo.

— Esse é o grande desafio que tens pela frente.

— Ajudas-me? — Fixei-o.

— Claro que sim! É que também sou responsável, pois fiz-te prometer que não deixasses de olhar o pôr-do-sol. É que não podemos ficar presos ao passado, temos que levantar essa tal âncora rumo ao oceano que o anjo te mostrou.

— Também sabes do anjo?

— Soube-o agora mesmo.

— E achas que irei ser capaz de ultrapassar tudo isto? É que as imagens do passado ainda estão muito presentes.

— Tens que conseguir. É desse esforço que depende o nosso futuro.

Ele levantou-se juntamente comigo e de mãos dadas desaparecemos num remoinho que me transportou para dentro de um barco. No cais, com cem anos de idade, encontrava-se ele que me observava de sorriso amistoso.

— Que fazemos aqui, João?

— Foi aqui que confirmámos um amor que nem o tempo pôde calar; que lançámos as sementes de um encontro que este mesmo Sol nos prometeu, como recompensa de um esforço de muitos anos. Mas agora tens que partir, Vera. Tal como no passado, tens de deixar o cais.

— Não, João. Não desta vez... quero ficar junto de ti.

— Vês aquele sol que se põe?

— Sim.

— É lá que eu estou. Não aqui.

— Mas é aí que eu te vejo.

— Não te deixes levar pelas ilusões, pelas memórias. Eu já não estou no cais. Liberta essa âncora e parte rumo ao oceano. A âncora simboliza os teus apegos, e ninguém pode caminhar de volta ao futuro enquanto estiver apegado às coisas deste mundo, sejam memórias, pessoas ou objectos.

— Mas eu não te quero esquecer!

— Levantar a âncora não é esquecer o passado como sempre pensaste. Levantar a âncora é aceitar o passado tal como ele nos foi apresentado e, assim, partir desapegado rumo ao futuro.

— Não sou capaz.

— Claro que és.

Peguei na corrente da âncora, puxando com toda a força. E enquanto puxava, outras imagens surgiram diante de mim...

— *Que tal a sopa? - Perguntei-lhe.*

— *Está muito boa. Mas...*

— *... a da dona Ana é melhor — sorri-lhe.*

— *Com o tempo conseguirás o tempero certo, vais ver?*

— *Eu sei — coloquei a minha mão sobre a dele. — E tempo é tudo aquilo que não nos falta — ele ficou em silêncio, continuando a comer a sopa — não é verdade?*

— *O quê? — Olhou para mim pouco à vontade.*

— *O tempo.*

— *O que tem o tempo? — Voltou a baixar os olhos.*

— *O que se passa, João? Há muito que estou desconfiada de qualquer coisa, mas não sei muito bem o quê... o que me estás a esconder?*

— *Não estou a esconder nada, Vera.*

— *Estás sim! Eu vejo, eu sinto... quantas vezes não te encontro a chorar!?... Porque não partilhas comigo as razões dessa tristeza? Nós somos um só, João. As tuas tristezas são as minhas...*

— *Não é nada de... — as lágrimas escorriam pelo seu rosto.*

— *Vês! Essas lágrimas não são normais! — Levantei-me, indo abaixar-me junto dele num abraço que ele correspondeu. — Porque não me contas o que se passa?*

— *Porque... porque não quero que... sofras! — O seu chorar tornou-se convulsivo, contagiando-me em lágrimas que partilhei com ele.*

— *Do que estás a falar, João? — Encarei-o, de rosto molhado. — O que me escondes?*

— *É que eu... — Ele levantou-se bruscamente, caminhando até à porta-janela que dava para a varanda. Fui atrás dele, abraçando-o por detrás.*

— *Estás doente, é isso? — Perguntei na esperança que ele me dissesse que não.*

— *Sim...*

...A âncora parecia mais pesada, exigindo um maior esforço da minha parte. O meu rosto suavava na força que fazia, embora não estivesse muito certa de conseguir puxá-la...

*Afastei o abraço, contornando o corpo e fixando os seus olhos.*

— *A sério!? Está mesmo doente? — A minha expressão cristalizou-se diante dos seus olhos molhados.*

— *Estou... Tenho um tumor no cérebro e os médicos deram-me apenas seis meses de vida.*

— *Oh, João! E porque não me contaste antes? — Abracei-o de novo, com lágrimas nos olhos. — Nós somos um só, lembraste? A tua dor é a minha dor, a tua alegria a minha alegria.*

— *Não queria que sofresses, Vera. Assim sempre pudemos ter alguns meses de felicidade.*

— *E achas que não seríamos felizes se me tivesses contado? — As lágrimas escorriam na força de uma dor quase insuportável, mas sobre a qual tinha que me conformar.*

— *Como podíamos ser felizes com o fantasma da morte por perto?*

— *Seríamos felizes porque a morte não nos pode separar... — Afastei o abraço, beijando-o levemente nos lábios. — O nosso amor é maior que o tempo e que o espaço... Perdurará para sempre.*

— *Julguei que fosse mais difícil para ti aceitar tudo isto.*

— *E é difícil, João. Não sabes o quanto me dói saber que em breve partirás. Mas não podemos lamentar aquilo que não pode ser alterado, mas aceitar as coisas como elas se apresentam diante de nós.*

— *Fico contente por te saber tão forte, Vera. Tinha muito medo da tua reacção, de como tudo isto te poderia magoar.*

— *E magoa — disse eu limpando as lágrimas. — E nem sabes o quanto! Mas, tenho que aceitar.*

*E apenas as nossas lágrimas ficaram sobre o silêncio que se instalou naquela casa...*

...Continuei a puxar a âncora com uma força que desconhecia. Era como se esse passado alternativo tudo transformasse em mim, moldando os novos caminhos que se abriam diante daquela embarcação quase liberta das amarras que a prendiam ao cais onde há muito se encontrava aportada. E foi então que, enquanto puxava, novas imagens me fortaleceram ainda mais, na confiança que aos poucos fui ganhando...

*... Toda a aldeia, sem exceção, viera ao funeral. Até a senhora Isabel, com os seus noventa e dois anos, se encontrava presente, amparada pela filha. Aquela devoção carinhosa que as pessoas colocavam em nós, comovia-me profundamente. Mas ele não estava mais presente; e isso era algo que aceitara, no conformismo de quem pouco podia fazer. Doía-me profundamente a ausência que o João deixara no amor que cultivámos ao longo de vários meses, embora esse elo fosse impossível de ser quebrado, pois ele estaria sempre junto de nós. Ninguém da aldeia se conformava com a sua morte. As lágrimas que escorriam pelos seus rostos enrugados, que molhavam as suas faces no trepidar constante dos queixos, eram o reflexo vivo da dor que todos sentiam e que me tocava particularmente. Mas a morte também era uma parte da vida; negá-la era negar a própria existência.*

*O padre cumpria o ritual sob o chorar constante de toda a aldeia. Enquanto o ouvia, a dona Ana amparava-me no meu sofrimento, limpando as suas lágrimas a um lenço bordado a preto. Quando o padre terminou, larguei uma flor sobre o caixão, sendo seguida por toda a aldeia que não deixou de prestar uma última homenagem àquele que também se tornara um dos seus.*

*— Coragem, dona Ana — disse eu, enquanto deixávamos o cemitério — tem que ser forte.*

*— Eu sei. Mas é tão difícil... vocês eram um casal tão bonito! Como a vida é injusta. — Concluiu ela, em lágrimas que pareciam não querer secar nos seus olhos.*

*— Não diga isso, dona Ana. Nós fomos uns privilegiados... tivemos aquilo que muitos procuram uma vida inteira sem encontrar e isso é uma bênção. Dizer que a vida nos foi injusta é quase um sacrilégio.*

*— Mesmo assim, menina, não me conformo. Logo agora que iam ter um filho! O que vai ser dele?*

*— Não se preocupe! — Sorri-lhe. — Vai ser uma criança muito feliz. O senhor Joaquim aproximou-se de nós junto da saída.*

*— Sempre vai partir para a cidade?*

*— Vou sim, senhor Joaquim. Quero que a minha filha nasça numa maternidade. Sempre terá outras condições.*

— *Concordo, menina. Depois da morte do seu marido é melhor não arriscar perder a criança - concluiu ele, afastando-se.*

— *Se quiser ficar esta noite em nossa casa... deve-lhe ser difícil voltar à Casa da Serra...*

— *Não, dona Ana. Bem pelo contrário. Lá estão as recordações mais felizes da minha vida. Regressar à Casa da Serra será como mergulhar nessa felicidade.*

— *Vamos ter muitas saudades suas, Menina.*

— *E eu também, dona Ana. Vocês são a minha família.*

— *Espero que um dia nos venha visitar para conhecermos o seu filho.*

— *Prometo! Um dia regressarei...*

...E a âncora deixou a água, escorrendo em gotas de uma esperança ressuscitada. Nunca me tinha sentido tão bem como naquele momento em que o passado era limpo de todos os apegos, desvanecendo-se tal e qual um ser translúcido.

— *Consegui, João! Consegui levantar a âncora!* — Disse eu numa alegria transbordante.

— *Fico contente por nós.*

— *Agora já posso partir.*

— *Sim. Não te prendas mais a este cais. Parte rumo ao oceano. Deixa que o barco trilhe o caminho dourado que o Sol deixou sobre o mar.*

— *Adeus, João!* — Disse eu para aquele que se encontrava no cais e que lentamente se desvanecia nas imagens nubladas de um passado que não existia mais.

— *Adeus não, Vera! Até breve...*

E o barco partiu ao sabor de uma brisa salgada. O cais afastava-se na ilusão da distância, desaparecendo por entre a neblina. Tinha en-

terrado a dor que me atormentara durante três anos, que me distanciara do João na ilusão de poder encontrá-lo nessas memórias que nada mais significavam. Quase que o perdera, mas agora estava de volta; pronta para partir rumo ao futuro.

— Até breve, João...

## CAPÍTULO XVI

DEPOIS DE TER REGRESSADO AO CORPO FÍSICO QUE SE encontrava sentado nas margens do lago, tomei o caminho de uma das Comunidades. Saber que a Vera estava de novo sobre os trilhos do nosso destino pacificava uma vida não mais distante pela ausência de alguém. Tudo iria ser diferente. Diferente no reconhecimento de um amor que nem a ilusão da morte podia separar. E, assim, cumpri a segunda missão, ajudando a solucionar aquele problema que era nosso e não apenas dela.

Ao chegar à Comunidade, caminhei para o edifício central. A música anunciava o período de lazer, facto comprovado pelo número de novatos que se encontravam no jardim. Ao entrar no edifício comunitário, caminhei até à Sala do Espelho. Era a segunda vez que entrava naquele lugar mitificado pela imaginação dos novatos. Quando a porta se fechou atrás de mim, sentei-me num dos doze lugares dispostos em volta do centro da sala. Queria conhecer um pouco mais da minha vida passada, daquela que a Vera falara durante a nossa conversa; saber desse tal Dionísio que eu personificara numa vida anterior. Disse então as palavras que a Emhi me ensinara e todas as luzes se apagaram. No centro, um cilindro de luz azul celeste ergueu-se do chão até ao tecto, revelando, na sua transparência, o outro lado da sala. E foi então que surgiram as imagens dentro de pequenos ecrãs que circularam em volta

do cilindro. Fiz com que parassem. Eram referentes à minha última existência, aquela que partilhara com a Vera e que já conhecia da última vez. Desejei então ver as imagens da minha vida anterior, julgando que iria viajar até esse passado que a Vera me falara... mas não! Para minha surpresa surgiram imagens de um povo que reconheci como pertencendo à civilização Inca. Teria vivido naquele lugar? Resolvi então mergulhar nas imagens, vivenciando-as na primeira pessoa, e assim encarnei o personagem principal daquela história do passado...

*...Os seus olhos vermelhos de raiva, perfuraram a minha mente como um raio trovejado pelas tempestades de inverno. Ele era o chefe da tribo Araucana que ocupava parte dos montes meridionais, sujeitando todo o seu povo aos mais variados sacrifícios em nome de uma prepotência desmedida. Mandei, por isso mesmo, chamá-lo à minha presença, pois não podia tolerar mais tamanha desgraça. Ele estava vestido com adornos de penas coloridas, usando em ambos os pulsos e no pescoço os mais ricos ornamentos que possuía. Era uma forma de mostrar todo o seu poder.*

— *Sabei que nada podeis fazer contra os nossos exércitos, por isso entregai o vosso reino para que o povo que oprimis possa ter uma vida digna e próspera.*

— *Que garantias me dais? — Perguntou ele, de sobrelhas vergadas.*

— *Dou-vos as mesmas garantias que dou a todos os chefes que se sujeitam ao nosso Império. Para vós e vossa família estarão reservados lugares na Administração Imperial. Ao vosso povo será garantida a prosperidade e a alegria de viverem sob as mesmas leis que regem o povo Inca. Serão todos acolhidos como irmãos, respeitando-se as vossas crenças e tradições.*

— *E se me recusar?*

— *Sabei que o grande Deus Viracocha é um Deus de amor e que por isso mesmo preferimos abdicar da guerra. No entanto, se essa for a única forma de libertarmos o vosso povo da escravidão, não hesitaremos em usar o poder supremo dos nossos exércitos.*

*Ele baixou os olhos, saindo do palácio de expressão irritada. Mas, assim tinha sido decidido por mim e não havia nada que ele pudesse fazer. Minutos depois fiquei sozinho na Sala Imperial construída pelos melhores artesãos do Império em nome do deus Sol, Inti. As tapeçarias e ornamentos de ouro que pendiam das paredes, cintilavam diante do meu olhar distante e nostálgico, reflectindo toda a dor que me feria a alma como um Tumi<sup>2</sup> no coração. Sabia que o tempo se tornava escasso na preparação do Império para o desafio que se aproximava, principalmente por ter que convencer os vários chefes provinciais a abdicar do seu poder a favor dos estrangeiros de pele branca que estavam para chegar; esse era o destino que Viracocha nos reservara. Antes que chegassem, contudo, tínhamos que esconder todos os tesouros que os seres divinos do Centro da Terra nos tinham oferecido. Era muito importante que esses objectos sagrados não caíssem nas mãos dos estrangeiros que nada poderiam compreender do seu significado.*

*Depois de ter deixado a Sala Imperial, desloquei-me para o jardim dourado do palácio onde se encontravam os chefes provinciais. Todo ele era bordado a ouro, desde as árvores, espigas e flores, até aos pássaros ornamentais que se equilibravam sobre os troncos. No centro, um pequeno lago, também ele forrado a ouro, refrescava o jardim no som borbulhante da água que caía em cascata.*

*— Quero-vos alertar para os tempos difíceis que se aproximam — disse eu, encarando-os a todos. — É importante que os segredos do nosso Império não caiam nas mãos daqueles que nada sabem da sua origem. Em breve, um povo estrangeiro irá ocupar as nossas terras e cidades. Antes que isso aconteça, os nossos soldados e artífices deverão despojar-se de todos os objectos celestiais que os seres divinos do Centro da Terra nos ofereceram e que tão importantes foram na construção do nosso império. Não deve ficar testemunho algum da presença desses seres. Todos esses tesouros deverão ser levados para a fortaleza de Machu Picchu, e dali recolhidos na cidade sagrada de Paititi. Assim nos ordena Viracocha, o nosso Deus Supremo.*

---

(2) Punhal cerimonial.

— *Mas como podemos nós, Apu<sup>3</sup>, permitir que esse povo estrangeiro ocupe as nossas terras e palácios?*

— *Foi esse o destino traçado por Viracocha. Contudo, não temais, pois a alma do nosso povo ficará protegida no centro da terra, aguardando por um tempo futuro onde regressaremos ao lado de nosso Deus. O importante é que nada façais contra esses estrangeiros, apesar da superioridade dos nossos exércitos. Deixai que se apoderem das terras e das riquezas, já que o verdadeiro tesouro não poderão eles encontrar.*

*Os chefes provinciais deixaram o palácio assim que terminei, indo para os seus pequenos feudos onde reinavam como Imperadores. Muitos deles não aceitaram de bom grado a rendição incondicional a esse povo de pele branca que estava para chegar, mas não havia alternativa.*

*Encontrava-me sentado à mesa com Ayelén, minha esposa, recordando o meu passado de criança. Tinha nascido na fortaleza de Sacxaiu-man para onde minha mãe se retirara por razões de segurança. A juventude passara-a entre muralhas, numa infância reprimida pela liberdade condicionada de quem estava destinado a ser Imperador. Adorava brincar com os deuses do templo que transformava em soldados dos meus exércitos imaginários, o que irritava o Sacerdote-Mor, pois era demasiada heresia da parte do filho do grande Sapa Inca<sup>4</sup>. Fugia frequentemente dos cuidados dos tutores, indo brincar com os filhos dos empregados, ou então espreitar os soldados que faziam guarda à fortaleza e que tão bem me conheciam de outras vezes como aquela. Na minha adolescência tive maior liberdade, que usava em passeios fora da fortaleza. E foi num desses passeios que conheci Antara. Ela estava na margem de um ribeiro a lavar a roupa da família quando me aproximei de olhar encantado. A sua expressão, tão familiar, despertou em mim uma saudade que não consegui explicar. Ficámos logo muito unidos numa amizade difícil de explicar, pois conhecia-a de outros tempos, de outros mundos e realidades. Passei a frequentar a aldeia onde todos me respeitavam, embora desconhecessem a minha origem real. Era um*

---

(3) Homem sábio.

(4) Imperador.

*respeito pela pessoa e não pelo título, algo que me enobrecia profundamente. Certo dia, depois de muitos passeios pela aldeia, visitei-a na companhia de um dos meus professores que de imediato ficou fascinado com a sua beleza e inteligência, convidando-a para uma das suas escolas. E foi aqui o princípio do fim da nossa relação já que, mais tarde, por força da sua vocação sincera, foi ordenada Virgem do Sol partindo para Machu Picchu. Tinha perdido a única pessoa que verdadeiramente amei e que nunca fui capaz de esquecer. Após a sua partida, decidi mudar-me para Cuzco onde encontrei Ayelén com quem casei. A partir de então dediquei-me exclusivamente às tarefas de quem tinha que suceder a meu pai e assim tornar-se Imperador. Para esse efeito, fui sujeito a intenso treino físico e manejo da funda. Quando chegava a época das competições, todos os filhos dos nobres eram abandonados nas florestas, sem armas nem sandálias, para se submeterem a provas de sobrevivência que podiam durar dias. Eu, como futuro imperador, também tive que dar provas da minha força e perícia, deambulando pelas florestas tropicais de tanga vestida, comendo e bebendo daquilo que a natureza me oferecia. Eram provas difíceis que nos sujeitavam ao perigo e que, por vezes, provocavam a morte física; contudo, importantes na nossa formação de adultos. Após a morte de meu pai, tornei-me Apu Huayna Capac, o terceiro Sapa Inca do Grande Império dos Montes Sagrados.*

*A manhã seguinte despertou húmida e fria, anunciando a época das sementeiras. Desloquei-me para uma das varandas do palácio imperial de onde contemplei a cidade e os seus festejos, meditando um pouco sobre os caminhos daquele povo. Quando meu avô, Pachacuti Inca, deixou a cidade de Paititi, no centro da terra, as tribos que habitavam os Montes Sagrados viviam dispersas e em constante conflito. Teve ele a árdua tarefa de reunir essas tribos em volta de um único reino, ajudado pelos seres celestiais que edificaram as primeiras fortalezas e palácios, implementando igualmente as suas leis divinas que condenavam o crime, a mentira e o adultério.*

*Ayelén aproximou-se na leveza do seu andar sereno, levando-me para junto da corte que nos esperava para a Festa das Sementeiras. Era o evento que precedia o cultivo dos solos e que todos os anos se repetia em rituais que o povo expressava na pureza das suas memórias sempre vivas.*

*Eu, como representante do nosso Deus supremo, era quem dava início a essas festividades, rasgando o solo com uma enxada de ouro.*

*E assim caminhamos até às terras de sementeira que circundavam o Intihuatana<sup>5</sup>, onde o povo aguardava o Imperador, entoando em uníssono uma melodia cuja origem se perdia nos confins do nosso passado tribal. Junto deles encontravam-se as Virgens do Sol, que tinham transportado as múmias dos nossos antepassados, e com elas trazido a sabedoria de todos aqueles que nos olhavam de cima. Agarrei, então, numa enxada de ouro, rasgando o solo com um único golpe. O povo rejubilou na alegria daquele momento sagrado, celebrando o evento com cânticos, música, comida e bebidas. Quando a corte se preparava para regressar ao palácio, fixei-me numa das virgens que rezava junto das múmias... Seria mesmo possível!? A expressão envelhecida pelo tempo não tinha diluído a beleza do seu rosto. Ela sorriu no momento em que a reconheci e juntos subimos as escadas que levavam ao Intihuatana, conversando na saudade que a sua ausência tinha alimentado.*

— *Quando te tornaste Virgem do Sol, Antara, foi como se o mundo tivesse acabado para mim.*

— *Também foi muito difícil para mim, Apu, mas esse era o caminho que me estava destinado.*

— *E por que é que nada me disseste desse teu destino?*

— *Porque só no dia das provas finais compreendi essa vocação que em mim despertou numa lufada de ar libertador, Apu.*

— *E o que fizeste desde então?*

— *Fui levada para a fortaleza de Machu Picchu, onde permaneci em total reclusão, louvando o único Deus. Mas antes de ali ter chegado, ainda no trilho, descobri que estava grávida.*

— *Tivemos um filho? — Disse surpreso.*

— *Sim, uma linda menina chamada Accla que hoje é um farol de luz para todos nós. Quando contei ao Sacerdote-Mor, sabendo ele que a criança tinha sangue real, resolveu proteger-nos, decidindo que deveríamos*

---

(5) Calendário de pedra para calcular as fases do sol.

*ficar durante a gestação em Wiñaywayna aos cuidados de uma família. Durante nove meses, eu e a minha companheira de viagem, permanecemos naquele lugar, um recanto paradisíaco no meio das montanhas, e ali aprofundámos o nosso contacto com o Grande Sol. Alguns seres de Paititi nos visitavam com frequência, dizendo-nos que aquela criança iria ser um pilar de Luz e a sua presença em Machu Picchu, uma protecção que iria impedir que a cidade fosse encontrada pelos povos estrangeiros que iriam chegar num futuro não muito distante. Quando ela nasceu, partimos as três para a Cidade Sagrada. Éramos as suas tutoras, como se a tivéssemos encontrado sem família. Ela cresceu em saúde, beleza e vivacidade. Era, e continua a ser, um foco de Alegria para todas nós e um ponto de Luz para todo o Império. Depois, mais tarde, os seres do centro da terra levaram-nos para a cidade de Paititi, onde trabalhámos na preparação da chegada do cristal sagrado que um povo estrangeiro fez chegar ao Lago Titicaca.*

— *Fico muito feliz por tudo isso que me contas. — Disse eu pegando-lhe nas mãos. — Mas diz-me, o que vieste fazer à capital?*

— *Vim informar-te que os teus dias estão a terminar. — Respondeu ela num sorriso que me encantou. — Em breve partiremos para junto dos nossos antepassados.*

*Ficámos horas a conversar ao som dos festejos que lá em baixo se desenrolavam na alegria daquele povo feliz e pacífico, contando-me ela todas as histórias da minha filha Accla.*

*E as semanas passaram, alongando aquela minha existência que se aproximava do fim. Estava no Coricancha<sup>6</sup>, contemplando a imagem de Viracocha, o fundador de Tiahuanaco, berço da nossa civilização. Era um homem de pele branca e elevada estatura, vindo da cidade de Paititi. Ensinou às tribos, que viviam junto do lago Titicaca, técnicas agrícolas e de irrigação, erguendo estátuas de pedra que representavam um povo que tinha vivido sob a luz de um outro Sol. Desapareceu depois nas águas da costa ocidental, prometendo regressar com o fim dos tempos.*

*O sacerdote do templo, Villac Umu, aproximou-se de mim.*

---

<sup>(6)</sup> Templo do Sol.

— *De que tanto meditais?*

— *Medito sobre o destino do nosso povo, Umu.*

— *Não desesperéis com isso, Apu, pois em cinco séculos o nosso povo erguer-se-á de novo! Assim prometeu Viracocha, não vos esqueçais.*

— *Eu sei. Mas até lá será grande o seu sofrimento.*

— *Assim como a sua glória, no fim dos tempos.*

— *Temo pelos meus filhos que nada sabem das razões do nosso Deus supremo. Temo pelo ódio, egoísmo e avidez que neles existe. — Fixei-me no disco dourado que representava o Sol, Inti. — Sei que nunca entregarão o poder ao povo de pele branca, Umu.*

— *É verdade, Apu. — Ele colocou a mão no meu ombro. — Os vossos filhos estão cegos pelo poder. — Ouvimos então passos vindos do corredor. - São eles! — Disse Umu, preparando-se para sair. — Muito tereis que conversar!*

— *Espera! Quero que ouças a nossa conversa.*

*Os meus dois filhos, Atahuallpa, o mais velho, e Huascar, entraram no templo, vergando-se na nossa presença.*

— *Quero anunciar-vos que a minha partida está próxima. Em breve irei para junto dos nossos antepassados, Mama Ocllo e Manco Capac, e lá ficarei a olhar pelo nosso povo. Em sete anos virão os estrangeiros de pele branca que deverão dominar todo o nosso Império. Não luteis contra eles, pois esse é o destino que nos foi reservado por Viracocha. Recebei-os de coração aberto, sem guerras que possam provocar maior sofrimento ao nosso povo. Lembrai-vos que os seres do centro da terra nos observam, e que pelos nossos erros seremos um dia responsabilizados.*

— *Mas como podemos nós entregar o Império a esses estrangeiros?! — Disse Huascar, indignado. — Não será uma heresia para com o nosso Deus oferecer a esse povo os nossos tesouros?*

— *Os verdadeiros tesouros não poderão eles alcançar, pois foram levados para Paititi. Deixai-os apoderar-se dos falsos tesouros feitos de ouro, pois esses nada valem.*

— *E qual de nós os dois irá suceder-vos no trono? — Perguntou o mais velho, Atahuallpa, de olhar frio.*

— *Nenhum!*

— *Como, assim!?* — *Retorquiu ele, surpreendido.*

— *Não quero guerras entre irmãos.*

— *Mas eu sou o mais velho! Deverei ser eu o Imperador.*

— *Como podeis ser tão egoístas!?* — *Encarei-os de olhar serrado.*  
 — *Lembraís-vos que o lugar de imperador é para servir o povo e não para proveito próprio. Aprendei esse princípio sagrado, pois só assim estareis aptos a ganhar o respeito daqueles que vos olham por dentro.*

— *E quem é que irá suceder-vos no trono? — Perguntou Huascar.*

— *Villac Umu suceder-me-á no trono até à chegada dos estrangeiros.*

— *Mas ele é um sacerdote! — Insistiu Huascar, olhando de soslaio para Umu que permanecia de expressão serena.*

— *Por isso mesmo. — Encarei ambos. — Apenas um homem devoto ao nosso Deus será capaz de preparar o Império para a chegada do povo de pele branca.*

*Eles saíram enraivecidos com aquela minha atitude, pois a cegueira pelo poder embriagava-os por completo.*

— *Sabei que eles não irão aceitar-me como imperador.*

— *Eu sei, Umu. Mas que podia eu fazer? — Baixei os olhos. — Se desse o poder a ambos ou a um deles, o outro iria lutar até destroná-lo. Espero pelo menos que, com a tua eleição, os chefes provinciais se coloquem a teu lado, refreando os seus desejos.*

*Nesse instante entrou Ayelén que vinha, como em tantas outras noites, orar ao nosso Deus. Também ela esteve para se tornar Virgem do Sol, mas a conveniência do nosso casamento acabou por levá-la a abdicar dessa sua vocação.*

*Umu retirou-se, deixando-nos sós.*

— *Vem até junto de mim, Ayelén. Senta-te aqui a meu lado. — Ela assim fez, ocupando o restante espaço daquele enorme trono de ouro. — Devias ter seguido a tua vocação de sacerdotisa.*

— Não me arrependo, Apu. Sei que este era o meu destino.

— Espero não te ter desiludido nessa tua longa caminhada. Se não te dei mais atenção em certos momentos, foi porque os deveres de imperador não o permitiram.

— Não me queixo, Apu. Foste um bom marido.

— Quero que saibas que estou de partida, Ayelén. Em breve os seres celestiais virão buscar-me.

— Então deixai-me ir junto!

— Não, Ayelén. Não quero que interrompas o teu caminho neste mundo. Deves ficar para ajudar os nossos filhos. Muito ódio fervilha nos seus corações.

— Nenhum deles me ouve, Apu.

— Deverás esforçar-te para que o façam.

Beijei-a na testa, deixando-a na intimidade das suas orações. Quando entrei nos nossos aposentos, deitei-me sobre a cama que se encontrava coberta com uma tapeçaria luxuosamente bordada. Foi então que senti o meu corpo ficar dormente, numa sensação de paz como nunca tinha experimentado antes. Após um leve formigueiro na testa, vi-me junto do tecto de olhos no meu corpo que repousava.

— Vamos, Taihi. Deixa-me conduzir-te até junto dos seres celestiais.

— Taihi!?- Perguntei confuso, após fixar-me na sua luz radiosa. Era Antara que ali se tinha materializado.

— Taihi é o teu nome espiritual. — Explicou ela num cintilar colorido.

O palácio desapareceu diante dos meus olhos encantados, enquanto subíamos na direcção das estrelas mais brilhantes.

— Para onde vamos?

— Vamos regressar a casa e preparar a nossa última existência no plano físico. E esta, ao contrário de muitas outras, será dedicada apenas a nós os dois.

— E depois?

— Depois será a eternidade... ernidade... nidade... dade... de... e...

...Deixei aquelas imagens num turbilhão que me trouxe de volta à Sala do Espelho. Por momentos fiquei pensativo, tentando interiorizar tudo aquilo que tinha acabado de experimentar. Depois, num despertar contínuo, tentei compreender cada imagem desse passado, fixando os ecrãs que deslizavam em volta do cilindro. Neles vi o rosto de Antara, compreendendo que ela e a Vera eram a mesma pessoa, a minha alma gêmea de agora e de sempre. Mas aquelas não eram as imagens do passado que ela referiu, embora ali também não tivéssemos concretizado o amor que nutríamos um pelo outro. Enquanto as imagens deslizavam, observei o rosto de Ayelén que tinha sido a minha esposa, e não consegui conter o sorriso quando me apercebi que ela era a Emhi. Agora podia compreender o à-vontade e todas as afinidades que sentia sempre que estava junto dela. Tínhamos estado casados numa outra vida; naquela vida que as imagens do Espelho revelavam, abrindo o passado como um baú coberto de pó no qual as fotografias velhas se amontoavam.

Desejei então recuar ainda mais no tempo, recuar até à época em que eu e a Vera nos encontramos na história que ela partilhara comigo, mas que eu ignorava. A importância desse momento do passado parecia ser tão forte que tornara pequenos os momentos que vivemos no império Inca. Era como se tivéssemos feito uma ponte entre esse passado da Sara e do Dionísio, e o presente da Vera e do João. As imagens em volta do cilindro revelavam agora uma cerimónia religiosa que se desenrolava no alto de um templo. Mergulhei para dentro destas na terceira pessoa, assistindo a tudo como um espectador. A Sala do Espelho desapareceu então num turbilhão em forma de espiral, revelando as imagens daquele lugar cuja importância tanto parecia significar pela força e pela emoção que sentia ao observar o meu vulto no meio da multidão. E foi então que uma voz doce voou pela praça como brisa fresca e perfumada.

— Vejam! — Disse ela lá no alto do templo, virando-se para a assistência pagã: — Este é o meu sacrifício.

E uma pomba branca voou na liberdade da sua natureza, encantando aquele cujo nome era Dionísio e que eu personificara nessa encenação de muitos anos. No alto do templo, uma jovem, que eu identifiquei com sendo a Vera, foi levada pelos soldados que a arrastaram para uma carroça. Aquele que também era eu resolveu seguir-lhe o exemplo, recusando o sacrifício a deuses que não tinha como seus. Avancei então um pouco mais, observando-os dentro de uma cela onde conversavam na abundância das palavras que partilhavam num amor que tudo significava para eles.

— *Sara, estás a dormir?*

— *Não, Dionísio. Podes falar.*

— *Que sentimento estranho é este que sinto por ti?*

— *Não sei, Dionísio. Mas também sinto o mesmo.*

— *Nunca julguei possível experimentar algo semelhante e, no entanto, nem sequer nos conhecemos.*

— *Claro que nos conhecemos! Desconheço os contornos do teu rosto, é certo, mas conheço-te como a mim mesma.*

E, com aquelas palavras, adormeceram leves como uma criança. Fora ali que nos encontrámos pela primeira vez. Ali compreendemos que todos os seres são feitos de duas partes que os completam, de duas almas contrárias na energia que lhes dá forma e que unificadas dão expressão ao espírito que é a verdadeira consciência de ambas as partes. Avancei um pouco mais no tempo, observando agora o momento em que deixara a prisão. Uma pequena multidão pagã aguardava a saída dos cristãos. Nas suas expressões, distanciadas num cordão de soldados que os mantinham longe, pude ver a irracionalidade de um povo instrumentalizado pela decadência crescente de todo um Império. E foi então que o cordão formado pelos soldados se rompeu, precipitando a multidão. Os cristãos, fragilizados por um ano de cativeiro, atropelavam-se uns aos outros, fugindo no cambalear das suas pernas pouco firmes. Muitos foram engolidos pela multidão que os espancou até à morte, enquanto outros, de natureza mais forte, correram pelas ruelas da cidade, fugindo de uma morte que se anunciava injusta. E com eles

fugiu aquele que era eu, correndo de coração na mão, enquanto tentava iludir, nas esquinas apertadas das ruelas mais recônditas, todos aqueles que o perseguiam. E foi numa dessas ruelas que o cercaram e espancaram violentamente. Ele perdeu os sentidos, mas não morreu. Quando recuperou a consciência, arrastou-se para uma rua de maior movimento onde foi recolhido por uma jovem que passava de carroça.

Avancei no tempo, observando-o agora deitado na cama de um quarto onde essa jovem cuidava das suas feridas. E só então é que compreendi que aquela jovem, Sofia de seu nome, era a Emhi. Uma vez mais os nossos caminhos tinham-se cruzado, justificando a afinidade que sentia por ela. Era tudo tão claro, agora. A Emhi tinha encarnado duas vezes para me ajudar a suportar a ausência da Sara e da Antara, acompanhando-me, como sempre o fizera, desde que chegara àquele lugar.

Avancei novamente no tempo, observando o Dionísio sentado no alto de uma duna enquanto meditava. E os anos passaram diante dos meus olhos, enquanto ele permanecia naquele lugar onde se tornara eremita por vontade própria. Já em idade avançada, partira na busca da Sara, pela palavra de um anjo que lhe anunciara o encontro sempre sonhado. E foi no cais da cidade de Bizâncio, futura Constantinopla, que ele observou pela primeira vez o seu rosto.

Do cais contemplou o barco que se afastava lentamente, levando-a na direção do Sol. Era como se este estivesse ali para os transportar de volta a eles próprios. Tinha agora compreendido que a separação fora um teste para que pudessem expressar o verdadeiro amor, e assim, herdar os caminhos que o futuro lhes reservara. Ela era agora a luz que o Sol iluminava sobre o seu rosto, reflectindo nele a sua imagem deificada como aparição divina. E o barco trilhou o rasto do Sol, partindo rumo ao horizonte. Na sua expressão, envelhecida pelo tempo, um sorriso sobrepôs-se às lágrimas que escorriam pela sua face enrugada. Estava agora pronto para partir e herdar esse novo futuro moldado no sacrifício de uma vida virada para eles e para o mundo. E o barco fundiu-se no Sol, e o Sol em cada um de nós...



## CAPÍTULO XVII

NA MANHÃ SEGUINTE, SENTI UMA IMENSA PAZ QUE TOMOU conta de mim. Ter soltado a âncora que me prendia ao passado, e que me impedia de ser eu própria, trouxera uma leveza misteriosa a todo o meu corpo, harmonizando-o. Era como se estivesse mais presente em cada momento, como se tudo à minha volta assumisse novas cores, novas texturas, novos sons. Como se estivesse supra-consciente em relação a tudo o que me envolvia conseguindo concentrar a mente em cada detalhe da paisagem, em cada som, em cada cheiro, respirando da brisa a leveza com que esta confortava o meu rosto.

A Maria olhava para mim repetidas vezes, sorrindo sem dizer nada, como se estivesse a ver coisas que eu não via. Havia um brilho nos seus olhos que aprofundava ainda mais aquele estado de paz em mim. Nada me poderia tirar do meu centro, mesmo que algum cataclismo acontecesse em volta, tal a segurança em que me encontrava.

Percebi intuitivamente que teríamos que descer até às margens do lago, como se este me chamasse. E assim fizemos, contornando os trilhos de terra por entre os arbustos cujas cores e cheiros estavam mais vivos e aguçados. Já lá em baixo sentei-me a alguns metros do lago enquanto a Maria se aproximava da margem, brincando com a água. Uma névoa fina deslizava rasteira junto às águas, dando um tom místico à paisagem que aos poucos clareava na força de um Sol de inverno que me confortou o rosto de forma suave.

E foi então que comecei a sentir um cheiro suave a rosas que fez com que o coração se expandisse na forma de um fogo frio que ardia no peito e que tudo preenchia. Os meus olhos viraram-se então para o lado esquerdo e fixaram a margem que se prolongava pela extensão do lago, acabando por focar um vulto que se aproximava. Havia algo de magnético nesse vulto de tal forma que fiquei fixa neste, quase como se estivesse hipnotizada. O lago ajudava a criar uma atmosfera especial, coberto por aquela névoa rasteira como se fosse vapor de água. A fragrância a rosas intensificava-se à medida que esse ser se aproximava, percebendo, ainda antes que chegasse junto de mim, que se tratava de Madalena. Uma alegria imensa tomou conta de mim num sorriso rasgado que se cristalizou no rosto. Madalena, tal como tinha prometido no nosso primeiro encontro, voltava para estar comigo.

— Olá Vera — disse ela num largo sorriso. — É com imensa alegria que te vejo de volta às margens deste lago que é a tua verdadeira casa aqui na terra.

Ela sentou-se a meu lado. A sua vibração, e mais que a vibração, aquilo que ela irradiava era de tal forma intenso que, por momentos era como se o mundo tivesse parado e nada mais existisse que aquele momento.

— Fico muito feliz por estar de volta — disse com os olhos húmidos. — E profundamente grata por este nosso reencontro.

— Tive que esperar que atravessasses o deserto para poder chegar de novo a ti. Embora nunca ninguém esteja abandonado, durante a travessia do deserto cada ser tem que ser deixado só, para que na aridez desse deserto possa resgatar a sua sombra, limpar o seu carma, e renascer para o verdadeiro serviço espiritual que só pode acontecer quando nos colocamos totalmente nus diante de Deus.

— Foi uma prova difícil suportar a ausência do João, mas agora estou de volta a mim mesma e pronta para servir naquilo que Deus quiser de mim.

— Tu sabes que este lago é um espelho. Quem se aproxima das suas margens tem a oportunidade de contactar de forma muito directa

com o silêncio da Alma e nesse contacto poder sentir os aromas de LYS. Porque LYS só pode ser percebida através dos seus aromas e não pela informação mental de um conhecimento que se possa passar. É por isso que dos planos internos nada será transmitido sobre LYS neste ciclo que se inicia, embora muito tenha sido transmitido sobre Lis-Fátima, e algumas coisas possam vir a ser ditas sobre Lis-Lourdes.

» Depois de muitos anos de um ciclo ligado a Lis-Fátima, que terminou no ano 2000, onde o contacto com uma realidade sagrada, perene, edénica, vos permeou a Alma e permitiu que a vossa consciência terrena pudesse contactar com a doçura, a suavidade e a paz desse centro, estamos agora num novo ciclo ligado a Lis-Lourdes que terminará em 2012, ao qual se seguirá, finalmente, o ciclo ligado a LYS.

» Lis-Fátima, usando a simbologia da Flor-de-lis, representou a pétala dobrada do lado esquerdo, a primeira iniciação ligada à energia da Mãe Universal onde puderam sentir os primeiros aromas da vossa Alma. Com a sua manifestação, todo um fluxo de conhecimento pôde ser apresentado ao homem da superfície, colocando-o em contacto com essa realidade interna e com isso, permitindo expansões de consciência importantes. Foi a sintonia com um éter edénico, com o manto da Mãe que vos acolheu, cuidou, embalou em vossas dores e curou muitas feridas.

» Do conhecimento transmitido, ficaram a saber sobre os mundos internos, a perceber a importância desses reinos e a sua ligação com realidades cósmicas e supra-cósmicas. Ficaram a conhecer um pouco mais de Lis-Fátima, da sua ligação com a Nova Humanidade, com os reinos Angélico e Dévico, com os códigos do homem primordial e a sua implementação na Nova Terra que se apresenta.

» Ficaram também a saber sobre um centro jovem, com 12 mil anos de idade, plasmado pela mão de Shamballa, centro regente na altura. Conheceram, igualmente, na palavra e no contacto directo, os seres que ali habitam, os seus Conselhos, as Sacerdotisas, os Espelhos, a própria topografia do centro e as suas construções.

» Tudo isto é Lis-Fátima, um dos filamentos periféricos de LYS, mas nada disso é LYS, pois LYS é uma outra realidade ainda não contactada, a terceira pétala, a pétala central, de um ciclo que se seguirá ao de Lourdes.

» Em 2001 iniciou-se o ciclo de Lis-Lourdes, a pétala dobrada do lado direito. Esta pétala representa a segunda iniciação, a energia do Filho. Ela é a travessia do deserto existencial que vos levará à consagração final. Neste ciclo aqueles que terão um papel de orientadores, não serão mais os que têm coisas a transmitir, mas aqueles que já atravessaram esse deserto e que, pela experiência vivida, irradiarão para os outros a nota exacta e precisa do novo ciclo.

» Lis-Lourdes é a nudez de Francisco de Assis despido diante do seu pai terreno, é a simplicidade de uma acção humilde e transparente que vos impulsiona para o verdadeiro contacto com a essência. É o falar com os pássaros sem os querer instruir, é o acolher a Vida em toda a sua plenitude sem a querer direccionar ou julgar. É a entrega plena nas mãos do Pai, certos que nada faltará que seja essencial para a manifestação do propósito.

» O novo ciclo pede-vos, por isso mesmo, que larguem toda a vossa bagagem espiritual. Que deixem pelo caminho tudo aquilo que julgam saber sobre os mundos internos e as realidades superiores, para que o Novo possa ser tecido na carne que vos acolheu e através desta possam alcançar a consagração final.

» Se no ciclo anterior todo um manancial de novas sementes chegou até vós, no novo ciclo é necessário começar a plantar essas sementes, tanto nos indivíduos que são, enquanto seres encarnados, como nos novos grupos a serem criados. Se continuarem a receber sementes sem as plantar, todas acabarão por apodrecer. É, por isso mesmo, o tempo certo de fazer descer o conhecimento estabilizado no plano mental, para o plano físico, limpando o mental desse mesmo conhecimento, permitindo, com isso, abrir os condutos de ligação da Alma com a personalidade para a diluição suave da acção do ego sobre vós.

» Mas Lis-Lourdes, Vera, traz também a formação de novos grupos, e em breve irás ter um contacto directo com um desses grupos. Não mais os grupos do ciclo anterior, onde as pessoas se juntavam, muitas vezes, por questões emocionais, movidas pela carência, e outras vezes por questões mentais, movidas pela curiosidade e pela ambição, mas a criação dos verdadeiros grupos que nascem da sintonia do contacto entre Almas. São grupos reservados, não publicitados nos meios espirituais, onde o verdadeiro trabalho de plantar e germinar as sementes do ciclo anterior poderá acontecer silenciosamente de forma despojada e despreziosa. Serão estes grupos que servirão de base, no terceiro ciclo, para a manifestação de LYS no plano físico.

» O terceiro ciclo, que se iniciará em 2013, será finalmente o ciclo de LYS, a pétala central da flor que representa a terceira iniciação e a energia do Pai. E então toda uma nova instrução será revelada pela mão e pela voz daqueles que serão a manifestação Viva dessa mesma instrução. Enquanto no ciclo de Lis-Fátima foi permitido que seres ainda não alinhados com a essência daquilo que transmitiam, pudessem passar conhecimentos sobre essas realidades internas, no terceiro ciclo será necessário que o ser seja esse conhecimento e essa instrução antes que a possa transmitir, já que com a terceira iniciação vem o verdadeiro Serviço e a filiação definitiva à Hierarquia.

» Saberão então um pouco mais sobre LYS, um dos centros mais antigos do planeta, irmã gémea de Shamballa, assim como Miz Tli Tlan o é de Iberah. Estes quatro centros formam a cruz planetária, formada apenas por centros responsáveis pela regência do planeta, sendo que LYS será o centro regente do sétimo ciclo planetário. Iberah do lado esquerdo da haste horizontal e Miz Tli Tlan do lado direito, como sustentadores polares da vida planetária. LYS na base da haste vertical e Shamballa no topo, como emissores e receptores da Vida Cósmica. Esta haste vertical é o verdadeiro fio Céu-Terra e será por ela que o Cristo encarnará toda a substância planetária. Mas primeiro terão que atravessar Lourdes na necessidade de ficarem nus, para que nessa nudez de tudo o que é civilizacional e espiritual, possam finalmente renascer nas águas do SER.

» Que todos possam encontrar nas doces fragrâncias do lago, no seu imenso silêncio, o caminho directo, sem intermediação, para o Reino de LYS. Que na sonoridade doce dos aromas da Nova Terra, possam recolher-se no sacrário do Ser e ali reencontrarem-se com a sua própria essência. LYS pulsa no coração profundo de cada Alma desperta, chamando-vos para o encontro há muito anunciado. É o alento que vos eleva pela força da aspiração, da vontade firme e precisa, da devoção ardente e compenetrada, da ousadia daqueles que não temem dizer SIM.

» Nos tempos de hoje, Vera, terminou o ciclo da instrução. Nada mais há a dizer, mesmo que muito se possa transmitir. E nada mais há a dizer, porque do contacto directo com essa fonte de Vida Imaculada, todo o conhecimento se desfaz na radiação plena da verdadeira sabedoria que é silenciosa e exacta.

» LYS, cujo verdadeiro nome é outro, oculta-se das vossas mentes curiosas há décadas, pois todo o conhecimento transmitido até hoje nunca lhe pertenceu, mas sim a Lis-Fátima, um dos seus prolongamentos mais periféricos. Um novo ciclo de contacto abre-se agora para que finalmente LYS seja revelada na câmara silenciosa de cada Ser e a sua radiação possa tocar o coração de todos os homens.

» Esse Reino, há muito consagrado e tão antigo quanto Shamballa, — irmã nascida do mesmo som — aguarda no silêncio profundo que deixem os caminhos dos vossos egos, para que, em mãos despojadas, possa colocar o diamante sagrado e finalmente dar-se a conhecer na sua verdadeira face, não mais coberta pelos véus de Lis-Fátima que ocultaram a jóia mais preciosa dos vossos olhares cobiçosos e tão pouco humildes, mas plena da sua Luz que finalmente, pelas mãos dos seus Filhos despertos nas águas do Espírito, consagrará esta Terra.

» Sentes-te pronta para receber tal graça, Vera? — Ela olhou para mim com uma expressão de um amor como nunca tinha sentido antes. — Terás a coragem de silenciar verdadeiramente para que, no vazio criado, o Novo possa finalmente manifestar-se? — Anuí, limpando os olhos das lágrimas que escorriam.

» Pois bem, que assim seja então. Que tu, e todos aqueles que como tu aspiram de coração a este contacto, se recolham ao mais profundo do Ser, desapegando-se de todo o conhecimento espiritual acumulado para que, nessa nudez, as novas vestes possam ser desenhadas pela mão do grande Mestre. Que silenciem todos os ruídos, mesmo os mais espiritualizados, para que o som desse Reino Sagrado possa ser plasmado no vosso coração e através de mãos despojadas e profundamente amorosas, LYS possa, depois de séculos de preparação, desabrochar e dar a conhecer ao mundo o mais precioso dos aromas.

» Que tenham, pois, a coragem de levar ao altar do PAI todas as páginas escritas pelo vosso punho, guardadas no baú mais secreto como relíquias preciosas, e colocá-las em holocausto como sinal da vossa entrega. E depois, pegar numa única folha em branco e lançá-la ao vento sobre as águas deste lago, para que esse mesmo vento possa finalmente começar a escrever a vossa verdadeira história.

Ela colocou a sua mão direita sobre a minha cabeça. Senti uma corrente de energia sair da base da coluna e subir até ao topo, forçando em mim uma postura vertical e alinhada. Toda eu ardia num fogo que não queimava, percebendo que os restos do carma acumulado em múltiplas vidas estava a ser reduzido a cinzas, libertando-me definitivamente do mundo.

— Estás finalmente pronta para assumir a tua tarefa. Agora poderei revelar-te alguns segredos por detrás da história de Portugal que não são conhecidos porque não era ainda o tempo certo.

— Estou pronta! — Disse numa segurança total. — Saberei cumprir a vontade do Pai de forma integral.

Madalena levantou-se e aproximou-se de Maria que continuava nas margens do lago a brincar. Disse-lhe algo que não ouvi e depois, a minha doce e pequena Maria levantou os braços e juntou as mãos sobre a cabeça, entoando um som num dialecto diferente. Em resposta ao som que ela emitiu uma luz intensa materializou-se sobre as águas do lago e num instante, sem que tivesse tempo para pensar, estávamos num lugar diferente.

- Bem-vinda a Lis-Fátima, Vera.



## CAPÍTULO XVIII

JUNTO DAS CRIANÇAS DE UMA DAS COMUNIDADES, ENCONTRAVA-se a Maria que brincava com elas. Em vez de caminhar e correr, deslizava na liberdade daquele corpo, envolvendo as outras em movimentos concêntricos que elas acompanhavam em gargalhadas expressivas. Conversavam depois sobre as coisas que podiam compreender e que a Maria tinha maior dificuldade em acompanhar por ser mais criança que todas elas. Aproximei-me do grupo em trajes semelhantes aos dela, voando na sua direcção. Ela deu pela minha presença, sorrindo na luminosidade da sua aura de tons violetas.

— Pai! És tu?

— Sim, Maria.

— Levas-me a passear? Tu disseste *ca* gente podia passear...

— Claro que sim! — Sorri-lhe. — Podemos ir onde tu quiseres.

— Eu queria ir ver as fadas. Elas são muito bonitas e brilham muito. Eu gosto muito delas.

— Vamos, sim. — E deslizámos pela planície. — Gostas muito deste lugar, não gostas?

— Gosto. É aqui que eu moro, mas também moro ao pé da mãe, só que moro mais aqui do que lá.

— A mãe também mora aqui, Maria.

— Eu sei. Mas ela não consegue voar. Eu queria que ela viesse comigo, mas quando a gente dorme ela fica na cama. É que ela é muito pesada.

— Um dia ela conseguirá, vais ver.

Viajámos os dois na direcção de uma densa floresta que ficava num dos extremos daquele lugar onde morava. As árvores deram-nos passagem por entre a folhagem densa, revelando uma luminosidade deificada nos raios que penetravam desde as copas mais altas, projectando a sua luz branca no solo coberto de folhas secas e troncos caídos. Em volta destas, pequenas luzes de cores variadas esvoaçavam como pirilampos, envolvendo-nos de uma forma graciosa e fraterna.

— Eu gosto muito das fadas! — Exclamou a Maria, sorrindo num olhar repleto de encanto. — E elas *tamém* gostam de mim. Nós somos muito amigas.

— São as fadas que dão beleza a tudo aquilo que vês, sabias?

— Sim. Quando eu fui com a minha mãe até um jardim, depois a gente encontrou uma senhora que cuidava das fadas. Ela disse *cas* fadas é que fazem as flores ficarem bonitas.

Dois unicórnios cruzaram a floresta, galopando na expressividade dos seus contornos esculpidos num branco reluzente. A Maria voou entre eles, sorrindo na alegria que a sua presença lhe inspirava. Acompanhei-a.

— Os cavalos que têm um chifre são bons, sabias? Eles *tamém* falam como as fadas, mas não é como a gente. Eles falam mas não abrem a boca.

— Tudo fala à nossa volta, Maria. As flores, as árvores, os pássaros, tudo aquilo que vês. Só temos que abrir o coração para essa voz silenciosa que nos chega e acreditarmos que também esta tem coisas para nos dizer.

— Mas eu só consigo ouvir os cavalos e as fadas.

— Um dia conseguirás ouvir tudo, vais ver. — Sorri-lhe.

— Eu *tamém* consigo ouvir o vento, mas eu não sei o *qu'ele* diz.

— Ele diz tudo aquilo que tu quiseres que ele diga, Maria. É que a imaginação não vem do nada, sabias? Ela vem daquilo que é imaginado. Se imaginares as palavras no vento, é porque é o próprio vento que te as diz... Ora, escuta lá o vento com atenção e diz ao pai aquilo que ouves.

Ela pôs uma expressão compenetrada, apurando o ouvido que não existia mas que eu via nas formas astrais criadas por ela.

— Ele diz *c'os* cavalos que têm um chifre são os seus filhos! — Concluiu ela, de olhar esbugalhado.

— Sim! - Sorri-lhe. — São os filhos do vento.

E os dois unicórnios partiram com a brisa que lhes dava caminho. E nós também partimos de braços abertos, brincando em voos picados e piruetas várias; contornando os limites daquele lugar, ao ritmo das gargalhadas que a Maria entoava na alegria do seu olhar feliz. Embora irmãos naquele lugar, no outro éramos pai e filha. Uma filha que deixara pela força do destino e que agora reencontrava na alegria de estar junto dela e com ela partilhar cada momento de uma ausência de mais de três anos. Enquanto voávamos, não pude deixar de pensar na Vera que dormia a seu lado, algures no mundo dos homens, e que não podia estar junto de nós por ainda não ter despertado por completo para aquela realidade que em breve também seria sua.

Logo depois, ela teve que partir, deixando-me com as outras crianças. Quando despertei daquele estado profundo onde conseguia sintonizar o amor universal, as crianças da comunidade brincavam diante de mim, sorrindo na expressividade terna de quem nada sabia desse outro mundo alimentado pela ignorância, pelo ódio, pela inveja, pela avidez, pelo poder arrogante e prepotente que o destituíam de um propósito maior e coerente com a natureza espiritual de cada ser que nele habitava.

Elas aproximaram-se, sentando-se a meu lado.

— Onde é que a Maria mora? — Perguntou uma das crianças de sorriso no rosto.

— Mora num mundo diferente. Um mundo tão distante do nosso e, no entanto, tão próximo!

— Gostava de conhecer esse mundo! — Exclamou uma outra criança.

— É um mundo muito violento, sabem? Não iriam gostar de viver lá.

— Mas não são todos os mundos uma parte de Deus? — Perguntou ela.

— Sim. Tudo é uma parte de Deus.

— Então como pode esse mundo ser violento se Deus é Amor?! — Insistiu ela levemente confusa.

— Quando Deus cria um mundo, ele fá-lo para permitir que as almas possam crescer em liberdade. E é com essa liberdade, que Deus dá a cada ser, que o mundo se pode tornar violento. Deus não interfere directamente. Ele quer que aprendamos a ser responsáveis pela nossa liberdade. Apenas nos inspira os melhores caminhos, deixando para nós essa escolha.

— E se não formos responsáveis? — Perguntou uma outra criança.

— Nesse caso teremos que aceitar as consequências da nossa própria irresponsabilidade. E nem sequer poderemos lamentar a miséria das nossas vidas, ou apontar o dedo a Deus, considerando-o culpado, pois nós somos os únicos responsáveis pela liberdade que nos foi concedida.

— Não compreendo como é que alguém pode ser irresponsável se é da responsabilidade que vem a harmonia e a paz.

— É que nesse mundo onde mora a Maria, a ignorância impera. Vivem na cegueira de ideais criados à imagem de cada um, promovendo caminhos que apenas conduzirão à destruição da própria raça. Como seria bom se as pessoas desse mundo pensassem como vocês! Mas, um dia, lá chegarão, pois esse é o único caminho. — Sorri-lhes.

Elas afastaram-se, deixando-me só. Reparei então na presença de um Mestre sentado no jardim e caminhei até junto dele. Estava ves-

tido com uma toga de adornos requintados, observando a água que borbulhava ao ritmo de uma pequena cascata artificial.

— Mestre! Poderia conversar convosco?

— Claro que sim, Taihi. Sentai-vos a meu lado.

— Quem são estas crianças que me surpreendem pela sua sabedoria? — Perguntei, enquanto me sentava.

— São seres de grande espiritualidade que aguardam o momento certo para poderem dar expressão ao seu verdadeiro destino. Encarnaram neste planeta para aqui cumprirem uma caminhada de muitos milhares de anos de evolução.

— E que destino aguarda estas crianças?

— Estas crianças são o coração da futura humanidade terrestre, Taihi. São elas que irão funcionar como um diapasão que irá harmonizar todos aqueles que irão viver nesse novo mundo, pois nunca antes encarnaram na terra e por isso não têm laços cármicos com a substância deste planeta. São como cristais puros vindos de mundos distantes.

— E que novo mundo é esse?

Ele fez uma breve pausa. Era como se tentasse saber até onde podia ir nas suas revelações.

— Sabes, Taihi. Em breve terminará um ciclo da humanidade, tal como no passado terminaram outros ciclos. Iniciar-se-á então um novo ciclo, um ciclo de paz que reformará por completo o Planeta. Será o retorno, numa linguagem figurada, de Adão e Eva ao paraíso perdido.

— Quer dizer que o mundo vai acabar, é isso?

— Não, Taihi. Um dos ciclos do mundo irá terminar, não o mundo em si mesmo. É verdade que a civilização que habita a superfície do planeta será destituída do seu poder. Mas sobre esta, nascerá uma outra, tal como das cinzas deixadas por um vulcão nasce nova vida. Iniciar-se-á então um longo ciclo de paz e harmonia. Será um mundo habitado por seres verdadeiramente conscientes da sua natureza que é espiritual. Um mundo não mais prostrado diante das paixões e dos

desejos que escravizam a humanidade. É que a pior forma de escravidão sempre foi aquela em que o escravo não tem consciência da sua própria condição. Foi por essa razão que todos os seres que habitam este lugar se auto-convocaram para ajudar a humanidade. Quiseram estar presentes nestes tempos difíceis e assim acompanharem os povos que vivem na superfície durante a transição de ciclo que se avizinha muito difícil. É que a loucura do homem atingiu todos os limites.

— Estará a humanidade preparada para enfrentar tais mudanças?

Ele sorriu.

— A humanidade, Taihi, é como uma criança fechada entre quatro paredes, entretida com os seus brinquedos que são a única realidade que ela conhece. Essa sala é o mundo onde experimenta os primeiros passos, onde dá as primeiras quedas, onde constrói e destrói os castelos feitos de peças, brincando com os seus jogos enigmáticos, com os seus puzzles que ela cria na ilusão de estar a construir um verdadeiro progresso. Ali, entretida com os jogos que ela julga serem a única realidade, vive esquecida do mundo que envolve essa sala iluminada pela luz de um candeeiro, fechada entre janelas trancadas e portas lacradas. Mas um dia, quando menos esperar, as janelas dessa sala abrir-se-ão diante dos seus olhos esbugalhados. Ela, deslumbrada com a luz que vem de fora, largará todos os brinquedos, caminhando para essa janela que lhe revelará um novo mundo. Pela primeira vez, sentirá o conforto do Sol no seu rosto, a brisa suave nos seus cabelos soltos. Verá as árvores que se curvam na suavidade colorida do vento que nelas se torna presente, sentirá a frescura das plantas nas fragrâncias luminosas do orvalho matinal e constante, a beleza única de um lugar alimentado pelo brilho prateado de um ribeiro de águas ternas, pela paz uníssona das melodias que chegam, vindas de todo o lado. E quando as portas lacradas se abrirem, ela partirá de braços abertos sobre a erva-fina, correndo atrás das borboletas, dos pássaros que dela não fogem, da beleza daquele lugar tão especial. Para trás, deixará todos os brinquedos, fundindo-se com a natureza daquele lugar que sempre esteve junto de si mas que ela ignorava, por viver fechada entre quatro paredes feitas de ilusão, por viver

entretida com os seus jogos enigmáticos, com as suas brincadeiras, com as suas construções e realizações. Um dia, depois de se tornar adulta, essa criança, que deixou de o ser, regressará à mesma sala. Num baú colocará os brinquedos cobertos de pó, abrindo todas as janelas, todas as portas, deixando que a luz do Sol ilumine cada recanto daquele lugar em tempos fechado. A partir de então, não mais as janelas se trancarão nem as portas se lacrarão; os dois mundos tornar-se-ão um só e essa criança, que deixou de o ser, poderá finalmente iniciar a construção de uma vida não mais alimentada pelas ilusões das suas brincadeiras, mas sim pela sabedoria conquistada no reconhecimento que fez desse novo mundo que lhe ensinou que tanto a sala como o lugar que a envolve são partes unificadas de uma só realidade.

— E este lugar? — Perguntei, enquanto a melodia anunciava o início do período da segunda refeição. — Onde fica?

— Essa é uma outra história, Taihi. — Ele sorriu, levantando-se. — Amanhã, contar-vos-ei um pouco mais sobre este lugar. — E afastou-se deixando-me só.

Fiquei por mais alguns segundos, respirando fundo na paz de quem já não buscava a informação pela curiosidade de a ter, mas apenas como instrumento de serviço necessário na realização das tarefas.

E logo me levantei, indo para o refeitório.



## CAPÍTULO XIX

CAMINHAVA POR UM JARDIM IMENSO, DE TONS PREDOMINANTEMENTE azuis, com Madalena a meu lado. A Maria não estava junto de nós tendo ficado aos cuidados de uma jovem. Aquele jardim ficava no interior do edifício do conselho no centro do qual estava o Templo.

A cidade de Lis-Fátima era um lugar de sonho. Construída dentro de uma imensa cavidade que se estendia num amplo horizonte, toda a cidade irradiava uma luz suave de tons azuis-claros que impregnava tudo com a harmonia que se podia respirar através das cores, dos sons e das fragrâncias. Os edifícios eram construídos com um cristal desconhecido na terra que interagia com o pensamento dos habitantes, podendo estes alterar a sua textura, cor e opacidade pela simples emissão dessa vontade, pelo que nenhuma estrutura era estática aos nossos olhos, pois a sua superfície estava em constante mutação.

Em torno do edifício central, numa planta triangular, encontravam-se os núcleos da Educação e da Ciência, da Cura e da Harmonia e o núcleo da Cultura e da Criatividade. Estes eram núcleos que funcionavam como escolas na formação dos jovens dentro de cada um dos sectores e ao mesmo tempo funcionavam como núcleos produtivos para as respectivas áreas. Em volta desses edifícios, a vegetação, de tons predominantemente azuis, era rasgada por pequenos canais de água cintilante que envolviam toda a cidade. Essa água vinha das vertentes laterais daquela imensa cavidade em cascatas de luz que brotavam da

pedra num espectáculo como nunca tinha visto. Era ali que ia com a Maria muitas vezes, apanhando um dos veículos públicos que circulavam sobre viadutos e que, em poucos segundos, nos deixavam nos lugares respectivos.

O anel externo que fechava a planta da cidade era composto por doze núcleos habitacionais, no centro dos quais existia o edifício comunitário para onde as famílias convergiam na partilha de uma vida em comum que não era regida pelo dinheiro nem pela competição. Foi num desses núcleos, nos quartos reservados aos visitantes, que Madalena nos deixou quando ali chegámos, dando-me total liberdade para me deslocar por aquele lugar e interagir com os seus habitantes. Pelos seus trajes, percebia-se facilmente quem vivia a tempo inteiro naquele lugar, vestindo túnicas de um tecido orgânico e levemente luminescente numa tonalidade rosa branqueada, e aqueles que tinham tarefas noutras partes, incluindo a superfície, e que usavam roupas de corpo inteiro, de uma só peça, que se colavam ao corpo como se fossem uma segunda pele.

A cidade, a que chamávamos Lis-Fátima, na verdade tinha um outro nome. O seu verdadeiro nome era Anuea. Madalena explicara-me que os nomes adoptados nas suas comunicações com a superfície eram muitas vezes criados em função daquilo que era necessário plasmar no mental colectivo das pessoas como forma-pensamento ao nível dos arquétipos e dos símbolos, já que o verdadeiro nome da cidade vinha de um dialecto que não era terrestre e que, por isso mesmo, não poderia incorporar termos das línguas da superfície.

Anuea era a cidade principal, um filamento directo de um outro centro que conhecemos com o nome de Anu Tea. Era como se a sua forma fosse tecida pela energia de Anu Tea e a sua essência pela energia de LYS, cujo nome também era outro, embora esse Madalena não me tenha revelado. A cidade de Anuea tinha sido fundada há doze mil anos no fim do período Atlante como instrumento necessário para preparar a humanidade para o novo ciclo que se avizinhava, pois sempre fora esse núcleo que mais directamente trabalhou com o homem da superfície. Foi daqui que a fundação de Portugal foi preparada como um prolongamento directo dos conselhos deste centro, tendo por detrás o centro de

LYS que nunca se apresentou directamente, fazendo-o através da lente de Lis-Fátima — Anuea —, que sempre foi o rosto oculto dessa tarefa.

Enquanto caminhava por aquele jardim na direcção do Templo, não pude deixar de pensar como seria bom se o mundo da superfície fosse como aquele lugar.

— Em breve será, Vera — disse Madalena a meu lado, lendo os meus pensamentos. — O que aqui vês é um protótipo da nova terra que desperta.

— Fico feliz que assim seja.

— Hoje trouxe-te pela primeira vez a este lugar para falar um pouco da tua missão e da história de Portugal que ainda não é conhecida dos homens, mesmo daqueles que têm uma busca espiritual da mesma. Chegou a hora dessa informação ser desvelada, para que todos possam compreender a tarefa que têm pela frente.

Já próximo do templo, Madalena sentou-se no parapeito de pedra de um lago circular que antecedia a entrada no templo, convidando-me a sentar junto de si. As águas do lago eram dinâmicas, mudando de cor e de textura consoante os pensamentos que emitíamos na sua direcção. Por momentos, fiquei de olhos no lago deliciada com aquele jogo, mas logo olhei para Madalena que me sorria de forma suave e profunda.

— É com grande alegria que vejo chegar ao fim um longo ciclo de preparação de uma tarefa que finalmente irá cumprir-se. A tua vinda a este lugar estava preparada há muito tempo, pois serás tu quem levarás para a superfície a chave que irá dar início a todo o processo que durante séculos foi preparado, ajustado, alterado, tudo em função dos movimentos duais daqueles que, encarnados, iam respondendo de forma mais ou menos alinhada com o propósito. Tu mesma, no passado, não cumpriste parte daquilo que te estava destinado e hoje aqui estás para resgatar esse carma e finalizar todo o processo. — Ela olhou o pequeno lago e este ficou como um espelho sem ondulação. Fixou-me depois. — No nosso primeiro encontro, tinha-te falado da Ordem de Mariz e agora revelo-te que tu e o João fazem parte do conselho dessa ordem que é formada por doze elementos. Esses doze seres foram aqueles que tive-

ram papéis de destaque na história de Portugal como personagens chave no desenho que era necessário manifestar para a preparação deste país para a sua tarefa planetária ainda por cumprir. E assim foi, até Portugal entrar no deserto no início do século XVI e a sua Alma ter-se recolhido, ficando a condução do país nas mãos do livre arbítrio dos homens encarnados. Até esse período, no entanto, os destinos e a condução deste país esteve sempre nas mãos desses doze conselheiros, de mim mesma, como grão-mestre da Ordem, e dos conselhos internos de Anuea que coordenaram tudo em função dos planos para a implementação de uma Nova Terra na superfície do planeta.

» Mas deixa-me contar-te um pouco da História de Portugal para que compreendas melhor a função que lhe está destinada. — Ela olhou novamente para o lago fazendo surgir neste, a imagem de Jesus na cruz. — Foi aqui que tudo começou, Vera. Aos olhos do mundo de hoje o que começou com este episódio foi a criação de uma nova religião, mas isso foi apenas a parte externa e menos importante. O que realmente começou aqui foi uma outra história que ainda não é conhecida.

A figura de Jesus aproximava-se, como se uma câmara estivesse a fazer um zoom. A sua expressão transmitia uma segurança e uma solidez que me fortalecia por dentro só de o observar. Ele levantou o rosto e fixou aqueles que se encontravam aos seus pés na cruz dizendo: «Maria, este agora é o teu filho, e João esta agora é a tua Mãe.»

— Este episódio sempre foi mal interpretado, Vera. A Maria a quem Jesus se dirigiu não foi a sua mãe mas eu mesma, sua esposa. E o que ele fez foi selar a tarefa futura que estava por realizar, dizendo: «Maria, este agora é o teu discípulo, e João esta agora é a tua Mestre.»

O lago voltou a ficar sem imagens, permanecendo como um espelho.

— A partir deste momento eu e João passámos a ser o coração da tarefa e a nós juntaram-se doze novos discípulos que seguiram conosco para Éfeso onde foram escritos os evangelhos hoje conhecidos como apócrifos para que a verdadeira essência dos factos ali ocorridos não se perdesse. Antes disso, tive ainda a oportunidade de criar as bases da verdadeira igreja primitiva que mais tarde viria a ser abafada em Niceia e, muitos séculos depois, massacrada no sul da França com o

extermínio dos Cátaros. Após a igreja estar estabilizada, e já em Éfeso, foi criada a comitiva que junto com os 14 — Eu, João e os doze novos discípulos — iria rumar ao ocidente. Nesta encontrava-se Sara, minha filha e de Jesus, que numa encarnação futura iria ser Isabel, rainha de Portugal.

Vi então reflectidas nas águas do lago as imagens da comitiva que partiu para a costa onde embarcou. Dali rumou para o Egipto onde permaneceu algum tempo.

- A nossa estadia no Egipto há muito que estava programada, pois era necessário transportar para o ocidente a essência do trabalho que durante séculos se realizou naquele país sobre os auspícios de Seraphis Bey, no templo da Ascensão em Karnac. Este trabalho estava ligado com a Ascensão da Matéria e, por isso mesmo, com o Espírito Santo e a sua manifestação. No centro do Templo, onde entrei sozinha, encontrava-se o verdadeiro Graal. Era formado por três pedras de um cristal que não existe no planeta e cuja origem não é sequer solar, mas sim estelar.

Vi as pedras com tal nitidez que era como se estivesse na sua presença. Existiam duas pedras menores e uma maior no centro e, sobre estas, elevava-se uma chama. A minha vontade, enquanto olhava, era ajoelhar-me, tal a sacralidade daquilo que observava.

— As duas pedras menores são pedras de sustentação — continuou Madalena, — uma de polaridade feminina e outra masculina. A pedra central é a pedra de emissão e recepção que permite fazer a ligação entre o Céu e a Terra. A chama que vês sobre as pedras é o produto desse encontro, a alquimia que resulta do contacto do Céu com a Terra a que vocês dão o nome de Espírito Santo. Estas três pedras sempre funcionaram como um embaixador do Cristo na Terra, pois sobre a substância dessas pedras desceu parte da energia do Cristo e a sua radiação passou a ser o que de mais puro alguma vez tocou a superfície deste planeta. Nem mesmo Jesus, que recebeu na substância dos seus corpos a energia do Cristo, a irradiou com tanta pureza, pois os cristais que as constituem são substância ascendida, o que não acontecia na altura com a substância do corpo de Jesus e do meu próprio corpo onde o Cristo também se expressou. Estas pedras eram, e continuam a ser, o verdadeiro Graal e um farol do Cristo na Terra antes que essa entidade possa

permeiar toda a substância planetária. E, como símbolo desse Graal, a Flor-de-LIS foi adoptada para o representar.

Nas imagens do lago, vi Madalena com uma caixa nas mãos e toda a comitiva que a acompanhava, rumando de barco a novas terras.

— Esta caixa, como vês, não era um vaso nem era de alabastro, como sempre foi retratada em várias pinturas, mas de um metal conhecido na Atlântida como Oricalco. — Ela olhou para mim. - Transportar esta caixa e, dentro desta, o Graal, era deslocar pelo etérico do planeta energias de um poder inconcebível para as mentes humanas, pois o que ali estava não era apenas um símbolo do Cristo, mas o próprio Cristo encarnado e Vivo. Era o vir-a-ser no tempo daquilo em que a Terra inteira se iria tornar, um imenso Graal planetário irradiando para o cosmos essa pureza. Desde que aquelas pedras chegaram à Terra, ainda no ciclo Lemuriano, que toda a programação destinada a estas foi delineada ao mínimo detalhe, e nessa programação estava a fundação de um país que deveria ser o porto de chegada desse Graal, a base de um templo-nação, a nova Jerusalém, onde o Cristo pudesse sentar-se e dali irradiar para o mundo o seu propósito. Assim como existiu no passado o Jesus-Homem, deveria existir de igual forma o Jesus-Nação que, tal como o homem, deveria receber o Cristo e pelo Cristo irradiar a Luz da substância santificada pela presença do Filho.

Ela olhou novamente para o lago e vi as imagens do momento em que desembarcaram.

— Do Egipto rumámos a França e, ali chegados, deslocámo-nos para a zona que muitos séculos depois iria ser conhecida como Lourdes. Ali foi realizada a primeira cerimónia na presença do Graal e plasmada uma das campânulas ligadas directamente ao Cristo. Uma campânula é uma zona restrita onde a energia da Nova Terra se faz presente, como ilhas do futuro. Nesses lugares a energia mantém-se pura, imaculada, e processos de Cura verdadeira podem acontecer com todos aqueles que permanecerem no seu interior. Várias dessas campânulas foram criadas em Portugal, após termos partido para essas terras e ali realizado várias cerimónias em pontos específicos.

Vi então um círculo formado pelos doze e no centro, diante do Graal, vi Madalena e o apóstolo João. Estavam nas margens de um rio

e o ambiente que eu podia sentir, apesar de serem apenas imagens, era profundamente sagrado. E foi então que os meus olhos fixaram um ser feminino que se encontrava no círculo e as lágrimas escorreram pelo meu rosto, tal a comoção que senti.

— Sou eu? — Perguntei.

Madalena Sorriu.

— Sim, Vera. Tu eras, e és, um dos Doze, assim como o João. Esta cerimónia que aqui vês foi realizada nas margens do rio que viria a chamar-se Zêzere e que hoje é conhecido como o Lago, formado após a construção da barragem que deu origem à bacia actual; esse Lago, que sempre chamou por ti desde muito jovem e no qual te sentes em casa, pois aqui foi plasmada a principal das campânulas dessa Nova Terra que desperta. Esta cerimónia foi a primeira realizada nestas terras. Aqui foi criada a Ordem de Mariz, tendo como membros os 14 seres presentes, e fundado Portugal, embora ainda apenas na sua dimensão anímica, pois só mil anos mais tarde se daria a encarnação física dessa realidade. A Alma de Portugal, como sendo a Matriz arquetípica dessa programação, foi manifestada como realidade operante, desde esta cerimónia, em colaboração com os Conselhos de Anuea. Aqui foi fundado Portugal que recebeu a primeira iniciação e, com a sua fundação, foi criada a Ordem que iria ser a responsável por garantir a execução da tarefa destinada a Portugal. Cada um dos doze conselheiros de Mariz iria ter, mais tarde, papéis importantes como personagens chave em toda a história deste país, sendo operadores directos da Ordem de Mariz e dos Conselhos de Anuea. Durante esses mil anos até à manifestação física da realidade que ali foi plasmada, a Alma de Portugal e a Ordem de Mariz serviram-se de muitos dos povos que por aqui passaram, em particular o povo Lusitano, como operadores mais ou menos conscientes no arar da terra para a preparação da sementeira que iria acontecer mais tarde.

» Depois desta cerimónia, Vera, onde Portugal foi fundado nos Planos Internos e a Ordem de Mariz criada pelos laços programáticos que ligavam aqueles catorze seres, o grupo deslocou-se por muitos outros lugares e, em cada um deles, outras campânulas foram plasmadas na presença do Graal, embora a sua activação só viesse a acontecer mais tarde. Após a conclusão dos trabalhos, todos rumámos de volta a Fran-

ça. O grupo tinha concluído a sua tarefa e podia dispersar-se. Um dos elementos do grupo, de nome José de Arimateia, teve a incumbência de levar o Graal para Inglaterra, onde iria permanecer por mil anos. Mais tarde, João, o apóstolo, viria a encarnar como Rei Artur e, em terras de Inglaterra, acabou por juntar os doze de Mariz, iniciado o trabalho de tecer um novo paradigma civilizacional.

No espelho circular do lago vi as imagens de Madalena em profunda reclusão.

— João voltou para o oriente e eu recolhi-me em oração, sendo mais tarde conduzida para o centro da Anuea de onde passei a acompanhar os destinos de Portugal, como grão-mestre da Ordem de Mariz, que sempre foi a Ordem que esteve por detrás de todas as outras.

— E para onde foram os discípulos?

— Ficaram por aquelas terras, transmitindo o evangelho e vivendo como pessoas simples.

— E o que aconteceu após esses mil anos?

Ela fez uma pausa e o silêncio instalou-se como se fosse algo físico que se pudesse tocar. Mas logo continuou.

— É importante compreenderes, Vera, que, nos planos duais, o jogo tridimensional acontece pelo confronto entre as forças da Luz e da Sombra. Isto, em si mesmo, não é uma coisa boa nem má, mas apenas as regras desse Jogo, na lapidação necessária da substância, através da fricção entre os seus opostos para que o equilíbrio final seja alcançado. Após esses mil anos, tornou-se urgente a materialização da Alma de Portugal através da sua expressão física: a nação. E assim foi, porque os núcleos involutivos começaram a movimentar-se fortemente para assumir o controlo dos poderes do mundo. A esses núcleos nós damos o nome de Fraternidade, contrapondo com os núcleos de Luz a que chamamos de Irmandade. O confronto entre a Fraternidade e a Irmandade começa aqui, mil anos depois, quando uma Ordem é criada em França com o intuito de ir buscar à Palestina os segredos ali ocultados, tanto na forma de documentos que comprovassem a existência de uma linhagem sanguínea vinda de Jesus e de mim mesma, através de Sara nossa descendente — e com isso traçar as linhas hereditárias que pu-

dessem revelar ao mundo uma família que fizesse parte dessa linhagem e que, sendo manipulada e colocada no trono como representante do Cristo na terra, servisse a Fraternidade nos seus interesses —, como na forma de um utensílio de grande poder que foi encontrado no Templo de Salomão e trazido para a Europa e que é conhecido como a Arca da Aliança. Quando foi percebido que a Fraternidade, através dessa Ordem que tinha o nome de Monastério do Sinai, tinha na sua posse a Arca da Aliança, fez-se necessário activar a Ordem de Mariz e seus conselheiros, de forma mais directa, e trazer de volta para o continente o Graal, pois apenas este poderia anular os poderes da Arca, assim como deitar por terra todas as pretensões da Fraternidade de colocar no trono um representante do Cristo na terra, pois a qualquer momento o Cristo se poderia dar a conhecer directamente através da presença do Graal.

» A Ordem do Monastério do Sinai, que sempre tentou fazer passar-se por uma ordem da Luz, e com isso atraiu para as suas fileiras muitos seres que iludidos a serviram, foi, na verdade, uma ordem negra, ao serviço dos núcleos mais involutivos que operam na orbe terrestre. A partir de Anuea, todo um plano foi traçado para a manifestação física da nação que iria colocar no trono do mundo o verdadeiro Cristo, através da radiação do puro Amor. Começava então a história deste país, como operador físico de uma Função Interna que finalmente se irá cumprir.

Estava completamente arrepiada. Tudo aquilo mexia com a minha Alma, como se não houvesse diferença entre esta e a Alma de Portugal. Sabia e, mais do que saber, sentia o quanto estava ligada a essa história.

— Um dos conselheiros de Mariz que foi activado, e que iria pôr em marcha todo o processo, foi Bernardo de Claraival. Desde muito jovem que o acompanhei, aparecendo-lhe em sonhos e visões e estimulando nele uma devoção ardente por mim. Sabia que era alguém que iria responder de forma exacta e precisa a todas as orientações Internas que lhe chegassem. Embora, numa primeira fase, se tivesse perdido um pouco dentro da doutrina mais rígida da igreja, chegando a repudiar o movimento dos Cátaros, no Sul da França — que era uma manifestação da Igreja primitiva que eu fundara logo após a partida de Jesus —, aquando da sua activação definitiva, a resposta foi imediata e os equívocos clarificados.

Vi, no espelho do lago, a imagem de Bernardo a caminhar por um trilho campestre e depois a materialização de Madalena diante dele. Perante a sua imagem e a sua luz, Bernardo ajoelhou-se pousando a cabeça por terra.

— Neste meu contacto directo com Bernardo, passei-lhe três tarefas que ele cumpriu de forma exemplar. A primeira tinha a ver com o Graal que lhe iria ser entregue em mãos e que ele deveria levar para o sul de França e entregar aos sacerdotes Cátaros, na fortaleza de Montségur. A segunda Tarefa foi a de criar a Ordem que iria ter como função proteger o Graal enquanto este estivesse em França e ajudar na fundação da nação que o iria receber mais tarde. E finalmente, a terceira tarefa, era fundar o Porto do Graal, a nação do Cristo, a nova Jerusalém. Aceitando as tarefas, Bernardo partiu com o coração pleno por estar ao serviço da sua Alma e da Alma que ele ajudara a fundar na cerimónia realizada nas margens do rio Zêzere mil anos antes, pois também ele era um dos doze cavaleiros da ordem de Mariz. Quando o Graal lhe foi entregue por um iniciado vindo de Inglaterra, Bernardo deslocou-se de imediato para o Sul de França entregando-o à guarda dos sacerdotes da Igreja que eu fundara mil anos antes e que fora abafada em Niceia, quando a Fraternidade tomou conta da Igreja de Roma. Depois fundou a Ordem dos Templários, conseguindo que alguns seres de grande valor que se encontravam iludidos dentro da Ordem do Monastério do Sinai ingressassem na nova Ordem por ele criada. E, embora aos olhos do Papa, a Ordem dos Templários fosse apresentada como uma ordem ligada ao oriente, na verdade essa era apenas a fachada necessária para resguardar a verdadeira função da Ordem que era proteger o Graal e fundar Portugal, a nova Terra Santa. Muito rapidamente as duas Ordens, que no princípio estavam juntas, pois muitos dos seus membros faziam parte das duas, se separaram. E isso aconteceu quando esses elementos perceberam que a Ordem do Sinai estava ao serviço das forças negras e não da Luz. Quando a Fraternidade, o núcleo que operava por detrás da Ordem do Sinai, percebeu que o Graal tinha voltado para o continente e que estava nas mãos dos sacerdotes Cátaros, cujas cerimónias diante do Graal anulavam os poderes da Arca e as pretensões da Fraternidade de colocar no trono um descendente da linhagem de Jesus, começaram os movimentos para tentarem apoderar-se do Graal.

Enquanto isso, Portugal era fundado por um outro membro da Ordem de Mariz, D. Afonso Henriques — que recebia instruções directas de Bernardo, presente em muitas das suas meditações —, e pelos Templários, Ordem criada para esse efeito.

» Entretanto, em França, a Fraternidade começava a movimentar-se para se apoderar do Graal. Operando por detrás do Rei de França e do Papa, uma cruzada é preparada para destruir os Cátaros, sobre o pretexto de serem heréticos e desobedientes ao Rei. Os Templários, não podendo opor-se directamente a tal força, acabaram por cumprir a sua função de forma discreta, protegendo o Graal, que foi retirado secretamente da fortaleza de Montségur antes que esta caísse nas mãos dos cruzados, ficando sobre a sua protecção. As forças negras da Fraternidade acabaram por provocar um dos maiores massacres da história da Europa, mas o Graal ficou a salvo não caindo nas suas mãos, como nunca iria cair, apesar de todas as outras campanhas que iriam ser realizadas com esse fim.

» Em Portugal, a nação do Cristo estava a ser consolidada e preparada para receber o Graal, enquanto em França os movimentos ocultos da Fraternidade tudo faziam para saber do novo paradeiro do Graal, o que viriam a descobrir mais tarde, levando a uma nova e sanguinária campanha, desta vez contra os Templários. Agindo nos bastidores da política e da religião, influenciaram o Rei de França nas perseguições contra os Templários, culminando com a extinção da Ordem em França.

Madalena olhou para mim com uma expressão terna, como uma mãe que conta uma história de embalar a uma criança, pois era como se tudo aquilo que ela contava, e que tanto significava para mim, para ela fosse apenas um Jogo do mundo.

— E é apenas um Jogo, Vera — disse ela lendo os meus pensamentos — Dentro de uma dimensão dual e tridimensional, o bem e o mal existem como realidades opostas que se confrontam como se estivessem sobre um palco, onde é necessário dar expressão a um roteiro escrito por mãos superiores, mas, nos planos onde nos encontramos agora, não existe nem o bem nem o mal, o certo e o errado, mas apenas as experiências necessárias para o crescimento dos mundos. Nada existe fora da vontade de Deus, Vera e, por isso, todo o drama humano

é apenas a representação dessa Vontade como forma do mundo poder despertar para a sua verdadeira condição. Tanto a Fraternidade como a Irmandade, são operadores para a evolução dos mundos, campo de experiência para as Almas na sua evolução. E, embora, enquanto personagens dessas histórias, nos ocupemos com um determinado papel — e o nosso foi o de estar ao serviço da Irmandade —, na verdade, enquanto seres despertos para uma realidade não dual, não existe nem a Fraternidade nem a Irmandade, mas apenas a Vida, nas suas múltiplas formas de expressão para que, no fim, só fique a única realidade existente que é o Amor.

No lago, vi então a imagem de uma rainha. Quanta candura brotava do seu rosto.

— Ali está Isabel, rainha de Portugal. Desde muito jovem que foi acompanhada por mim. Os laços que nos uniam eram profundos, não tivesse sido ela Sara, minha filha e de Jesus. Muito rapidamente Isabel passou pelas iniciações, tendo recebido a quarta iniciação, a crucificação, em Alenquer onde ficou cativa das dores do mundo, vivendo-as na sua carne terrestre. Quando deixou aquela vila e rumou a Dornes para viver a quinta iniciação, estava pronta para partir para os outros planos de consciência, mas assim não foi. A quinta iniciação, que Isabel recebeu dentro da torre pentagonal de Dornes, é um dos mais belos processos iniciáticos, conhecido, dentro da poética espiritual, como o Matrimónio Superior. Quando a noiva, a Alma, se eleva do plano intuitivo até ao plano espiritual e encontra o noivo, a Mónada, que desce do plano monádico e ambos, sobre as vestes do Corpo de Luz que foi tecido ao longo das encarnações pelo próprio Ser, se juntam num único núcleo consciente, dá-se essa união sagrada que unificará toda a expressão vertical do Ser. Um ser com a quinta iniciação, é alguém que pode operar com total liberdade desde a terceira até à sexta dimensão, tendo um domínio total sobre a matéria, de tal modo que poderá materializar e desmaterializar essa mesma matéria, incluindo o seu próprio corpo. E, embora depois de um processo destes o Ser passe para outras dimensões e opere a partir destas, com Isabel assim não aconteceu, já que ouve uma unificação das nossas consciências e eu passei a agir de forma directa através de si. A partir de então, não havia mais diferença entre

nós, e os destinos de Portugal passaram a ser dirigidos por mim directamente, não por inspiração, mas de forma encarnada através de Isabel. Após este processo, o rei D. Dinis ficou em segundo plano e os destinos de Portugal passaram a ser conduzidos pela rainha que era eu própria.

» Com a minha chegada, o Graal podia finalmente vir para Portugal. Ordenei que o Convento de Cristo fosse preparado para o receber e fundei a Ordem que em Portugal iria ter o mesmo papel que os sacerdotes Cátaros tiveram em França. A Ordem de Cristo era, por isso mesmo, uma ordem sacerdotal e a responsável por velar pelo Graal e pelas cerimónias a realizar em torno do mesmo, enquanto a Ordem de Aviz seria a Ordem militar que passou a ter o mesmo papel que os Templários tiveram em França e que era a de proteger o Graal. Ordem essa que, desde a sua criação, usou a flor-de-lis nas suas insígnias, como símbolo oculto do Graal e que, mais tarde, iria ter um papel decisivo na protecção do mesmo. Três sacerdotes da nova Ordem de Cristo foram enviados a França antes da execução do Grão-mestre dos Templários e a este se dirigiram com um mandato divino para que o Graal lhes fosse entregue. E assim foi. Quando a Fraternidade conseguiu extinguir a Ordem dos Templários, já o Graal não se encontrava na sua posse mas nas terras que foram fundadas para o receber. Na charola do Convento de Cristo, foi colocado o Graal e ali várias cerimónias se realizaram dando continuidade ao trabalho iniciado por Seraphis Bey no templo da Ascensão em Karnac, todas elas oficiadas por mim através de Isabel. Ali preparámos a segunda iniciação de Portugal, que deveria acontecer mais tarde, assim como a preparação da activação das campânulas por onde o Graal circulara mil anos antes. Essa activação, no entanto, implicava que o Graal fosse levado fisicamente aos mesmos lugares, e essa seria uma tarefa reservada a um outro ser que acabou por não conseguir cumpri-la por interferência directa da Fraternidade. No entanto, todo o trabalho que tinha que ser realizado no reinado de Isabel, cumpriu-se.

Vi então a imagem de uma criança que brincava numa rua empedrada, quando um homem, imponente, muito bem vestido, se aproximou. Ela fixou-o, ficando em silêncio. Ele baixou-se, passou a mão pelo seu rosto e disse-lhe que era muito bonita e inteligente.

— Quem é esta criança? — Perguntei de lágrimas nos olhos.

— Diz-me tu, Vera. Quem é ela?

— Sou eu, não sou? — As lágrimas escorriam sem parar.

— Sim, és tu. O teu nome era Inês de Castro e aquele homem que ali vês é o Grão-mestre da Ordem do Monastério do Sinai. Desde muita nova que tu foste detectada pela Fraternidade, pois tinhas uma missão nuclear a desempenhar em Portugal. Sabendo eles que eras um dos membros da Ordem de Mariz, rapidamente tomaram conta de ti, convencendo os teus pais que deverias ser educada por eles, por seres alguém muito especial que deveria estar ao serviço de Deus.

Madalena fez uma pausa por perceber o quanto aquela história mexia com o meu ser. Não conseguia parar de chorar.

— Cresceste rapidamente dentro da ordem e tornaste-te um dos elementos mais importantes, julgando que estavas ao serviço da Luz, sem saberes que, por detrás da Ordem estava a Fraternidade. Acabaste por levar para a Ordem os teus irmãos e juntos traçaram os planos para recuperar o Graal e o trono de Portugal. Desde o princípio, foste levada a acreditar que a Ordem era aquela que detinha o direito espiritual de possuir o Graal, que Portugal tinha usurpado para si, e que este deveria regressar ao seio da Ordem. Foste preparada, ainda muito jovem, para a tarefa de te tornares Rainha de Portugal e de trazes o Graal para a Ordem do Sinai.

Vi Inês ser levada para Portugal como uma das aias de Constança, futura esposa de Pedro.

— Inês tinha objectivos muito claros, que passavam por seduzir o infante e tornar-se sua amante para que, junto deste pudesse descobrir onde se encontrava o Graal. Rapidamente se tornou amante, o que não lhe foi difícil devido ao forte magnetismo que exercia sobre Pedro através de uma das técnicas treinadas na Ordem, o controle da energia sexual com o objectivo de seduzir e manipular. E, embora Pedro não soubesse ainda da existência do Graal, já que este era apenas do conhecimento do Rei e do grão-mestre das duas ordens, Inês tinha de ganhar terreno para que um dia se pudesse tornar rainha de Portugal. A Ordem, no entanto, tinha outros planos, já que não era do seu interesse que Inês se tornasse rainha, pois, como rainha, a sua função

mais interna ser-lhe-ia revelada e na presença do Graal a ligação com a Ordem seria quebrada. Os planos passavam por conseguir que um dos seus filhos viesse a ser rei de Portugal e, com o apoio dos irmãos de Inês, colocá-lo do lado da Ordem. Filhos, esses, à excepção de um, que não eram de Pedro mas sim do grão-mestre da Ordem com quem Inês sempre manteve uma ligação amorosa, encontrando-se com regularidade. Esses planos acabaram por não se concretizar, no entanto, apesar dos conselheiros do rei Afonso IV, pai de Pedro, que operavam sob a influência da Fraternidade, o terem aconselhado a permitir o casamento entre ambos, o que acabou por não acontecer, tendo a Ordem de pôr em marcha um segundo plano. Este passava pelo assassinato do rei D. Fernando, filho de Pedro, que colocaria o trono de Portugal nas mãos dos Espanhóis, pelo facto da sua filha ser casada com o rei de Espanha. E, a partir do momento em que Portugal passasse para as mãos dos espanhóis, a Fraternidade poderia actuar livremente em Portugal.

— E porque foi Inês assassinada? — Perguntei.

— Existiam dois seres muito influentes junto do Rei Afonso IV, que eram instrumentos directos da Fraternidade, como te disse. Ao contrário de Inês, que tinha sido formada nas suas escolas, estes seres eram manipulados do plano astral pela Fraternidade, devido à sua mediunidade que era usada como veículo para que esta se expressasse através deles. Como não era do interesse da Ordem que Inês se tornasse rainha e, ao mesmo tempo, era de todo o interesse saber onde o Graal se encontrava, esses seres conseguiram convencer o Rei de que Inês estava ao serviço de Castela e que tinha a tarefa de se tornar rainha de Portugal para se apoderar do Graal e que a única forma do rei conseguir comprovar isso seria testar Inês, fazendo com que alguém a levasse à presença do Graal, podendo então o rei justificar o seu assassinato pelo risco à soberania do país e à sua tarefa mais oculta. E assim foi. Inês caiu no engodo e, ao ser levada à presença do Graal, acabou por assinar a sua própria sentença.

Vi então as imagens de Inês a entrar na charola do convento de Cristo e as lágrimas voltaram a escorrer pelo meu rosto. O colar que trazia ao pescoço, que era um símbolo da sua ligação com a Ordem, quebrou-se assim que ela entrou, caindo aos seus pés. Estava livre da

influência da Fraternidade e desperta para uma realidade que lhe mostrava o equívoco em que se encontrara durante anos. De joelhos diante das três pedras, prostrada pela culpa que tomara conta de si, Inês resignou-se ao destino que a aguardava, pois ali mesmo percebeu que tinha sido traída e que iria ser assassinada.

Naquele momento, ela sentiu o amor por Pedro como nunca antes tinha sido possível sentir, por estar dentro da esfera da Fraternidade. Ali, pela primeira vez, como nunca antes, era Pedro que ela queria ter a seu lado, abraçá-lo, pedir-lhe desculpas e dizer-lhe do fundo do seu coração o quanto o amava. Mas era tarde. Nunca Inês deveria ter sido levada à presença do Graal antes de se tornar rainha de Portugal, pois ficaria numa posição frágil e, sabendo isso, a Fraternidade tudo fez para que assim acontecesse.

— Mas assim a Fraternidade ficou sem saber onde se encontra o Graal — disse eu, limpando os olhos das lágrimas.

— A Fraternidade não é um núcleo físico, encarnado, mas um núcleo que opera do plano astral, sendo a Ordem apenas um dos seus instrumentos. E, estando Inês ligada a esse núcleo astral de forma telepática, no momento em que entrou na charola, a Fraternidade ficou a saber onde o Graal se encontrava, antes da ligação ter sido quebrada.

— E quais foram as implicações destes acontecimentos?

— Profundas. Houve um corte na programação de Portugal com este episódio. Não só Inês não cumpriu a sua tarefa que era, como rainha de Portugal, levar o Graal por todas as campânulas que foram criadas mil anos antes, ativando cada uma delas, como os trabalhos iniciáticos, que se realizavam na charola do convento de Cristo, tiveram que ser interrompidos e o Graal posto em segurança num outro lugar. E assim foi. Pelos túneis subterrâneos, o Graal deixou o Convento e foi levado para a Igreja de Santa Maria do Olival onde ficou guardado. O programa de Portugal estava temporariamente suspenso. Inês acabou por ser conduzida para Coimbra onde a sua morte foi, mais que um simples assassinato, um ritual de magia negra realizado pelos seres que operavam junto do rei e que queriam garantir que a Alma de Inês ficaria aprisionada e impossibilitada de expressar a sua função naquelas terras, por todas as encarnações futuras. E na verdade, Vera, depois desta tua Vida como Inês, nunca mais encarnaste em Portugal a não ser agora.

Observei todo o ritual e uma dor imensa invadiu o meu peito. No final, já na posição dobrada para que a cabeça fosse cortada, vi Bernardo de Claraval aparecer, num outro plano, e colocar a sua mão direita sobre a minha cabeça, retirando-me daquele contexto antes que o machado caísse sobre o pescoço, e assim, quando a cabeça foi cortada a minha Alma já lá não se encontrava.

— E o que aconteceu com Pedro?

— Ouve uma revolta imensa em Pedro que prometeu vingarse de todos. A sua Alma encheu-se de cólera e ódio. Quando foi feito rei pode compreender as razões oficiais por detrás da morte de Inês, já que lhe foi revelado a existência do Graal, mas não as aceitou. Acabou por conseguir junto de monges cistercienses, orientados por Bernardo, a compreensão das verdadeiras razões que levaram à sua morte; da existência da Fraternidade que sempre a manipulou e que manipulou seu pai, o que não foi, no entanto, suficiente para apaziguar o seu coração. Não só assassinou os carrascos de Inês, como prometeu vingança contra a Ordem, comprometendo-se, ele mesmo, a cumprir a tarefa que estava destinada a Inês. Só que Pedro não tinha muito mais tempo de vida para cumprir essa tarefa, o que levou os Conselhos de Anuea e eu mesma a tomar a decisão de permitir que ele encarnasse de imediato para cumprir essa vontade e apaziguar a sua Alma.

Vi então no espelho do lago a imagem de uma criança numa cama, como se estivesse doente. Parecia que as pessoas em volta de si não tinham grandes esperanças que esta recuperasse, tal a tristeza que manifestavam.

— Foi nesta criança de sete anos que Pedro encarnou. Não estando ainda concluída a encarnação plena do ser, que acontece apenas por esta idade, a Alma do ser que se encontrava neste corpo retirou-se e a Alma de Pedro pode tomar o seu lugar. Quando o processo foi concluído a criança saiu do coma e recuperou rapidamente. Esta criança iria ter um papel chave na história de Portugal, talvez dos mais importantes, pois ali estava uma Alma sedenta de justiça e pronta para colocar de volta nos seus trilhos a programação de Portugal. O seu nome era Nuno Álvares Pereira. Desde muito jovem que sentiu uma atracção forte por todas as histórias ligadas ao Graal, ao Rei Artur, pois também ele fizera

parte dos cavaleiros da Távola redonda numa encarnação anterior, onde os doze de Mariz se reuniram diante do Graal, preparando os tempos futuros. Quando a Fraternidade resolveu agir, assassinando pela mão de um dos seus membros, conhecido como Conde Andeiro, o rei D. Fernando, para que Portugal passasse para as mãos de Castela e assim a Ordem pudesse entrar livremente no país, Nuno passa por uma iniciação que o torna consciente da sua missão e de quem tinha sido na encarnação anterior. Tendo consciência de tudo o que tinha vivido como Pedro, avança sem vacilar para repor a programação interna de Portugal de volta nos seus trilhos e impedir que a Fraternidade conseguisse dominar em Portugal. Uma das suas primeiras acções foi deslocar-se à Igreja de Santa Maria do Olival onde foi buscar o Graal que a partir de então esteve sempre consigo. Todas as batalhas em que Nuno se envolveu, foram travadas com o Graal nos alforjes do seu cavalo. Colocando-se ao lado de João Mestre de Aviz, aclamado Rei de Portugal nas cortes de Coimbra, onde a Fraternidade tudo fez para colocar no trono João, tido como filho de Pedro e Inês, mas que, na verdade, era filho do Grão-mestre da Ordem, Nuno tornou-se o braço direito daquele que era seu filho e que, como Mestre de Aviz, tinha pleno conhecimento da existência do Graal que lhe competia proteger. E como primeira acção, após ser investido pelas cortes como o novo rei de Portugal, matou o conde Andeiro que ele sabia ser um representante directo da Ordem do Sinai, em Portugal.

» Em Espanha, a Fraternidade começou a actuar fortemente através dos rei de Castela para que Portugal fosse invadido, sempre com outros pretextos que não os de se apoderar do Graal cuja existência não era do conhecimento de Castela. A invasão justificava-se para garantir os direitos de Beatriz, filha de D. Fernando e casada com o rei de Espanha, ao trono de Portugal, o que implicaria a anexação de Portugal por Espanha e a perda da Independência. Sendo Portugal parte de Espanha, o Graal rapidamente iria para as mãos da Fraternidade que assim poderia avançar com os seus planos mais ocultos, que passavam pela criação de um reino unificado da Europa sobre a regência de um descendente directo de Jesus e de mim mesma. Tendo na sua posse a Arca da Aliança, e sem a presença do Graal que pudesse anular o seu poder, rapidamente a Ordem conseguiria subjugar os reinos da Europa e impor as suas pre-

tensões. Mas o que a Ordem não sabia é que na frente dos exércitos de Portugal estava aquele que tinha sido Pedro e que prometera vingar-se da Ordem por tudo o que esta tinha a feito a Inês e a Portugal. Embora já não imbuído desse ódio, e mais consciente da sua função, Nuno, pleno do Amor da sua Alma, cumpriu de forma exacta aquilo que lhe estava destinado.

Vi então o exército de Portugal pronto para a Batalha e mais afastado, em recolhimento, estava Nuno sentado diante do Graal num profundo estado meditativo. A única pessoa que conseguia aproximar-se, tal era a energia nesses momentos, era João mestre de Avis.

— Nuno tinha nesta altura a terceira iniciação que corresponde à transfiguração de Jesus onde este entrou em contacto directo com a sua regência Hierárquica, passando a ser um prolongamento desta. Com esta iniciação, Nuno ligou-se directamente com o seu mestre directo, que sempre foi João o apóstolo. A energia da sua Alma passou a fluir através dos seus corpos e com essa fluência houve a absorção completa da personalidade que só na iniciação seguinte, que Nuno iria receber quando se tornou frade e abdicou de todas as riquezas do mundo, seria dissolvida. É com a terceira iniciação que o ser entra verdadeiramente ao serviço do plano evolutivo, tornando-se um prolongamento directo da Hierarquia. Um ser que vive este processo é alguém que já está em total harmonia física, paz emocional e silêncio mental. A partir daqui não há mais como retroceder, nem as forças involutivas de âmbito planetário poderão mais desviar o ser do seu caminho. Por isso, Vera, na frente dos exércitos de Portugal estava um Iniciado e a seu lado o Cristo através do Graal cujo energia chegava a todo o exército pelo toque do Espírito Santo.

Vi as imagens de várias batalhas e a facilidade com que estas eram vencidas, umas a seguir às outras, tal a motivação e a inspiração dos seus soldados.

— Uma vez mais a Fraternidade não conseguiu se apossar do Graal. Falharam no Sul de França quando exterminaram os Cátaros. Falharam quando extinguiram os Templários. Conseguiram algum sucesso com Inês, mas logo falharam ao tentarem invadir Portugal. A Irmandade, operando através dos seus filamentos encarnados, acabou por

conseguir impedir que o Graal caísse nas mãos erradas. Depois de João subir ao trono preparou-se de imediato o seu casamento com Filipa de Lencastre, que trazia consigo, através da sua ligação com a Ordem da Jarreteira, toda a tradição do Graal em Inglaterra, unificando esta com a Ordem de Aviz. O verdadeiro casamento dos dois não aconteceu no Porto, mas no mosteiro de Alcobaça, numa cerimónia privada onde apenas João, Filipa e Nuno, como sacerdote, se encontravam presentes diante do Graal.

As imagens da cerimónia apareceram no espelho do lago, em que Nuno, por detrás do Graal, e João e Filipa à sua frente, selavam aquela união, abençoada pelo Cristo que ali estava presente.

— Depois desta cerimónia, Nuno ainda travou mais algumas batalhas junto à fronteira para garantir e assegurar que nenhuma outra tentativa de invasão iria acontecer e assim poder despir em definitivo os seus trajes de Cavaleiro e assumir os trajes de Sacerdote. Podia finalmente ocupar-se em exclusivo com a tarefa que Inês não pode realizar e assim colocar Portugal de volta nos seus trilhos programáticos. Com o Graal junto de si, deslocou-se por todo o país, levando este aos lugares onde as campânulas tinham sido criadas quando eu, João e os doze estivemos nestas terras. Ali, tal como um diapasão que afina as cordas de uma guitarra, o Graal, cuja nota tinha sido afinada nas cerimónias que se realizaram na charola do Convento de Cristo e oficiadas por mim, através de Isabel, activou cada uma dessas campânulas que passaram a emitir o Som da Nova Terra que desperta, sendo pontos Luz da presença do Cristo, através da radiação do Espírito Santo.

» Esse périplo terminou em Sintra, onde o Graal foi colocado numa gruta na qual mais tarde construir-se-ia uma capela que já não existe. Ali, sob a vigilância dos sacerdotes, mais que cavaleiros, de Cristo, os rituais ligados à ascensão da matéria e à manifestação do Espírito Santo puderam continuar em segurança, dando continuidade ao trabalho que veio do Templo da Ascensão no Egipto e que depois teve continuação na charola do Convento de Cristo. E terminou aqui a tarefa de Nuno. Após ter entregue o Graal nas mãos dos sacerdotes, tal como Bernardo o fizera ao entregá-lo aos Cátaros, Nuno despiu definitivamente os trajes de cavaleiro e tornou-se frade. Doou todos os seus bens

e recolheu-se no convento do Carmo que mandou construir. Ali viveu a quarta iniciação, tal como Isabel a vivera em Alenquer, e no fim da sua vida, momentos antes de desencarnar, recebeu a quinta iniciação que corresponde à ressurreição de Jesus. A sua Alma estava finalmente pacificada, depois dos tormentos vividos enquanto Pedro, e a programação interna de Portugal restabelecida.

» O reinado de João I foi o início da preparação da segunda iniciação de Portugal que levaria o país para o deserto, tal como Jesus que, após o baptismo, teve que enfrentar esse mesmo deserto. Mas foi pela mão do Infante D. Henrique, que foi um instrumento directo de João, o apóstolo, tal como Isabel fora de mim mesma, que essa preparação foi efectuada de forma mais directa. A Presença da radiação de João através do Infante, fez com que, durante esse período, a Fraternidade tivesse ficado totalmente cega em relação a tudo o que se passava em Portugal e, assim, os planos de preparação da nova iniciação puderam desenrolar-se em total segurança. Preparou, de igual forma, a abertura dos caminhos que levariam cada uma daquelas pedras que formavam o Graal aos seus destinos planetários, tecendo, no etérico planetário, os códigos da implementação do novo império, o império do Espírito Santo. A abertura dos caminhos marítimos não tinha como objectivo procurar rotas de comércio mundial na busca das especiarias ou do ouro, mas as rotas pelas quais as pedras chegariam aos seus novos destinos. Para oriente, era necessário chegar à Índia para onde seria levada a pedra de polaridade masculina que dali rumaria aos Himalaias para ser recolhida no centro de Shamballa. Para ocidente, era necessário chegar ao Brasil, para onde seria levada a pedra de polaridade feminina que dali rumaria para os Andes, mais precisamente para o lago Titicaca, rumo a Miz Tli Tlan, ou Paititi, como os Incas chamavam a esse centro. A pedra central seria levada para a ilha de São Miguel, nos Açores, e ali recolhida ao centro de LYS, embora mais tarde, já nos tempos modernos, tivesse sido trazida para Anuea. Teríamos assim o Graal em dimensão planetária na preparação da descida do Cristo sobre este planeta. Os planos foram executados de forma exacta, tanto na preparação das rotas marítimas como na preparação do baptismo de Portugal que iria acontecer no início do século dezasseis. Este trabalho, no entanto, não pôde ser finalizado durante o período de vida do Infante e um outro ser foi incumbido de lhe dar continuidade.

Vi então uma longa sala de paredes de pedra. Ao fundo, uma janela ampla deixava entrar a luz do sol que tornava visível a poeira no ar e sob essa luz uma criança de três anos brincava com uma espada de madeira, lutando com o aio. A criança estava muito compenetrada com aquele jogo e com o manejo da espada, levando tudo muito a sério. Foi então que vi entrar, no extremo oposto da sala, o Infante que se sentou num banco e ali ficou, em silêncio, de olhos na criança. Nenhuma palavra foi dita, nem a criança se apercebeu da sua presença.

— Aqui o Infante delegou internamente naquela criança a tarefa de dar continuidade ao seu trabalho. Essa criança viria mais tarde a tornar-se o rei João II. Antes de desencarnar, o Infante entregou ao Grão-mestre da Ordem de Cristo uma pasta com um documento, ordenando que este fosse entregue a João no dia da sua coroação como Rei quando este fosse levado à presença do Graal. Esse documento, altamente secreto, que tinha sido entregue ao Infante por um Ser de Anuea, era algo essencial para a execução da tarefa que João teria pela frente e que nada mais era que o mapa do mundo tal como nós o conhecemos hoje. Quando João é reconhecido como o novo Rei, em Sintra, e é levado à presença do Graal, o documento é-lhe entregue e com base no mesmo, toda a estratégia das rotas marítimas é traçada. Tínhamos assim João II como o único rei do mundo que sabia exactamente como era o planeta e onde estava cada continente, e foi com base nesse conhecimento que recusou a proposta de Colombo em descobrir a Índia pelo ocidente, já que ele sabia que as terras que ali estavam eram outras e que estas não eram importantes para a tarefa de Portugal, assim como o ajudou a definir o meridiano exacto onde a linha de Tordesilhas deveria ser traçada, de forma a incluir o Brasil, rota necessária para o trajecto da pedra de polaridade feminina que deveria chegar aos Andes. Para além desta tarefa, o Rei ainda tentou que Espanha fosse incorporada a Portugal casando o seu filho com a filha do rei de Castela, o que seria um golpe nas pretensões da Fraternidade que perderia todo o seu poder. Estratégia essa que fez com que a Fraternidade se movimentasse e nos bastidores acabasse por assassinar o infante. Através de João II, as rotas foram abertas e Portugal, já no reinado de D. Manuel, o último Rei que teria conhecimento sobre a existência do Graal, poderia finalmente receber o seu baptismo, a segunda iniciação.

Vi então doze seres reunidos dentro de uma gruta no centro da qual estavam as três pedras. Era o início da cerimónia do baptismo de Portugal.

— Durante esta cerimónia, tu estavas encarnada como Virgem do Sol nos Andes Peruanos. Foste preparada para te tornares aquela que iria acompanhar o ser que receberia a pedra de polaridade feminina das mãos dos três sacerdotes de Cristo que a levariam até lá. Esse ser é hoje a tua filha, a Maria. Com o baptismo de Portugal, o Graal deixou este país, seguindo cada uma das pedras os seus destinos planetários. Cada pedra foi entregue a três sacerdotes da Ordem de Cristo que depois rumaram a uma das praias do Cabo da Roca e dali partiram para as respectivas naus que se encontravam ao largo.

Vi-me então enquanto Sacerdotisa do Sol, junto com a Maria e um outro ser. Nas margens do lago Titicaca, três Cavaleiros de Cristo aproximaram-se de nós, realizando-se uma cerimónia diante da pedra que foi exposta e colocada nas mãos da Maria onde brilhou numa intensidade que nos fez afastar o olhar. Para eles foi a confirmação que a pedra tinha encontrado o seu destino.

— Tal como o Jesus-Homem, também o Jesus-Nação foi levado para o deserto, depois do baptismo onde se encontra até hoje. No deserto, a Alma de Portugal recolheu-se e o destino deste país passou para as mãos e para o livre arbítrio dos homens não sendo mais conduzido directamente por nós. Era necessário agora que o país expurgasse os seus demónios e vivesse a secura total para que, mais tarde, pudesse finalmente assumir a sua missão. Os reis seguintes foram reis humanos, sem inspiração divina, já que durante a travessia do deserto nenhum dos doze de Mariz encarnou em papéis de liderança, como acontecera no passado. E foi um desses reis, alimentando um sonho humano de conquistas divinas, submerso pelo ego, pelos desejos e pela acção psíquica da própria Fraternidade, que acabou por levar Portugal a perder a sua independência e a abrir caminho para que a Ordem do Sinai se instalasse em definitivo neste país, trazendo com ela a inquisição, que já no reinado de João III tinha começado a instalar-se. Devido ao recolhimento da Alma de Portugal e ao facto do deserto ser algo necessário no processo iniciático do país, a Hierarquia Espiritual não interferiu, dei-

xando que Portugal vivesse as experiências necessárias para o seu crescimento e amadurecimento antes que pudesse assumir a sua tarefa final. O mito que nasce com a perda da independência nada tem de Divino, é um mito humano, reflexo do fracasso dos homens e da sua ambição espiritual. Estamos hoje no limiar da terceira iniciação, em que a Alma de Portugal se fará novamente presente e em que os destinos do país serão novamente conduzidos pelo alto. Um dos doze de Mariz irá ter, daqui a alguns anos, um papel de liderança, implementando as medidas necessárias para que Portugal se cumpra finalmente. E tu serás alguém que irá estar junto desse ser, assim como a Maria.

Ela levantou-se, fazendo-me sinal para que caminhássemos na direcção do templo onde entrámos. Ali dentro, era como se todas as forças ficassem suspensas. No centro do templo, estava a pedra central, sobre um pedestal de pedra. A sacralidade daquela pedra era de tal forma intensa que não consegui evitar ajoelhar-me e assim fiquei por algum tempo, um tempo indefinido, que tanto poderiam ter sido alguns segundos como uma pequena eternidade. As imagens de Inês diante do Graal fizeram-se presentes. Estar de novo na presença daquela pedra era limpar o carma que ficou em suspenso, por não ter cumprido a minha tarefa, como se o Universo, que era eu mesma, me perdoasse e me libertasse e, com esse perdão, toda a magia que fora realizada pela Fraternidade sobre a minha Alma, fosse anulada. Estava livre, finalmente, e podia assumir a tarefa de levar aquela pedra de volta à superfície, para que Portugal se pudesse cumprir. Madalena pediu que me levantasse e assim fiz, caminhando até junto da pedra. Ela pegou na pedra e colocou-a nas minhas mãos, sorrindo.

— Tudo foi como tinha que ser, Vera, pois nada existe fora da Vontade de Deus. Chegou a hora de reunir os doze de Mariz para que Portugal se cumpra e o Cristo possa, finalmente, encarnar o planeta inteiro.

## CAPÍTULO XX

NA MANHÃ DO DIA SEGUINTE, DEIXEI O EDIFÍCIO CENTRAL ONDE dormira num dos quartos reservados aos viajantes, caminhando por um trilho de terra que subia até ao topo de um pequeno monte. Sentei-me junto de uma das falésias de braços em volta dos joelhos e olhar perdido no horizonte distante. Os meus cabelos rasteiros dançavam com a brisa fresca que subia desde o vale, enquanto sintonizava as imagens que o passado representara em encenações consecutivas. Recordava três das encarnações que tivera nos últimos dois mil anos, fazendo dessas vidas promessa de um encontro comigo mesmo. Primeiro sob a forma de um amor alimentado pelas palavras que partilhámos, sem conhecer o rosto um do outro, aprendendo a lição do desapego, depois sobre a forma de um olhar concretizado pela presença de alguém que também era eu, mas que a distância forçada de um destino separou na vocação sincera que fez dela Virgem do Sol. E por fim, a concretização de um encontro prometido, na fé e no amor que sempre partilhámos, mas que, mais uma vez, fora adiado, pela importância maior de uma missão que nos propusemos cumprir, enquanto seres auto-convocados para servir nos tempos presentes. Sabia que tinha tido muitas outras vidas, muitas delas em Portugal, mas dessas nada recordava.

Momentos depois, desci o monte pelo carreiro que ali me tinha levado. O vale espreguiçava-se lá em baixo, num imenso tapete verde-

jante, reflectindo os tons coloridos dos edifícios das várias comunidades que dali se podiam observar, na geometria perfeita de longos círculos concêntricos. À medida que me aproximava, a melodia do período dos afazeres tornou-se audível aos meus ouvidos, alertando os novatos que convergiram para o edifício central com os produtos cultivados pelas suas respectivas famílias. Dispersaram-se depois pela comunidade, desempenhando as tarefas que lhes eram atribuídas e que cada um cumpria sem fazer disso um sacrifício; era um dever que não era imposto, mas aceite, na responsabilidade de quem tinha plena consciência da importância de tais tarefas. Era um sítio onde não havia espaço para o conflito, pois todos respeitavam as leis que davam forma àquele lugar, não pela imposição de algo, ou pelo medo de castigos, mas pela naturalidade de quem tinha o bem-estar da comunidade como prioridade. E, depois, não era um sacrifício prestar tais serviços, mas uma alegria que cada um expressava, na certeza de que tudo era uma só coisa. Prejudicar o todo, era ferir cada uma das partes.

Já no jardim central, depois de ter atravessado a avenida principal que contornava o edifício comunitário, observei o mestre com quem falara no dia anterior. Aproximei-me, sentando-me a seu lado.

— Mestre! Poderei agora saber um pouco mais deste lugar?

Ele sorriu perante a minha impaciência.

— Sim. Creio que já estejais pronto para compreenderdes este e outros lugares que ainda são secretos para a maioria dos homens encarnados.

— E que lugares são esses?

— Primeiro, deixai-me contar-vos uma história quase tão antiga quanto o próprio Planeta... uma história que não é minha, e que não foi vivida por mim, mas que me foi transmitida pelos mais sábios e que nos fala da terceira Raça que habitou a Terra... — ele fez uma breve pausa. — Essa civilização antiga, era uma civilização de grandes feitos tecnológicos, embora primitiva na sua espiritualidade. Nós, hoje, temos um conhecimento desse mundo espiritual que podemos rejeitar por nele não acreditarmos, mas esse povo nem sequer punha a possi-

bilidade de tal existência, pois desconhecia-a por completo. Era uma civilização cujo pensamento assentava na lógica e na razão, uma razão pragmática, fria, calculista, onde não havia espaço para os sentimentos. Apesar de tudo, eram um povo pacífico e civilizado, pois respeitavam religiosamente as leis por eles impostas. Viviam acomodados às virtudes e benesses de uma tecnologia que tudo lhes dava, tal como um filho que, ainda criança, vive acomodado ao conforto e à protecção dos pais. A sua tecnologia permitia-lhes realizar coisas que estão muito para além da tecnologia dos homens de hoje, como, por exemplo, a decomposição da matéria e a sua consequente composição noutra qualquer. Com o tempo, e à medida que a civilização evoluía na sua crescente mecanização, cada pessoa passou a ter uma máquina dessas em casa tal como as pessoas de hoje têm telefone. O seu conhecimento científico permitia-lhes fazer quase tudo; poucos eram os segredos para eles. Mas chegou um dia em que toda aquela tecnologia se desmoronou. Num curto período de tempo, o teor radioactivo da atmosfera subiu, paralisando por completo aquele monstro tecnológico. Viram-se assim perdidos tal como uma criança que se perde dos seus pais. Não tinham progredido como raça, acomodando-se às virtudes da sua civilização mecanizada que agora falhava, deixando-os completamente indefesos. Tiveram então que deixar as cidades, fugindo para as florestas e, mais tarde, quando o teor radioactivo aumentou no planeta, para o interior da Terra. Os mais sábios, ignorados durante o período que precedera a catástrofe, começaram então a relatar por escrito as histórias daquele povo, os perigos de uma tecnologia demasiado avançada sem a consequente compensação espiritual. Seria um aviso para as gerações futuras, uma forma de evitar que os mesmos erros fossem cometidos. Nesses mundos subterrâneos, tiveram a oportunidade de começar de novo como raça consciente e equilibrada, iniciando a construção de uma nova civilização. Durante gerações, ignoraram a existência de um mundo na superfície que era lembrado apenas na forma de lendas e mitos, e assim viveram no interior da Terra. Séculos depois, após uma evolução lenta mas segura, encontraram-se diante do mesmo dilema dos seus antepassados. Ao descobrirem alguns dos segredos do átomo puderam

compreender os avisos deixados pelos sábios do passado, em livros para eles até então enigmáticos. Avisos, esses, que não foram ignorados. E foi então que se deu a grande descoberta: a energia On, proveniente das estrelas e que lhes chegava através de poços magnéticos. Com o domínio dessa energia, deram grandes passos rumo a uma perfeição não apenas tecnológica, mas, acima de tudo, espiritual. A própria energia trazia em si a harmonia do todo, pois era como se fosse um pedaço da onnipresença e omnisciência da consciência universal. Podia ao mesmo tempo destruir e criar, ferir e curar. Através de uma das subdivisões dessa energia, a energia Vrill, entraram em zonas ainda mais profundas da terra, desmaterializando a rocha à sua passagem, e assim construíram novas cidades permitindo que a civilização intraterrena pudesse crescer saudável e consciente dos verdadeiros propósitos do homem. Antes dessa descoberta, muitos, motivados pelas histórias do passado, resolveram ir à procura do berço da sua civilização. Ao chegarem à superfície ficaram maravilhados com o brilho do sol, com o azul celeste do céu, com o perfume deixado pela vegetação colorida. A natureza tinha recuperado, não havendo mais sinais da contaminação radioactiva. Dos que partiram foram muito poucos aqueles que voltaram, mas estes trouxeram histórias de um paraíso algures na superfície que aguçou a curiosidade e a imaginação dos povos do interior da Terra que, de imediato, se dispuseram a partir rumo a esse novo lugar. Os governantes dos mundos intraterrenos tiveram então de tomar uma decisão firme: proibir a partida para evitar que um dia chegassem à degeneração de outrora. Colocaram um prazo para a volta daqueles que já tinham partido. Findo esse prazo, as portas dos mundos intraterrenos seriam fechadas para sempre. E, assim, a unidade dos povos do interior da Terra foi salva de uma debandada geral que poderia pôr em causa tudo aquilo que já tinham conseguido construir. Na superfície evoluiu uma humanidade paralela que com o tempo esqueceu a sua origem, surgindo o povo Atlante, e assim foram quebrados os laços entre esses dois mundos que nunca mais se encontraram. Logo após os povos intraterrenos terem descoberto a energia On, um novo passo foi dado na sua crescente espiritualização, quando os seres extraterrestres se deram a conhecer e juntos puderam

criar as bases para uma civilização verdadeiramente evoluída. Passaram, a partir de então, a acompanhar os seus irmãos da superfície, voando pelos céus como seus tutores, tendo alcançado o patamar de perfeição para o qual o homem da superfície do planeta ainda caminha. Juntos com os extraterrestres preparam hoje a transformações no Planeta, para que possam regressar, depois da mudança de Ciclo, ao lugar de onde são originários. Esta é a história dos povos do interior da Terra, Taihi.

— Então este lugar é intraterreno?

— Sim, embora nada tenha a ver com essa civilização. Foi criado no fim do ciclo Atlante e para aqui foram transladados todos os seres que se auto-convocaram para acompanhar a humanidade da superfície, nestes tempos difíceis.

— E são muitas as diferenças entre os povos intraterrenos e os povos da superfície?

- Em termos espirituais, sim. São seres que vivem em plena sintonia com o Universo, respeitando as suas leis imutáveis. Já transcendem todas as etapas da reencarnação, não estando mais subordinados ao livre-arbítrio. Para eles não existe a liberdade pessoal, como nós a conhecemos, pois essa é uma etapa ultrapassada. Cumrem apenas as leis que regem o Universo na certeza que tudo é uma só coisa. Não como se fosse uma imposição ou uma obrigação, mas porque ganharam a consciência que lhes permitiu, em liberdade e amor partilhado com todos, aceitar as leis como parte integrante daquilo que são. Em termos físicos, a diferença é muito pouca. Não têm qualquer tipo de pelos, os olhos são ligeiramente maiores e a estatura mais delgada.

Ficámos em silêncio.

— Creio que já não faça mais sentido continuar a minha peregrinação por este lugar — disse finalmente. — Isso que acabais de contar-me não me é estranho. Não recordava essas palavras, mas agora sei que já faziam parte de mim. Acho que posso partir para junto da minha família. Tenho a certeza que novas missões terei pela frente.

— Sim, Taihi. Deveis partir. Estais finalmente pronto para assumir as responsabilidades inerentes à mais antiga das famílias deste lugar. Vós sois como um farol para todos nós, sacrificando uma existência que não vos estava destinada mas que quisestes cumprir por amor a toda a humanidade. Mas essas são as memórias de um outro despertar.

Ele levantou-se, partindo. Resolvi deixar a comunidade, convergindo para o centro daquele lugar onde morava. Sentia em cada passo uma maior proximidade com a Vera, comigo mesmo, com a família da qual fazia parte e que simbolizava a expressão máxima de uma Consciência Maior, cujo nome ainda ignorava.

## CAPÍTULO XXI

MADALENA DEIXARA-NOS JUNTO DO LAGO, NUMA OUTRA ÁREA que não aquela onde nos encontrávamos anteriormente. Nas mãos, tinha uma pequena caixa com a pedra central do Graal. Embora fechada, a energia subia pelos meus braços e estabilizava no coração, dando-me uma segurança e uma paz como nunca antes tinha sentido. A meu lado a Maria caminhava tranquila junto da água, à medida que nos deslocávamos para uma comunidade de casas de madeira que tinha sido construída junto do lago e para onde deveria deslocar-me, assim intuía à medida que nos aproximávamos.

A história que Madalena me contara, em particular a de Inês que se deixara seduzir pela Fraternidade sem o saber, julgando que estava ao serviço da Luz, parecia ser a história de muitos outros seres de valor, que acabaram por servir a causa errada sem o saber, e quando disso se aperceberam apenas ficou uma imensa dor que transportaram por muitas encarnações. Contudo, percebia nesse equívoco uma razão mais oculta, pois permitiu-lhes conhecer por dentro o outro lado, as suas estratégias, e com isso fortaleceram-se e tornaram-se imunes a essas forças. Sabia que, hoje, era impossível a Fraternidade ter algum tipo de acção sobre mim, pois conhecia os seus planos e a sua forma de agir, contudo, quando olhava em volta e via o panorama espiritual vigente, facilmente verificava a ilusão em que muitos se encontravam julgando-

-se ao serviço da Luz quando, na realidade, eram apenas instrumentos nas mãos das forças mais obscuras.

No meu coração, havia apenas gratidão por todas as experiências vividas, mesmo as equivocadas, pois foram estas que me permitiram chegar onde estava e cumprir aquela tarefa que iria activar a função Portugal no mundo e a encarnação definitiva do Cristo na terra. Com uma das pedras do Graal nas mãos, sabia que nada, nem mesmo a Fraternidade com todas as suas falanges, poderia impedir a conclusão dessa tarefa iniciada há dois mil anos atrás. E isso era uma certeza!

Quando cheguei àquela comunidade, um dos seus residentes estava à minha espera. Pediu-me para que o seguisse por um trilho de pedra calcetada que serpenteava por entre as casas e depois por um outro que se afastou destas até um edifício que estava mais distante e que tinha o mesmo formato do templo de Anuea, embora menor. Já lá dentro ele, sem que nenhuma palavra fosse dita, apontou-me o centro da sala, onde uma base de pedra se encontrava e sobre a qual deveria colocar a caixa. Assim fiz, enquanto ele se sentava em meditação, junto de outros que já ali estavam. Percebi que não deveria ficar no templo, saindo e caminhando de volta para o núcleo principal da comunidade onde existia uma maior concentração de edifícios, todos de madeira, embora de formatos diferentes. E foi ali que fui interpelada por uma jovem que me levou até à casa onde os visitantes ficavam alojados, mostrando-me o quarto onde iria ficar e explicando-me as rotinas diárias do espaço. Disse-me depois que estava para começar uma palestra no auditório principal e convidou-me a participar. Aceitei, caminhando com ela e com a Maria até um edifício circular onde se encontrava o auditório. Na comunidade, podia-se respirar as memórias de uma Nova Terra que despertava, pela harmonia, pela ordem, pela beleza, pela forma simples como as coisas eram apresentadas. Sentia-me em casa naquele espaço construído nas margens do lago que sempre me acolheu como uma Mãe. E foi então que, ao entrar no auditório e olhando para o orador, percebi que este era o David. Um sorriso rasgado delineou o meu rosto e uma imensa Alegria brotou do meu peito. Como era bom reencon-

trá-lo. Ele percebeu a minha presença, olhando para mim, e unindo as palmas das mãos diante do seu rosto fez uma pequena vénia.

Sentei-me então num dos lugares, ouvindo-o com atenção.

— Na trilha do discípulo, quando este busca o encontro consigo mesmo e depois com o cosmos, várias são as fases nesse caminhar. Depois do despertar para a sua condição de Ser Espiritual, depois do levantar dos primeiros véus que lhe revelam uma realidade para além do jogo tridimensional, o discípulo — aquele que aspira a se tornar um Servidor — deixa os grupos gregários do mundo e parte na busca de outros caminhos mais de acordo com a sua nova condição.

» Nessa busca, ele encontra outros grupos, grupos de natureza espiritual, e aqui começa a sua saga, onde ele terá de aprender a quebrar os primeiros espelhos daquele que desperta para a sua verdadeira realidade, compreendendo que esses grupos, supostamente evoluídos e capazes de satisfazer as suas novas necessidades, são igualmente gregários, condicionadores da sua própria evolução, capazes, por isso mesmo, de o estagnar na caminhada por ele empreendida.

» Quando o discípulo toma consciência que a travessia desse deserto interno é solitária, quando percebe que o grupo ao qual se vinculou não poderá ajudá-lo nessa caminhada, é que ele se tornará verdadeiramente um discípulo aceite pelo Mestre, pronto para encontrar a sua própria natureza e nesta a expressão da sua condição de Servidor.

» Vendo-se sozinho no deserto, ele terá que se bastar a si mesmo na fé de quem sabe que outras mãos, mais sábias e cientes, conduzem o seu processo. Aqui começa a transição do grupo para o contexto grupal, da unidade gregária para a unidade consciente, da ligação a uma estrutura física e ao seu líder, para a ligação com o Mestre Interno que sempre estará presente em todo o seu percurso.

» Mas afinal qual é a diferença entre um grupo e um contexto grupal? No grupo — e neste caso falamos de grupos espirituais — nós temos um centro, alguém que assumiu para si a responsabilidade de atrair aqueles que irão dar expressão a esse mesmo grupo; um guru ou mentor que, com a sua radiação, alimenta aqueles que estão em torno

de si. Este é um sistema velho. O centro alimenta o círculo que está em torno que, por sua vez, usa esse alimento para manter a própria estrutura criada, fechando-se sobre si mesmo. No plano astral forma-se, então, uma egrégora que, pelo poder investido por aqueles que a alimentam, acaba por se tornar consciente e actuante, escravizando o grupo e o seu líder sobre o poder da sua vontade, enquanto se alimenta, como um parasita, da devoção dos elementos desse mesmo grupo.

» No grupo o apego está sempre presente, pois os seres que estão no círculo em torno do centro, juntaram-se em função do próprio grupo que eles alimentam e sustentam, recebendo em troca a radiação que a egrégora imite através do líder desse grupo. Essa egrégora fá-lo não por um acto de serviço, mas porque ao alimentar com a sua radiação os membros desse grupo, recebe em troca a devoção desses membros que alimentará e sustentará a sua própria condição. É um sistema não muito diferente do agricultor que alimenta as suas galinhas, não pela evolução destas, mas para receber em troca os ovos que o irão nutrir. É assim que uma egrégora funciona.

» Neste sistema, onde uma egrégora foi plasmada pela vontade de um líder e pela devoção dos seus integrantes, todos acabam por se tornar escravos dessa mesma egrégora, incluindo o próprio líder, pois sem esta não têm o alimento do qual estão dependentes. Nesse processo não há evolução mas uma estagnação de todos em torno de uma nutrição que não é espiritual, mas da qual estão dependentes para continuar a sustentar uma ideia errada sobre o que é evolução espiritual e serviço. Sem esse “alimento astral” sentir-se-iam perdidos, pois nenhum contacto interno foi realizado e por isso mesmo, não há como buscar a nutrição real dentro de si mesmo.

» Um contexto grupal é algo completamente diferente. Aqui não existe um centro — embora possam existir seres com papéis de liderança, não porque estejam acima dos outros ou no centro desse contexto, mas porque essa é a sua função, igual à função de qualquer outro ser que se encontre vinculado a esse contexto — nem uma ideia pré-concebida de como agir e actuar no plano material, a partir da qual se

pudesse estruturar um grupo. Todos estão no círculo em torno do centro, pisando o mesmo chão. Centro esse que é o próprio contexto e não um ser ou um sistema. São todos auto-suficientes, pois já realizaram em si a travessia do deserto, encontrando neste a “fonte da juventude” que nada mais é que o contacto com os planos mais internos do ser.

» Estes seres não estão dependentes de ninguém nem de nenhuma situação específica. Juntam-se em função desse contexto e logo que este se cumpra partem para o contexto seguinte sem apego algum que os prenda às estruturas criadas. São seres que teriam, por si só, uma caminhada solitária se nenhum contexto se apresentasse. A egrégora não tem, por isso mesmo, como se formar num contexto grupal, pois não existe alimento que a possa sustentar. Ninguém se encontra nesse contexto para receber o que quer que seja; todos imitem, todos irradiam, todos estão em função de um propósito mais alto e não em função do grupo ou do líder desse grupo.

» Um grupo escraviza o ser, sendo sustentado pela egrégora que no fim acabará por dominar a todos. Aqui apenas existe estagnação, inércia, apego... nada de verdadeiramente evolutivo pode nascer de uma estrutura como esta. No fim, acabará por se tornar sectária e contrária ao propósito Divino.

» No contexto grupal, não existem amarras nem apegos. O ser está em função desse contexto que é um prolongamento da Vontade de uma Hierarquia Espiritual à qual todos estão vinculados por laços internos, ao contrário do grupo, cuja vinculação é com o líder e sua egrégora. No contexto grupal, existe a liberdade de Ser e de Servir, permitindo que o discípulo dê os passos necessários para se tornar um iniciado. Nenhum ser, alguma vez, alcançou uma iniciação dentro de um grupo espiritual... Iniciações grupais não são dadas a grupos espirituais, mas a todos aqueles que se juntaram em função de um contexto espiritual.

» Por isso, antes que possamos aspirar a fazer parte de um desses contextos, temos primeiro de realizar a nossa alquimia interna, pois será a partir desta que teremos os instrumentos para irradiar o propósito dentro desse mesmo contexto. Apenas seres livres podem realizar tal

tarefa. Todo aquele que estiver preso a uma estrutura grupal, serviço algum poderá realizar que seja verdadeiramente evolutivo.

» Terminemos a travessia do deserto interno para que possamos encontrar essa Fonte de Vida que nos aguarda do outro lado e, então sim, poderemos tornar-nos, finalmente, verdadeiros Servidores do Plano Evolutivo. Quando isso acontecer, a Vida encarregar-se-á de nos conduzir ao contexto que nos corresponde e onde poderemos irradiar o propósito que nos está destinado. Ali ficaremos, enquanto esse contexto existir e depois partiremos para o contexto seguinte, sem apego algum por aquilo que foi realizado, pois o nosso único sustento vem dos planos internos.

» Seremos então seres Livres e Plenos... expressões vivas e actantes do Amor Divino.

Ele terminou e logo alguém levantou o braço. Era o António, que o interpelara na palestra que o David realizara na universidade e de quem ele me dissera ser alguém que no futuro iria ter um papel importante neste país.

— Quer dizer então que esta Comunidade Espiritual não é um grupo, é isso?

— Este lugar onde nos encontramos não é uma Comunidade Espiritual, António, mas uma Comunidade para a Nova Vida. Aqui vivem vinte e quatro monges numa vida monástica e mais de cem pessoas numa vida familiar, com os seus filhos. Todos estão aqui em função de um contexto que é o de manifestar, num planeta em transição, um novo paradigma civilizacional, totalmente auto-suficiente do sistema vigente.

Uma outra pessoa levantou braço, perguntando:

— O que irá acontecer no dia 21 de Dezembro de 2012?

— Eu espero sinceramente que esse dia seja um daqueles dias de inverno fantásticos de céu limpo e sol morno que nos conforta o rosto... Hum, que maravilha! — Ele sorriu.

— Sim, mas estaremos nós preparados para as mudanças? E que mudanças serão essas? Irá o mundo terminar ou iremos mudar de dimensão?

— Se nós nos preocupássemos com essas coisas em função de tudo aquilo que é falado externamente sobre o assunto, estaríamos certamente a dar um passo para trás e se esse 2012 chegasse como é apresentado, preparação alguma teríamos para enfrentar a situação, por mais estudos, treinos e mentalizações que fizéssemos, pois o trabalho real, que acontece dentro de nós, foi ignorado, em função de todo o espectáculo apresentado nos muitos palcos disponíveis.

» A preparação terá sempre que ser interna e em função daquilo que a Vida nos traz a cada instante, pela própria Vida, e não por uma qualquer data futura, seja esta qual for.

» Não temos que nos preocupar se estamos preparados para 2012, mas sim se estamos preparados para o dia de hoje. Com que qualidade eu vivi este dia, qual foi o grau de amor e de consciência que coloquei naquilo que este dia pediu de mim. É aqui que nos fortalecemos para os muitos “2012s” — Ele fez o sinal das aspas — que a vida nos possa trazer.

» Porque se fosse anunciado que amanhã o mundo acabaria, e isso fosse real, eu só teria que me ocupar com os assuntos de hoje, com o almoço que tenho que preparar, o filho que tenho que cuidar, e fazer isso com amor e consciência. E quando o dia de amanhã se tornar o dia de hoje, então ocupar-me com esse dia naquilo que ele me trouxer como mais um instrumento de crescimento e evolução.

» Então, o meu convite é que esqueçamos 2012 e nos ocupemos em fazer da nossa Vida um lugar sagrado onde o amor se possa expressar sem nenhuma distração mental que nos tire da realidade do momento, que é a única que existe. O assunto, como tem vindo a ser apresentado, é um entorpecimento para a mente, mais um, não muito diferente de todos os outros que esta civilização nos proporciona.

» Definitivamente não é disso que o planeta precisa, mas sim de pessoas despertas e conscientes para a Vida que acontece AQUI, e em nenhum outro lugar.

— Mas não nos fala o mito sebastianista e o do Quinto Império de uma mudança como esta? — Perguntou a mesma pessoa.

— Sabes, ainda hoje continuamos nas margens do rio à espera de um qualquer D. Sebastião, e com essa atitude vivemos uma espiritualidade acomodada a alguém externo, sejam os extraterrestres ou um qualquer messias, que nos venha salvar, que de um momento para outro, porque até nos temos portado bem, nos leve para outra dimensão do planeta onde todos os problemas desaparecerão como por magia. Continuamos a fugir de assumir as nossas responsabilidades que nada mais são que começar a viver a nova vida, dando o exemplo do caminho a seguir. O mito sebastianista, que pode ser igualmente transposto para todos os outros mitos, tanto os dos extraterrestres como o do messias encarnado, é um mito humano, alimentado pelo ego daqueles que cobizam a dimensão espiritual para o seu próprio engrandecimento. E o mito do Quinto Império, embora tenha a sua dimensão espiritual, de um Cristo que desce sobre a substância planetária passando esta a irradiar o Espírito Santo através de cada ser encarnado, é acima de tudo um mito material na implementação nestas terras de um novo paradigma civilizacional que possa ser levado ao mundo pelo exemplo de quem passou a vivê-lo no seu dia-a-dia.

— Mas não acredita você nos extraterrestres?

— Claro que sim, tal como tenho escrito em muitos livros, mas a forma como os vemos não deixa de ser um mito. Até porque essa é uma realidade que não nos deve deslumbrar e na qual não devemos criar álibis para fugir das nossas responsabilidades como seres encarnados num mundo em transição. Os extraterrestres não nos vão levar às costas e muito menos nas suas naves. Estão aí para nos inspirarem os melhores caminhos e se alguma ajuda nos derem no futuro será para que possamos aprender novas formas de fazer as coisas e não para que as façam por nós. Não se deixem iludir por todos aqueles que tentam vender-vos uma espiritualidade fácil, de supermercado, pronta a consumir, em que todos ascendemos para um mundo melhor sem termos que arregaçar as mangas pela sua implementação. É esse arregaçar das mangas que Portugal irá levar ao mundo, mostrando que é possível implementar um novo sistema, onde o dinheiro não existe e onde todos são verda-

deiramente iguais. E assim será porque passaremos a viver essa realidade através do nosso esforço, e não porque alguém a serviu de bandeja para nosso proveito.

» Os portugueses não foram à Índia e ao Brasil no conforto das naves dos extraterrestres, mas no esforço de pôr em marcha essa empreitada e de concretizá-la. Por isso eu pergunto, do que estão à espera? Querem ascender sentados no sofá, a viver da nostalgia dos poetas do passado, dos mantras recitados ou da oração? Ainda não perceberam que a palavra oração é totalmente dinâmica e implica acção. Que se dividirmos essa palavra em or-acção o que ali temos é a acção consciente do Espírito em nós, pois “or” é aquilo que vem de Deus, do alto, e, assim sendo, a verdadeira oração é agir sobre a energia do Espírito, actuando no mundo pela sua transformação?

» Então que não fiquemos passivos, em recolhimento à espera que um qualquer messias encarnado nos venha salvar ou que os seres espirituais nos digam o que fazer pois, na maioria dos casos, é a Fraternidade que se comunica em todas essas transmissões travestidas de espirituais e com isso iludindo tantos que se julgam no caminho certo. Vendem-vos uma bela sobremesa para saciar os vossos egos, mantendo-vos deslumbrados, fascinados e entorpecidos. A Irmandade, a Luz, fala ao coração de cada ser de forma silenciosa e amorosa, inspirando-vos a agir em nome do alto para a transformação do mundo, sem se colocar em bicos dos pés nos palcos da espiritualidade... por isso eu digo-vos, com todo o meu Amor e Compaixão: ACORDEM.

A palestra terminou e todos saíram ordeiramente. Já com a sala vazia, desloquei-me até ele com a Maria a meu lado. Ela avançou na sua direcção correspondendo ao abraço que ele lhe pediu ao agachar-se de braços abertos. Fiquei a olhá-los de sorriso no rosto, aproximando-me depois.

— Hoje compreendo esta ligação da Maria contigo, David. Sei que na minha vida de Sara tu foste o carcereiro que se tornou soldado e que mais tarde também se converteu ao Cristianismo.

Ele sorriu, dando-me um abraço que ficou presente mesmo depois de nos termos afastado. A sua radiação era intensa, pacificando-me.

— Sim, é verdade. Foi a Maria que cuidou das minhas feridas quando vocês me recolheram nas margens do ribeiro e me levaram para a vossa igreja. — Ele olhou para ela passando a mão pelos seus cabelos. — E foi a tua fé e a tua força interior, que me inspiraram a seguir os caminhos de Cristo. E aqui estamos agora para finalizar uma longa história de dois mil anos. Mas venham, quero-vos mostrar um dos lugares da comunidade que mais gosto.

Sáímos então da sala, subindo por um trilho de pedra que nos levou até um pequeno miradouro que se debruçava sobre a comunidade e o lago. Dali tínhamos uma visão ampla daquele lugar.

— Venho aqui muitas vezes meditar. Olhar este espaço, ver como a comunidade cresceu, se estabeleceu e soube manter a nota que deveria manifestar sem distorção, é algo que preenche o meu coração.

— Sinto-me em casa neste lugar, sabes David. E não é pelo facto de ser um lugar agradável, com uma qualidade de vida muito superior a qualquer outro, mas sim pela energia.

— É natural, Vera. Foi neste lugar que a Ordem de Mariz foi fundada e que a Alma de Portugal nasceu. Ali — ele apontou —, no mesmo sítio onde se encontra o templo, foi onde Madalena e João, mais os doze, realizaram a cerimónia da primeira iniciação de Portugal e a sua fundação nos planos internos.

— E como começou este lugar?

— Começou com um chamado. Fui trazido às margens deste Lago e aqui foi-me revelado quem eu era, a minha tarefa e o que tinha de ser feito. Naquela altura o que havia a fazer era apenas meditar, nada mais. E assim foi. Com regularidade vinha para aqui e acampava no lugar onde está o templo. Ali meditava, recebia instruções, contactava a minha Alma e as minhas Vidas passadas, percebia um pouco mais da função de Portugal e da tarefa que tinha pela frente. Internamente Madalena instruí-me, dizendo-me que o primeiro passo deveria ser a fundação do *monastério*, ali mesmo naquele lugar, pois este seria o

coração da comunidade e a partir da sua radiação tudo o resto aconteceria, de forma natural, sem esforço. E, assim, outros seres se juntaram e começamos a reunir-nos naquelas terras, em meditação, penetrando o silêncio profundo do Lago. Este Lago é um espelho que reflecte para nós a nossa própria Alma, é por isso que te sentes em casa aqui. Estar nas margens deste lago é estabelecer o contacto directo com os nossos planos internos e com o silêncio por detrás do silêncio a que nós damos o nome de PAX. Esse é o som, a nota mais interna que o Lago irradia, e que vem directamente de LYS que para nós ainda é um mistério. Durante muitos anos, julgámos que Lis-Fátima e LYS eram a mesma coisa, depois percebemos que não. Que Lis-Fátima, Anuea, era apenas um prolongamento periférico de LYS e que este último era totalmente misterioso e oculto, e assim continua. À medida que aprofundávamos o estado meditativo e nos entregávamos totalmente ao processo, o universo começou a responder e tudo fluiu de forma natural. O proprietário das terras, que tinha permitido que as usássemos para acampar, acabou por cedê-las em regime de comodato por 100 anos, novas pessoas chegaram e com elas trouxeram recursos que nos permitiram construir o templo e os alojamentos externos para os monges. Para nós um monge não é uma nomenclatura religiosa, mas um ser que já viveu tudo aquilo que o mundo tinha para lhe oferecer como experiência e que, por isso, se retirou desse mundo, sem fugir deste, pois este não lhe pertence mais, para viver a tempo inteiro a vida monástica. Percebia que à medida que esse estado monástico era aprofundado e que a entrega à tarefa era afirmada diariamente por nós, a comunidade começava a ser tecida nos planos internos e as redes de contacto interior entre os seres eram activadas, fazendo com que comessem a chegar as pessoas que tinham correspondência com este trabalho e que o poderiam ajudar. E assim foi. Depois do *monastério* estar firmado e os ritmos estabelecidos, avançou-se para a fase seguinte, pois embora em muitos outros sítios, fora de Portugal, onde lugares como este foram criados, se tenha ficado apenas pelo *monastério*, aqui, como protótipo da nova Terra que desperta, não poderíamos ficar apenas pelo *monastério* mas também pelos núcleos familiares que aqui deveriam residir. E as primeiras famílias chegaram, as casas foram construídas e a comunidade cresceu, tornando-se totalmente auto-suficiente. O *monastério* ficou sempre como o coração da

comunidade, o núcleo de ligação entre o Céu e a Terra, sem o qual este espaço se tornaria apenas mais uma eco-aldeia, onde todos viveriam uma vida melhor, mais consciente e harmoniosa, mas sem trazer essa Nova Vida que é aquilo que é verdadeiramente essencial a ser manifestado nos tempos de hoje. Hoje vivemos esse novo paradigma. Somos 24 monges e 30 famílias. Não existe dinheiro e não estamos dependentes de nada externo. Dividimos a comunidade em vários sectores que permitem uma melhor organização das diferentes áreas necessárias para manter a auto-suficiência e o equilíbrio na forma como vivemos. Esses sectores são o da agricultura, que nos dá todos os alimentos necessários; o da tecelagem, que nos fornece as roupas que vestimos e os tecidos que usamos; o sector da manufactura, onde as matérias-primas são convertidas em outros produtos e que é o responsável pela construção das casas; o da energia que garante a auto-suficiência total nessa área; o sector criativo onde se experimentam novas formas de fazer as coisas, inovando-se e simplificando-se, assim como levando a arte e a beleza a todos os espaços da comunidade e também fora desta; o sector da cura e da harmonia, onde novos medicamentos são criados a partir de métodos naturais, aplicados em total sintonia com os ritmos do corpo e desenvolvidas práticas em que todos participam, para a harmonização dos corpos; e o sector da educação que reformulou por completo a forma como se ensina as crianças, estimulando-se o seu lado criativo e emocional e não tanto o lado mental. Aqui as crianças são preparadas para se tornarem seres conscientes do mundo que as cerca, aprendendo enquanto brincam e experimentam, sem esforço, e com isso estimulando cada um a manifestar o que de melhor existe dentro de si. Não existe um modelo formatado que se impõe a todos, mas um modelo dinâmico que se adapta às características de cada criança, dando espaço para que elas sejam de acordo com o seu sentir e com as suas faculdades inatas. Neste lugar as crianças não são ensinadas a ler, nem a fazer contas, nem nada lhes é imposto de fora, mas pelo acto de brincar com as palavras e com a Vida, o saber ler e tudo o resto surge de forma espontânea no tempo certo de cada uma e no seu próprio ritmo pessoal. Criámos também a noção, que é vivida uma vez por semana de forma prática, de que as crianças são filhos da comunidade e não de seus pais. Que todos são seus pais e suas mãe, e assim, nesse dia, elas trocam de casa e passam

a viver com outra família ficando aos cuidados desta. Com o Projecto Anuea, que criei mais tarde, foi possível criar outros núcleos como este e colocar as pessoas em contacto, trocando entre si, pois percebemos que existiam muitas pessoas isoladas a tentar viver uma Nova Vida e, ao estabelecer-se a ligação entre todos, foi possível uma maior entreajuda e uma troca, permitindo o crescimento desses núcleos. O projecto permitiu também, já em sintonia com o novo paradigma, o surgimento de núcleos nas cidades, de pequenos espaços de retiro no campo onde cada pessoa, sem nenhum custo associado, podia ir ao encontro de si mesmo, e as comunidades como estas que foram acontecendo de forma natural, todas elas tendo no seu centro o *monastério* como coração pulsante de ligação com o Alto. Criaram-se também os projectos que permitiram inovar dentro do próprio sistema, pois percebemos que não nos poderíamos apartar deste. Embora totalmente auto-suficientes, achámos que deveríamos levar para o sistema os aromas desta mudança, estimulando esse mesmo sistema a ser capaz de inovar em muitas áreas. Hoje percebemos que em breve, quando Portugal passar pela sua terceira iniciação e isso, Vera, irá acontecer amanhã naquele mesmo lugar onde Madalena e João, mais os doze, fundaram Portugal, e a Alma de Portugal se apresentar novamente e se fizer presente, ao próprio sistema vigente irão começar a chegar seres ligados directamente a Anuea e que começarão a transformar por dentro esse mesmo sistema. Portugal, em poucos anos, irá ser o primeiro país no mundo que implementará, a uma escala nacional, um pouco daquilo que nós começamos a implementar a uma escala mais reduzida e, com isso, tornar-se-á um exemplo para o mundo de como proceder, quando o sistema actual entrar em colapso definitivo.

— Sim, já tinhas falado disso quanto te referiste ao António como uma dessas pessoas. Foi uma surpresa vê-lo aqui.

— Irás ter a oportunidade de conhecer melhor o António. — Disse ele num sorriso que escondia mais alguma coisa — Mas agora tenho de ir. Vou-me juntar aos monges que estão em oração permanente no templo, numa vigília que dura desde a fundação deste lugar.

— A sério, sem interrupção?

— Sim, desde o princípio, que existe sempre um monge em meditação dentro do templo. No início era algo que requeria um maior

esforço da nossa parte, pois éramos poucos, mas hoje, dividindo o dia pelos 24 monges, fica mais fácil. Esta vigília permanente é a chama da nossa entrega, que faz este coração pulsar no sangue que circula por todos os sectores, levando a energia para que estes possam depois agir e actuar de acordo com esse novo paradigma. Com a chegada da Pedra do Graal, no entanto, e nos dias que antecederam essa chegada, a vigília tem sido realizada por todos os monges a tempo inteiro, preparando a campânula do templo para a cerimónia de amanhã onde os doze de Mariz irão estar reunidos.

— E onde estão esses doze? São alguns desses monges parte dos doze?

— Não. Nenhum dos monges, nem mesmo eu, fazemos parte dos doze. A nossa função em todo este processo é a mesma que os sacerdotes Cátaros tiveram em França, e depois os sacerdotes de Cristo, em Portugal, quando lhes foi entregue o Graal. Serão os monges desta comunidade que irão velar pela pedra do Graal durante todo o tempo em que aqui estiver. A maioria dos Doze conselheiros de Mariz estavam hoje na palestra, e são pessoas que nos visitaram e aqui chegaram pelas mais variadas razões. Não sabem ao que vieram, mas todos irão ser levados amanhã ao templo para a cerimónia e ali tornar-se-ão conscientes de quem são. Dois mil anos depois o Conselho de Mariz ir-se-á reunir novamente e Portugal poderá finalmente cumprir-se.

Ele uniu as palmas das mãos diante do rosto e afastou-se, deixando-me com Maria naquele miradouro. No dobrar dos montes, do outro lado do lago, o Sol descia numa tarde de inverno limpa e morna. Era o último pôr-do-sol da longa travessia do deserto em que Portugal se encontrava desde o início do século XVI. Ouvi então a voz da Madalena dentro da minha mente, dizendo: « *A partir de amanhã tudo irá ser diferente com o despertar da Alma de Portugal, adormecida durante tantos séculos, e com ela a presença do Cristo far-se-á novamente presente através de cada um vós, e de tantos outros seres ainda adormecidos para esta realidade, começando a manifestação do novo Império e da Nova Vida.* »

## CAPÍTULO XXII

DIANTE DE MIM, A CASA QUE TAMBÉM ME PERTENCIA CRESCIA à medida que me aproximava. A sua enorme abóbada reflectia a luz que vinha de todos os lados e de nenhum lado em particular, cintilando na expressividade das suas cores vivas e nos reflexos das janelas que lhe davam expressão. Era o centro daquele lugar subterrâneo, o ponto em volta do qual todas as comunidades foram construídas, dando corpo a uma verdade ainda desconhecida para mim. Sabia pertencer à mais antiga das famílias, mas isso era tudo. Ignorava as origens dessa família.

Quando entrei em casa, vi a Emhi através da enorme porta-janela que dava para o lago. Ela estava sentada na margem, aproximando-me de expressão sorridente.

— Olá, Emhi! — Disse eu, agachando-me a seu lado.

Ela fixou-me de olhar iluminado.

— É bom voltar a ver-te, Taihi! Como correu a viagem?

— Muito bem. Aprendi muito nesta minha peregrinação, embora tudo o que me ensinaram, já eu soubesse. Era mais como se estivesse a recordar.

— É natural que assim seja, Taihi. Tu fazes parte da mais antiga das famílias. A tua sabedoria é mais vasta que a sabedoria de todos

aqueles que encontraste. Apenas estás adormecido para essa realidade que aos pouco irá despertando em ti.

— Uma coisa que ainda não compreendo, Emhi, é o porquê de termos passado por tantas dificuldades na nossa caminhada pelo mundo físico. Se somos a família mais antiga e se já terminámos a nossa aprendizagem na superfície, não deveríamos ser...

— ... perfeitos? — Ela sorriu

— Sim.

— Há milhões de anos atrás, Taihi, a nossa família decidiu que iria sacrificar-se pela humanidade. Isso implicou que tivéssemos de encarnar como os Homens, sujeitando a nossa existência às armadilhas várias que o mundo da matéria nos foi deixando, às paixões, aos vícios, a tudo aquilo a que um ser encarnado está sujeito. Se assim não fosse, não teria sido um sacrifício, mas um serviço prestado à humanidade. É claro que em nós existiu sempre uma voz capaz de nos conduzir pelos melhores caminhos, já que tudo aquilo que somos não podia ser apagado de nós. — Não conseguia desviar o olhar do seu rosto sereno. — Porque me olhas assim?

— Porque agora sei a razão da familiaridade que sempre senti por ti — disse eu sorrindo.

— A razão é porque pertencemos a uma mesma família.

— Sim, mas é mais do que isso. É também porque nos encontramos na superfície, em vidas que se cruzaram. Hoje sei que tu foste a Sofia, na minha vida de Dionísio. Que houve entre nós uma cumplicidade muito especial que foi concretizada na vida seguinte quando foste minha mulher. Lembras-te? Chamavas-te Ayelén.

— Sim. Fomos casados nesse passado que partilhámos como príncipes Incas. Mas a Vera, que personificou a Sara e mais tarde a Antara, sempre foi a razão principal de tudo aquilo que viveste nessas duas vidas. Eu estive lá como um suplemento a essa ausência.

— E porque viveste duas vidas dedicadas a mim? Porque não viveste a tua própria vida?

— Eu, Taihi, assim como aquele que também sou eu, já tivemos vidas semelhantes às que partilhaste com a Vera em existências anteriores a essas que recordas. A partir de então tornámo-nos guias a tempo inteiro, ajudando os elementos da família, como tu e a Vera. Encarnei essas duas vezes para te ajudar, para estar junto de ti como suporte à ausência da Vera. É claro que quando estive encarnada nada recordava dessa minha decisão, mas ela teve um propósito bem definido.

— Quer dizer que eu e a Vera somos os últimos a chegar?

Ela sorriu.

— Não vejas esse chegar como sinónimo de um caminho a percorrer para atingir um qualquer patamar de perfeição. Esses são os trilhos de grande parte dos homens da superfície. Mas tu fazes parte desta família e deste lugar. Não encarnas com o intuito de ir aprender, mas ensinar. Todas as tuas vidas passadas, e tiveste muitas outras que ainda não recordas, foram dedicadas à humanidade. Enquanto Dionísio, tornaste-te mestre do deserto e a tua sabedoria ajudou todos aqueles que partilharam esse espaço contigo, permitindo-lhes dar grandes passos na sua caminhada espiritual, de tal forma que todos eles se tornaram instrutores da humanidade nas suas vidas seguintes. Enquanto Imperador Inca, criaste as bases para um mundo justo e equilibrado, unificando as tribos bárbaras dos Andes em volta de uma sociedade civilizada e ao mesmo tempo preparando aquele povo para o novo ciclo. Tiveste depois muitas vidas em França e em Portugal, sendo duas dessas vidas cruciais nos destinos desse país em que foste Pedro I e Nuno Alvares Pereira. Foram sempre vidas de serviço e dedicação à humanidade, com excepção da última que serviu para completar um ciclo de muitas existências e assim selar um passado de milhões de anos. Em todas essas vidas, reflexo de um sacrifício que todos nós assumimos no passado, regressaste ao mundo como todos os outros, padecendo dos mesmos males, sofrendo das mesmas chagas, caminhando sobre as mesmas ilusões. Tu e a Vera, que são os últimos a chegar como dizes, na verdade são os primeiros, pois vocês são os representantes desta família na Ordem de Mariz que está directamente ligada ao Cristo e a Madalena, que é uma das Hierarquias principais de Anuea.

— Tudo isso que contas é-me muito familiar, embora não recorde essas vidas em Portugal.

Vimos então uma luz que pairou sobre a nossa casa, pousando junto desta.

— Que luz é aquela? - Perguntei.

Ela levantou-se.

— É uma nave da cidade intraterrena Anuea, Taihi. Trouxe de volta os nossos irmãos que estiveram em missão nesse lugar e está ali à tua espera para que cumpras a missão da tua Alma junto com a Vera.

— Como assim, Emhi? Que missão é essa?

Ela sorriu.

— Saberás pela boca daquela que é o coração dessa missão.

Levantei-me, acompanhando-a até à sala. Quando entrámos, observei a presença de cinco pessoas que nos olhavam de sorriso rasgado, membros daquela família. Reconheci-as de imediato, embora nada soubesse dos seus rostos. Havia uma cumplicidade no olhar que me tranquilizava na certeza de que aquelas pessoas, e não apenas a Vera, também eram partes unificadas de uma mesma consciência.

— Como é bom rever-te, Emhi! — Disse um dos homens, aproximando-se dela de mãos estendidas.

— Taihi! — Retorquiu a Emhi olhando para mim. — Deixa-me apresentar-te Umhi. Juntos damos expressão a um só Espírito.

Pelas roupas compreendi que ele pertencia ao círculo dos professores, estando ali há mais tempo que eu e a Emhi.

— Olá, Taihi. É bom saber-te de volta. Encontrámo-nos na superfície há algum tempo atrás quando desempenhaste o papel de Dionísio, sabias?

— Também partilhou comigo esse passado?

— Sim. Fui a pessoa que te levou para o deserto, lembras-te?

Sorri-lhe.

— Claro que me lembro. Foi meu mestre ao longo de muitos anos.

— Depois, nunca mais encarnei. — Ele olhou para a Emhi.

— Mas a Emhi esteve sempre junto de ti. Foi uma excelente guia. — Concluiu ele, sorrindo.

Olhei depois para os outros elementos que me observavam de sorriso no rosto, aproximando-me.

— Também vos sinto próximos de mim.

— Claro que sentes, Taihi — disse uma das mulheres — todos nós somos um só e tu já sabes disso.

— Também nos encontramos na superfície?

— Comigo não, mas com ele sim. — Ela pegou no braço do homem que estava a seu lado e que também me olhava de expressão sorridente.

— É verdade, Taihi — disse ele — eu fui Orígenes.

— E porque regressaram das vossas missões?

— Porque chegou o momento de tu e a Vera cumprirem a missão que há muito vos aguarda. Por isso parte da nossa família irá reunir-se em meditação, para que noutros planos de consciência possamos estar juntos durante a cerimónia que irá ser realizada na superfície.

— E o que devo fazer?

A Emhi aproximou-se de mim, abraçando-me. Quanto Amor ela irradiava!

— Vai, Taihi. Alguém te espera na nave que trouxe os nossos irmãos. Será esse Ser que te conduzirá a essa cerimónia.

Deixei-os, despedindo-me com ambas as mãos sobre o coração. Ao sair da casa, vi a nave, que tinha a forma de uma esfera de metal reluzente, pousada sobre um tripé e, nesse metal uma abertura com uma pequena rampa pela qual subi. Já no interior, alguém me cumprimentou dizendo:

— Cavaleiro e Sacerdote, coração puro e valente. Irmão de Mariz, acolho-te e conduzo-te para que o destino de Portugal possa finalmente cumprir-se.



## CAPÍTULO XXIII

LOGO BEM CEDO PELA MANHÃ, TODOS DESPERTAMOS NA HORA marcada. Apenas a Maria ficou a dormir sob a supervisão de um dos residentes da comunidade que se prestou a esse serviço. Depois da higiene matinal, rumámos ao templo em jejum. O sol ainda não tinha despontado por cima dos montes que ladeavam o lago e uma névoa rasteira cobria as águas movimentando-se suavemente e assumindo diferentes formas. Havia uma electricidade no ar diferente da que conhecia, mas ainda não totalmente estabilizada, anunciando um novo ciclo que ali iria começar.

Ao entrarmos no templo, o David foi direccionando cada um para os seus lugares, dispondo-nos em volta do centro onde se encontrava a caixa com a pedra do Graal. Os monges, esses, continuavam sentados junto das paredes do templo atrás de nós meditando ininterruptamente há vários dias. Ao contar os presentes, excluindo os monges, verifiquei que éramos onze. Faltava um dos membros do Conselho de Mariz. Nos seus rostos, podia perceber alguma curiosidade e confusão, pois não sabiam o que estavam ali a fazer. Muitos tinham visitado a comunidade apenas para conhecer um modo de vida alternativo e nada mais e, de um momento para o outro, viram-se naquela situação. Havia um, no entanto, o António, que estava mais concentrado. Olhei-o com atenção e, pela primeira vez pude sentir o pulsar do seu coração. Havia muito Amor e compaixão ali dentro, o que me tranquilizava, ao saber

que, no futuro, iria ser alguém com um cargo de poder neste país e que, segundo o David, iria implementar medidas ousadas na transformação do sistema vigente para um outro, mais de acordo com o novo paradigma civilizacional. E assim fiquei, por alguns momentos, olhando-o com um sorriso suave no rosto.

O David assumiu então uma posição junto do centro da sala, olhando cada um de nós, enquanto rodava sobre si mesmo. Podia perceber, no brilho dos seus olhos, a Alegria por estar ali connosco, a viver aquele momento. Ele era o sacerdote daquele templo e o responsável por velar pela pedra enquanto esta estivesse na superfície. Estava pronto para officiar aquela cerimónia, na qual ele não seria o elemento principal mas sim Aquela que estava para chegar. E Ela Chegou!

Pela porta do templo, entrou Madalena. A sua presença preencheu todo o espaço com o aroma de rosas que a identificava, silenciando a mente dos presentes e apaziguando as suas dúvidas e questionamentos. Alguns verteram lágrimas, sem saberem porque o faziam. Havia uma comoção profunda, daquelas que só Almas sensíveis e anciãs podem manifestar.

E foi então que percebi que, atrás de si, vinha um outro ser, o décimo segundo membro do conselho de Mariz, e naquele momento, quando os meus olhos fixaram os seus, fui eu que verti lágrimas que escorreram sem parar. Era o João que vinha atrás de Madalena, assumindo o seu lugar. Ele olhou para mim, fazendo uma vénia com as mãos no coração, sem dizer uma palavra, embora o seu olhar dissesse tudo o que era necessário dizer. Se estivesse a viver aquele momento há uns tempos atrás, teria saído do meu lugar e corrido para os seus braços, mas agora isso não era mais necessário. Ali diante de mim, ou noutra lugar qualquer, nada nos poderia separar, e vê-lo apenas trouxe uma Alegria serena, contida e profunda, de quem já nada mais pede para si.

E Madalena falou.

— Dois mil anos depois, o Conselho de Mariz está novamente reunido neste mesmo lugar. Foi uma longa caminhada, com os tropeços naturais dos mundos duais, mas no fim tudo se concretizou, tal como foi desenhado pelo nosso Pai, pois nada existe fora da sua vontade e

os tropeços apenas são as linhas tortas da escrita certa de Deus. Neste momento, devemos enviar um pensamento de profunda gratidão aos nossos irmãos da Fraternidade que cumpriram o seu papel neste drama humano e com a sua acção permitiram que aqui chegássemos, com a maturidade necessária para concluirmos a tarefa. São igualmente irmãos, e não inimigos. Na presença do sacerdote maior, que em tempos foi João, o apóstolo, e que aqui está espelhado através do sacerdote deste templo eu, como o grão-mestre da Ordem de Mariz, dou por concluído os trabalhos desta Ordem e peço a sua extinção diante dos Conselhos de Anuea, atribuindo a esta nação a sua terceira iniciação, e com esta abrindo todos os portais que foram tecidos no interior de cada uma das campânulas criadas, para que a Alma deste país se faça presente e, como espelho, permita a descida da consciência Universal do Cristo para a implementação do império do Espírito Santo, aquele que consagrará o planeta diante do cosmos.

Madalena olhou para David que abriu a caixa revelando a pedra. E todos nós, em simultâneo, nos ajoelhamos diante da radiação do Cristo que ali se fez presente. Naquele mesmo instante, tanto nos Himalaias como nos Andes, as outras duas pedras encontravam-se igualmente na superfície sobre a protecção de sacerdotes, formando um Graal Planetário.

— Está consumado! — Disse Madalena — A tarefa da vossa Alma está concluída e Portugal poderá finalmente assumir o seu papel no mundo como instrumento directo da Vontade do Cristo para a implementação de uma Nova Terra... PAX... PAX... PAX...

E enquanto permanecíamos de joelhos, Madalena saiu do templo e logo depois o João, que a acompanhou. Enquanto ele se afastava, pude ouvir a sua voz dentro da minha mente.

*«Estarei sempre em ti e por isso não é mais necessário que estejas junto de ti. Em breve um outro companheiro chegará à tua vida e muito terão a fazer, pelo país e pelo planeta. Saberás sempre onde me encontrar»*

E com aquelas palavras todo o meu ser rejubilou na paz com que a Vida sempre nos presenteia, ensinando-nos que nada falta, pois toda ela é plenitude e abundância.



## CAPÍTULO XXIV

ESTAVA DE VOLTA A CASA. A EMHI CAMINHAVA A MEU LADO junto das margens do Lago. Ali, naquele lugar no interior da terra, preparava-me para assumir novas tarefas. Havia um Novo Mundo para manifestar.

— Irás estar sempre muito próximo da Vera, da Maria e do seu novo companheiro. Agora que a Ordem de Mariz foi desfeita pelos Conselhos de Anuea e Portugal está novamente sobre a orientação directa desses mesmos Conselhos, os doze serão reposicionados nas suas novas tarefas ligadas com a encarnação definitiva do Cristo na esfera Planetária que terá como desfecho a implementação de um Novo Mundo. Vocês irão ter um papel chave na criação do novo paradigma civilizacional que deverá começar a ser implementado a uma escala alargada desde já.

— Sim, eu sei. Mas sinto que tenho uma última coisa a fazer para permitir que os laços reais se fortaleçam entre nós e nada do passado possa interferir com os novos caminhos que se apresentam.

— Eu sei. — Ela sorriu. — E deverás fazê-lo desde já. Uma história termina e uma nova começa, sendo que nos Planos Internos nada mudará, pois vocês são, e sempre serão, um só.

Depois da Emhi se afastar, sentei-me nas margens do Lago perto de casa. Em poucos segundos entrei em meditação profunda e deixei o corpo, subindo até junto da Vera que, na superfície, estava sentada ao lado de António nas margens do Lago, com a Maria perto da água a brincar. Ambos conversavam tranquilamente, havendo uma grande empatia entre si, embora ainda não suficiente para perceberem o porquê da Vida os ter juntado ali, naquele lugar.

— Já reparaste que a energia mudou? — Indagou Vera, de olhos no lago.

— Sim. É algo que eu também sinto. Depois da cerimónia algo mudou no etérico deste lugar e em mim também.

— É a Alma de Portugal a vibrar, António, em nós e em todo o país, e muitas serão as pessoas, mesmo aquelas que não têm uma busca espiritual, que irão sentir essa diferença. E isso preenche-me de uma alegria que transborda do meu peito. Há uma qualidade na aura de Portugal que aos poucos irá ser percebida pelo mundo inteiro, à medida que o Cristo for descendo sobre este país e este passar a irradiar a energia do Espírito Santo que a muitos irá tocar. Há tanto para fazer, António, tens consciência disso?

— Sim, eu sei. Sinto que a minha carreira política afinal tinha uma razão mais profunda do que aquela que alguma vez podia imaginar. Só não sei se estarei à altura de tanta responsabilidade.

— Estarás sim, António. Lembra-te que foste um dos doze de Mariz, que muito já fizeste ao longo destes últimos séculos pela função Portugal. Não será diferente desta vez.

Aproximei-me então dos dois por detrás, colocando as mãos nas suas costas na altura do coração. Ambos sentiram o toque e fecharam os olhos, entrando em meditação. Do meu coração, brotou então um Amor imenso pelos dois, que fluía para cada um deles e os ligava ao nível das suas Almas. E assim ficámos por alguns momentos até que me afastei.

— O que foi isto, Vera? — Disse o António despertando meio atordoado daquele estado. — Uma onda de Amor tomou conta de mim como nunca antes experimentei.

— Também senti o mesmo. — Ela sorriu, percebendo o que essa onda de Amor significava antes mesmo dele o ter percebido. A Vera pegou então na sua mão e assim ficaram em silêncio diante do Lago.

— *Obrigado, João* — disse a Vera em pensamento, sentindo a minha presença. — *Sei que foste tu que permitiste que a minha Alma e a do António se tocassem desta forma tão intensa. E isso é mais uma manifestação do teu Amor por mim. Estarei em ti para sempre... Amo-te!*

E com aquele pensamento, parti, deixando-os diante do pôr-do-sol que marcava o início de uma Nova Era.



Este livro foi-lhe disponibilizado gratuitamente.

Se desejar contribuir com um **donativo** para o autor, como um agradecimento pela obra disponibilizada, poderá fazê-lo das seguintes formas:

PAYPAL

**[www.paypal.me/pedroeliasorg](http://www.paypal.me/pedroeliasorg)**

MULTIBANCO

ENT: **21800**

REF: **863 240 980**

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

BANCO BPI

IBAN - Número Internacional da Conta

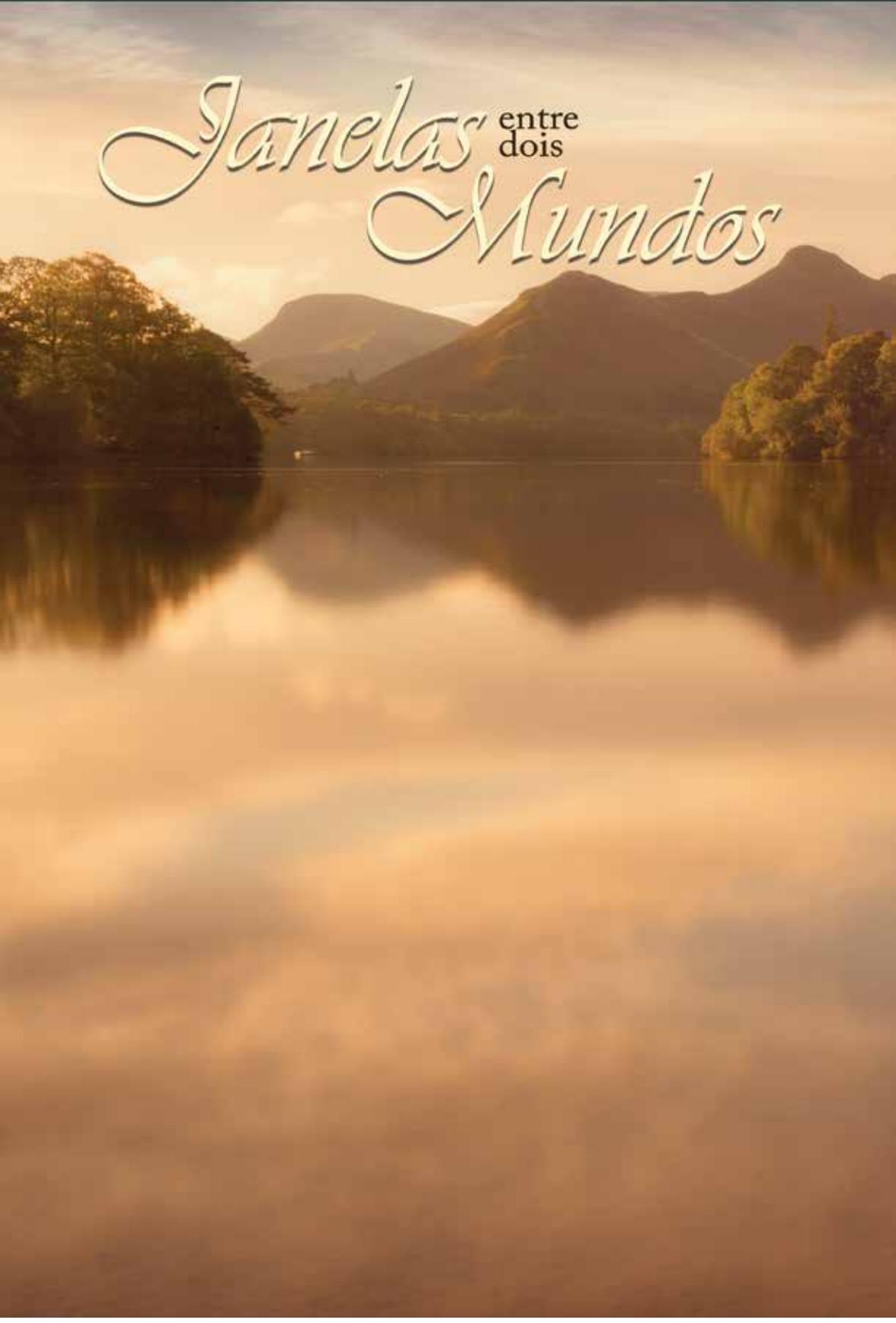
**PT50 0010 0000 2347 9330 0016 8**

SWIFT/BIC

**BBPIPTPL**

Website do Autor:

**[www.pedroelias.org](http://www.pedroelias.org)**

The image shows a serene landscape at sunset or sunrise. In the foreground, a calm body of water reflects the sky and the surrounding terrain. The middle ground features rolling hills and mountains, some with patches of green vegetation. The sky is filled with soft, golden light, with a few wispy clouds. The overall mood is peaceful and contemplative.

*Janelas* entre  
dois  
*Mundos*